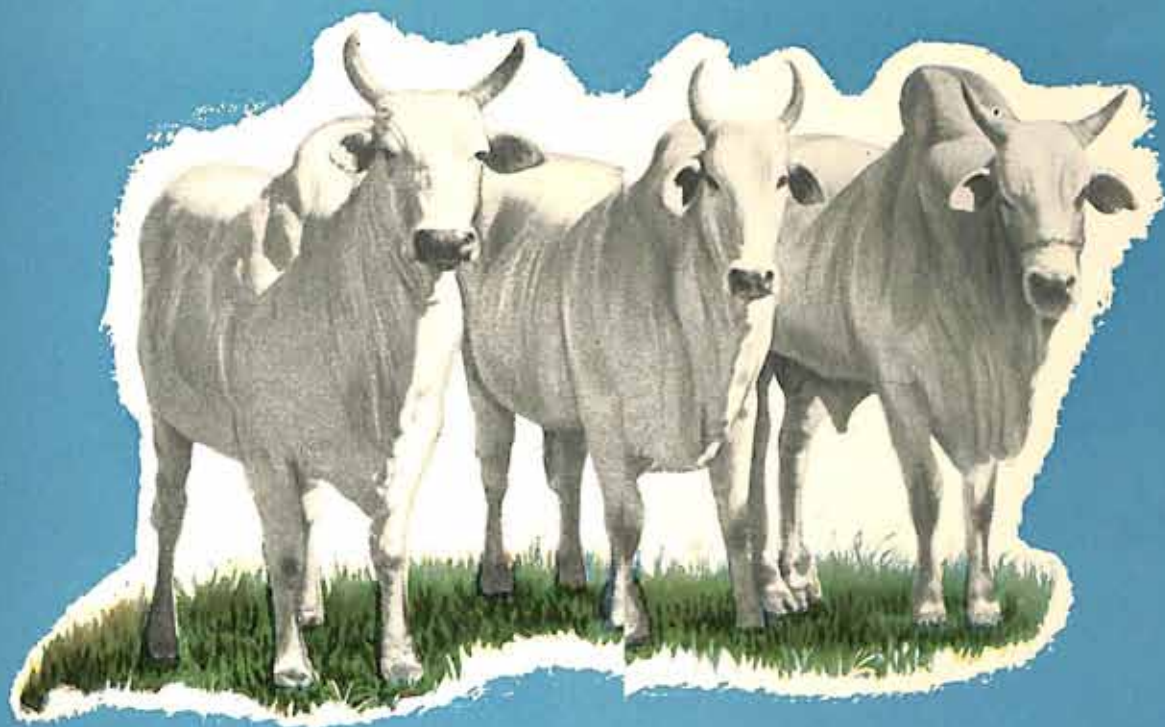


REVISTA DOS CRIADORES

ANO XXXV — ABRIL DE 1964 — N.º 412
— CRS 250,00 —

- UM POUCO DE HISTÓRIA AJUDA A COMPREENDER
- CARTILHA DE GEOGRAFIA PECUÁRIA DO BRASIL
- A INDÚSTRIA FAZ A PECUÁRIA?
- OS LADRÕES DE GADO NO BRASIL
- OS CORREDORES DO BOI
- O QUE O BOI DÁ, O QUE PODIA DAR
- POR QUE A CARNE É DE VACA?
- A COMIDA DO BOI
- QUE NEGÓCIO É ESSE?
- BOI PODE DAR LEITE
- CONVERSA DE EXPORTAR OU IMPORTAR?
- TAMANHO É DOCUMENTO?
- QUE SERÁ AMANHÃ?



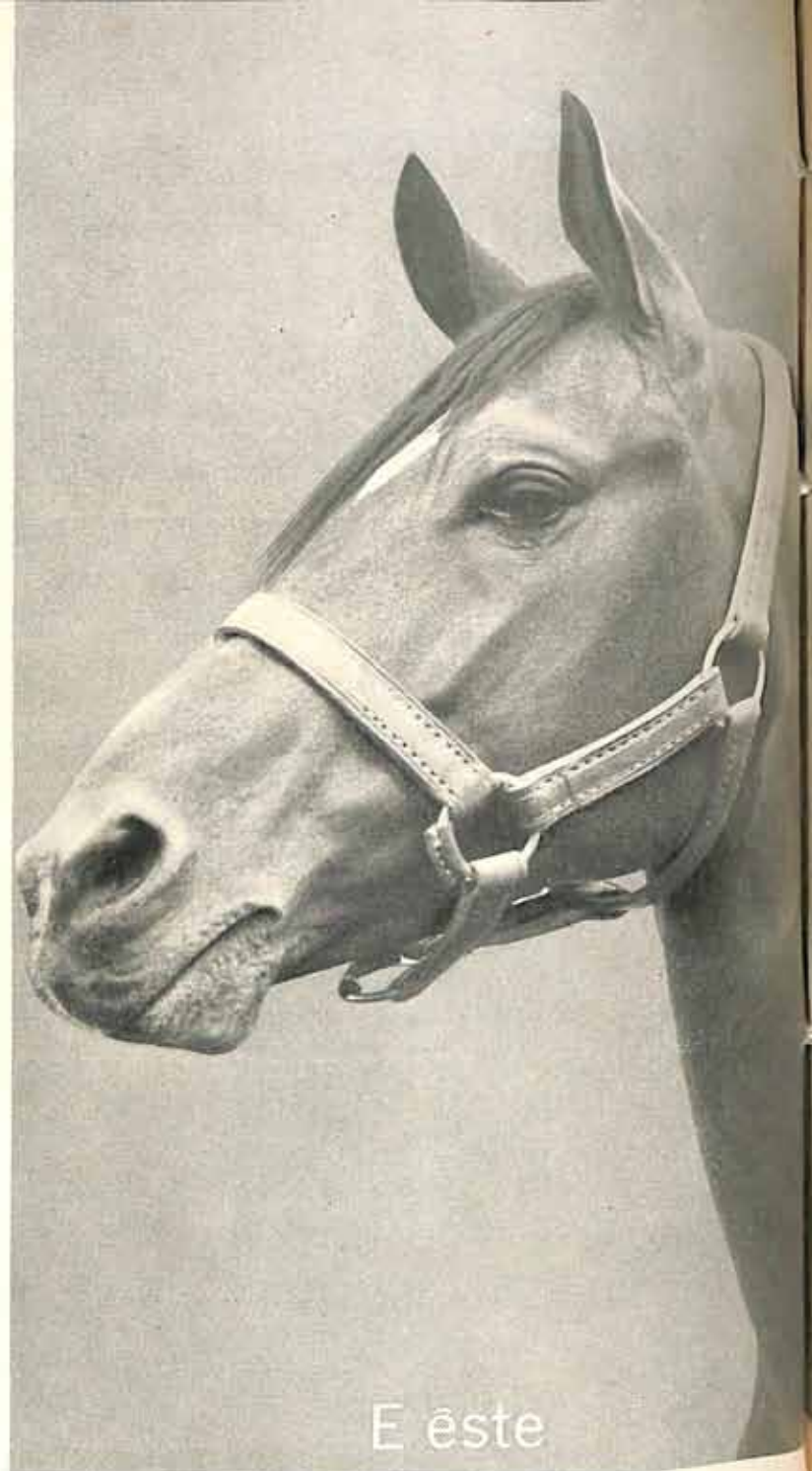
EDIÇÃO ESPECIAL DEDICADA À PECUÁRIA DE CORTE

publica também:

● MERCADOS PECUÁRIOS ● REFORMA AGRÁRIA ● SIM! DEMAGOGIA, NÃO E NÃO! ● CONTABILIDA-
● ESCOLA ● PERDAS ECONÔMICAS POR ENFERMIDADE DOS ANIMAIS ● BAGÉ: O CICLO RE-
● DA PECUÁRIA GAUCHA ● NOTÍCIAS ZOOTÉCNICAS ● AVICULTURA ● NOTÍCIAS



Êste



E êste

Vão indo muito bem, obrigado. Mas uma infecção pode prejudicá-los. **AGROVET** "REFORÇADO" cura as infecções.

Sim! Porque o Agrovét "Reforçado" oferece a dose adequada de Penicilina e Estreptomicina para o tratamento de eqüinos e bovinos adultos. Agrovét "Reforçado" tem ação efetiva sobre bactérias gram-positivas e gram-negativas. Por isso proporciona eficácia e segurança total

no tratamento de: garrotilho, pneumonia, apodrecimento de casco, metrite, mastite, actinomicose (mal-do-queixo), actinobacilose (língua-de-pau). Não permita que as infecções causem prejuízos a sua criação e a você. Combata-as com Agrovét "Reforçado".

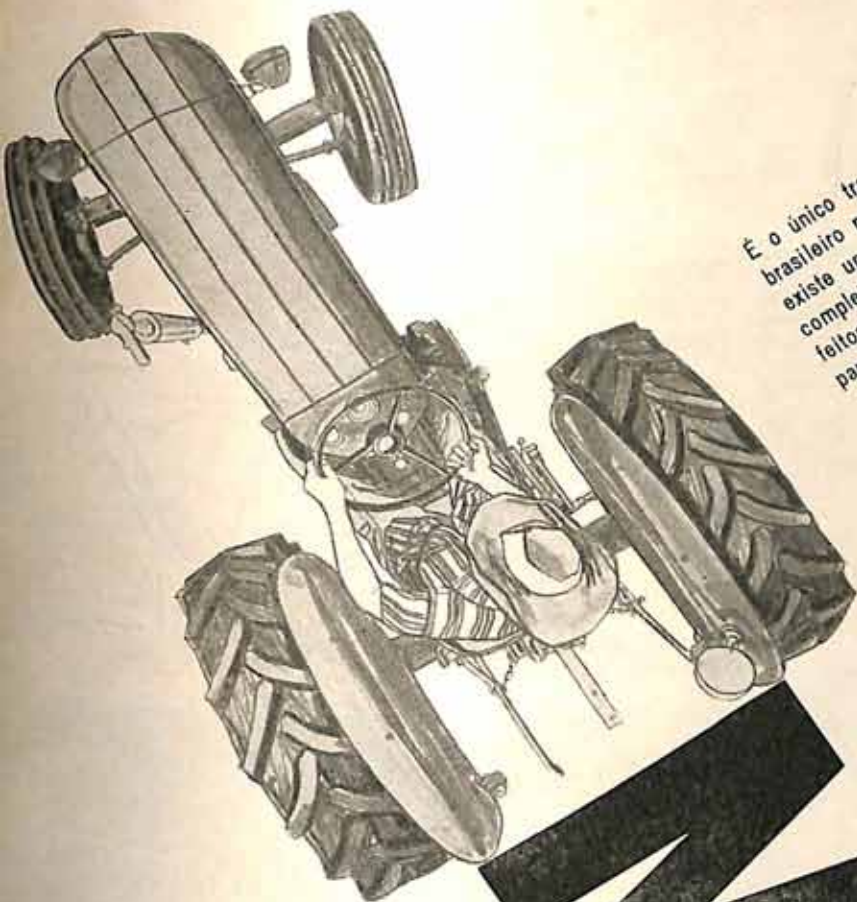


Squibb-Mathieson
PRODUTOS AGROPECUARIOS



Escritório: Rua Dona Julia, 132 — Tel. 70-1262 — Vila Mariana — São Paulo — Cx. Postal 1229
Fábrica: Av. João Dias, 2758 — Tel. 61-2441 — Cx. Postal 7225 — São Paulo — End. Tel. ERSQUIBB

RESQUISA E QUALIDADE A SERVIÇO DO CRIADOR



É o único trator
brasileiro para o qual
existe uma linha
completa de implementos
feitos especialmente
para ele!



BRASILEIRO COM

44 HP!

Puxou pelos seus famosos irmãos:
o MF-35 e o MF-50.
(Quem não os conhece?)
Só que é mais potente! Tem motor
Diesel Perkins de 44 HP.
Traz a experiência do maior fabricante
de tratores agrícolas do mundo.
Massey-Ferguson, é claro! E chega na
hora "H": quando a nossa agricultura
está dando uma grande arrancada.

Peça uma demonstração ao Revendedor
MASSEY-FERGUSON de sua cidade.

Massey-Ferguson do Brasil S.A.



MF 44



Na hora
da ordenha...
uma solução:

BALDES PLÁSTICOS

TROL

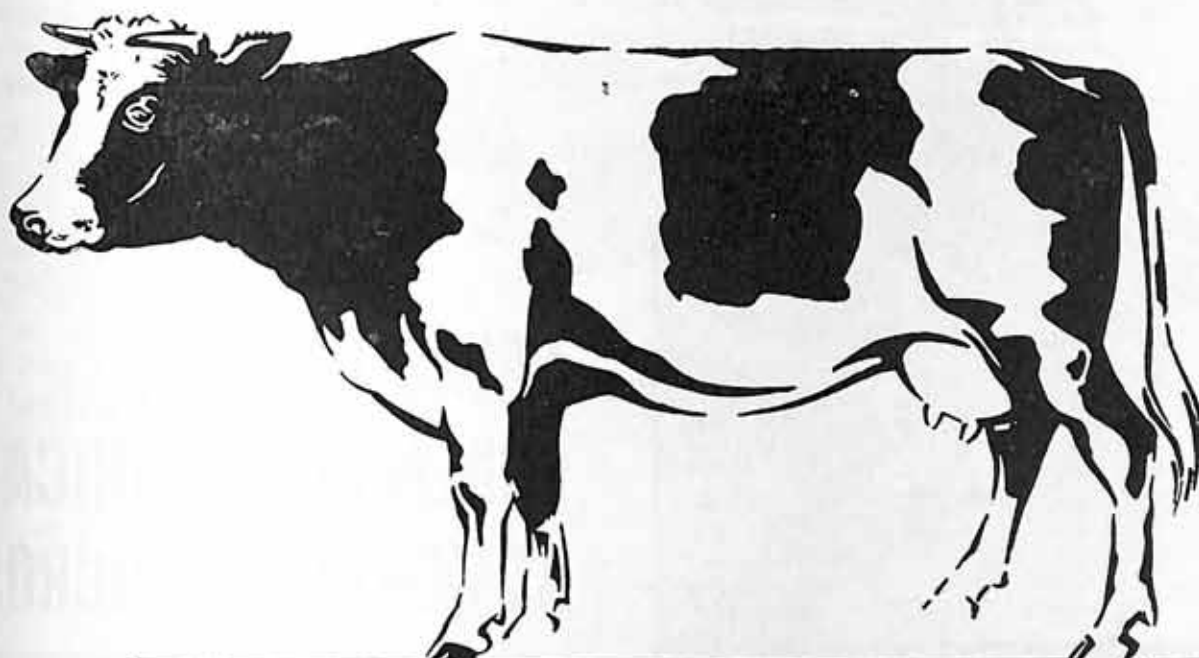
- Absolutamente higiênicos
- Não quebram, nem amassam
- Leves
- Silenciosos
- Fáceis de lavar
- Não transmitem cheiro nem gosto
- Aproveitáveis em diversas outras tarefas
- na fazenda ou no sítio

BALDES PLÁSTICOS TROL
um produto de

TROL S.A. - INDÚSTRIA E COMÉRCIO
Rua Diana, 245 - Fone 62-3141 - S. Paulo

RESISTE A TEMPERATURA DO VAPOR

USE THIBENZOLE
E ELIMINE OS
VERMES QUE
SUGAM SEU LUCRO



THIBENZOLE*

Vacas secas e novilhas que estão infestadas por vermes não podem aproveitar ao máximo sua alimentação. Assim, o crescimento normal, a cria posterior e o bom rendimento leiteiro poderão ser prejudicados.

THIBENZOLE é o único vermífugo que torna estéreis os ovos dos parasitas, evitando a sua eclosão. Ao mesmo tempo elimina os vermes dentro do organismo do animal em todas as etapas do seu ciclo evolutivo.

THIBENZOLE tem uma margem de segurança várias vezes maior do que qualquer outro vermífugo atualmente disponível.

Use THIBENZOLE e veja por si mesmo a diferença



Um produto da

MERCK SHARP & DOHME

Indústria Química e Farmacêutica Ltda. — Divisão Química e Veterinária

Subsidiária de Merck & Co., Inc., Rahway, N. J., E. U. A.

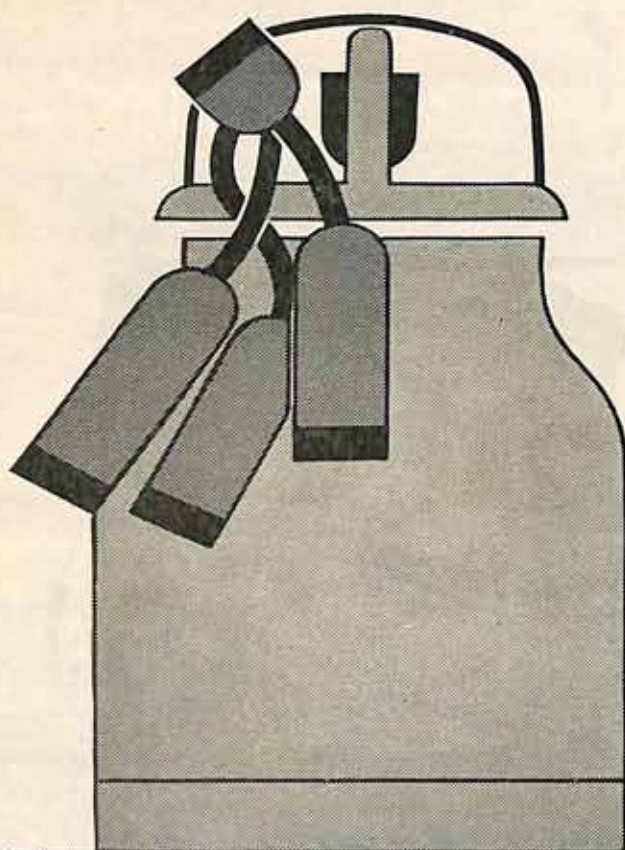
Endereço Telegráfico: MEDOME

São Paulo: Largo Padre Pêrcles, 11 — Cx. Postal 8734 — Fone 62-1176 • Rio de Janeiro: Rua Clarisse Índio do Brasil, 19 — C. P. 1970 — Fone 46-4187 • Belo Horizonte: Av. Santos Dumont, 612 - Conj. 201 — C. P. 75 — Fone 2-4646 • Porto Alegre: Rua Almirante Tamandaré, 656 — C. P. 458 — Fone 2-3676 • Recife: Rua da Concórdia, 874 — Fone 4-4534

VC 12/63

* MARCA REGISTRADA DE MERCK & CO., INC.

AB-TBZ - 12/63



4 RAZÕES

**PELAS QUAIS A
ORDENHA MECÂNICA
AUMENTA OS LUCROS**

ALFA - LAVAL

CIA. FÁBIO BASTOS proporciona ainda:

- estoque permanente;
- manutenção garantida;
- assistência técnica eficiente.

**PRODUTOS DISTRIBUIDOS
COM EXCLUSIVIDADE PELA**



Cia. Fábio Bastos

1 - A ORDENHA É MAIS RÁPIDA

porque o ritmo seguro e controlado da ordenhadeira dá, comprovadamente, melhores resultados do que a ordenha manual — sempre desritimada;

2 - O LEITE É MAIS PURO

porque sai diretamente da vaca para um recipiente fechado;

3 - SUAS VACAS SENTIRÃO A DIFERENÇA

menor incidência de mamite, com o toque de pluma da ordenhadeira Alfa-Laval;

4 - HIGIENE PERFEITA

A própria limpeza da ordenhadeira é feita mecanicamente, de acordo com os mais altos preceitos de higiene.

- * Um único trabalhador ordenha mecanicamente tanto quanto três ordenhadores manuais.
- * Financiamentos até 6 meses.
- * Peçam uma demonstração em sua própria fazenda, com a nossa Kombi x Alfa-Laval, sem compromisso.

RIO DE JANEIRO - G.B. - SÃO PAULO - BELO HORIZONTE - PORTO ALEGRE - JUIZ DE FORA - CURITIBA - PELOTAS - UBERLÂNDIA - CAMPINAS - BRASÍLIA - RIBEIRÃO PRETO - PONTA GROSSA - PIRACICABA - LONDRINA - SÃO JOSÉ DO RIO PRETO - CRICIÚMA - S. J. DOS CAMPOS - GOVERNADOR VALADARES - PARAÍBA DO SUL - PRESIDENTE PRUDENTE - MARÍLIA - BAGÉ - CACHOEIRO DE ITAPEMIRIM

DIRETOR

Luiz A. Penna

REDATOR-CHEFE

Pedro Ferraz do Amaral

REDATOR-SECRETARIO

Rosemberg Marson

COLABORADORES ESPECIALIZADOS

Méd.-Vet. José de Assis Ribeiro

Méd.-Vet. Henrique F. Raimo

Eng.-Agr.º Alberto Alves Santiago

Méd.-Vet. Leovigildo P. Jordão

Méd. Vet. Walter C. Battiston

Eng.-Agr.º Pimentel Gomes

Méd.-Vet. Fausto Gonçalves de Araújo

DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE

Aldo D'Angelo

Francisco de Almeida Penna

D. Dina Avela

João Baptista Pinto

Laercio C. Noronha

REDAÇÃO

RUA CANUTO DO VAL, 216

S. PAULO, Z. P.3 (BRASIL)

Tel. 51-9234

CAIXA POSTAL 9194

Endereço telegráfico: «Criadores»

ASSINATURA:

1 ano Cr\$ 2.500,00

1 ano sob registro postal Cr\$ 2.800,00

Semestre Cr\$ 1.300,00

Número avulso Cr\$ 250,00

Número atrasado Cr\$ 270,00



Revista dos Criadores

ÓRGÃO OFICIOSO DA ASSOCIAÇÃO
PAULISTA DE CRIADORES DE BOVINOS

FUNDADA EM 1930

ANO XXXV — S. Paulo — Abril de 1964 — N.º 412

SUMARIO

Mercados pecuários	6
O Brasil deu um exemplo ao mundo	9
Reforma agrária, sim! Demagogia, não e não!	10
O dia da dignidade	12

CARNE E DERIVADOS:

A produção e comercialização da carne e derivados — tema de mais um número especial da "Revista dos Criadores"	15
Um pouco de história ajuda a compreender	16
Cartilha de geografia pecuária do Brasil	17
A indústria faz a pecuária?	17
Os ladrões de gado no Brasil	18
Os corredores do boi	19
O que o boi dá, o que podia dar	20
Por que a carne é de vaca?	21
A comida do boi	22
Que negócio é esse?	23
Boi pode dar leite	23
Conversa de exportar ou importar?	24
Tamanho é documento?	25
Que será amanhã?	26

Ensaio de engorda de bovinos em confinamento — F. Fabiani	28
Contabilidade agrícola	36
Notícias da Bahia	38
Veterinária — Perdas econômicas por enfermidade dos animais — I — Walter C. Battiston	42
Em São Paulo o IX Congresso Internacional de Pastagens	46
Bagé; o ciclo revolucionário da pecuária gaúcha — IV — Garibaldi Dantas	47
Notas zootécnicas — L. P. Jordão	50

AVICULTURA

Antibióticos como fator de progresso da avicultura	54
Trocando em miúdos — Últimas da ciência	58
Situação da avicultura	58
Relatório n. 230 do Serviço de Controle Leiteiro da A.P.C.B.	59
O que vai pelo Controle Leiteiro	65

**A mais antiga publicação especializada
de Pecuária do Brasil**

NOSSA CAPA...

... deste mês publica o clichê de duas ótimas vacas registradas da raça Nelore e do touro ELÉTRICO, Reg. 2605 do plantel da FAZENDA BONSUCESSO — Guararapes, Est. de São Paulo. Esse notável reprodutor dos drs. Walter Henrique e Arnaldo Zancaner continua mantendo a supremacia conquistada em 1958, ao vencer a Prova de Ganho de Peso, realizada em Araçatuba e cuja promoção se deveu à Secretaria da Agricultura de São Paulo, quando ganhou 182 kg nos 144 dias de duração do teste. Essa impressionante demonstração de precocidade, coloca esse geneador à frente dos 2.073 animais (machos e fêmeas) das raças Nelore, Gir, Guzard e Indubrasil, de centenas de criadores do Estado de São Paulo, que disputaram tais certames, desde o início — em 1951 — até hoje. A propósito, chamamos a atenção dos leitores para a reportagem que inserimos neste número, à página 27 e 3.ª capa acerca do rebanho dos irmãos Zancaner.

Mercados Pecuários

Novilho subindo na safra

Porco alto na entresafra

Leite não pega a tabela

O mercado de novilhos de corte continuou a apresentar tendência de alta em março, apesar da plenitude da safra. O mesmo aconteceu em relação ao de suínos. Entretanto o de leite, a rigor, ainda não alcançara o próprio nível do tabelamento oficial, nas vendas dos produtores.

BOI SOBE NA SAFRA

O gado bovino para abate em São Paulo continuou cotado a preços mais elevados que os previstos para a época. Como principal fator de alta se apontava o início das compras para estocagem por três firmas; além disso, outras estavam na iminência de entrar no mercado com o mesmo fim. As cotações giraram entre Cr\$. 5.300,00 e Cr\$ 5.600,00 por arroba para o novilho gordo, livre de imposto e frete, no interior de São Paulo.

FRONTEIRA PRESSIONA

No Rio Grande do Sul, as cotações na fronteira haviam subido a Cr\$

160,00 o quilo. Isso tornava anti-econômica a vinda de gado do sul para o Brasil Central, onde chegaria a mais de Cr\$ 5.600,00 por arroba. Os preços subiram apesar de não se ter iniciado ali o abate para frio e conserva, por impasse decorrente: a) da falta de ordem para exportação de produto congelado; b) da falta de financiamento para estocagem. A alta deve resultar assim da pressão dos mercados argentinos e uruguaios, onde o preço por quilo atinge e mesmo ultrapassa Cr\$ 300,00 por quilo. Estaria havendo grande evasão clandestina de gado gaúcho para Argentina e o Uruguai.

BOI MAGRO E CARNE

O gado magro sofreu novas altas no Brasil Central e já se fala de boiada especial chegando no pasto a Cr\$ 70.000,00 a rez. A alta do boi gordo começa a influir nos negócios de gado magro e recebe o auxílio da inflação.

Os preços da carne, que andavam entre Cr\$ 410,00 a Cr\$ 420,00 no atacado paulistano, por quilo de traseiro especial subiram para Cr\$ 440,00, e esperava-se que fossem a Cr\$ 460,00.

III FEIRA NACIONAL DE ANIMAIS

15 a 20 de outubro

no Parque da Água Branca, em São Paulo

Os melhores reprodutores de todas as raças

NEGÓCIOS DIRETOS — CRÉDITOS NA HORA

ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE CRIADORES DE BOVINOS

Rua Jaguaribe, 634 — tel. 51-6380 — São Paulo

SUINO SOBE, MAS PODE DESCER

O mercado de suínos experimentou altas consideráveis. De cotações que mal ultrapassavam Cr\$ 7 mil por arroba em fevereiro, passaram a mais de Cr\$ 8.000,00

em março. Falou-se em negócio até a Cr\$ 8.600,00. A perspectiva, porém, era de baixa, ou pelo menos de estacionamento, em face da

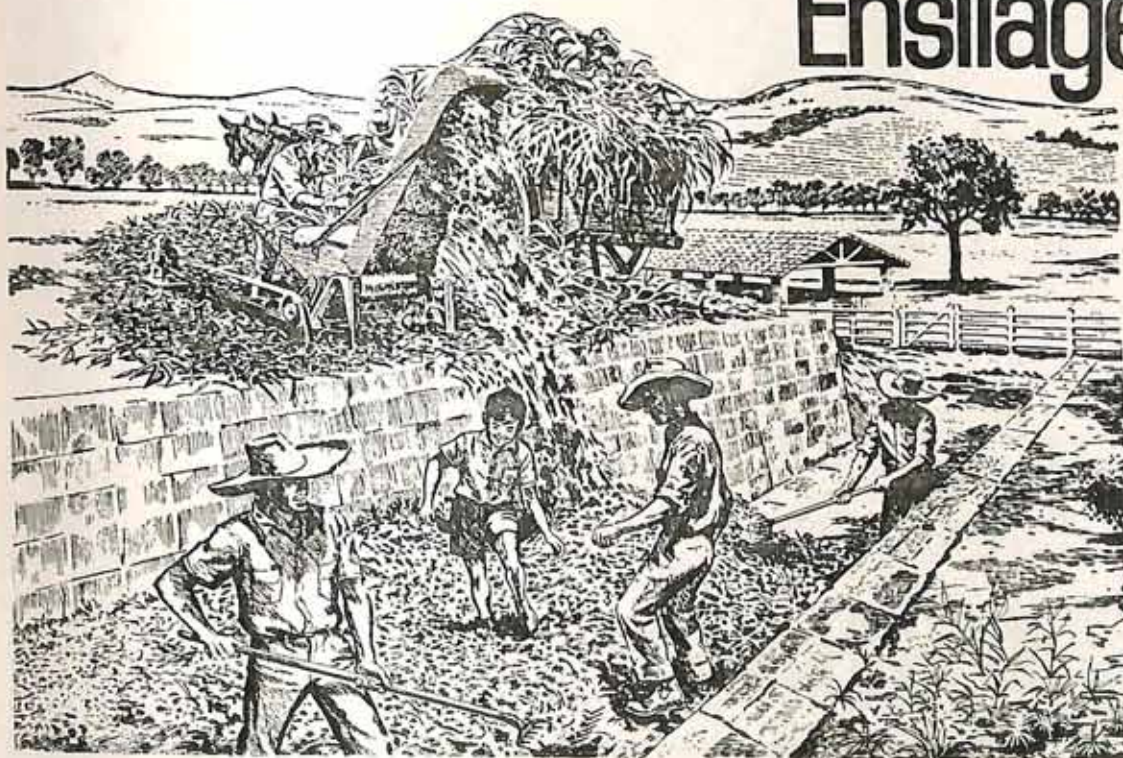
entrada da safra. A existência de milho caro poderá também baixar o preço do porco (aumento da oferta, por escassez de alimento).

LEITE ABAIXO DA TABELA

A situação do mercado de leite é paradoxal: o preço oficial de Cr\$ 61,90 por litro não tem sendo atingido no Interior do Estado. Em janeiro, com o novo tabelamento parcialmente em vigor, a cotação média no Estado de São Paulo, registrada pela Divisão de Economia Rural da SA era de Cr\$ 47,70, inclusive excesso de gordura; em fevereiro e março, su-

biu a Cr\$ 53,10, mas ainda estava Cr\$ 8,80 aquém do limite da SUNAB. Acredita-se que mesmo em março a tabela não tenha sido obedecida, em face de pressão das usinas. Provavelmente, em abril, com o princípio de entre-safra, a tabela acabe vigorando. Aliás, já se reivindicava sua atualização para o produtor.

Ensilagem



Transformando milho, sorgo, sobras de pastos, capins Guatemala, Napier etc., em silagem, o gado leiteiro terá alimentação garantida para atravessar o período da seca.

UMA COLABORAÇÃO DE PRODUTOS



SETOR AGROPECUÁRIO



lucros

certos

O emprêgo de lâmpadas PHILIPS de raios infravermelhos mantém em níveis elevados os índices de higidez e sobrevivência em galinheiros, estábulos, poeiras, redios, etc., garantindo lucros certos aos criadores. Fáceis de instalar e de manusear, as lâmpadas PHILIPS de raios infravermelhos são as melhores fontes de calor artificial.



PHILIPS

S. A. PHILIPS DO BRASIL

- Lâmpadas PHILIPS de raios infravermelhos
- Fáceis de instalar
- Baixo custo de operação

Ao Depto. de Iluminação
da S. A. PHILIPS DO BRASIL
C. Postal 8681 - S. Paulo

Solicito informações sobre a aplicação de lâmpadas infravermelhas Philips na agricultura e pecuária.

Nome:
Endereço:

O Brasil deu um exemplo ao mundo

Venceu a vontade popular. Os adventícios que se haviam apoderado do poder foram d'ele banidos pela força indestrutível das tropas brasileiras, movidas do mais acendrado patriotismo. Um exemplo ao Mundo: a comunização do País não se efetivou de cima para baixo, como era intento dos traidores, porque de baixo para cima se ergueu o protesto veemente e pujante.

No dia 31 de Março, as forças representativas das três armas as quais por sua vez representam o que há de mais legítimo na opinião publica nacional, saiu às ruas em todos os grandes centros da cultura brasileira, afim de proclamar alto e bom som seu protesto contra a bolchevização em Marcha. Alto lá! Não e não! E enquanto uns se evadiam para o Exterior, carregados de dinheiro arrancado aos cofres do erario publico, outros eram presos e trancafiados, para a proxima prestação de contas.

O Brasil viveu dias de gloria. Dias que passarão à História. O Mundo inteiro esperava que se consummasse a tragédia: o Brasil seria mais um povo enfeudado aos sicarios de Moscou. Mas o Mundo se enganou: no Brasil, ainda existe um povo inteligente e conhecedor de sua força, um povo valente e capaz de grandes arremetidas, um povo senhor de sua vontade e arbitro de seus destinos.

Ficou provado à sociedade que o povo brasileiro não se equipara às populações em estagio primario de civilização que o comunismo se acostumara a empalmar, como as que na Africa e na Asia amanhecera recentemente para a independencia e foram tangidas para o infeliz regime, em que novamente se escravizaram. Nem pode ser posto ao lado das infelizes populações da Europa Oriental que, ajeitas há seculos a regimes de escravidão, da qual emergiram a quando e quando para eventuais periodos de auto-determinação, novamente se viram, neste ultimo quartel de seculo, colhidas pelo rolo compressor que das estepes russas desceu para essas partes do continente. Nem muito menos pode emparelhar-se com as legiões famintas, da China, onde a miséria assume todas as formas possiveis e imaginaveis...

Um bravo ao povo brasileiro! Um bravo às Forças Armadas, que souberam auscultar o lidimo sentimento da população, com ela participando dos mesmos anseios e dos mesmos feitos!

As classes produtoras não se omitiram nesse grave momento da vida nacional. Todas as associações de classe estiveram presentes aos atos conspiratórios que precederam a grande revolução. Entre elas, as sociedades que reúnem agricultores e criadores deram mão forte a tolos os empreendimentos que visavam a queda do dispositivo bolchevizante armado pela insania desse indivíduo que atende pelo nome de João Goulart. Todas elas estiveram a postos, honrando suas tradições.

A Associação Paulista de Criadores esteve sempre, por seus diretores e associados, ao lado dos que organizaram a defesa do povo contra os assaltantes. Não o fez veladamente, mas ostensiva e declaradamente, como os leitores tiveram oportunidade de conhecer, por meio das noticias que, em successivos numeros desta "Revista", vimos dando. Suas declarações e pronunciamentos verificaram-se com veemencia e segurança, em todos os momentos em que mais periclitante se apresentou o regime de liberdade. Agora, vitoriosa, a campanha em sua primeira fase, a fase da demolição do arcabouço cubanizante, não podia deixar ela de manifestar sua solidariedade a todos aquêles a quem coube parte no comando da arremetida final. Assim, foram expedidos os seguintes telegramas:

"General Humberto Castello Branco — Rio de Janeiro — Venho trazer ao ilustre e bravo general a homenagem e a gratidão dos fazendeiros de São Paulo. Severo Gomes, presidente da Associação Paulista dos Criadores de Bovinos.

"Governador Carlos Lacerda — Rio de Janeiro — Estado da Guanabara — Venho trazer ao eminente e bravo Governador da Guanabara a homenagem dos dois mil e setecentos companheiros da Associação Paulista de Criadores de Bovinos. Sirva a coragem cívica de Vossa Excelência e a resistência heróica oferecida do Palácio da Guanabara, na hora decisiva para o Brasil e para o Continente, como exemplo e como bandeira para o povo de nossa terra. Severo Gomes, Presidente.

"General Amaury Kruel — II Exército — São Paulo — Venho trazer ao ilustre e bravo General a homenagem e a gratidão dos fazendeiros de São Paulo. Severo Gomes, presidente da Associação Paulista de Criadores de Bovinos.

"Governador Ademar de Barros — Palácio dos Campos Eliseos — São Paulo — Sempre teve Vossa Excelência a total solidariedade da Associação Paulista de Criadores de Bovinos na luta que empreendeu, hoje queremos trazer-lhe a gratidão e a homenagem dos fazendeiros de São Paulo. Severo Gomes, presidente.

"Governador Magalhães Pinto — Palácio da Liberdade — Belo Horizonte — Venho trazer ao ilustre Governador de Minas Gerais a homenagem e a gratidão dos fazendeiros de São Paulo. Severo Gomes, presidente da Associação Paulista de Criadores de Bovinos.

"General Mourão Filho — IV Exército — Juiz de Fora — Estado de Minas Gerais — Venho trazer ao ilustre e bravo General a homenagem e a gratidão dos fazendeiros de São Paulo. Severo Gomes, presidente da Associação Paulista de Criadores de Bovinos."

Reforma

*A demagogia campeia
são baixados diariamente, sem a
dêste vasto território nacional.
rando à permanência no poder,
fé que vai assinando todos os
que na verdade está fazendo é
implantação de avançados regim*

*Felizmente, a sociedade
timas conquistas. Tôdas as cla
A carta-aberta dirigida à Nação
constitui um documento da mo
Desejamos apenas registrar o r
pronunciamentos de utras cat
nas excepcionais demonstrações
crível passeata de 19 de Mar
rada, quando eclodiu vitoriosame*

«As entidades representativas de todas as atividades agrárias de São Paulo, julgaram-se no dever indeclinável, de manifestar seu repúdio ao decreto baixado pelo governo federal, que declara de interesse social vastas zonas do território nacional. Esse decreto não pode ser havido como reflexo da consciencia jurídica e dos interesses economicos deste País, porque, além de contrariar varias disposições constitucionais, compromete a produção de viveres indispensaveis ás populações.

O lavrador organizado, a despeito de infenso á especulação de terras, vem sendo tratado pelo atual governo com prevenção absurda. Usando arbitrariamente a contenção de preços dos produtos agrícolas, desatendendo justas reivindicações, cortando os financiamentos pela metade, agitando os trabalhadores sob o pretexto de sindicalizá-los, intervindo indebitamente, por via da SUPRA, na vida das fazendas, fixando salarios sem considerar as condições economicas da produção, apontando injustamente a classe dos lavradores á execução popular, e, assim, por todos os meios, vem a autoridade federal perturbando a produção agrária.

- O povo de São Paulo, com seus irmãos de todo o Brasil no dia 19 de março, em plena praça pública, deu mostras de que está disposto a sacrificar-se pelas liberdades constitucionais.



Prária, sim! Demagogia, não e não!

nas altas esferas administrativas do País. Decretos de toda a espécie consideração das verdadeiras condições reinantes nas diferentes regiões reunia doutores que respiram sabença por todos os póros e que, apesar de valer-se da iniciência do presidente da República, homem de boa fé, lhe apresentam: confia em que está reformando o País, quando o todo a precária organização existente, é preparar o terreno para a queda, cuja eficiência está longe de ser provada.

reagiu e continua a reagir contra o desbarato de suas mais legítimas manifestações. As classes produtoras fizeram-no, na vanguarda, as associações que representam todas as atividades agrárias de São Paulo, a que teve esse manifesto no seio do povo brasileiro: a ele se seguiram profissionais, num movimento que empolga a vida nacional, traduzido na que se realizam em todas as cidades, tendo como exemplo a indespugnável de São Paulo. (Nota da Redação: Esta matéria já estava preparada para publicação Brasileira pela Democracia. Veja a página seguinte).

A inflação, mal que corrol a economia nacional, desequilibrando a vida de toda a população, atingiu diretamente a atividade agrícola que se vê sem recursos para fazer face às despesas de custeio. Essa situação está agravada seriamente com a falta de produção para o ano em curso.

E agora, quando, em consequência da discriminação imposta à atividade agrícola, o País se encontra ameaçado pela fome, o governo decreta desapropriações em desacordo com as leis vigentes, ou à sua revelia.

O EXECUTIVO COAGE

Quando diz que ninguém pode ser obrigado a fazer ou deixar de fazer algo senão em virtude de lei, nossa Constituição enuncia um princípio com endereço certo, pois refere-se exclusivamente ao Executivo, o único dos três Poderes capaz de coagir o cidadão pela força de que dispõe. Já que o Legislativo e o Judiciário não podem, de forma alguma, coagi-lo ilegalmente, tendo em vista que o primeiro apenas elabora a lei e o segundo a interpreta.

Quando o Executivo abrange na declaração de interesse social, zonas e não imóveis previamente identificados, sobrepõe-se ao Poder Legislativo, arvorando em lei um simples decreto e infringindo a lei vigente, que não autoriza esse procedimento, porque só fala em bens.

Quando o Executivo interdita zonas inteiras, de extensão por ele arbitrária-

mente determinada, pode também entender essa interdição a todo o território nacional. Só a Lei, entretanto, pode regular sua eficácia no espaço, não cabendo tal atribuição a um simples decreto, mormente quando não autorizado a fazê-lo.

Quando o Executivo declara de interesse social certa região do País, para o fim confessado de deprecar suas terras, não pratica somente um ato ilícito, incorre na prática de dano intencional.

Quando o Executivo sujeita uns e libera outros, em relação ao onus da desapropriação, embora colocados, uns e outros, em idêntica posição, quanto à exigência constitucional do uso da terra, infringe o princípio da igualdade perante a Lei, que por duas vezes foi desrespeitado: ao discriminar os imóveis situados dentro e fora das zonas indicadas e ao discriminar os imóveis da mesma zona pelo critério, também inconstitucional, de sua extensão territorial.

INFRAÇÕES CONSTITUCIONAIS

Finalmente, quando o Executivo determina aos Municípios que requeiram a SUPRA permissão para alterar o perímetro urbano, comete duas infrações constitucionais: contra o princípio da autonomia municipal e contra seu dever de defender essa autonomia, para cujo cumprimento pode até intervir nos Estados.

Estas numerosas infrações a nossa Carta Magna não podem ter sido praticadas por descuido, pois é inadmissível que o governo federal esqueça noções tão elementares de Direito Público. Dal concluir-se que tais erros foram intencionais, visando desmoralizar nossa lei básica para o fim de desmoralizar o direito de propriedade.

As entidades agrícolas julgam, assim, que o decreto da SUPRA infringe os dispositivos constitucionais, em cujo julgamento estão com elas os mais respeitáveis juristas de São Paulo, negando ainda àquele organismo a invasão de atribuições quando pretende transformar-se em tribunal de arbitramento para dirimir dúvidas entre as partes conflitantes.

Os entendimentos entre lavradores e trabalhadores em busca de acordos e atribuição especificamente fixada em lei, fugindo, portanto, essa ação da SUPRA.

A ninguém é lícito desconhecer a lei, especialmente o poder constituído e que as possíveis vítimas da ação do decreto da SUPRA estão amparadas pela lei, devendo estas procurar defender os seus direitos através da Justiça.

REPULSA AO ATENTADO

A classe agrícola de São Paulo reafirma seu pensamento em favor de uma reforma agrária justa e real, e apela ao Legislativo para que, dentro dos princípios constitucionais, promova a rápida efetivação do legítimo instrumento legal como é de sua exclusiva alçada.

Os agricultores de São Paulo dirigem-se ao Brasil e notadamente a suas congêneres dos demais Estados, para manifestar sua repulsa a semelhante atentado às nossas instituições.

Salvio de Almeida Prado — presidente da Sociedade Rural Brasileira.

Lulz Emanuel Bianchi — presidente da Federação das Associações Rurais do Estado de São Paulo.

Paulo Drummond Murgel — presidente da Associação dos Criadores de "Gir" do Brasil.

Rubens Franco de Mello — presidente da Associação dos Criadores de "Nelore" do Brasil.

Cyro Werneck de Souza e Silva — presidente da Associação Paulista de Avicultura.

Severo Fagundes Gomes — presidente da Associação Paulista dos Criadores de Bovinos e da Associação Brasileira de Criadores da Raça Holandesa.

José Paulo Silveira Cabral — presidente da Sociedade Brasileira de Silvicultura.

Randolpho Haines — diretor da Associação Paulista de Cafeicultores — Departamento de Industrialização de Café.

O DIA DA DIGNIDADE

Para o insigne poeta Guilherme de Almeida, o dia 19 de Março de 1964 "deverá passar à História com este nome: "O Dia da Dignidade".

"Eis uma palavra — "dignidade" — que está desaparecendo da linguagem destes tempos — diz ele. No entanto, ela é todo um programa ético, religioso, científico, artístico, social. Certo, o mais importante verbete em qualquer dicionário de qualquer idioma culto. Atente-se ao seu étimo: qualidade do que é merecedor. Ser alguém merecedor do seu nome, do que é, do que faz, do que tem, do que recebe, do que dá, ser digno de si mesmo! Digno!"

Digno de ser — acrescentamos nós — o que foi a gente, o povo de São Paulo naquele dia memorável. Em verdade, foi uma multidão incontável, que se estendeu e se canalizou pelas ruas principais da cidade, da Praça da República à Praça da Sé, gritando o seu protesto contra os farçantes e os falsos profetas, a favor de um Brasil sem foice e sem martelo, um Brasil legítimo, como legítimo era o povo ali reunido. Porque o povo não é o povão. Povo somos todos, os pobres e os ricos, os chefes e os chefiados, os doutores e os proletários, mas governados por uma Constituição que aprovamos e instituímos por nossos representantes reunidos em congresso. E essa Constituição não podemos permitir que, a golpes de decretos demagógicos, ninguém pretenda derrui-la.

Por isso, saímos às ruas. Sem armas na mão. Mas com muita alma e muita fé. Com muita dignidade. Merecedores do nosso nome. Dignos de nós mesmos.

As últimas gerações jamais viram espetáculo semelhante. Elas se vestiram de dignidade. As senhoras, os jovens, as crianças. Todos responderam que São Paulo está de pé, que o Brasil está de pé.

Reformemos o que precisa de reformas, mas pelo meios legais. Assim, sim.

Os anúncios
CLASSIFICADOS
na
"Revista dos Criadores"
são eficientes

Modernas técnicas pecuárias garantem aumento na produção

A estrutura de uma pecuária produtiva, qualquer que seja o seu potencial, tem de se assentar em três pilares fundamentais: seleção, alimentação e higiene

Em discordância com as imensas possibilidades do Brasil para o desenvolvimento da indústria pecuária, as estatísticas de produção publicadas anualmente pela FAO registraram, com desanimadora crueza, que não aumentam as cifras quantitativas, ao mesmo tempo que se verifica a repulsa dos mercados internacionais pelos nossos produtos, expressa claramente sua baixa cotação. Acompanhando os contínuos avanços da técnica veterinária, outros países têm alcançado índices de produção quiméricos para o tipo médio das criações em nosso País, apegadas ainda a sistemas totalmente obsoletos.

A estrutura, de uma pecuária produtiva, qualquer que seja o seu potencial, considerada não só do ponto de vista do rebanho nacional, mas especialmente da criação em partícula, tem de se assentar em três pilares fundamentais:

1 — **SELEÇÃO** — Realizada com verdadeiro critério técnico, a seleção deve ser baseada em uma série de fatores, que conduzam realmente a uma finalidade pré-determinada. O "olho" da experiência pessoal não basta para dirigir adequadamente a almejada melhora dos caracteres raciais de um rebanho.

2 — **ALIMENTAÇÃO** — Se pretendemos uma boa produção de carne, leite, etc., temos de fornecer as máquinas produtoras a matéria prima necessária e adequada, tanto em quantidade como em qualidade. A melhora das pastagens nativas, a formação de prados artificiais, a suplementação com alimentos concentrados, etc., são medidas adotadas rendosamente por numerosos criadores no Brasil, e francamente aceitas nos países de pecuária mais adiantada. Faz parte do que se chama «Alimentação Racional» a ministração de suplementos vitamínicos e minerais, para compensar as deficiências que normalmente existem nos alimentos. Compensando essas carências, a suplementação com vitaminas e minerais contribui poderosamente para a produção do animal, tanto na ordem quantitativa como na qualidade do produto. No entanto, sendo tão diversas as condições do meio, é preciso que os criadores atendam às necessidades específicas da espécie animal e das características do solo e pastagens.

Existem já no mercado produtos perfeitamente adaptados às necessidades médias de nossos solos, formulados após cuidadoso levantamento das suas características. Esse é o caso do **PREMIX PFIZER PARA RUMINANTES**, produto exclusivamente de sais minerais carentes nas pastagens brasileiras.

Entre as vitaminas, a que mais se mostrou deficiente foi a vitamina A. Constituído os alimentos verdes a fonte mais importante de vitamina A, deixa esta de existir nos pastos durante a maior parte do ano. A importância da vitamina A e sua carência em nosso meio ficou comprovada com os notáveis aumentos de produção que experimentaram os rebanhos tratados com **TM-25 COM VITAMINA A**, produto em que ela se encontra associada a um antibiótico — a **TERRAMICINA** — de conhecidos efeitos para melhorar as propriedades nutritivas dos alimentos.

Os custos de suplementação conjunta com os dois produtos (**PREMIX PFIZER PARA RUMINANTES** e **TM-25 COM VITAMINA A**) foram compensados pelos aumentos na produção, pela qualidade dos produtos, pelo melhor aspecto das carcaças e pelo maior rendimento no gancho.

3 — **HIGIENE** — É o terceiro alicerce da criação, de importância igual aos dois outros anteriores. Para que um rebanho atinja o máximo de sua capacidade produtiva, não bas-

(Conclui na pág. 81)

REVISTA DOS CRIADORES



Nossa assistência técnica vai ao campo

Junto da máquina.
Mecânicos especialistas trocam
peças Massey-Ferguson
por peças Massey-Ferguson.
Garantidas por uma embalagem
própria inviolável.
É a única maneira de você continuar
com sua máquina em boa forma.
Trabalhando firme e aumentando
a sua produção.
Por isso, se um dia a sua máquina
necessitar de cuidados técnicos, procure o
Revendedor Massey-Ferguson
de sua cidade.
Você ficará muito satisfeito.

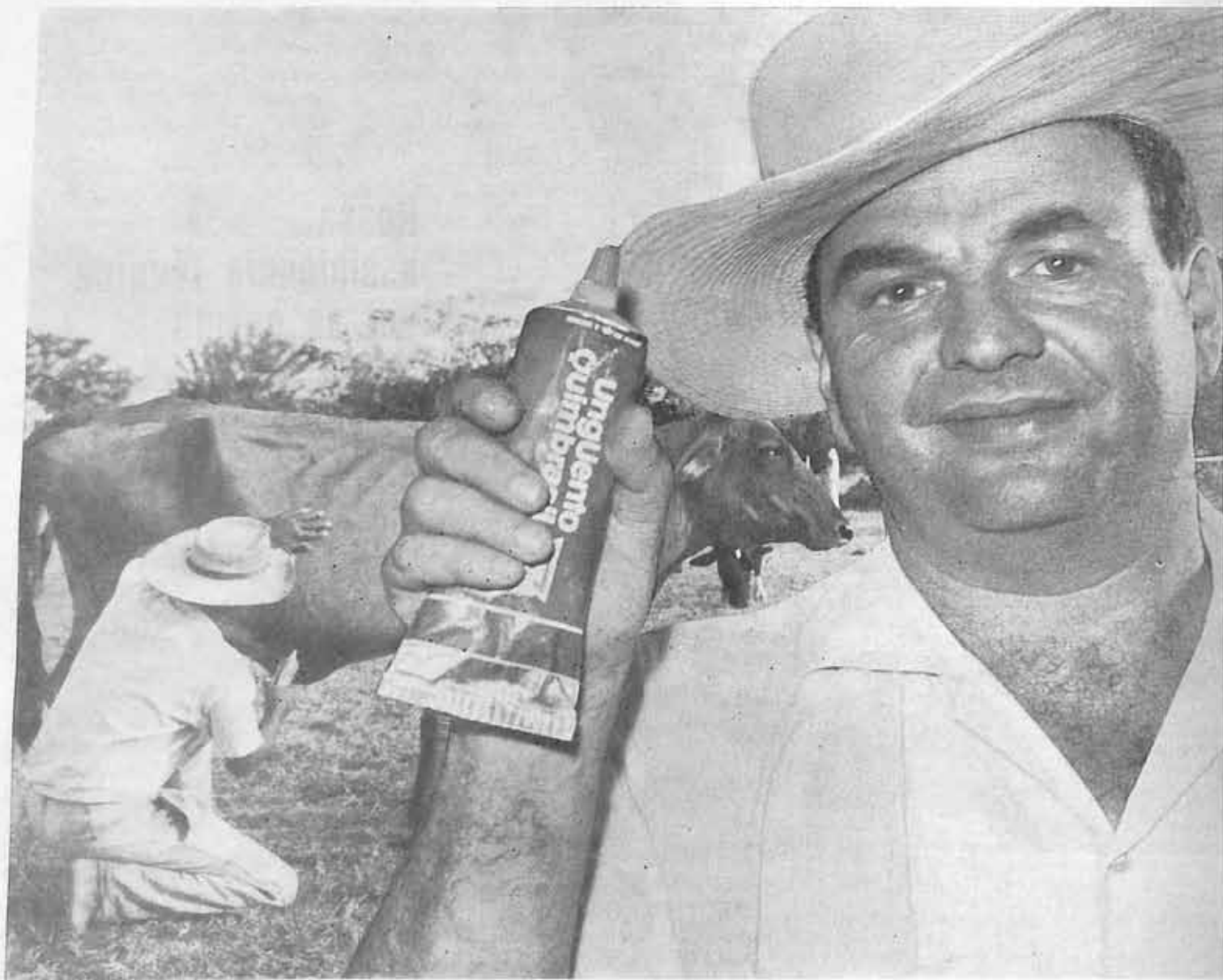


Massey-Ferguson do Brasil S.A.

UM VALIOSO TESTEMUNHO

de quem entende realmente do assunto, o Sr. **GUILHERME SCHMIDT FILHO**, grande fazendeiro no município de Pindamonhangaba: — "Tenho usado com absoluto sucesso, em meu rebanho, o Ungüento Quimbrasil. Mesmo em casos de

bicheiras, cortes, ferimentos, etc., de cicatrização rebelde e resistente a outros unguentos, o Ungüento Quimbrasil resolve com uma só aplicação". Esta afirmação atesta a eficácia de um produto que traz a marca **QUIMBRASIL**



40.074



QUIMBRASIL-QUÍMICA INDUSTRIAL BRASILEIRA S.A.
Rua São Bento, 308 - 9.º - Fone: 37-8541 - São Paulo

UMA ORGANIZAÇÃO A SERVIÇO DA AGRO-PECUÁRIA

A produção e comercialização da Carne e derivados – tema de mais um número especial da “Revista dos Criadores”

Nem só de leite vive o criador de gado. Nem também só de carne... Ambos os produtos se completam nos objetivos visados. Por isso, dedicando, a quando e quando edições especiais à produção e comercialização do leite, assim como a outras atividades pecuárias, não poderíamos esquecer a carne. A ela também destinamos anualmente um número especial. Esta é a quarta vez que isso acontece. Não será a última, esperamos em Deus, não obstante a trágica situação que a imprensa nacional ora defronta.

Desta feita, confiamos a elaboração do material da edição da carne a Mário Mazzei Guimarães. Neste número da “Revista dos Criadores”, temos a pitoresca participação do cronista, na arte da pecuária de corte. Pôs treze tijolos na fôrma, que êsse é o número de sua estrêla, e vai percorrendo sôbre aspectos históricos, geográficos, econômicos e outros do boi de talho no Brasil. Mete-se até pelo sipoal sanitário e zootécnico, e com muita sem cerimônia.

Os treze tijolos, adornam êste número ao acaso, e levam as seguintes marcas:

- 1 — Um pouco de história ajuda a compreender
- 2 — Cartilha da geografia pecuária do Brasil
- 3 — A indústria faz a pecuária?
- 4 — Os ladrões de gado no Brasil
- 5 — Os corredores do boi
- 6 — O que o boi dá, o que podia dar
- 7 — Por que a carne é de vaca?
- 8 — A comida do boi
- 9 — Que negócio é êsse?
- 10 — Boi pode dar leite
- 11 — Exportar ou importar?
- 12 — Tamanho é documento?
- 13 — Que será amanhã?

VIII EXPOSIÇÃO — FEIRA DE GADO LEITEIRO E

CAVALO MANGALARGA

A maior exposição de gado leiteiro das Américas

PARQUE DA ÁGUA BRANCA

São Paulo — de 1 a 10 de Junho

Um pouco de história ajuda a compreender

Donde veio o boi para o Brasil? E quando? Questões...

Os cronistas perdem-se nos papéis do tempo e concluem que os nossos primitivos plantéis estavam no Cabo Verde, nos Açores. Os portugueses, velhos manjadores dos trópicos, não gostavam de fazer experiências ousadas, e preferiam introduzir na colônia alguma coisa já traduzida na prática de terras mais ou menos afins.

Mas, em última análise, era gado todo de origem ibérica. No século da Descoberta, já tínhamos rebanhos bovinos pastando junto das praias, em vários pontos da costa. Os dois principais núcleos costeiros: Bahia de Todos os Santos e São Vicente.

Da Bahia de Todos os Santos saiu o gado que procurou a foz do São Francisco, subiu para o lado das nascentes, atravessou-o e deu até o famoso «boi do Piauí», dos Pastos Bons, hoje degenerado no pior boi nacional e com pastos estragados. Com base nesse avanço gadeiro é que se formou a famosa «Casa da Torre», do protegido de Tomé de Souza, o hábil aventureiro Garcia d'Avila, que, enquanto os outros dormiam sonhando com o

ouro das lonjuras das serras, ia, bem acordado, ocupando as terras para as transformar em carne. Foi o primeiro e imenso latifúndio do Brasil, que somava leguas e leguas e subdividia-se em numerosas sesmarias. Nos confins da Bahia com o Piauí, houve rendeiro de Garcia d'Avila ou sucessores que se tornou potentado. O latifúndio, multiplicando-se em outros latifúndios, refazia o milagre bíblico da multiplicação dos peixes.

Entestando com Garcia d'Avila, surgiram no São Francisco os Guedes de Brito, da «Casa da Ponte». O primeiro ficou com a margem esquerda, e os rivais com a direita. Vieram a Minas, Nunes Viana, o emboaba, foi um dos grandes rebentos sãofrancanos do latifúndio pastoril.

Outro ponto de entrada colonial foi São Vicente. Desde os tempos de Martim Afonso, ainda no primeiro século. O gado de São Vicente subiu ao Planalto e foi cruzar, na direção do rio das Velhas e de Goiás, com o outro, que descia do norte. De origens afins, cruzaram-se e deram o curraleiro, o pé duro, o rústico animal que domava, os gerais, os cerrados e as caatingas, transformando-os em algo de utilizável: no couro e no charque, principalmente. Boi que ficou firme, minguando, minguando, mas resistiu até chegar o zebu. E a este deu o lastro nativo que permitiu ao indiano dominar as savanas do Brasil Central.

Dizem que também entrou boi do Peru, que veio cruzar com o de São Vicente, e ambos procurando o sul, no caminho de Laguna, povoando os campos de Curitiba e invadindo as serras e os pampas do Rio Grande, onde ficaram esperando pela chegada ulterior do Hereford outros bois nobres da Europa. E naturalmente os jesuítas trouxeram gado do Paraguai

para as reduções guaranis, em território brasileiro.

O avanço da pecuária foi uma epopeia. Mais silenciosa que a do ouro, porém mais rústica, mais avassalante, mais fixadora de civilização. O boi foi o grande ocupante do Brasil, respeitando só as florestas do sul (até o século XIX) e as do Amazonas (que começam a cair praticamente agora, com a Belém-Brasília e a Brasília-Acre). Houve problemas imensos. Capistrano de Abreu considera genial esta invenção: mastrear um guia com chifres e pô-lo na frente, a nadar, para orientar a boiada arisca na travessia dos rios caudalosos. Esse expediente foi um abre-te sésamo do sertão.

No século XIX, chegou afinal o zebu. E começou outra história, com a ajuda do Hereford, do Shorthorn, do Holandês, do Jersey e outros bovinos de talho e de ordenha. Começa o segundo grande ciclo da nossa pecuária, começa outra história...

XIII EXPOSIÇÃO DE ANIMAIS E PRODUTOS DERIVADOS DE BARRETOS

Aguardem para a próxima edição de maio da "Revista dos Criadores" ampla cobertura jornalística e fotográfica acerca da XIII Exposição de Animais e Produtos Derivados de Barretos.



Cartilha de geografia pecuária do Brasil

Meninos, o Brasil não é uma pecuária de corte só. O Brasil divide-se em varias pecuarias de corte:

- a pecuaria do extremo sul;
- a pecuaria do Brasil Central;
- a pecuaria do Nordeste.

O resto são manchas, ou tentativas. O caso de Marajó, onde porem o que manda mesmo é o bufalo.

A pecuaria do extremo sul caracteriza-se pelo pampa, pela coxilha. O gaúcho é o centro humano dessa pecuaria. Uma das pontas é o gado crioulo, que quase não guarda mais nada dos tataravós vicentinos, paraguaios e peruanos: está todo misturado de Hereford e outras raças nobres de origem europeia. O novilho de açougue hoje no Rio Grande é uma papa fina. A outra ponta, embora poetica, não é muito animadora: o pampa não é cultivado, ali a gramínea e a leguminosa, que dão de comer ao gado (bovino e ovino), brotam como Deus é servido. Essa é a gramática: na pratica, porem, no espaço onde o gaúcho bota 2 bois um invernista de São Paulo pode botar 8, 10, talvez mais.

A pecuaria do Brasil Central é mais diversificada. Conta com os cerrados e os gerais, onde também domina a lei da natureza, e o pasto é à larga, mas ralo. Há, porem, as invernadas artificiais, pasto formado, plantado, custando suor do homem. Nelas, a população bovina é mais densa, dão mais o que comer. Nas savanas e nas pastagens centralinas, domina o zebu como gado de corte. Veio no rastro do curraleiro, invadiu o sul de Minas, o Triângulo, entrou em Goiás, em Mato Grosso. Em São Paulo quizeram cerca-lo, e Luis Pereira Barreto, o sabio, fez campanha de vida e de morte contra ele. Mas perdeu, e feio: dizem que até bife tenro de giba andou comendo pensando que era de caracu. Depois, um lorde inglês veio ao Brasil, espiou, pesou, comeu, e berrou aos compradores do seu frigorifico: paguem mais 20%, quando for zebu. E aí não houve jeito, abriram-se as portei-ras das fazendas paulistas, e foi aquela invasão. Quem gozou foram os zebuizeiros de Franca, a teimosa ponta de lança do gado indiano em território paulista. Donde os meninos podem ver que ciencia de caboclo às vezes vale mais.

O nordeste era a patria ultima do curraleiro. A caatinga era o habitat quase selvagem desse miúdo gado solto. Mas o zebu, jeitosamente, está entretanto, estimulando



do a formação de pastos nas manchas de terra melhor e até bancando o bandeirante e arriscando-se: já há muito dele fazendo a vida na caatinga e com uma galhardia de causar inveja. Acabou com o mito do curraleiro, transforma a espereza dos sertões em carne mais abundante e melhor.

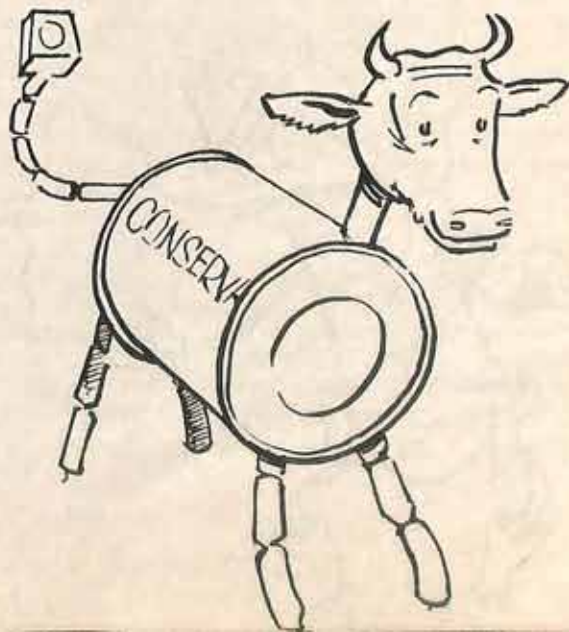
Minas é o estado com maior rebanho bovino (17,2 milhões de cabeças). Depois, vem Mato Grosso (11,3 milhões), São Paulo (11,1 milhões), Rio Grande do Sul (9,9 milhões) e Goiás (6,9 milhões).

Essa resenha logo faz acudir: no Brasil Central é que está a força bovina do país. Ele é que alimenta os grandes mercados internos (Rio e São Paulo). O Nordeste precisa importar do centro e do sul, e comendo mal. O Rio Grande cuida de si, exporta um pouco, ajuda o norte e começa a dar uma mão de auxilio aos irmãos do centro, fazendo provisões para GB.

A indústria faz a pecuária?

Como em todos os assuntos, nas relações entre a industria e a pecuaria, surge o problema: quem vem em primeiro lugar?

Claro, sem um minimo de existencias e possibilidades de materia prima, nunca se indica uma industria. Seria loucura, por exemplo, montar maquina de beneficiar café no pampa sulino. Mas não erra em principio, por



exemplo, quem, numa area de gado de corte (vamos dizer, o sul de Goiás) faz uma tentativa com pasteurizador de leite e laticínios: tudo dependerá do acesso aos mercados; a materia prima ali existe em potencial, na exploração leiteira subsidiaria dos rebanhos de açougue.

O fato é que se não fossem os antigos saladeiros e cortumes, a pecuaria do interior do Brasil não se teria asentado como atividade economica. Os bois de Garcia d'Avila e da mulher de Martim Afonso teriam se multiplicado, mas acabariam indomesticaveis, bichos soltos nos descampados. A carne não valia nada, matava-se o boi pelo couro no Rio Grande, antes que se introduzisse a charqueada: a carne de sol, com mercado pelo pais todo, deu outro sentido á pecuaria nacional, permitindo-lhe maiores possibilidades industriais.

Entretanto, os nossos rebanhos bovinos foram realmente sacudidos pela introdução da industria do frio. Com a formação das primeiras grandes cidades, geralmente longe dos centros de produção, o boi tinha de ir atrás do consumidor. Na colonia, no Imperio, nos primeiros tempos da Republica, dominava o marchante, o campeador de boi em pé nas distancias, para abate junto das cidades, eis que a carne verde pereceria logo se não fosse dada imediatamente ao consumo. Não se poderia pensar, pois, na matança em massa, nem, muito menos, na exportação: o comercio era de charque e couro, de mercados limitados.

A industria do frio, implantada no Brasil no terceiro lustro deste seculo, permitiu que se desfogassem os serões, com bois beirando a velhice e se fundassem novos currais para o oeste. A guerra da Abissinia, por exemplo, liquidou com os famosos bois de 7 anos que criavam chifre em Goiás. Ao mesmo tempo que abriu o mercado mundial de carnes para o nosso rebanho que jazia no interior, desvalorizado, a industria do frio, conservando a carcassa para transporte longo, pressionou o mercado interno, começando a criar novos habitos alimentares e facilitando o acesso á carne em natureza, mesmo obtida á distancia. Um bife de Barretos começou a saber melhor que um duro filé de Carapicuíba. E vieram as linguiças e as salsichas a granel, e em lata, e os extratos, e o «corned beef».

Tudo isso ampliou o mercado da pecuaria, enriqueceu boiadeiros remediados, e atraiu mais capitais para a criação, a recria e a engorda. Na medida em que as primeiras fabricas se revelaram insuficientes, novas surgiram, e com tendencia a se aproximarem das zonas produtoras. Houve radical descentralização da industria frigorifica no Rio Grande, em São Paulo e outros estados. Minas, no momento, vive essa intensa fase de criação do frigorifico no interior. E com o matadouro á porta, e mais valorizado, e mais util ao povo, e sem as penosas marchas de antanho, o moderno boi do Brasil começa achar, como o poeta, que vale a pena morrer.

Os ladrões de gado no Brasil

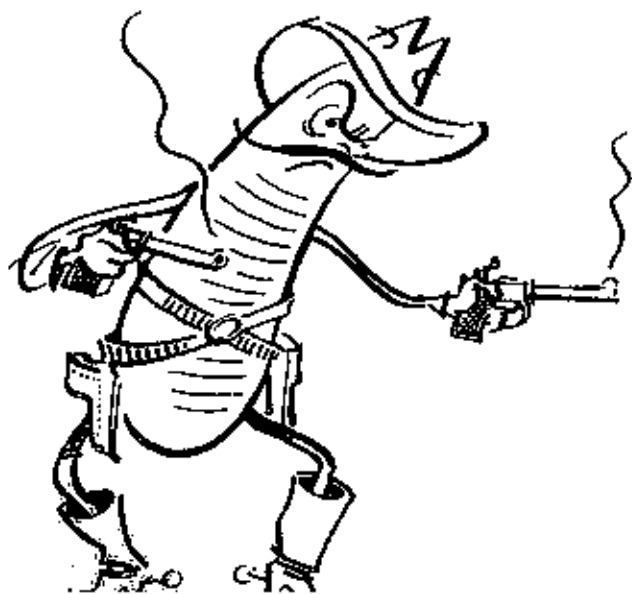
Roubar gado é uma das profissões tranviadas mais antigas do Brasil. Atividade economica dominante nas largas distancias do interior, está claro que a pecuaria era massa apetitosa aos marginais, ao longo da colonia, do império, da Republica. Em compensação, era severa a repressão ao ladrão de gado: de boi, de cavalo, de burro. No juri, passava muito corta-orelha de gente, bem apadrinhado por politico, mas ladrão de animal cortava o doze. Era cana sempre na certa. "Mão pesada

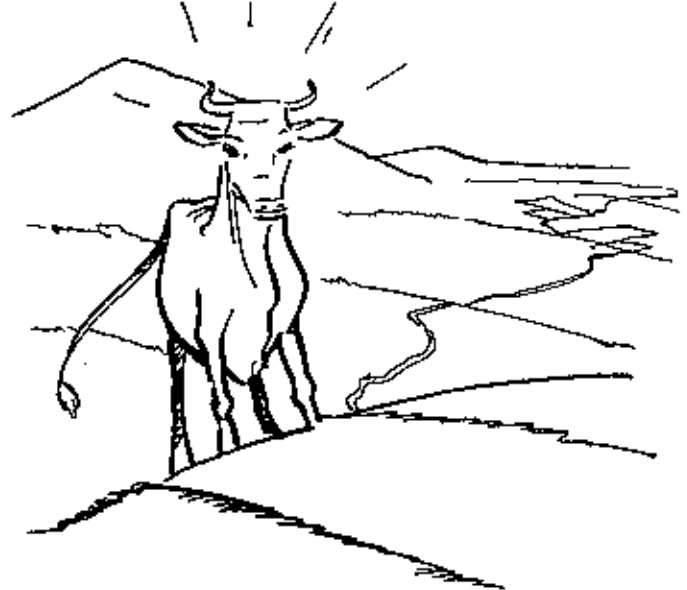
neles!" — ordenavam os velhos coroneis previdentes. Certo: do contrario, que seria da segurança no meio rural?

Em muitos pontos, havia até uma policia particular para repressão ao abigeato (furto de gado). Foi celebre a dos fazendeiros de Mato Grosso, nas áreas da fronteira, de Ponta Porã ao Pantanal. Policia armada, com chefes de instrução militar, cachorros amestrados, e tudo. A materia prima desses "provisórios" de policia eram guaranis paraguaios que viviam tentando a sorte, a serviço geralmente de bandoleiros que raro apareciam. Quem duvidar, pegue para um bom papo o Nhozinho lá em Barretos; ele tem histórias do arco da velha para contar: caçavam bugre ladrão feito bicho do mato. Era a lei do sertão sem lei.

Pois essa tremenda severidade contra o ladrão de gado é meio discriminatória. Pelo menos hoje em dia, não seguimos a tradição de nossos avós. Somos tolerantes como anjos em relação a outros ladrões, muito mais perigosos e efficientes, embora menos sensacionais.

Já dissemos nestes tijolos pecuários esparramados





Os corredores do boi

pela "Revista": começam a roubar gado antes de o bezerro ser concebido no ventre da vaca. Que os nossos avós, preocupados com os ladrões ostentivos, e contando com fracos recursos de técnica e de dinheiro, não providenciassem, vá lá. Mas que nós, em plena marcha batida para o ano 2.000, na era do raio X, do telescópio, do microscópio e do radar, continuemos tontos como quem não enxerga ou não sabe o rumo, é um disparate. Pois tem lá cabimento que um fazendeiro possua no cerrado 1.000 vacas casadoiras e só colha 400 bezerros por ano, como acontece no geral desse Brasil de Deus? Que crime sem nome é esse? Controlar a natalidade, impedir a procriação natural, por falta de oportunidade de acasalamento de machos e fêmeas nos bucólicos pastos e gerais? Somos porventura um país de vacas solteiras? Roubo de gado, no duro, e dos mais criminosos, atingindo a lei de Deus, o 5.º mandamento, no que tem de mais substancial: a multiplicação da espécie. Roumamos o que está por vir — haverá crime mais requintado e nocivo?

E tem a doença, essa outra ladrona. Já disseram por aí: em 1962, de 10 milhões de bovinos que finaram neste país, 30% não chegaram ao matadouro. Morreram de "morte mortida", saugrados pela moléstia, inaproveitados pelo homem. E há as doenças que não matam, mas retardam o desenvolvimento, reduzem o peso: roubam tempo e carne. É o caso da aftosa, endemia em nosso País, o fator preponderante de dificuldades de comercialização externa de nossas carnes. Se dissessemos que hoje a falta de assistência veterinária adequada furta Cr\$ 150 bilhões por ano, estaríamos sendo modestos. E quem bota essa ladra na cadeia?

Nem só a doença nos rouba. Há também a fome, essa surripadora. Nem sempre mata, nem sempre abre caminho para a moléstia. Mas depaupera, atraza o crescimento, reduz o rendimento. Os duros invernos, as estiagens, as inundações arrasam o que de comer do gado. Como não temos uma alimentação suplementar bem provida, o resultado é aquela miséria orgânica responsável por muita proteína que se deixa de oferecer ao consumidor no Brasil. Essa larapia de tempo, trabalho, carne e dinheiro continua quase impune, ainda não pegamos uma "captura" para botá-la em prisão perpetua.

E já que falamos em fome, sabem o que é um boi marchar 60 dias corridos de Mato Grosso ou de Goiás para São Paulo? Pois isso acontece. Batendo corredores erodidos e dormindo em pousos raspados, a marcha é um esvaziamento. Até voltar a ter pele lisa, na invernoada de destino a rez atraza uma enormidade. Toieinho que acumulara, penosamente, nos cerrados nativos, gato comeu na estrada...

E há outros gatos: o transporte ferroviário e rodoviário, ainda sem boa provisão alimentar (o nosso boi viaja como o último dos seres, isto é sem matula); os matadouros primitivos e anti-higiênicos, que perdem muito do que o boi pode dar em carne e derivados; o talho no açougue; o uso na cozinha, com cozinheiras granfinas desprezando nervos e músculos e ossos aproveitáveis. Dá até a vontade de a gente convidar aquele famoso churrasqueiro de Catanduva, que aproveita tudo de tudo de uma rez sangrada, e contratá-lo para fazer um curso intensivo por frigoríficos, tendais, açougues e cozinhas, ensinando o seu método de "pega-ladrão".

Os caminhos neste Brasil são mais velhos do que a gente pensa. Consultemos o mestre Roberto Simonsen e couchiremos: mas esse asfalto quase todo está calçando a vereda feita pelo pé do bugre! Falam: ora, é o caminho de Santos, que não tinha onde escolher. Qual o que? A indiana caminhava de diversos pontos do litoral (caso de São Paulo, essa grande boca do interior do Brasil), galgava as serras e se esperramava pelo sertão a dentro. De Ubatuba, de Caraguatatuba, de Bertioga, de São Vicente, de Itanhaém, de Canancã. No topo da serra, muitas vezes as veredas cruzavam e engrossavam na penetração do Planalto. E se atentarmos bem, os trilhos da Sorocabana, da Mogiana, da Central, foram no rastro da picada dos selvagens. O Anhangüera, Fernão Pais, Raposo Tavares, tantos outros, palmilharam os sertões, para Minas, Goiás, Mato Grosso, Paraná, Paraguai, está certo: mas apenas calcavam as asperas botas onde o pé nu do aborígene já tinha deixado sinal, mais ou menos permanente. Eles foram os primeiros e ainda hoje imitados engenheiros do avanço para o oeste.

O boi também seguiu no rastro do índio. Serviu-se de seus caminhos mestres. Porém, fez mais: abriu trilhos novos, intercomunicando as estradas reais. Foi o autor das primeiras estradas secundárias, dos primeiros ramais, como diríamos hoje: dos primeiros anceis.

Como já andamos contando por aí, o gado surgiu do Reconcavo e de São Vicente e foi fazendo estrada por esse mundo brasileiro de Deus. Capistrano conta que as boiadas de Garcia d'Ávila seguiram no rumo da foz do São Francisco, daí voltaram, subindo para as nascentes; atravessaram o rio, subiram para o norte, desvendaram o oeste. A Casa da Ponte margeou a direita do Rio, veio procurar a "nascente do rio das Velhas", como disse Antonil, o cronista colonial. E depois foi aquela entrada múltipla para Goiás, atravessando o Grande, o Paracatu, o Urucui, o Parnaíba, o Verde... De São Vicente, segundo outros historiadores, houve a marcha para os campos gerais de Curitiba, de Guarapuava (ramal) e a descida, via Laguna, para o extremo-sul. Era o primeiro traçado à larga da atual BR-2. O boi não respeitava caatinga, nem cerrado, nem geral, nem agreste, nem campo: só ladava a imensa floresta tropical, o que explica o

relativo atraso na ocupação das ricas terras de cultura do interior: para povoar a mata, só derrubando, e isso era muito caro para os pobres boiadeiros da colônia.

Hoje, ainda se notam no país, os grandes roteiros do gado de corte. Há o caminho do Pantanal (zona de criação) para o refrigerio da serra de Maracaju (Mato Grosso), coisa aí de 60 dias de marcha a pé. Há a rota bifurcada, de Maracaju para o Porto XV ou Junqueira, no Paraná. Há o caminho de Coxim para o porto do Taboado, também no Paraná. Há as grandes rotas do centro e do sul de Goiás, para São Paulo, via portos Antonio Prado, do Cemitério, do Antunes, onde hoje em geral se erguem pontes, mas que já foram atravessados em balsas inseguras, a remo ou a motor, ou mesmo a vau, no Rio Grande. E vêm ainda para São Paulo os asperos corredores de Paracatu, de Patos, de Araxá, de Ituiutaba, de Cristalina...

E os corredores de refrigerio, usados na seca, da beira do São Francisco para os gerais do Rio Corrente, na fronteira de Goiás? E os caminhos baianos para o Piauí? E as estradas de Carinhonha e Xique-Xique para Mundo Novo e Rui Barbosa, zonas de invernada? E daí para Feira de Santana o mercado tradicional? E os corredores que de Feira procuram Jeremoabo, atravessam Sergipe e Alagoas e vão dar em Caruaru, outro grande

mercado vacum? Do norte e do nordeste de Minas, há caminhos das áreas criatórias para as de inverno, ladando ou atravessando o Mucuri, o Jequitinhonha, o Doce. E no sul, há os corredores de gado de Guaparuava para Ponta Grossa, da Vacaria para a encosta da serra, da fronteira para Santa Maria...

Tudo isso hoje muito mexido e cruzado pela ferrovia e pelo asfalto, que já fazem diminuir a porcentagem do boi andarilho. Mas que ainda não mudaram a feição essencial dos velhos «corredores»: comitivas tangendo gado magro dos campos e cerrados de Mato Grosso para as invernadas paulistas da Noroeste e da Sorocabana; dos campos e cerrados do Triângulo e de Goiás, para as invernadas da Paulista, da Mogiana e da Araraquarense; das invernadas de Montes Claros, Teófilo e Valadares para os matadouros de Belo Horizonte e Rio; das caatingas de São Francisco para os pastos artificiais do Sudoeste Baiano (Itapetinga, Itambé...) e de Mundo Novo, Rui Barbosa e Feira; e levando gado mineiro e baiano para Pernambuco, e já começando a trazer gado do sul para o Rio e São Paulo. O boi, que ganhou o sertão, fazendo o caminho do bugre, está fazendo a eterna viagem de volta, mais enjoado: anda preferindo vagão de estrada de ferro e carroção de roda de borracha. E em corredores de asfalto, o comodista!

O QUE O BOI DÁ, O QUE PODIA DAR

O boi brasileiro não é muito mão aberta. Se as estatísticas estiverem certas, em 1962, de cada 100 cabeças de vacuns existentes no país, foram utilizadas no matadouro apenas 9%.

Ora, isso é uma ridiqueza: para não irmos longe, às Europas e às Norte-Americanas, espionemos a vizinha Argentina: de cada

100 cabeças, 20 reses abatidas mais ou menos.

Alem de arisco, o nosso boi ainda capricha em morrer de carne bem minguada. A media nacional de um novilho crescido e aparecido (aí de 4 a 5 anos) é de 212 kg no matadouro (1962). Isso, sem contar as vacas e os vitelos que diminuiriam o peso.

Pois, na mesma Argentina o peso medio de um novilho propriamente dito anda em torno de 260 kg de carne limpa. O mais intrigante é isto: o boi ali morre mais novo, entre 2 e 3 anos, quer dizer é mais precoce, come menos tempo, desocupa lugar mais depressa. Fica mais barato ao homem, em suma.

O Brasil, porem, não é uma coisa igualada. Em alguns pontos, a situação melhora. Por exemplo: em São Paulo, o desfrute é de 18 a 20% (com a ajuda substancial de gado criado em estados vizinhos, embora), e no

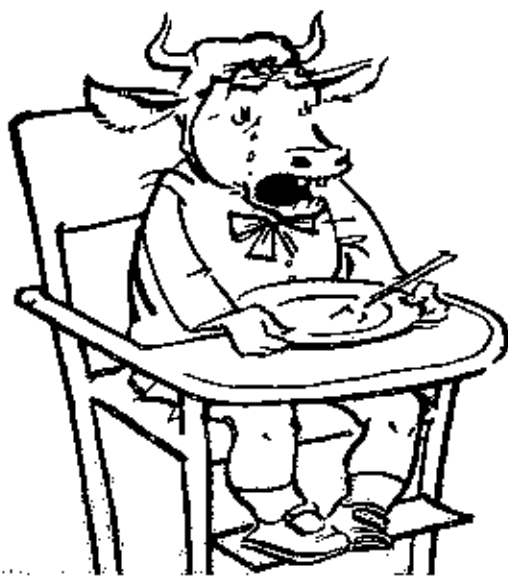
Rio Grande chega a 11 a 12% em certos anos, e com esporádica ajuda ou desajuda de uns contrabandos de fronteira.

No peso, tambem, a coisa muda em certos lugares. No Rio Grande, com 4 anos, um novilho de puro campo, mas com boa porcentagem de Hereford ou Shorton, rende 250 kg no frigorífico. Em São Paulo, mestiço zebu que se prese, de 4 anos acima, na força das aguas, pode dar, com simples capim colônia ou jaraguá, coisa aí de 18 a 19 arrobas.

Quer dizer, no fundo, a culpa não é do boi. Se cuidarmos bem dele, poderá dar mais de si, tanto em cabeça, como em peso por cabeça.

Por exemplo: formando mais pastagens artificiais. Ou melhorando essas pastagens, entre-meando-as de leguminosa. Adubando-as um pouco. A comid

(Conclui na página ao lado)



Por que a carne é de vaca?



A resposta está na cara, na própria linguagem popular: porque é carne de vaca, quer dizer, mais comum, quase chata.

O cronista já disse que ela hoje não anda muito carne de vaca assim. Certo. Mas qual outra para tomar o lugar dela em nossas cozinhas urbanas?

Falam muito na carne de porco. E têm feito o diabo para que essa possa aparecer mais. Não aparece, porém: primeiro, porque é mais cara; segundo, porque comer carne de porco no trivial, não há estomago de cidadão brasileiro que agüente. Isto aqui, não são regiões articas! O lombo de suíno é coisa domingueira, e com muitas cautelas.

Vêm com a carne de cabrito. Na Bahia, onde cabra é mato na caatinga, tentaram em 1963, para suprir os buracos da carne de vaca em Salvador. Resultado: o bode ficou tão caro como o boi, os extravagantes baianos começaram a ficar estomacalmente nostálgicos do bife.

Ah! mas carne de carneiro, um bom churrasco de ovelha... Literatura. Carne de carneiro, paulista e carioca só comem enganados. Ou em noite de macumba. Isto aqui não é a Síria, bolas! Depois, acontece o seguinte: no Rio Grande do Sul, pa-

tria eleita da ovelha nacional, o negocio é a lã. Carne de ovino só para matar a fome dos piões da estância.

Carne de galinha... Melhorou um pouco. Mas quanto custa um frango? E um quilo de frango, já viram o que ele rende na cozinha em comparação com um quilo de boi de primeira? E, depois, já se viu alguém ficar rico criando galinha? A granja é uma vida aspera: rações pela hora da morte, faltando de repente, molestias que chegam como que por milagre do demo, é uma luta insana, quase desaminadora. Ainda não selecionamos a raça mais indicada para este ou aquele fim, vivemos a importar. E ainda não organizamos uma retaguarda agrícola que permita o suprimento nacional em ordem das galinhas. Basta dizer que o forte, o farelo e o farelinho de trigo, ainda vem, no grosso, de fora... Como fazer avicultura sem dispensa cheia o ano inteiro?

A experiência, aliás, é secular: Garcia D'Ávila soltou uns casais de boi pelo Reconcavo, certo dia foi ver, e tinha um rebanho. Se lançasse os mesmos casais nos já então existentes carrascais de Brasília, e juntasse de vez em quando um punhado de sal, seria o mesmo quase: anos passados, tinha uma boiada. E se ele tivesse soltado uns casais de porcos, ou de ovelha, ou de galinha — ou ficavam selvagens, ou acabavam mortos de fome. Ou de cobra... Ah! mas tem o cabrito. Sim tem o bode, esse motor da erosão, que arrasa as terras ainda as mais densas e adustas para nos dar umas grammas de carne dura e um leite magrelo e enjoativo. Cabra, no mesmo regime extensivo do boi, quer dizer deserto. Não ouviram falar de montes que deslizam sobre os lagos no sul caprino da Itália?

Em suma, eis a conclusão carne de vaca: ou resolvemos o problema alimentar das outras espécies de animais de corte, ou vamos mesmo é com os boisinhos. E não nos devemos esquecer do habito, aluno esperto de economia, que poderia protestar.

Falamos tanto e não falamos do saboroso peixe, esse ausente e granfino. Bom, o mar está aí, às ordens, os rios, os lagos. Por que não vão pescar?

O QUE O BOI...

(Conclusão da pág. 20)

fica melhor, mais nutritiva. Outro exemplo: reduzindo as marchas longas, a pé, ou de trem: boi que caminha demais, sem comer e beber direito, perde peso, que custa a recuperar. Dizem que também dividindo melhor o mesmo pasto, e fazendo rodizio nos pastinhos da divisão, o aproveitamento é melhor, muito melhor mesmo. Tudo isso sem falar em outras comilanças, de mais truz: concentrados, melaço com ureia, silagem, fenação, etc. Talvez coisas ainda um pouco distantes da presente realidade pastoril da nação.

Onde o serviço seria mais fácil talvez: nos cuidados sanitários. Em 1950, 4% do rebanho morreram de morte natural... Um desperdício, em país que come tão poucas proteínas animais. E como admitir que 100 vacas parideiras reproduzam apenas 40 bezerros por ano, em Mato Grosso, se temos exemplos em São Paulo, de 80, de 90?...

REVISTA DOS CRIADORES

Assinatura anual:

Cr\$ 2.500,00

Para pedidos dirija-se à

Rua Canuto do Val, 216

São Paulo

A comida do boi

Comidas, eis onde a porca torce o rabo do boi no Brasil. Se tivéssemos aqui os campos de alfafa da Argentina, ou as leguas de centeio e aveia dos EUA, e com o gado que já temos, precisaríamos talvez inventar balanças especiais de segurança nos matadouros. Capaz, do contrário, de algum novilho arrebentar os pesos.

A boia do nosso gado bovino de corte varia conforme a região. No extremo sul, dominam as gramíneas e leguminosas naturais. Na região missioneira, onde antes dominava o trigo, araram os campos e fizeram boas invernadas artificiais. O problema é o inverno, com geadas e nevascas, e sempre com muito frio: não havendo rações guardadas, não há verde que baste.

No Brasil Central, nas terras ruins, de campo ou cerrado, o pasto, em regra, é o natural. É fraco: não proporciona engorda, apenas permite a cria e, em alguns cerrados melhores, a recria. Nas terras boas de cultura de São Paulo, do norte do Paraná, do sul de Mato Grosso, do sudeste e centro-sul de Goiás e do Vale do Paranaíba mineiro e no norte e nordeste de Minas, formam-se pastagens de gramíneas. O capim mais frequente é o colômbio, seguido do jaraguá e do gordura (catingueiro). Introduz-se agora o pangola, e sempre há algo de sempre-verde, quicuo e outros de menor difusão. Nessas invernadas artificiais, o boi dá boa engorda, e o colômbio e o pangola resistem satisfatoriamente à forte estiagem que vai de abril a setembro: tanto que nas zonas onde

medram mais, sai muito novilho gordo na seca. Dizem mesmo que aí, a diferença entre boi nas águas e na seca em matéria de peso está diminuindo. O Frigorífico T. Maia, de Araçatuba, em 1962, tirou no apogeu das águas um boi com rendimento médio de 248 kg; pois no apogeu da seca, conseguiu a média de 244...

No nordeste, salvo pastagens nas terras de massapé litorâneo, e algumas manchas boas de terra de cultura, como a do Sudocste baiano, domina a caatinga. Muito rica no inverno (chuvas), mas semi-desértica no estio (a maior parte do ano). E quando não chove até ao São José, de março, o deserto é o ano inteiro: boi, ou emigra, ou estica as canelas, de fome.

Essa é a situação, pintada ao largo. Claro, aqui e ali, há mudanças e melhorias. Há muito boi de açougue alimentando a palma ou a algabirola (de formações artificiais) no nordeste. E o uso de concentrados, de porta de cana, etc. constitui recurso mais ou menos generalizado neste ou naquele ponto do país. A moda, agora, é melaço com uréia, com os animais em confinamento. Talvez seja um «oitenta» demasiado grande para quem ainda anda no «oitenta»...

Para que a alimentação dos bovinos de corte melhorasse sensivelmente no Brasil, permitindo animais mais precoces (peso ideal em menos tempo), seria necessário que se associasse mais intensamente a agricultura à pecuária. Fazenda de gado com reserva de terras para o cultivo sistemático de cereais e cana estaria com meio caminho andado para permitir uma comida mais rica aos bovinos. Isso naturalmente seria melhorado se a industrialização (açúcar, cereais, etc.) se associasse mais fortemente à atividade do empresário rural, de maneira direta ou indireta, pois assim certos resíduos (farelos, tortas, bagaços, melaços, etc.) poderiam compor com mais frequência o «menu» das boiadas. Desse complexo agropecuario faria parte naturalmente o rodízio periódico entre pastagem e lavoura, associação, no campo, de leguminosas e gramíneas, melhor subdivisão das invernadas, etc. A intensificação da pecuária requer um pecuarista «doublé» de agricultor. Com as terras encarecendo, a pressão demográfica aumentando, o vacum fica cada vez menos um produto extrativo: o pé de boi começa a querer pisar pé de planta refinada, cansado dos espinhos da caatinga e do cerrado.



Que negócio é esse?

Não seria exagero estimar a renda bruta da pecuária de corte em 1963 em cerca de Cr\$ 400 bilhões. Isso falando só no gado abatido, sem lhe acrescentar o valor da carne e derivados vendidos no atacado, isto é, sem computar a margem da industrialização.

O boi de corte é negócio sobretudo da região fisiográfica do sul, onde vale cerca de 60% do total nacional. São Paulo costuma pesar com 40% do valor dos animais sacrificados. É o principal parque nacional de carnes e derivados. Mata aí coisa de mais de 2 milhões de reses por ano, ou seja 30% do conjunto do Brasil. Como, porém, o seu boi vale mais que a média nacional, a participação na renda bruta é relativamente mais elevada (40%).

Mas São Paulo não trabalha sozinho. Grande parte do gado que morre por aqui (negócio aí de 1 milhão de cabeças) vem de outros estados, de Minas, de Goiás e de Mato Grosso. Em Mato Grosso, aliás, está hoje a principal corrente das emigrações bovinas para São Paulo: em geral gado magro que vem invernar aqui, acabando-se para o abate.

Não havendo dados recentes sobre renda nacional em 1963, não se pode ter ideia do valor do boi no conjunto econômico. Mas, em 1961 o boi abatido equivalia a cerca de 20% da renda agropecuária nacional. E se lhe adicionássemos o «contingente industrial», seria possível admitir que estaria contribuindo aí com cerca de 8% para a formação do famoso produto interno bruto.

Já que estamos mexendo nessas farofas econômicas, será bom informar que o preço do boi tem subido muito nos últimos anos. Em São Paulo (índice do Brasil Central é termo de referência do resto do país), a cotação do novilho entre 1953 e 1963 subiu cerca de 1.900%. O boi subiu mais que a inflação que, no mesmo período, marchou aí coisa de 1.400%. Mas parece que o mestiço paulista de zebu está começando a por a língua de fora: ano passado, ele avançou 63% sobre 1962 e a inflação galopou a 80%. Também, como resistir a esse sputnik que é a inflação brasileira?

Com tudo isso, o boi vem sendo um bom negócio. Em São Paulo, durante 3 anos, chegou a suplantiar o café como principal fonte da renda agropecuária. Em 1963,

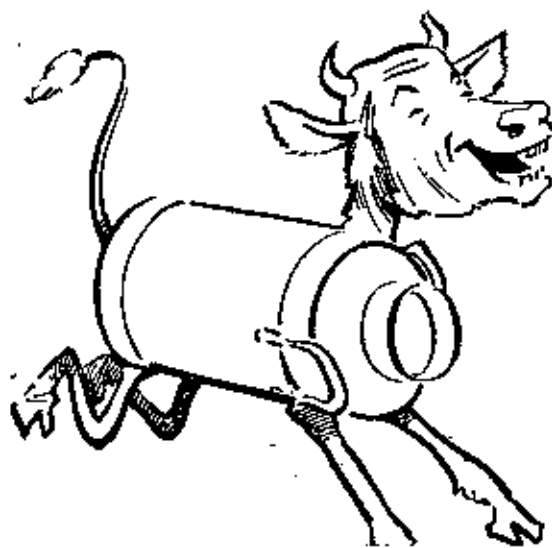


cedeu lugar de novo. Mas as dificuldades da empresa rural em outros setores, devido a problemas de preços e trabalhistas, atraem capitais e terras para a pecuária de corte, que exige menos investimento em instalações e folha de pagamento mais modesta pelo movimento de vendas. E dá menos dor de cabeça; dizem até as más linguas que o boi costuma engordar a si e ao dono...

Nem sempre, porém, foi assim, o bovino conheceu crises sérias como entre 1930 e 1935, como depois da guerra, como entre 1952 e 1957, quando ficou bancando carro de boi da inflação. Entretanto, neste mar especulativo da economia brasileira tem a vantagem de servir de uma espécie de seguro do capital, pois é sempre um cofre ambulante, a carregar riqueza para um mercado cada vez mais avido de proteína animal.

BOI PODE DAR LEITE

A produção moderna de leite exige a especialização. Gado de corte é de corte, leiteiro é leiteiro. Como a galinha: umas botam, outras preferem a panela. Mas, assim, como se pode aproveitar um pouco do ovo da galinha de açougue e um pouco da carne da galinha de ovo, assim é possível tirar leite do rebanho de corte e carne do leiteiro. Exemplo é o vitelo, ou o nonato, que sai dos



retiros para os magarefes. E por que na fazenda de gado de corte, não se pode produzir algum leite para o comércio, por que, enfim, o boi não pode dar leite?

Aliás, não se está dando nenhuma receita espírita. Em São Paulo e Minas, à medida que o asfalto chega, muito criador de gado zebu comum, pressionado pelos laticínios que se depositam na estrada, vai caindo na tentação de enchê-los para a usina ou o posto refrigerador. Sempre são mais uns cobres para tocar a fazendola, mandar um menino ao colégio, comprar alguma roupa para as meninas. Grande parte do avanço da produção leiteira na bacia Rio-São Paulo se tem feito à custa dessa atividade marginal de fazendas que têm ocupação básica de fazer bezerro para o corte.

Agora que o caminhão ronca em tôdas as direções, com a estrada pavimentada começando a chegar a áreas pastoris de tradição exclusiva de açougue, a coleta de leite poderá aumentar substancialmente. Aliás, as usinas já começam a afundar no sertão, até em áreas de cerrados. Pois, muitos pecuaristas procuram costear mais a vacada, fazendo madrugadas para furtar um pouco do leite do bezerro.

Furto, por sinal, meio benéfico. Pois nas criações extensivas, o bezerro sofre como um danado para estar sempre agarrado ao úbere da mãe. Esta tem outras obrigações, consigo e a comunidade bovina, tem lá os problemas sentimentais, e há a luta dura pela vida no campo solto. Com um mínimo de instalações, bons poteiros, para depósito dos bezerros, estes, com mais calma, em

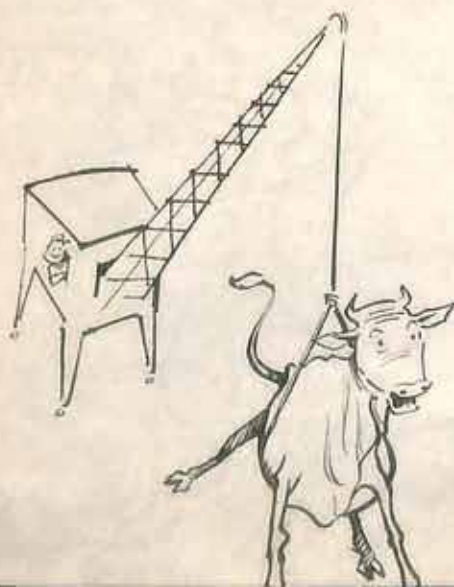
horas determinadas, na pachorra do curral, poderão ter oportunidade de obter o que lhe compete das tetas maternas. Pode deixar um resto para os nenês humanos, que passam apuros neste país para seguir uma conveniente dieta lactea.

Seria bom, porém, que os fazendeiros não esperassem aprovação da usina. Poderiam tomar iniciativas, agora que o boi de corte está dando dinheiro e permite melhorar instalações na fazenda. Procurar contactos, tentar até cooperativas regionais, a fim de dar destino útil a uma riqueza que brota do flanco da pecuária de corte e se perde em geral nas fazendas.

Haveria muitas vantagens na precipitação de um processo fatal. Haveria aumento da renda pecuária, com benefício para o empresário e seu pessoal, nesta época de leis trabalhistas invadindo o campo. Os custos da produção do bezerro diminuiriam. Haveria manejo mais intenso das vacas, prevenindo-se assim muita moléstia. Aumentaria o interesse nas parições. O bezerro mamaria mais descansado e provavelmente se alimentaria melhor. As ordenhas dariam mais vida às fazendas tristonhas. E teríamos mais leite para a nossa população humana que, nas zonas de mais exclusiva pecuária de corte, ainda passam necessidades do alimento. Se duvidarem, deem uma chegada a Vitória da Conquista, opulenta capital do Sudoeste baiano pecuário, reduto de boi de corte, e peçam um copo de leite no excelente hotel local, com apartamento, elevador e ar refrigerado: será em pó e de São Paulo...

Conversa de exportar ou de importar?

Uma das grandes manias nacionais é exportar. Explica-se: dependemos ainda muito de coisas essenciais do exterior, temos dívidas eternas a saldar, e o «complexo de culpa» de autoridades e empresários explode sempre no lema: «fazer mais divisas para o Brasil!»



Às vezes, o lema esconde apenas o desejo individual de fazer negócios vantajosos. No caso da carne, vez por outra isso acontece. Depois da guerra, à parte o «grande esforço» de 1959, de que até hoje o mercado interno paga juros, a exportação saiu praticamente do primeiro plano dos negócios pecuários. Só ficaram resíduos no Rio Grande, e cada vez menores. Se a exportação, que trouxe a indústria do frio para o Brasil, foi a «grande atração» do espaço entre as duas guerras, depois da última o mercado interno avassalou as atenções. E foi até na cauda dele que se formou a dantes tão almejada «indústria nacional de carnes», entendida como aquela controlada por empresários tipicamente brasileiros.

Em 1940, exportamos cerca de 141 mil toneladas de carnes bovinas de diversas categorias (conserva, congelada, resfriada, seca e salgada). Produzimos, então, 766 mil toneladas das

mesmas carnes. A exportação drenou, assim, cerca de 18% do volume aparente (na realidade, bem mais, porque houve muita saída de carne em conserva que representa considerável redução de peso em relação à verde, dominante no abastecimento interno).

Em 1960, exportamos menos de 14 mil toneladas (dez vezes menos que em 1940), e a produção nacional foi de 1.197.000; a cota aparente da exportação mal passou de 1%. São dois anos — símbolo: por mais que peguemos outros anos, sacolejemos, façamos médias bizantinas, não fugiremos da realidade de que a exportação perdeu todo significado no parque pecuário brasileiro.

Se para mal, ou para bem, difícil ainda concluir. Houve modificações substanciais na fisionomia econômica e social do país, nos últimos 20 anos, e isso teria de influir na mudança das

tendências do mercado interno. O fato é que toda carne que se lança nele encontra saída: pelo menos a que se consegue produzir. Ainda em 1963 a troca de uma pequena exportação nacional (coisa aí 25 mil toneladas de carcassa), precisamos racionalizar o consumo no Rio e em São Paulo. Até «conned beef», que era refugado pelas antigas donas de casa, «mal acostumadas», acha mercados ávidos no norte e nordeste, onde a carne em natureza é de acesso mais difícil e o charque está ficando pelos olhos da cara.

O amolante é que, estamos jogando toda a carne bovina no mercado interno, e não há meio de o consumo «per capita» reagir. Em 1940, ano

ruim, degustávamos aí cerca de 16 kg por habitante, em 12 meses; em 1960, mal chegamos a 17 kg. E nestes dois últimos anos, há indícios de queda do consumo individual médio. Mesmo na cidade de São Paulo, em 1962, cada paulistano obteve menos carne em casa do que em 1958 (44 kg contra 45 kg). E a carne sobe de preço, como se deduz do avanço das cotações do gado, que deixamos marcados num destes tijolos. Sobem mais que os preços em geral: quer dizer, a procura continua maior que a oferta, o poder aquisitivo se eleva, a produção de bovinos de corte não reage satisfatoriamente.

Num panorama desses, como falar em exportar, salvo casos especiais? A

conversa está caminhando para o lado avesso da história: em matéria de comércio exterior, mais caminhamos para a posição difícil de importador. Em 1963, já se falou muito nisso, e houve escândalo. Em 1964, talvez falassem se a carne argentina e uruguaia não estivesse ainda mais cara que a nossa. Falarão em 1965, e qualquer dia, de tanta conversa, a importação poderá parecer algo de muito natural...

Batamos três vezes na madeira! — exclamaram. Esse cara roga cada praga... Isto o difícil, senhores: enxergar as coisas, ter a coragem de dizer, e ainda passar por Jeremias. Que — os fatos bíblicos provaram — tinha carradas de razão.

TAMANHO É DOCUMENTO?

Falam os que se acreditam doutos: pecuária é distância, fazenda pastável deve contar-se por leguas. Claro, falam dentro da tradição, e como se o Brasil fosse viver eternamente desfrutando os favores da natureza, sem cuidar de melhorá-la e aproveitá-la mais intensamente em seus ocultos guardados.

Em muitos outros países não acontece assim. Ah! — dirão — Lá vem você com prosas norte-americanas e europeias, de terras privilegiadas onde medram agriculturas de cereais, secundários, que tornam o pasto um simples passeio. O cronista, então, falaria com a Índia tropical...

O fato é que, segundo levantamentos oficiais, a terra cultivada para internada de gado neste país, não vai além de 2% sobre a área total de pastagens. Quer dizer: as boiadas comem o que a natureza lhes põe à disposição. Dentro dessa realidade, claro que só a imensa propriedade pode fazer pecuária de corte.

Mas há indícios de mudanças que dão o que pensar. Assim, em São Paulo, em 1959, segundo levantamento

da Divisão de Economia Rural da Secretaria da Agricultura, nas propriedades entre 3 e 9 hectares, a presença de gado na pastagem era de 1,39 cabeças por hectares. Depois, vai decrescendo, passando por 1,08 entre 10 e 29 hectares chegando a 0,91 nas propriedades 100 a 299 hectares, até chegar ao mínimo, com 0,74 nos estabelecimentos de mais de 3.000 hectares. Quer dizer: na pequena propriedade, aproveita-se mais o espaço, e assim, se ao invés de 1.000 propriedades pastorais de mais de 1.000 hectares, por exemplo, tivessemos a mesma área ocupada por elas (1 milhão de hectares) 100.000 de 25 hectares, ao invés de uma população animal teórica de 740 mil cabeças, teríamos a de 1.080.000.

Esse é apenas um indicio, mas revela que, tendo o homem mais capacidade subdividida poderá redundar em dade abarcadora de administração, a presença de mais gado. Se ponderarmos a falta de capital de investimento do pequeno proprietário a ausência de amparo oficial que sofre e o fato de ser em regra mais atrasado techni-

camente que o médio e o grande, tem-se ideia da importância do tamanho de área no dimensionamento do estabelecimento pecuario mais produtivo.

Ponderou-se o pasto, e ele só por si talvez não viesse a representar uma garantia de que os pequenos estabelecimentos pecuarios se tornassem economicos. Seria necessário que, no sítio, se organizasse toda uma agricultura voltada para a alimentação animal. Se,

(Conclui na pág. 74)



Que será amanhã?

Se empilharmos todos os tijolos que esparramamos pela revista, marcando a nossa pecuária de corte, poderemos cruzar os braços e perguntar: e, agora, seu Pedro, que vai acontecer?

Essa, a espiga: desvendar o futuro. Falar do passado é gostoso, do presente é fácil, mas chegou na hora de predizer, começa a complicação. Sobre tudo para quem não gosta de adivinhar e prefere condicionar os fatos futuro aos fatos que se estão desenrolando. A ginástica é árdua, e nem sempre bem recebida. Pois o povo topa mais os advinhos, que têm mais imaginação...

Do ponto de vista imediato, na pecuária de corte do Brasil, temos um grave problema a resolver: o do abastecimento da entre-safra. A carne, na seca, está ficando cada vez mais difícil e cara. Isso, porque, crescendo o consumo interno, e não havendo provimentos especiais, a produção da seca já não basta, como chegou a bastar, para atender ao mercado interno.

Não que a produção para o estio não tenha melhorado. Num

dos tijolos, ficou nítido que em certas zonas já se tira boi com peso quase igual aos das águas. Mas a quantidade é menor. Depois, isso acontece em São Paulo, mas não acontece no Rio Grande, onde o inverno é de rachar, nem em Minas e Goiás, onde a estiagem é total, de abril a setembro, nos anos melhores.

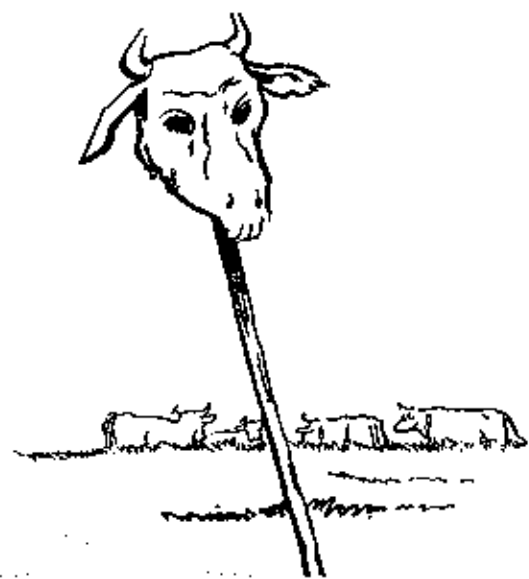
Haverá, pois, de se resolver de vez o problema da estiagem de carne congelada, com aproveitamento do excesso natural da fase das águas (da "safra") para reforço dos suprimentos na seca ("entre-safra"). Quer dizer, precisamos distribuir entre setembro e novembro a sobra de abril a junho. Mas não é só carne congelada: devemos estocar charque, carne em conserva (o nordeste já importa mais de 3 mil toneladas do sul!), e mesmo boi. Como? Pois se o boi está no pasto... Certo, está no pasto, senhores, mas não está à disposição do consumidor. Se a estocagem em geral se deve fazer sob controle oficial, por meio de financiamento especial, o boi não deve escapar: pode ficar no pasto, mas escolhido, e às ordens do consumidor, sob responsabilidade do abatedor, fiscalizado pelo governo. Não será um agente de especulação; mas mercadoria que se venderá a preço predeterminado, em época certa, como agente moderador de altas estacionais.

Ou fazemos assim, ou teremos de mudar a quaresma para o segundo semestre (entre-safra) e obter da Igreja ordem geral de abstinência de segunda a sábado... Mesmo porque, como ficou claro em outro tijolo, as outras carnes são umas hipóteses.

Esse é um problema imediato. Há outros, porém, de curso mais longo, mas que não podem ser relegados às calendas. Devem ser enfrentados desde já. Controlar rigorosamente a exportação, estabelecendo-se condições e cotas para saídas anuais, sempre depois de assegurado o abastecimento interno. Intensificar o criatório e a engorda, a ver se o descompasso entre o aumento da população e do seu poder aquisitivo e o da carne bovina se reduz, e não fiquemos a clamar, como agora, que em 20 anos (1940 a 1960), a população humana subiu 73% e a produção de carne de vaca elevou-se apenas 56%, deixando portanto de ser muito de vaca... Obter boi mais precoce (alimentando-o melhor, reduzindo as migrações durante a fase de desenvolvimento da rez e matando-a mais perto de casa). Obter boi de melhor rendimento, mediante seleções zootécnicas mais bem orientadas, valendo-nos desse imenso e atraente material de zebu que temos à mão.

Depois de certa pausa, quando cessaram as exportações, começou o progresso industrial da carne no país. Melhoraram os equipamentos. O número dos estabelecimentos que aproveitaram satisfatoriamente o boi aumentou. Desperdiça-se menos gado nos matadouros municipais e meio rural. (63% em 1952 contra 55% em 1962). Há mais experiência zootécnica e agrostológica, há melhores possibilidades de assistência veterinária, com melhor conhecimento das moléstias e os meios de debela-las.

(Conclui no pág. 73)



NELORE RÚSTICO, PRECOCE E PESADO

25 ANOS DE ESMERADA SELEÇÃO

A Prova de Ganho de Peso ("Feeding-test") é um processo científico de seleção de animais para melhoramento dos rebanhos de corte. Baseia-se na premissa de que a tendência para ganhar peso se transmite por herança, sendo influenciada por processo análogo ao que regula a capacidade individual de produção leiteira. Assim, da mesma forma que os descendentes de uma grande produtora de leite herdaram essa qualidade, os filhos de um animal que na prova de ganho de peso revelou aptidão para ganhar peso são portadores dessa valiosa tendência para a produção de carne. Esses concursos destinam-se, portanto, a indicar os reprodutores dotados de tal qualidade econômica, indispensável num rebanho de corte. Introduzidos em nosso País, em São Paulo, em 1951, esses certames vêm testando centenas de tourinhos e novilhas nos principais centros pecuários do Estado. Em 1958, a FAZENDA BONSUCESSEO apresentou, na Prova de Ganho de Peso de Araçatuba, o reprodutor **ELETRICO**, filho de **DELÍRIO**, que nos 144 dias de duração do concurso registrou 182 quilos de aumento de peso. Com esse esplêndido resultado, **ELETRICO** mantém o recorde de ganho de peso nas provas realizadas em São Paulo, impondo-se de maneira categórica aos concorrentes das raças Nelores, Gir, Guzerá e Indubrasil pertencentes a centenas de criadores paulistas.



LOTE GRANDE CAMPEÃO no Concurso de Bois Gordos de Araçatuba, em 1957, com a idade de 2 dentes e o peso médio individual de 497 quilos.

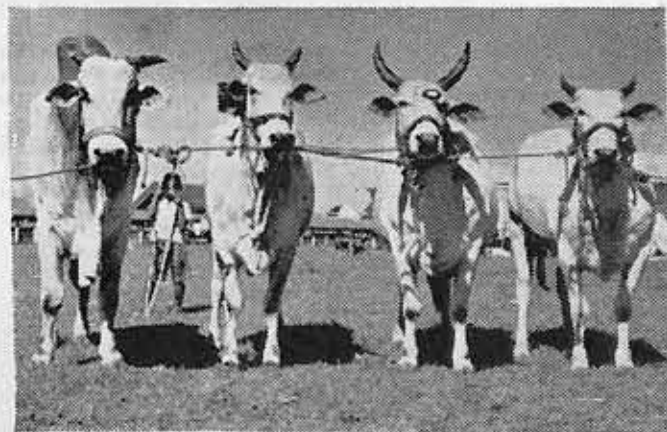


FIDALGO, reprodutor Nelore puro, premiado em Araçatuba, em 1962, adquirido do dr. Jayme Machado, criador no Estado da Bahia.

Aproveitando as invejáveis qualidades econômicas de **ELETRICO**, a FAZENDA BONSUCESSEO destinou-lhe importante setor do seu selecionado plantel Nelore, objetivando elevar cada vez mais o seu padrão racial e econômico.

CONTRA FATOS NÃO HÁ ARGUMENTOS

A FAZENDA BONSUCESSEO, dentre os inúmeros prêmios e campeonatos conquistados em 25 anos de seleção do Nelore, destaca a vitória do touro **ELETRICO**, o lote **GRANDE CAMPEÃO** do Concurso de Bois Gordos de Araçatuba, em 1957, e as excelentes médias de de peso que os seus animais estão alcançando, do nascimento aos 24 meses de idade, no controle de desenvolvimento ponderal, realizado na própria Fazenda.



CONJUNTO CAMPEÃO DA RAÇA NELORE na Exposição de Araçatuba, em 1957, formado por **ORADOR**, **INVENÇÃO**, **GRATA** e **ERVILHA**.

FAZENDA BONSUCESSEO

Caixa Postal 212 - GUARARAPES - Tel. 6, Rubiácea - Est. de São Paulo

Em São Paulo:

Walter Henrique Zancaner - Tel. 8-2856

Arnaldo Zancaner - Tel. 52-7991

VENDA DE REPRODUTORES MACHOS E FEMEAS 7/8, CONTROLADOS E REGISTRADOS

Ensaio de engorda de bovinos em confinamento

DR. F. FABIANI

Há muito que vivemos inconformados com a qualidade da carne e com a idade dos bovinos para a matança; a carne sempre dura e o gado, na grande maioria já com os dentes na fase da «boca cheia». É por isso que, em defesa da economia do criador, vimos há vários anos insistindo na necessidade de abreviar o período de recria e engorda.

Vários fatores têm contribuído para essa situação e impedido que nossa campanha alcançasse a devida repercussão, destacando-se:

1. O preço relativamente baixo das terras. Pouco valendo o alqueire da terra havia possibilidade do criador dispor de grandes áreas (grandes demais mesmo).
2. Facilidade de financiamento para compra de bois magros.
3. Juros razoáveis
4. Preços pouco compensadores da carne e dos subprodutos animais.
5. Desvalorização mais ou menos lenta da moeda.

Hoje, no entanto, as condições são totalmente opostas:

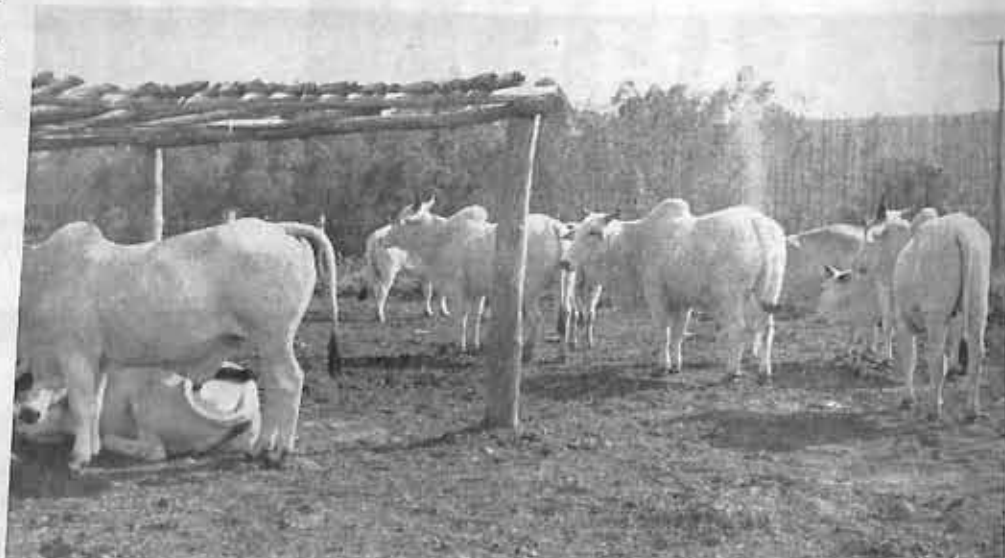
1. O valor da terra subiu tanto que não é mais admissível o seu mau aproveitamento. Não se pode mais conceber a proporção, antigamente corrente, de uma cabeça em média por alqueire e por ano.
2. O preço da carne, embora ainda aquém da paridade internacional, tornou-se bastante incentivador.
3. Modificando a fisionomia do mercado da carne, tivemos, ainda, a inversão do que ocorria com os financiamentos, juros e inflação: o dinheiro para compra de

bois magros, além de escasso, é hoje gravado por juros tão elevados que não é possível, sob pena de sérios prejuízos, prolongar por muito tempo o período de engorda.

4. Por fim, coroando todos esses fatores, que obrigam à substituição da atual rotina por métodos capazes de levar ao melhor aproveitamento da terra, ao rodízio mais rápido do capital e à produção de carne melhor, surge a inflação galopante.

Aconselha-se, então, a engorda em confinamento, como recurso capaz de conciliar os interesses do criador com a nova conjuntura e, ainda, de lhe proporcionar vantagens suplementares. Dentre estas, todas de ordem técnico-econômicas, sobressaem:

1. É sabido que, na seca, a capacidade de manutenção dos pastos fica reduzida para a metade ou para um terço e, até para menos, quando somam-se seca e geada. Este problema é facilmente



O lote em confinamento. É de notar o ótimo estado dos animais



Parte do lote confinado, notem-se os mestiços de Holandês e de Sto. Gertrudis.

resolvido pela engorda em confinamento, porque ela permite aliviar os pastos, graças à transferência da metade ou mais dos novilhos para engorda confinados.

2. Faz das culturas destinadas à alimentação durante a seca, as mais lucrativas da fazenda.

3. Possibilita o aproveitamento de subprodutos de várias culturas, inúteis para outros fins.

4. Permite o aproveitamento total de estérco, o rei dos adubos orgânicos, o adubo «vivo» utilizável na recuperação de terras cansadas, praticamente estéreis.

5. Dá ao criador condições para dispor, na época da entressafra (de agosto a novembro), de carne de boa qualidade. Esta possibilidade lhe é de grande importância, porque o preço da entressafra permite um lucro adicional de 15 a 20%, em relação ao da safra.

6. Capacita qualquer fazenda, qualquer que seja o plantel, puro ou mestiço, a fornecer bois gordos para a matança, com apenas 4 dentes definitivos — 2,5 anos mais ou menos — pesando de 16 a 18 arrôbas. Chega-se a esta antecipação, porque a engorda em confinamento possibilita obter o máximo

nos ganhos diários de peso, como veremos nas tabelas adiante. A consequência é, obviamente, maior lucro para o criador, conforme demonstram os cálculos baixo.

Com efeito: a) o valor de um novilho magro, como os encontrados nos pastos durante os meses de maio ou junho, é em média de Cr\$ 50.000,00; b) o aluguel do pasto, por cabeça e por mês, é de Cr\$ 1.500,00; c) sendo de 5% ao mês a desvalorização média da moeda, o juro mensal do capital empatado em animais é de Cr\$ 2.500,00 por cabeça.

Somando-se essas parcelas, vem:

Aluguel do pasto Cr\$ 1.500,00

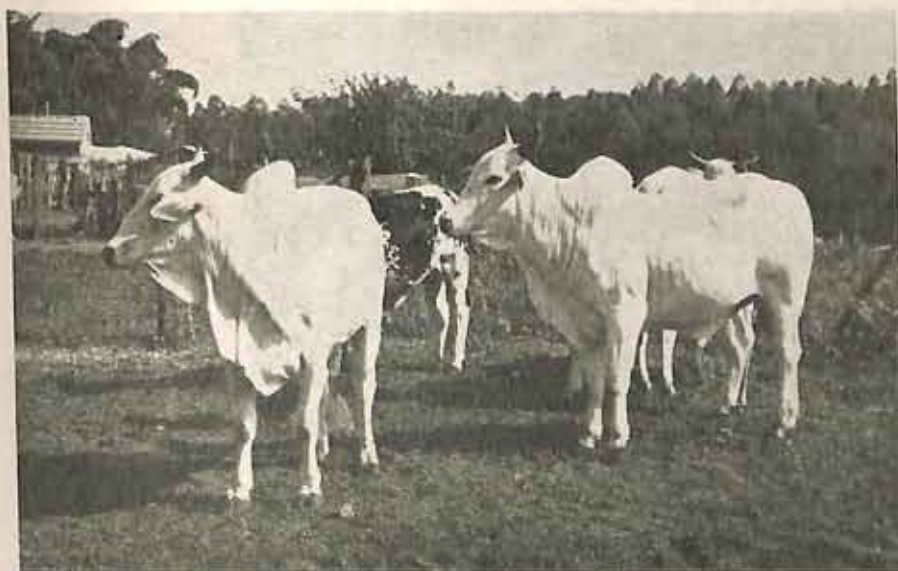
Juro do capital empatado,
correspondente à desvalorização da moeda Cr\$ 2.500,00

TOTAL por cabeça e
por mês Cr\$ 4.000,00

Portanto, para cada mês de vida do novilho, o criador tem que calcular uma despesa igual a 4/5 do valor atual de uma arrôba de carne.

Os novilhos magros, nos meses de maio e junho, estão com o peso variável entre 300 e 350 kg. Se deixados no pasto para engorda, como é habitual, irão para o matadouro somente em março ou abril do ano seguinte. Enquanto, se fossem engordados em confinamento, poderiam ser abatidos, no máximo, quatro meses depois (setembro-outubro do mesmo ano), ou seja, 6 a 7 meses antes, dando como resultado uma economia de Cr\$ 24.000,00 (Cr\$ 4.000,00 x 6).

Portanto, os bovinos em confinamento já iniciam a engorda com esta vantagem de 6 a 7 meses, à qual somam-se aquelas do melhor preço da entressafra e do menor risco de doenças, acidentes etc. Por outro lado, os testes realizados mostraram que cerca da metade da diferença de preço entre a safra e entressafra cobre a despesa com a alimentação dos bois confinados, restando então, como lucro líquido, a outra metade, isto é, cerca de Cr\$ 20.000,00. Este lucro é acrescido de outros igualmente substanciais, representados pela possibilidade de se utilizar vários produtos e subprodutos das fazendas, muitos dos quais normalmente perdidos, e pela possibilidade de produzir-se na mesma superfície, o dobro de bovinos por ano.



Parte do lote no piquete de confinamento.

O ENSAIO

Por ocasião de uma visita à fazenda Santa Rosa, em Sto. Anastácio, conversando, sobre o grave problema da seca,

com o seu proprietário, o progressista criador Dr. Humberto Cesar de Andrade, ficou decidido realizarmos um ensaio sobre a engorda em confinamento.

Seu filho, Dr. Eduardo de Andrade, gerente da fazenda, prontificou-se, então, encarregar-se de sua execução.

LOTE

N.º DO ANIMAL E RAÇA	N.º DE DENTES PERMANENTES	PÊSO EM 27/7/63 (INÍCIO CONFINA- MENTO) kg	PÊSO EM 28/8/63 kg	GANHO DE PÊSO NO PERÍODO (kg)
Mestiço Sta. Gertrudis N.º 4	2	338	374	36
Gir, N.º 13	2	340	350	10
Gir, N.º 15	2	320	340	20
Mestiço de Holandês N.º 16	2	371	438	67
Nelore, N.º 3	4	480	516	36
" N.º 5	8	510	553	43
" N.º 6	8	483	532	49
" N.º 9	6	406	430	24
" N.º 11	4	537	566	29
" N.º 19	8	451	444	- 7
" N.º 20	8	560	616	56
" N.º 22	4	422	433	11

* Nesta semana — de 28/9 a 8/10 — por falta de energia elétrica, os animais foram soltos no pasto. Perdendo peso durante esse período, prejudicaram parcialmente o resultado final do ensaio.

OBSERVAÇÕES: a) Os animais de dois dentes definitivos foram prejudicados pela presença dos maiores, que os impediam de comer a quantidade necessária de concentrado.
b) Os bovinos adultos eram animais atrasados no desenvolvimento.



Oito animais do lote testemunha, em 2/12/63, depois de um mês de bom pasto

O ensaio incluiu-se em 27 de julho e terminou em 29 de outubro de 1963.
Constituição dos lotes — Foram esco-

lhidos 22 bovinos comuns, animais sem registro, por consequência, de ascendência desconhecida a fora de controle. Pe-

sados, definida a idade pelos dentes, foram divididos em dois lotes uniformes, de acordo com o peso, a idade e o tipo.

CONFINADO

GANHO DE PESO NO PERÍODO (kg)	PESO EM 8/10 (DE 28/9 a 8/10 SOLTOS NO PASTO, PERDERAM PESO) *	PESO EM 29/10/63 (FIM DO ENSAIO) (kg)	GANHO TOTAL DE PESO EM 94 DIAS (kg)	RENDIMENTO NA MATANÇA
17	393 + 2	423	85	51,66%
12	348 — 14	370	30	51,03%
28	358 — 8	390	70	53,33%
26	464	461	90	49,25%
				Total médio do lote 51,31%
24	520 — 20	559	79	53,61%
19	562 — 9	603	93	56,45%
18	540 — 10	587	104	59,03%
28	448 — 10	464	58	56,83%
43	600 — 9	645	108	51,97%
27	459 — 12	485	35	53,65%
24	627 — 13	664	104	56,50%
17	450	480	58	53,69%
				Total médio do lote 55,19%

- c) O ganho de peso médio diário foi prejudicado por alguns animais de reduzida aptidão para engorda (animais números 22, 19, 6 e 13 — ver tabela).
- d) O ganho de peso médio diário, em 94 dias foi de 733,5 gr para os animais de dois dentes e de 849,73 gr para os de mais dentes.
- e) O maior ganho de peso foi: entre os bovinos de 2 dentes, 947 gramas, mestiço de Holandês, animal número 16; entre os demais, 1.148 gramas, Nelore N.º 11 (4 dentes).

LOTE TESTEMUNHA REGIME DE PASTO

NÚMERO DOS ANIMAIS	DENTES	PESO INICIAL EM 27/7/63 (kg)	PESO VIVO EM 28/9/63 (kg)	PERCA DE PESO EM 2 MESES (kg)
N.º 1 Nelore	6	488	472	— 26
N.º 2 Gyr	4	444	421	— 23
N.º 7 Nelore	8	490	479	— 11
N.º 6 "	8	524	514	— 10
N.º 10 "	8	485	467	— 18
N.º 12 "	8	433	413	— 20
N.º 14 "	8	328	327	— 1
N.º 17 Gyr	2	335	333	— 2
N.º 18 Nelore	8	473	457	— 16
N.º 21 "	6	522	509	— 13

(Segue nas páginas seguintes)



O lote experimental, no dia do abate, no Matadouro de Sto. Amaro.

CÁLCULO DO RESULTADO ECONÔMICO

I — LOTE CONFINADO

A) Despesa por cabeça:

1. Cana picada —
2.932,800 kg a
Cr\$ 2,00 Cr\$ 5.865,50
2. Ração concentra-
da — 282 kg a Cr\$
36,00 Cr\$ 10.152,00
3. Fôrça e carreto —
10,00 por dia (94
dias) Cr\$ 940,00
4. Mão de obra —
1/2 homem por dia
— foi compensada
pelo valor do es-
têrco produzido

TOTAL Cr\$ 16.957,60

B) Despesa com as

12 cabeças do lo-
te: Cr\$ 16.957,60
x 12 Cr\$ 203.491,20

C) Valor, em cruzeiro, do peso ga-
nho: Considerando que, nos
bovinos adultos, portanto já
completamente formados, o peso
ganho é representado por carne
e gordura, ou seja, arrôbas co-
merciáveis, temos: ganho de pé-
so 914 quilos ou 60,93 arrôbas que,
a Cr\$ 5.200,00 (preço da entressa-
fra) renderam Cr\$ 316.850,00

Alimentação

Alimentação básica — cana picada
(estelo, folhas e ponta).

Ração de concentrados

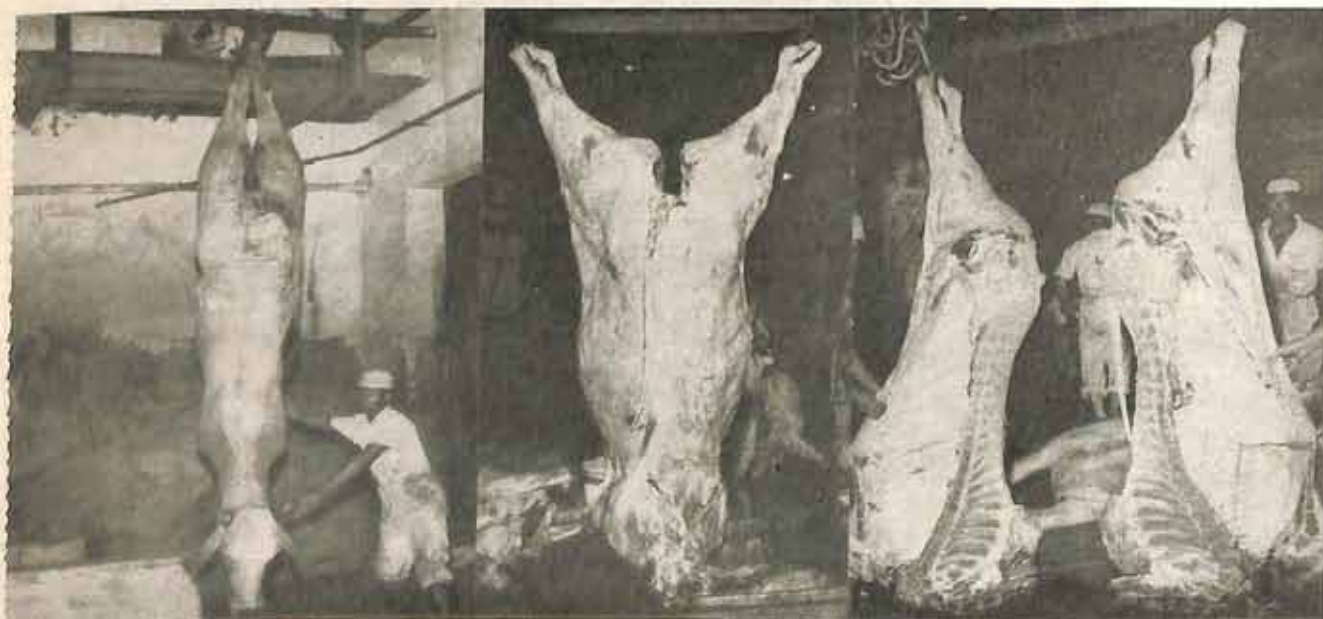
1. Milho desintegrado com sa-
bugo e palha 50%
2. Torta de algodão com 36%
de proteína 30%
3. Concentrado especial «Tortu-
ga» para engorda de bovinos
(com minerais e vitaminas) 20%

TOTAL 100%

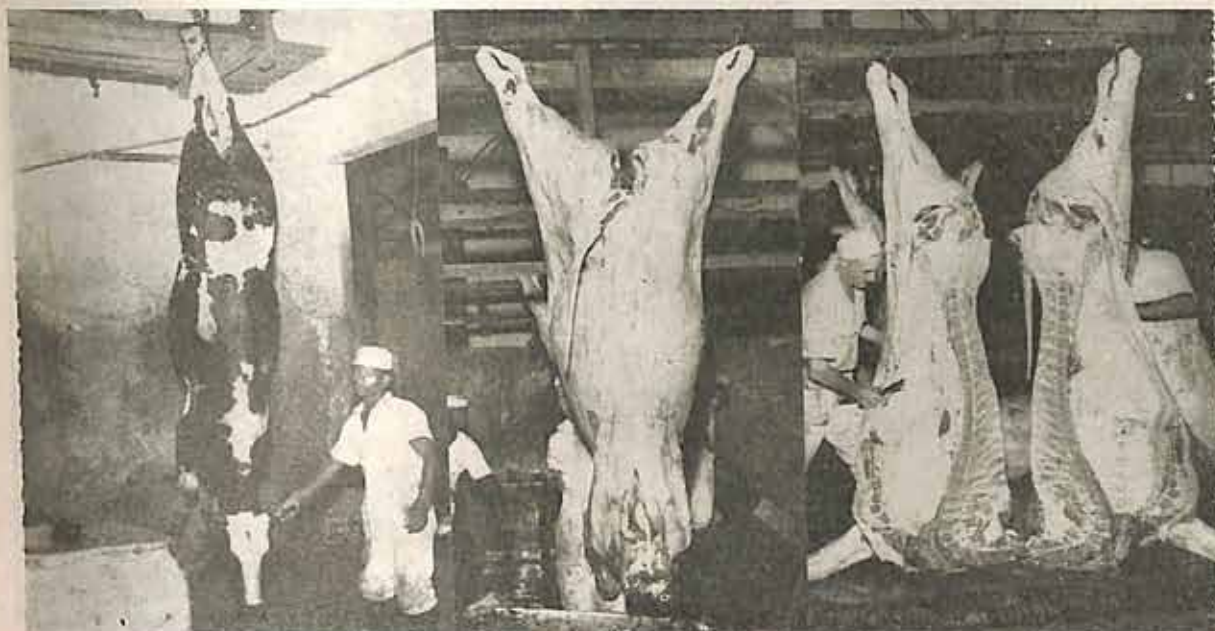
Os animais dispunham de água à von-
tade e uma mistura de 60% de sal e
40% de Complexo Mineral Iodado «Tor-
tuga», no côcho.

Consumo de alimentos — O consumo
médio diário por cabeça, de alimento
básico (cana — pé inteiro picado), foi
de 31,200 kg, durante os meses do ensaio.
A ração de concentrados era ministra-
da duas vezes ao dia, num total de três
quilos diários, por cabeça. Os bovinos
consumiram, então, durante os 94 dias:
cana — 2.932,800 quilos por cabeça; con-
centrado — 282 quilos por cabeça

Os resultados destes 94 dias de en-
saio, estão tabulados nos quadros das
páginas anteriores.



Boi N.º 6, Ne-
lore, 8 dentes.
Ganho de peso,
nos 94 dias do
ensaio, 104 qui-
los; rendimen-
to na matança,
59,03 %. Da
esquerda para a
direita: boi lo-
go após a ma-
tança, carcaça
inteira e carca-
ça aberta.



Boi N.º 16, Mestiço de Holandês, 2 dentes. Ganho de peso nos 94 dias, 90 quilos; rendimento na matança, 49,25%. Da esquerda para a direita: boi logo após abatido, carcaça inteira e carcaça aberta.

D) Rendimento médio em cruzeiros, por cabeça Cr\$ 26.404,00

II — LOTE TESTEMUNHA

A) Despesa por cabeça

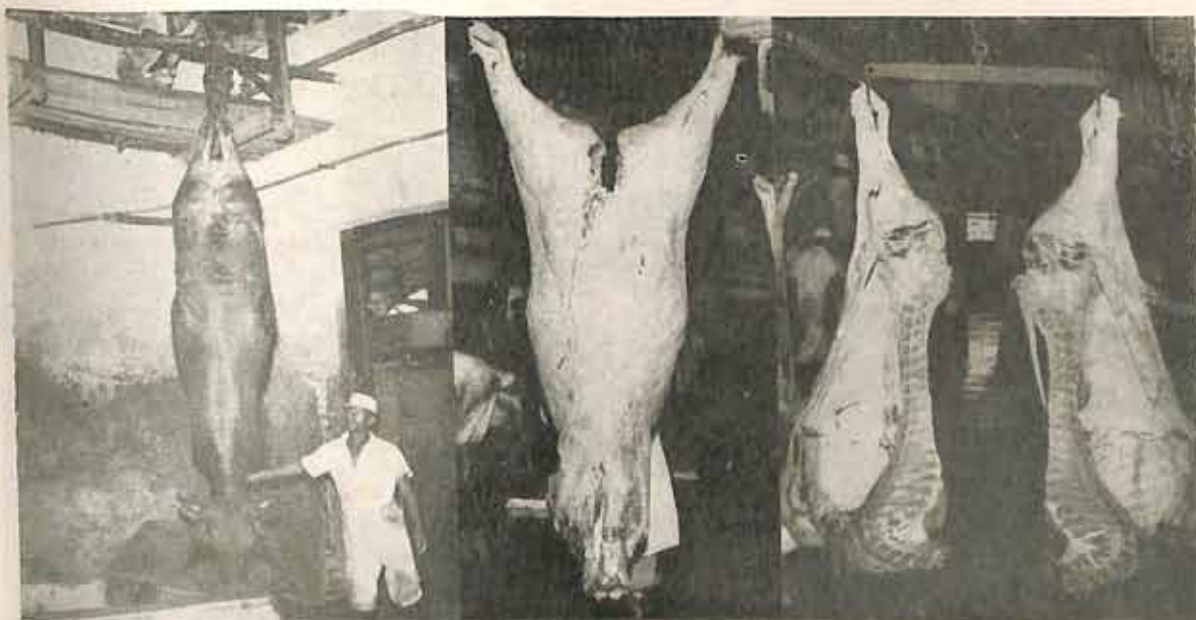
1. Aluguel do pasto, durante 9 meses (agosto 1963 a abril 1964), a Cr\$ 1.500,00 por mês Cr\$ 13.500,00

2. Juros e desvalorização da moeda, sobre Cr\$ 50.000,00 (valor do boi magro), durante os 6 meses a mais de vida em relação aos animais confinados (abatidos em outubro) Cr\$ 15.000,00

TOTAL Cr\$ 28.500,00

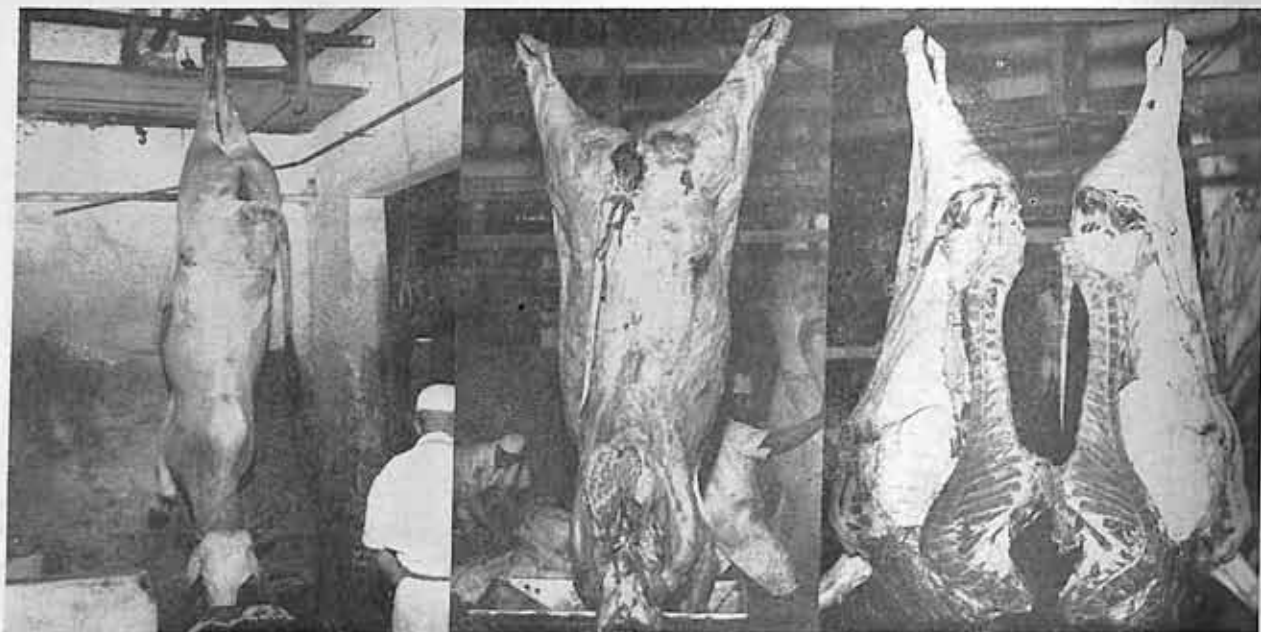
B) Valor, em cruzeiros, do peso ga-

nho: O lote testemunha será abatido somente em fins de abril e alcançará, no máximo, um ganho de peso médio por cabeça igual ao do lote confinado, isto é, 5 arrôbas (60 arrôbas divididos por 12 animais). Ao preço de Cr\$ 5.000 a arrôba (preço da safra) teremos, por cabeça Cr\$ 25.000,00



Boi N.º 4, mestiço de Sta. Gertrudis, 2 dentes. Ganho de peso, 85 quilos; rendimento, 51,66%. Da esquerda para a direita: boi logo após abatido, carcaça inteira e carcaça aberta.

Boi N.º 11, Nelore, 4 dentes. Ganho de peso, nos 94 dias do ensaio, 108 quilos; rendimento na matança, 51,97%; êste foi o que acusou o maior ganho de peso total. Da esquerda para a direita: logo após a matança, carcaça inteira e aberta.



C) Rendimento total

(10 animais) ... Cr\$ 250.000,00

EM RESUMO

Um confronto entre o rendimento, em cruzeiros, por cabeça do lote confinado e do lote testemunha evidencia bem a vantagem econômica da engorda em confinamento:

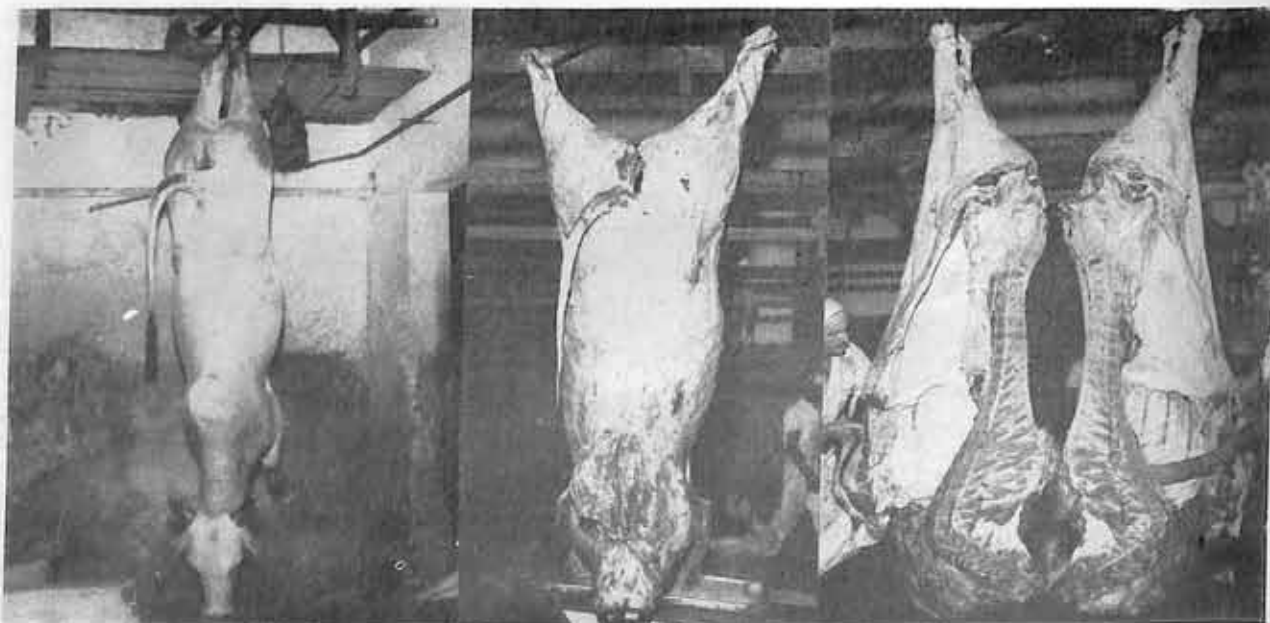
Como se vê, o lote confinado deu

um saldo positivo, isto é, um lucro de Cr\$ 9.446,40, enquanto o testemunha deu um saldo negativo, ou seja, prejuízo de Cr\$ 3.500,00. Portanto, há uma diferença de $\text{Cr\$ } 9.446,40 \times \text{Cr\$ } 3.500,00 = \text{Cr\$ } 12.946,40$ a favor do primeiro (confinado). Ao maior rendimento em cruzeiros, proporcionado pelo lote confinado, soma-se ainda a possibilidade de, na seca, descarregar-se de 30 a 50% dos bovinos em engorda, para o confina-

mento, com grande benefício para os remanescentes no pasto. Como resultado, temos a possibilidade de criar um número bem maior de animais em uma mesma área.

Importa salientar que neste ensaio inicial e improvisado, se teve em mente apenas evidenciar as grandes possibilidades, quando operando-se com animais mais novos, selecionados e oportunamente preparados.

Boi N.º 20, Nelore, 8 dentes. Ganho de peso, nos 94 dias do ensaio; rendimento na matança, 56,50%. Da esquerda para a direita: logo após a matança, carcaça inteira e carcaça aberta.





O dr. Humberto Cesar de Andrade, proprietário da Fazenda Sta. Rosa, onde foi realizado o ensaio, e o dr. F. Fabiani, diretor-presidente da "Tortuga", no Frigorífico Sto. Amaro, examinando os quartos trazeiros.

AGRADECIMENTO

Encerrando estas considerações, agradecemos ao Dr. Humberto Cesar de Andrade, assim como a seu digno filho, o Dr. Eduardo Cesar de Andrade, a colaboração total e amigável. Congratulamo-nos, também, com êstes avançados criadores, pelo que significou essa colaboração em prol do progresso da pecuária nacional e da maior produção de carne na entressafra.

CONTABILIDADE AGRÍCOLA

Dissemina-se em São Paulo moderno sistema de escrituração

OSMANY JUNQUEIRA DIAS
Eng.º Agr.º

A Secretaria da Agricultura pela Divisão de Economia Rural, iniciou em 1958 um núcleo de contabilidade agrícola em São José do Rio Pardo. Tentava-se, na época, de introduzir um sistema mais moderno de escrituração, de muito maior alcance prático do que os nossos tradicionais sistemas. Os cadernos montados pela referida Divisão foram idealizados mediante aproveitamento da experiência dos Estados Unidos. Agora, em 1963, em convênio com o GERCA, aquela Divisão está instalando novos núcleos nos Estados de São Paulo, Minas Gerais e Paraná. Com essa cobertura, é possível que o sistema tenha boa aceitação e que seu uso se dissemine por todo o território paulista.

Antigamente, a contabilidade interessava-se mais pelos dados em dinheiro. Em geral, só depois de terminado o ano é que se ficava sabendo se houve lucro ou pre-

juízo. Nesse novo sistema, muita atenção se dá ao registro dos dados físicos, como produção de leite e carne, consumo de adubos, medicamento, ração e mão-de-obra. Comparando esses dados de diversas fazendas, mês por mês, podem-se tirar conclusões rápidas, sem haver necessidade de esperar o fim do ano. Além disso, procuram-se definir as causas responsáveis pelo prejuízo ou pelo pequeno lucro.

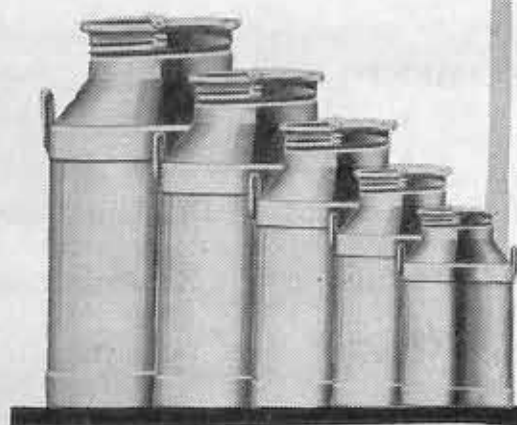
Após cinco anos de uso, este sistema já aponta vários índices pelos quais se pode medir a eficiência com que cada fazenda é administrada. Dentre esses índices, existem dois que somente poderão ser corrigidos com a alteração das normas de administração, sem necessidade de novas aplicações de capital ou financiamentos.

O primeiro desses índices é a porcentagem de vacas em lactação, que tem va-

riado dentro dos limites de 30 a 81%. Isso significa que, de cada 100 vacas, uma fazenda estava com 30 dando leite, enquanto outra estava com 81. As outras fazendas têm porcentagens que variam entre esses dois limites. Em estatística, uma variação tão larga assim é "doentia" e mostra que estão sendo cometidos muitos erros de orientação.

A fazenda que apresentou o índice mais baixo (30%), estava com um total de 200 vacas, das quais 60 estavam dando leite. Mas para ter 60 vacas em lactação, um total de 100 cabeças seria mais que suficiente, havendo, pois, um excesso de 100 vacas. Se o preço médio dessas vacas for de Cr\$ 50.000,00, a fazenda está sendo gerida com um *capital ocioso* de Cr\$ 5.000.000,00. Essa quantia convertida em reprodutores machos, ração ou

(Conclui na pág. 45)



TAMPAS DE 2 TIPOS:
de rosca ou de pressão.

CAPACIDADES: 2 - 3 - 5 - 10
15 - 20 - 25 - 30 - 40 e 50 lts.

LATÕES de LEITE

OS MELHORES DO BRASIL!

Estanhagem 100% pura, obtida através dos mais modernos processos. Garantia de uma experiência de 50 anos na mais tradicional fábrica do país. Estamos aptos a atender prontamente a pedidos para qualquer parte do Brasil.

FABRICADOS EM LAMBARÍ - MINAS GERAIS
INDÚSTRIAS ANNUNCIATO DE BIASO IRMÃOS S.A.



ESCRITÓRIO DE VENDAS
SÃO PAULO

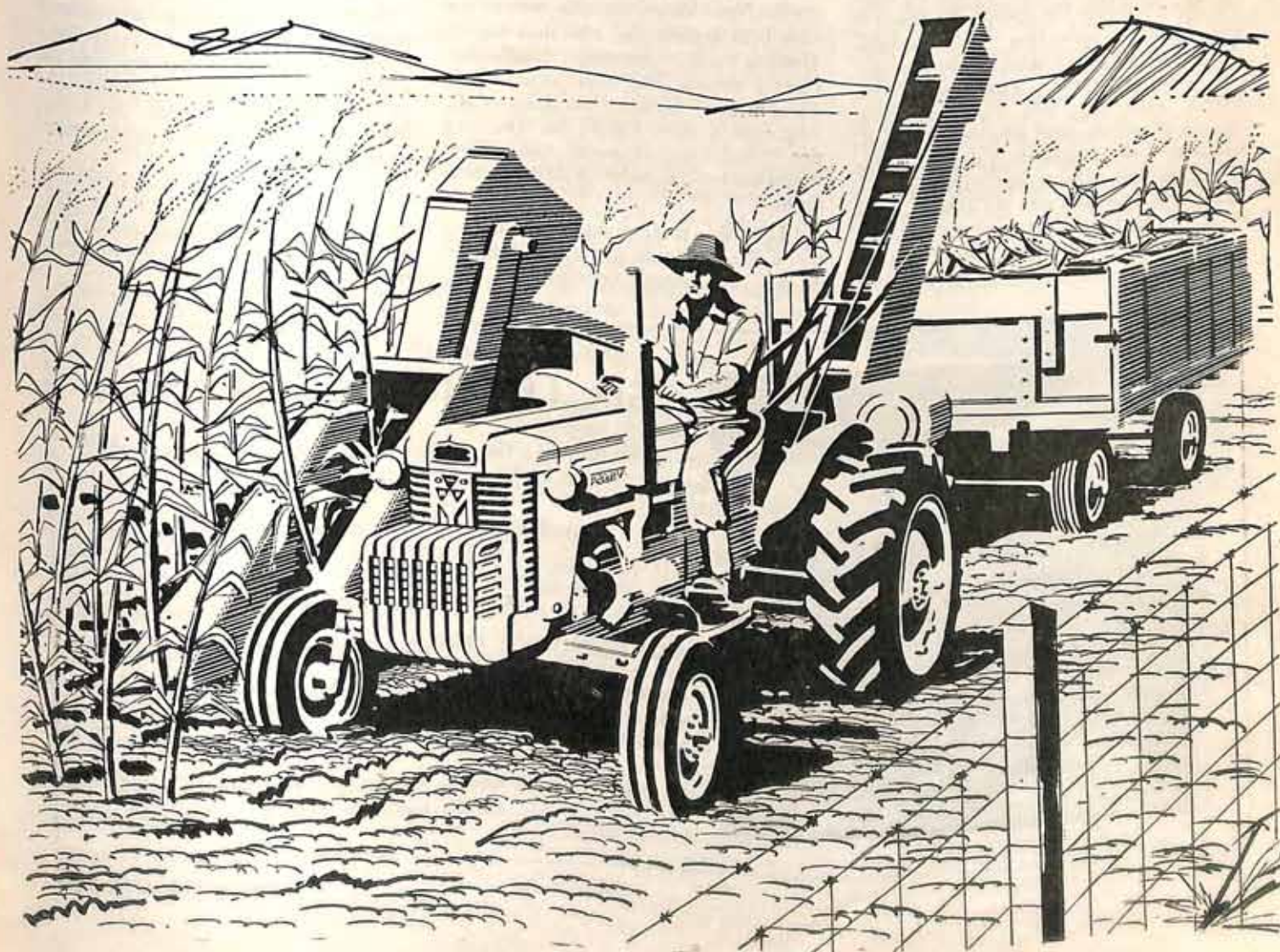
Av. São João, 473 • 4.º and. • Fone: 37-8181/82/83

Faça a colheita do milho render o máximo!

Colhedeira de milho 61

A colhedeira montada MF 61 de uma linha pode ser acoplada no trator por um só homem: a montagem é mais rápida e simples do que a de qualquer outra máquina existente. O desenho especial da mesa colhedeira garante a colheita das espigas, mesmo aquelas que estejam em hastes caídas. No campo, seus comandos e ajustagens se efetuam diretamente do assento do tratorista. Trata-se de uma máquina leve, perfeitamente equilibrada, mas de extrema robustez. Sem utilizar mão de obra extra, a MF 61 garante a colheita na época certa das boas cotações no mercado. Certifique-se destas vantagens no Revendedor Massey-Ferguson de sua cidade.

Massey-Ferguson do Brasil S.A.



Noticias da Bahia

OTHELLO TORMIN
Representante

A PECUÁRIA NA BAHIA

Gozação de baiano? Não. A pecuária na Bahia é tão adiantada como, por exemplo, a de São Paulo. E atrasada idem, idem. Ela é isso, mas não é só isso. Aliás, quem quiser se enfronhar, mas se enfronhar mesmo, na História da Bahia ou de sua pecuária (tenho vários livros a respeito) lembre-se de que, desde os tempos do engenho de açúcar da fase colonial (e os primeiros foram instalados aqui) a Bahia sempre primou por sua agro-pecuária. Pontificou. Deu lições. Até nisso ela é a Boa-Terra.

A pecuária aqui não viveu exclusivamente nas mãos do tabaréu. Mas também não está sendo impulsionada, só agora, pelo homem da cidade, gente. Não se tenha essa impressão após a leitura de «Cresce o interesse pela pecuária na Bahia» à página 35 e se-

guintes do número 406 da «Revista dos Criadores», de outubro-63. Seria uma ilação errônea. Mal avisada, talvez por influência da «gozação de baiano» que os programas de rádio e de tv botaram em voga.

Se eu contar um «causo», vamos supor, mais puxado «pro gozado», de um político, não quer isso dizer que os ilustres pais-da-pátria vivam de gozo. Num desalinhavado relato em tom bem humorado, não quis narrar História nem cimentar estatísticas. Contei estória, ouvindo aqui e ali. Meu intuito, oxén... continuarei divulgando a meu modo, na «Revista dos Criadores», as notas que julgar interessantes. E salve a Bahia, meu senhor.

(Tabaréu corresponde ao caipira, que é desconhecido por aqui. Em tudo por tudo, menos no nome.)

CRIADORES DE NELORE REGISTRADO

A cerca de 150 quilômetros de Salvador, com soberbas instalações, luz elétrica e água encanada, bela casa de residência circundada de bem cuidado parque, confrontando linda piscina, encontra-se em Serra Preta, a Fazenda Manoino, do Dr. Nicolau Calmon de Bittencourt.

Currais octogonais de alvenaria de pedra à vista, com dois estábulos à frente e, num dêles, balança com capacidade para quatro mil quilos, além de máquinas para rações. Ali trabalha-se de verdade no aperfeiçoamento do Nelore.

As matrizes são tôdas de ótima procedência, com 80% V.R. O plantel atual é de 200 vacas registradas, servidas pelos quatro reprodutores seguintes:



GIR LEITEIRO DA BRASÍLIA

Registro Genealógico pela Sociedade Rural do Triângulo Mineiro

Contrôle leiteiro pela Associação Paulista de Criadores de Bovinos

FAZENDA BRASÍLIA

SÃO PEDRO DOS FERROS — MINAS GERAIS — E.F.L.

TAINHA DE BRASÍLIA — quando, em contrôle de inspeção realizado pelo dr. Hamilton C. Machado, produziu 24,250 quilos de leite, a mais alta produção leiteira conhecida em zebuinos.

Obtenha de seu rebanho mais leite e mais bezerras usando um Gir leiteiro da Brasília

Proteja seu Rebanho . . .

Defendendo-o com

CREO-PHENOL

Poderoso desinfetante
e germicida

Tradição desde 1910

Produto garantido por

Creo - Asfalto Produtos

Químicos Ltda.

Rua dos Campineiros, 684

Fone 93-5771 - Caixa Postal 933
São Paulo

BARULHO, marca O.M. registro 666, vice-campeão na Exposição Nacional de Salvador em 1962;

OZONE, registro 669, marca V.R.

DUQUE, registro 670, marca F.

TURCO, registro 665, marca V.R.

EXPOSIÇÃO DE ITAPETINGA

Prepara-se a V Exposição de Pecuária, a realizar-se de 25 a 31 de maio em Itapetinga. As ruas e praças da cidade estão sendo devidamente asfaltadas.

Mais de oito milhões de cruzeiros a Prefeitura recebeu, resultantes

PALETÓS ESPORTE

Paletós esportivos esplêndidos

para usar na fazenda, no campo e mesmo na cidade, durante

férias, passeios ou excursões.

Cômodos, modernos, muito du-

ráveis e vistosos. Preços baratí-

simos e facilidade de pagamen-

to. Vá vê-los na Casa José Silva

Rua São Bento, 51 e filiais —

São Paulo.

das cotas de Imposto de Renda, Imposto de Consumo e Fundo Rodoviário e referente ao exercício financeiro de 1963.

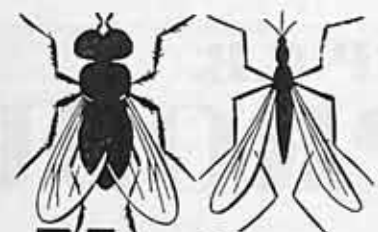
Também, como um dos municípios mais atingidos pelas últimas enchentes. Itapetinga tem em depósito na Agência local do Banco do Brasil, parte da verba destinada à reconstrução das casas destruídas — em número superior a cem. Segundo o Prefeito José Luna, as obras não serão realizadas no mesmo local das casas destruídas pois a Prefeitura já adquiriu uma área no bairro da Nova Itapetinga, onde irão residir as famílias determinadas, depois de prontas as suas novas moradias. Por enquanto, todas as famílias se encontram abrigadas no recinto do Parque Landulfo Alves.

BANCO AGRÍCOLA MERCANTIL AGÊNCIA BAIANA

Com a participação de figuras destacadas das sociedades baiana e gaucha, além do vice-governador Orlando Moscoso, do prefeito Virgildásio Sena, do major Heitor Sena, representante do Governador do Estado, do presidente da Associação Comercial da Bahia, sr. Renato Novis, do presidente da Federação das Indústrias, sr. Pedro Ribeiro e dos presidentes da Associação Comercial, da Federação das Indústrias e da Federação Rural do Rio Grande do Sul, foi inaugurada a agência de Salvador do Banco Agrícola Mercantil S.A. Na oportunidade o diretor do estabelecimento, sr. Caleb Leal Marques, pronunciou importante discurso salientando os elevados propósitos daquele Banco ao instalar uma agência em Salvador. A agência recém-instalada tem como Gerente o sr. Acioli Fernandes.

UM BILHÃO E QUINHENTOS MILHÕES PARA A AGRICULTURA NO RECONCAVO BAIANO

Foi concluído o convênio entre a Petrobrás e o Fundagro, no valor de um bilhão e 500 milhões de cruzeiros, destinado à execução de um programa de desenvolvimento da agricultura no Recôncavo, visando a formação do chamado "cinturão verde", com vistas ao abastecimento de Salvador.



Nexa

SPRAY

Inseticida Aerosol

Caixa Postal 8473
São Paulo

O convênio foi ultimado durante a estada do sr. Ivan Fachinetti no Rio de Janeiro — depois de exaustivo trabalho junto aos órgãos técnicos da Petrobrás.

Essa providência vem sendo reivindicada pelo Fundagro há mais de dois anos e representa até certo ponto, uma compensação da Petrobrás ao Estado pelos prejuízos causados ao setor agrícola, nas áreas onde se concentram as explorações petrolíferas. O financiamento será feito através de empréstimo — prazo de cinco anos e mais dois de carência — com recursos oriundos de uma verba que se encontra depositada no Banco do Brasil pendente de uma decisão judicial entre a Petrobrás e o Imposto de Renda.



Cercas "PAGE"

SEGURANÇA
ECONOMIA
DURABILIDADE

Um tipo para cada fim

PAGE S.A.
Praça da Sé, 371 - 1.º andar
Tel. 35-0869 São Paulo

A.P.C.B.

PRODUTOS Á VENDA

Rua Jaguaribe, 634
Tels. 51-6963 e 51-6380
S. Paulo

SEMENTES

SAFRA 1962

PARA PASTO

Catingueiro Roxo
Jaraguá do chão
Cabelo de negro
Colonião
Colôninho

FORRAGEIRAS

Alfafa
Aveia
Centeio
Cevada
Ervilhaca
Cornichão
Trevo Branco
Trevo Branco Ladino

Trevo Vermelho
Trevo Soja-Perene

PARA CORTE E FENAÇÃO

Alfafa	(	
Soja Ototan	(	
Sorgo	(	preços
Guandú	(	a consultar

REFLORESTAMENTO

Sementes de eucalipto
Saligna
Triticornis
Alba
Citriodora

PARA ADUBAÇÃO VERDE

Feijão de Porco	(	
Feijão mucuna	(	
Feijão Soja	(	
Labe labe	(	preços
Crotolaria Juncea	(	a consultar
Crotolaria Paulina	(	
Gramma Batatais	(	
Festuca (americana)	(	

GRAMÍNEAS

Gramma Batatais
Kentuki Festuca 31
Red-Top
Azevem
Azevem-Italiano
Azevem-Inglês

— X —

ARTIGOS PARA O HOMEM DO CAMPO

CAPAS DE LONA

Sem mangas
Tamanhos: 0,90 (p/ retireiros),
1,20 e 1,30
Com mangas
Tamanhos: 0,90 (paletó) 1,20
e 1,30

PONCHES DE LÃ, CONTI- NENTAL — «Rener»

Impermeáveis
Tamanhos: 1,20, 1,25, 1,30 e 1,35

CAPAS

Sem mangas, borracha
Tamanhos: 0,90, 1,20 e 1,30
Com mangas, borracha
Tamanhos: 0,90, 1,20 e 1,30
Capas plásticas, com man-
gas, «Back»
Tamanhos diversos

BOTAS DE BORRACHA

Cano longo, ns. 37 a 44. Cano
curto, ns. 38 a 44.

CALÇAS DE LONA

Tamanho único

JAPONAS DE LÃ

«Rener»

Tamanhos diversos, cores cinza
e azul-marinho

PROTEÇÃO CONTRA INSETICIDAS

Máscara Weld — luvas —
óculos

FORMICIDAS

Blemco — Brometo de Mítla,
cx c/ 48 latas
Jupiter — Bi-sulfureto de

Carbono, cx c/ 2 garrafas de
3,5 lts. cada
Nitrossin,
Vidros de 250 e 500 cc
Piragy, granulado, pacotes de
1/2 kg
Tatuzinho, granulado, pacotes
de 50 gramas
Shell, líquido, cx c/ 12 vidros
de 450 cc, cx. c/ 12 vidros de
500 cc e cx. c/ 24 vidros de
225 cc.
Shell — pó, super, cx. c/ 20
pacotes de quilo.

HERVICIDAS

Contra leiteiro, assa-peixe, ar-
ranha-gato, caraguatá, car-
queixos e dormideira. Temos
os seguintes, todos, 2, 4, 5 T:
Trifenox, Tributon e Arbo-
cida.
Contra capim marmelo, capim
colchão, capim fino, grama

REVISTA DOS CRIADORES

seda, sape, capim massambarré, taboa, carrapicho, etc. temos o DOWPON e o DIFENOX-A p/ combater plantas de folhas largas.

TCA-90, para combater as gramíneas em geral, entre elas, a TIRICA, quando misturado com Difenox A

MINERAIS

FORMULA APCB. É completa, pois contém todos os minerais indispensáveis. Cada fórmula deve ser misturada em 60 quilos de sal comum.

Preço de cada fórmula, para bovinos ou suínos Cr\$ 650,00.

SIVAN tipo B, para bovinos, sc. c/ 25 kg, tipo M, para suínos, sc. c/ 25 kg

LABORTERAPICA, para bovinos, equinos, ovinos e suínos, sc. c/ 25 kg.

TORTUGA B, p/ bovinos, M p/ suínos

LABORSAL, tipo engorda para bovinos e suínos, sacos de 30 kg

FORCING, complemento polivitamínico para ração equina. Latas de 1 kg, barricas de 5, 10 e 25 kg.

APARELHO PARA ELETRIFICAÇÃO DE CERCA

Nervus e Ballerup

Os aparelhos Nervus e Ballerup, para eletrificação de cercas, são fabricados com materiais de primeira qualidade. Construção robusta que assegura durabilidade e funcionamento impecável, em qualquer condição climática. Além dos aparelhos que funcionam ligados na força temos modelos com pilhas e baterias. Consultem-nos sem compromisso.

TORQUES PARA CASTRAR

Fabricação nacional

n.º 42 com bico

n.º 52, com bico

n.º 42, sem bico

n.º 52, sem bico

Burdizzo — legítima — tamanho 52, com bico, pronta entrega.

TOSQUIADEIRAS

Elétrica, p/ tosquiar bovinos, marca «Sculap», modelo ... 43020.

Manual, p/ tosquiar bovinos e ovinos, marca «Sculap», mod. 42515, corte progressivo e re-

trógrado. Comprimento aproximado 23 cm.

Mod. 42604, só para bovinos
Mod. 42510, especial para carneiros. Comprimento aprox 25 cm.

MARCAÇÃO A FOGO

Jogos de números de 0 a 9, ferro, números de 2, 4, 5, 6 e 7 em de altura.

Marcas: confeccionamos qualquer tipo de marca.

TUBOS PLASTICOS

Leves, flexíveis, econômicos e de instalação fácil. Atóxicos. A prova de corrosão, etc.

Bitolas: 1/2, 3/4 e 1". Para outras bitolas, consultar.

VASILHAMES P/ LEITE

Latões p/ transporte, tampa de rosca capacidade: 5, 10, 15, 20, 30, 40 e 50 litros.

Baldes p/ ordenha capacidade 10 lts. Tipos: sem bico, com bico, ovalado, redondo e com proteção p/ ordenha higiênica.

ARTIGOS DE COURO

Cabreotes para touro, vaca e bezerro.

SERINGA AUTOMÁTICA

tipo revólver

Marca «Sculap», capacidade 50 cc.

ALFANGES

Nacionais e estrangeiros — tamanhos diversos

CAVADEIRAS

De aço reforçado, cabo de madeira, ipê

BOTOES DE ALUMINIO

Para identificação de bovinos, suínos e ovinos. Em um lado do botão podem ser feitos números seguidos e no outro, marcas compostas de nomes. Cada lado do botão comporta inscrição de, no máximo, 10 letras ou algarismos. O botão é colocado numa das orelhas do animal, com auxílio de alicate próprio.

APARELHOS P/ TATUAGEM

Para identificação de bovinos, suínos, ovinos e coelhos. Te-

mos alicates com espaço para 3 e 4 números ou letras de 1 cm de altura. Equipados com dispositivo seguro p/ colocar, retirar ou substituir os algarismos. Mola embutida e gancho, para guardar o aparelho fechado.

PICADEIRAS DE CANA

Jumil n.º 3, indicada p/ cortar verde para silagem

Desfibradeira Nicola, indicada p/ cortar cana e milho verde. Produção: 1.200 a 3.200 quilos-hora. Rotação p. m.: 1.800. Força necessária: 3, 5 ou 7 HP.

Desfibradeira Destritu «Nicola». Indicada p/ preparar rações. Conjugada. Desintegra milho com casca e sabugo, fazendo quítera grossa, média e fina; fubá fino e grosso, além de cortar capim, mandioca e batata-doce.

Máquina Schutzer, conjugada, para seco e verde. Produção horária: Milho em espiga (com palha): 350 kg; Milho em espiga (sem palha): 500 kg; Milho em grão: 650 kg; Aveia, cevada, trigo e soja: 1000 kg. Alfafa: 450 kg. Cana, capim colonião e similares: 3.000 kg. Mandioca: 1.500 kg. Força necessária: 7,5 a 10 HP. Rotação: 2.000 P.M.

MAQUINA DE PLANTAR GRAMA

É um auxiliar indispensável na formação de pastos, pois, além de ser de fácil manejo, apresenta grande rendimento. Mod. 100, com um sulcador. Mod. 101, com dois sulcadores. Produção em 10 horas: mod. 100, 2 pessoas. 1/2 alqueire. Mod. 101, 3 pessoas, 1 alqueire. Acionada por trator hidráulico 3 pontes.

RATICIDAS

À base de Warfarim.
Musarina — Tomorim — Ri-Do-Rato e Racumim

SENHORES FAZENDEIROS

Além dos artigos aqui mencionados, a Associação Paulista de Criadores de Bovinos mantém estoque variadíssimo de: máquinas, ferramentas, formicidas, fungicidas, vacinas, sôros inseticidas, etc.

OS SÓCIOS TÊM O DESCONTO DE 3 A 10%
— ATENDEMOS PEDIDOS MEDIANTE PAGAMENTO ANTECIPADO, POR CHEQUE
OU VALE POSTAL — VENDEMOS A PRAZO PARA ASSOCIADOS

Perdas econômicas por enfermidade dos animais

I

Por causa da mamite, nos Estados Unidos, perderam-se 3,9% de todo o leite produzido em dez anos (175 milhões e meio de dólares) e 1,4% (50 milhões) do valor do gado

WALTER C. BATTISTON
Méd. Vet. da A.P.C.B.

O constante aumento da população humana, associado à diminuição da mortalidade dos recém-nascidos e a melhora do padrão econômico no mundo todo especialmente em certas regiões do globo como o nosso País, tem dado lugar a procura cada vez maior de alimentos, principalmente de proteínas de origem animal. A Índia, que em 1959 produzia 73 milhões de toneladas de alimentos, prevê para 1965, produção de 110 milhões de toneladas, com o que equilibraria o consumo; entretanto, pelos cálculos já feitos, tendo em vista a «explosão» da população, o «déficit», em tal data, será de 28 milhões de toneladas de alimentos. Segundo dados de 1962, havia nesse País, quase três pessoas por bovino, onze para um carneiro, oito para um porco, etc. enquanto no Brasil tais números seriam, respectivamente, um para um, (bovinos), um e meio para um (suíno) e seis pessoas para cada cabra.

Segundo previsões baseadas nos aumentos dos últimos anos a população do mundo, que em 1960 era de quase três bilhões de almas, em 1970 será de três e meio bilhões e 3.860.000.000 em 1975, quando, segundo estimativa da FAO, a produ-

ção de alimentos terá sido aumentada de 80% e de cerca de 120% a de proteínas.

Como a produção de alimentos repousa nas atividades agrícolas e pastoris, ligadas, por sua vez, a fatores de unidade, chuvas, ventos, etc., que fogem ao controle humano, como conseguirá o homem resolver o problema?

Naturalmente, o primeiro passo será melhorar os meios de produção, criando animais mais precoces, aprimorando as pastagens, trabalhando com vegetais mais produtivos, estudando linhagens de animais mais prolíferos e de maior rendimento econômico, etc.; outro avanço seria diminuir as perdas por morte, os atrasos de crescimento, as pragas e parasitas dos animais e forragens, evitar as epizootias etc. e outros males que, embora pareçam pequenos, causam grandes danos à criação e à produção de carne, ovos, etc.

Entre nós poucos dados temos, devido à falta de controle e ao desinteresse das autoridades, quanto às perdas totais motivadas por doenças e distúrbios nos animais e plantas, mas, em outras partes, nos países mais adiantados, onde as estatísticas funcionam acertadamente, os detalhes fornecidos causam espanto. E iro-

nicamente, em tais regiões, os cuidados com a produção saúde dos animais, conservação dos alimentos etc., são levados mais em conta.

Antes de mais nada, diremos que para o criador existem perdas «visíveis», como animais mortos, danos causados aos couros, partes que se rejeitam nos matadouros por ferimentos etc. mas há também perdas «invisíveis» e graves, entre elas o encurtamento da vida útil da rês, infertilidade, abortos, diminuição da capacidade de trabalho da produção de carnes, de leite, etc.

Tomemos, para comparação, os ataques de mamite, tão frequentes nas criações de gado leiteiro e vejamos como o proprietário de animais assim atacados poderá perder dinheiro. Relacionando, na mesma vaca, a quantidade de leite que cada teta produz e descontando a parte doente (considerada como a quarta parte de úbere e sua produção), veremos que, na melhor das hipóteses, (no animal de 8 litros diários) serão desprezados 2 litros todos os dias, aos quais se somariam os gastos de tratamento (duas ou três aplicações de bisnagas no valor de 300 a 400 cruzeiros); no final da lactação comum

BANCO DO BRASIL S.A.

Sede: BRASÍLIA (Distrito Federal) — End. Teleg. para todo o Brasil "SATELITE"

Filial: SÃO PAULO — Agência Centro — Av São João, 32 — Telefone 37-6161 (ramais) e Rua Álvares Penteado, 112.

AGÊNCIAS METROPOLITANAS EM SÃO PAULO (SP)

Bom Retiro	Alameda Nothmann, 73, a 77	Moóca	Rua da Moóca, 2728 a 2736
Bosque da Saúde	Avenida Jabaquara, 424	Penha	Rua Dr. João Ribeiro, 487
Brás	Rua Joaquim Nabuco, 91 a 97	Pinheiros	Rua Iguatemi, 2266-72
Ipiranga	Rua Silva Bueno, 181	Santana	Rua Voluntários da Pátria, 1548
Lapa	Rua Nossa Senhora da Lapa, 281	Santo Amaro	Avenida Adolfo Pinheiro, 91
Luz	Avenida da Luz, 894 a 902		

O BANCO DO BRASIL S.A. FAZ TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS:

COBRANÇA — DESCONTOS — CÂMBIO — OPERAÇÕES SOBRE O EXTERIOR — EMPRESTIMOS ESPECIALIZADOS À INDÚSTRIA, LAVOURA E PECUÁRIA — SERVIÇOS DE COFRES DE ALUGUEL, ETC.

O BANCO DO BRASIL S.A. mantém, nas principais praças do País, Agências e pessoal habilitado para qualquer operação bancária de seu interesse.

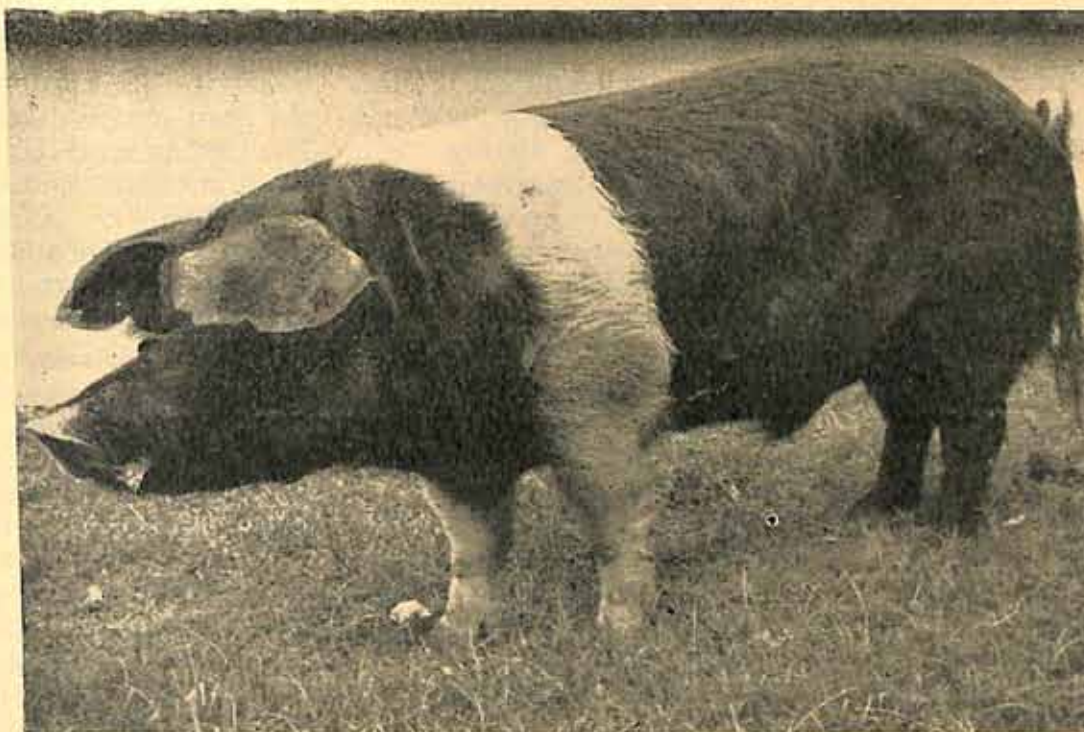
Agências no Exterior: ASSUNÇÃO (Paraguai) — MONTEVIDÉU (Uruguai) — BUENOS AIRES (Argentina) — LA PAZ (Bolívia) e SANTIAGO (Chile).



Noticiário Tortuga

a ciência e a técnica a serviço da produção animal

HOMENAGEM AOS BONS CRIADORES



HORÁCIO — Com 19 meses, ótimo reprodutor puro de origem, da raça Wessex Saddleback, da Granja Mamoré — Paraíba do Sul (Rio de Janeiro), propriedade de Da. Maria Elvira Leitão da Cunha Schaefer.

ENGORDA DE BOVINOS EM CONFINAMENTO



bovinos

III

Razões que aconselham engorda rápida em confinamento Alimentos básicos e esquemas de alimentação para engorda

Dr. F. FABIANI

(continuação do artigo anterior)

Dentre as razões que aconselham seja a engorda em confinamento feita o mais rapidamente possível, destacamos as que mais influem na economia do criador: a cota de manutenção e os juros do capital.

a) COTA DE MANTENÇA

— Sabe-se que, para manutenção de suas funções orgânicas (respiração, circulação sanguínea, digestão, produção de calor, trabalho etc.), os animais precisam de uma determinada quantidade de alimento. Portanto, ao consumo desta cota diária de alimento não corresponde produção alguma, que no caso seria de carne. O animal, consumindo-a, não aumenta de peso, pois apenas a utiliza para viver. Por isso, se lhe dá o nome de “cota de manutenção”.

Em consequência, encurtar a vida do animal, fazendo-o atingir mais cedo o peso para a matança, significa economizar cota de manutenção. A cada dia de antecipação corresponde a economia de uma cota de manutenção.

Exemplo — Seja um boi de

350 quilos de peso vivo, submetido à engorda em confinamento. Recebendo, diariamente, 30 quilos de cana picada e 3 de ração concentrada, ganha um quilo de peso por dia. Após 100 dias, pesará 450 kg. Se o custo desta alimentação for de Cr\$ 300,00 por dia, a despesa com o ganho de 100 quilos de peso será de Cr\$ 30.000,00. Porém, se ao mesmo animal dermos apenas metade dessa ração, ou seja, pouco mais do que a cota de manutenção, ele ganhará, no máximo, 400 gramas diárias. A despesa para esse ganho será, evidentemente, de Cr\$ 150,00 por dia. No entanto, para atingir os 100 kg, necessitará de 250 dias, em vez de 100, os quais custarão ao criador Cr\$ 37.500,00 (250 x Cr\$ 150,00).

b) JUROS DO CAPITAL —

Vê-se, então, que a redução indevida de alimento conduz a um prejuízo de Cr\$ 7.500,00, em média, por cabeça. Contudo, esse prejuízo é, ainda, acrescido dos juros do capital. Com efeito, sendo atualmente de Cr\$ 50.000,00 o custo do boi

magro e de 3% ao mês a taxa de juros, o criador arcará com mais os juros desse capital durante os dias suplementares que tiver de alimentar o boi. No caso, esses dias totalizam 150 (250 menos 100 = 150 dias ou 5 meses). Então, teremos $\text{Cr\$ } 1.500,00 \times 5 = \text{Cr\$ } 7.500,00$, que, somados aos Cr\$ 7.500,00 anteriores, elevam o prejuízo a Cr\$ 15.000,00 por cabeça.

Por outro lado, levando-se em conta importantes fatores, como o maior risco da incidência de doenças e acidentes, perda do melhor preço da entressafra, número menor de indivíduos liberados para a matança, todos eles decorrentes de uma engorda morosa, o prejuízo ascende a pelo menos Cr\$ 25.000,00 por cabeça.

Peter Giles, baseando-se em experiências feitas na Inglaterra, demonstra a conveniência de se abreviar a criação e engorda. Em capítulo intitulado “Crescimento rápido significa maior lucro”, salienta o alto custo da cota de manutenção, ao afirmar:

“Para aumentar 450 gramas por dia, um bovino de corte

SAIS MINERAIS E VIT

exige 2,5 quilos de equivalentes de amido; para ganhar 900 gramas por dia, precisa de 3,2 de equivalentes de amido e, para um ganho de 1.300 gramas, 4,1 quilos do referido equivalente."

É evidente, então, que quanto maior fôr o ganho diário, menor será o custo do quilo de carne em alimento consumido e em despesas gerais, sem se falar no giro mais rápido do capital.

ALIMENTOS BÁSICOS

Naturalmente, ninguém vai engordar boi exclusivamente com concentrados, pois eles representam apenas um suplemento das forragens que são os alimentos básicos. Dêstes, os melhores são as forragens verdes existentes na fazenda no período da "sêca": cana, capins de grande desenvolvimento como o Napier, o Guatemala, etc. e as silagens.

Nas regiões onde a cana não pode ser utilizada na produção do açúcar ou do álcool, pela inexistência dessas indústrias nas proximidades, ela torna-se a forragem ideal para a engorda dos bovinos, porque assim utilizada constituirá freqüentemente a cultura de maior lucro para a fazenda. Além desta, várias outras razões a recomendam: 1.º — representa uma abundante reserva de "verde" na época da "sêca"; 2.º — evita as despesas de ensilagem; 3.º — dispensa a compra, transporte, armazenamento e a pouco prática manipulação do melaço. Nas zonas açucareiras, além do melaço, pode-se utilizar vanta-

josamente as pontas e o bagaço fresco de cana.

Embora a cana seja a forragem ideal, as fazendas dispõem, em geral, de outros produtos e subprodutos que podem e devem ser empregados, tais como: estelos, folhas, palha e sabugo de milho; pa-

lha de arroz, ramas de mandioca, palha de feijão, taboa, fenos eventualmente disponíveis etc.

As forragens secas, assim como tôdas as demais, devem ser conservadas isentas de mofos e convenientemente preparadas antes da administração.

ESQUEMAS DE ALIMENTAÇÃO PARA ENGORDA EM CONFINAMENTO

Damos abaixo alguns esquemas de alimentação para este sistema de engorda:

TIPO A

Cana picada (pé inteiro)	de 30 a 35 kg por dia
Ração concentrada	3 kg por dia

TIPO B

Ponta de cana	de 40 a 45 kg por dia
Melaço	1 " por dia
Ração concentrada	3 " por dia

TIPO C

Estelo, folha e ponta de milho secas, melaçadas e salgadas ...	de 12 a 14 kg por dia
Ração concentrada	3 kg por dia

TIPO D

Palha de arroz picada, mela- çada e salgada	de 12 a 14 kg por dia
Ração concentrada	3 kg por dia

TIPO E

Fenos de gramíneas	6 kg por dia
Estelo, folha e ponta de pé de milho seco, melaçado e salgado	6 kg por dia
Ração concentrada	3 kg por dia

TIPO F

Sabugo de milho ou palha de milho moídos	7 kg por dia
Cana picada	12 kg por dia
Ração concentrada	3 kg por dia

TIPO G

Silagem de milho ou de sorgo ...	de 20 a 25 kg por dia
Ração concentrada	3 kg por dia

AMINAS "TORTUGA"

COMPOSIÇÃO DA RAÇÃO CONCENTRADA

Milho com sabugo e palha desintegrada	50%
Torta de algodão a 36% de proteína	30%
Superbovigold "Tortuga" para engorda de bovinos	20%
	100%

PREPARO DAS SOPAS DE RESÍDUOS SECOS MELAÇADOS E SALGADOS

Estelo de milho com folhas, pontas de flor picadas	60,0%
Melaço	10,0%
Água para diluição do melaço, possivelmente quente	28,5%
Sal comum diluído em água	0,5%
Complexo Mineral "Tortuga"	1,0%
	100,0%

Sobre a forragem picada, se espalha o Complexo Mineral e o melaço diluído na água com sal. Mistura-se e comprime-se com os pés, usando-a somente 12 a 18 horas depois, para dar tempo à forragem

grosseira para absorver água e tornar-se mais mole.

Além das fórmulas acima, muitas outras combinações são possíveis. É muito útil preparar as rações com a parte volumosa constituída de forragem seca de baixa digeribilidade e de forragem verde de

boa digeribilidade. Dessa forma, os subprodutos do milho, a palha de arroz, de feijão etc., misturados ao capim Napier verde, à cana ou silagem, têm a sua digeribilidade sensivelmente aumentada.

A SEÇÃO TÉCNICA DA TORTUGA ESTÁ À SUA DISPOSIÇÃO PARA PLANIFICAR ENGORDA EM CONFINAMENTO

MATRIZ: AVENIDA JOÃO DIAS, 1356 - CAIXA POSTAL 12635 - SANTO AMARO
FONES 61-1712 - 61-1856 - SÃO PAULO

FILIAL: AVENIDA FARRAPOS, 2953 - C. P. 3.084 - END. TELEG.: "TORTUGA"
PORTO ALEGRE - RIO GRANDE DO SUL



Saliabra

O MINERALIZADOR IDEAL

- para qualquer animal ou rebanho
 - contém inclusive os sais minerais que faltam em muitos pastos
 - **SALIABRA** é uma mistura melaçada, altamente concentrada, que garante elevada produção de CARNE, LEITE, OVOS E LÃ
- Experimente em sua criação e veja os resultados

LABORATÓRIO ISA

IND. BRASILEIRA DE PRODUTOS QUÍMICOS S/A

DEPARTAMENTO AGROPECUARIO

PRAÇA CORNELIA, 96 - FONE 62-4178 - SÃO PAULO

FILIAIS:

RIO DE JANEIRO - Rua Sorocoba, 584 - Telefone: 46-6659

BELO HORIZONTE - Rua Hermila Alves, 341 - Telefone: 4-5958

LONDRINA - Rua Santa Catarina, 142 - Telefone: 110 5

MOGI DAS CRUZES - Rua Professor Flaviano de Mello, 747



de 6 meses, os prejuízos seriam na ordem de vinte mil cruzeiros. Naturalmente, o valor de venda do animal diminui, aumentando a perda para o criador.

Publicação de 1953 dava conta de que, pelo menos na «bacia leiteira» de Belo Horizonte, em 1279 propriedades visitadas, a doença ocorria em 62% e, em 4053 vacas estudadas, quase 10% tinha «peito perdido». Já em 1959 na mesma região, Figueiredo encontrou 92 vacas atacadas, num lote de 129, e mais 7 suspeitas, das quais 47 apresentaram um só tétio atacado.

O «Annuaire de la Santé Animale», publicado pela FAO em 1962, onde colhemos material para o presente artigo, nos dá conta de que devido à mamite se perderam, nos Estados Unidos, 3,9% de todo o leite produzido em dez anos (175 milhões e meio de dólares) e 1,4% (50 milhões) do valor do gado. A substituição prematura das vacas doentes por outras sadias, associada ao desperdício dos produtos derivados do leite na indústria, custa à França, todos os anos, trinta milhões de dólares. Na Irlanda, de 1954 a 1955, foi estimado que 230 litros de leite por vaca com mamite não são aproveitados. O que causa a perda de 4.200.000 dólares. Em 1950, estudos feitos na Noruega davam como atacados desse mal cerca de um quarto de todo o rebanho, o que equivalia a quatro e meio milhões de dólares; campanha feita com o emprego de

70 mil dólares anuais conseguiu reduzir para 11% (pouco mais de dois milhões de dólares) esse índice, em 1960.

As perdas por diminuição da capacidade de trabalho dos animais podem ser calculadas pelo gasto que se terá de fazer para substituir a energia necessária por outra para realização do mesmo trabalho. Nos países onde é possível a troca de cavalos doentes por tratores e respectivos tratoristas, os prejuízos com as doenças desses animais serão bem menores, mas isso não é o comum. Imagine-se, por exemplo, a China onde 93 pessoas dependem do trabalho de um cavalo, enquanto um caminhão serve para 3834 habitantes, o que aconteceria se tivessem que substituir três cavalos doentes (numa propriedade) por um caminhão (que serve toda uma cidade). Nos E.E.U.U., ao contrário, 10 pessoas ocupam um caminhão, mas um equino serve a 87 habitantes e a troca torna-se fácil. Na maior parte do mundo, quando ocorre alguma epizootia, seja em equinos, seja em bovinos de tração, o que ocorre de menos grave é a perda do que se plantou ou colheu, por falta de transporte ou da terra preparada em virtude de ausência de aração, adubação etc. Nesse país, em dez anos e somente devido aos vermes, perderam-se por ano, dias de trabalho equino que correspondem a 26.320.000 dólares. A Turquia, que possui três milhões e meio de cavalos e burros sofreu em 1960

uma epizootia, na qual morreram 13.810 animais e se sacrificaram mais 6.728 atacados de peste equina; dois anos antes, a mesma moléstia havia matado 3411 equinos, no valor de quase quinhentos mil dólares.

O Iran calculou sua perda (1960) de equinos em três dólares por cabeça atacada de moléstia infecciosa ou parasitária o que deu US\$ 72.164.250,00 de prejuízos com a diminuição da força de tração e produção de carnes ou leite; morreram naquele ano 11.290 cavalos e burros, no valor de quase oitocentos mil dólares.

Os danos causados aos couros e a partes da carcaça nos matadouros pela infestação de larvas, ferimentos, riscos de arame, hematomas etc., embora pareçam insignificantes, no movimento anual de uma região criadora ou abatedora são muito grandes. Segundo o «Anuário dos Criadores» (1960), nos sete milhões de couros bovinos obtidos nos matadouros do Brasil em 1959, somente devido ao berne houve prejuízo da ordem de 875 milhões de cruzeiros, considerado o preço de cinco cruzeiros pagos por quilo de material rejeitado.

Em outros países, as perdas são maiores. Poderemos citar como exemplo o Peru, onde se perderam 550 mil dólares de couros de carneiro e 18,4% de toda a produção industrial de derivados de suínos (escoriações, hematomas etc.). Nos

I — RESUMO DAS CONDENAÇÕES EFETUADAS EM 1960 e 1961 PELO MATADOURO MUNICIPAL DE CARAPICUIBA
— SÃO PAULO
Seção de Bovinos

TOTAL DE BOVINOS ABATIDOS		1960			1961		
		53.504			35.663		
PEÇAS	CAUSAS	Quantidade	Peso em quilos	% sobre o total	Quantidade	Peso em quilos	% sobre o total
I — CARCAÇAS	Cisticercose	172	32.084	0,32	215	33.569	0,60
	Tuberculose	22	3.933	0,41	34	4.178	0,09
	Hematomas etc.	20	3.421	0,37	63	9.765	0,16
	Outras	7	1.215	0,01	11	2.745	0,03
II — PULMOES	Broncopneumonia e afins	2.731	5.462	5,10	1026	2.052	2,87
	Outras	4.061	8.022	7,50	1326	2.652	3,71
III — CORAÇÕES	Cisticercose	76	76	0,14	99	99	0,27
	Pericardite	12	12	0,02	6	6	0,02
	Outras	35	35	0,05	20	20	0,06
IV — FIGADOS	Cirrose	21	84	0,04	31	124	0,09
	Parasitoses	17	68	0,03	10	40	0,03
	Outras	40	160	0,07	17	68	0,06
V — LINGUAS	Ulcerações (aftosa?)	681	681	0,20	295	295	0,83
	Cisticercose	84	84	0,01	104	104	0,29
	Acrinomicose	2	2		16	16	0,04
	Outras	176	176	0,33	68	68	0,19
VI — RINS	Quistos	326	163	0,48	194	97	0,54
	Nefroses	1.412	756	2,75	298	149	0,83
TOTAL		56.534			56.047		

Seção de Suínos

TOTAL DE SUÍNOS ABATIDOS		1960			1961		
		7.426			18.384		
PEÇAS	CAUSAS	Quantidade	Peso em kg.	% sobre o total	Quantidade	Peso em kg.	% sobre o total
I — CARCAÇAS	Cisticercose	129	8.405	1,73	358	24.921	1,91
	Tuberculose	9	279	0,12	8	576	0,04
	Outras	5	161	0,10	4	270	0,02
II — «VISCERAS» COMPLETAS (*)	Cisticercose	66	218	0,88	282	846	1,69
	Tuberculose	7	21	0,08	6	18	0,02
	Outras	4	12	0,04	8	24	0,02
III — FIGADOS	Parasitose	107	214	1,48	473	946	2,57
	Hepatites e cirroses	95	192	1,29	301	602	1,63
IV — PULMOES	Broncopneumonias e afins	118	59	1,58	180	90	0,9
	Outras	260	130	3,50	398	199	1,8
V — LINGUAS	Cisticercose	96	48	1,29	318	159	1,71
	Outras	18	6	0,09	24	6	0,02
VI — RINS E ANEXOS	Parasitoses	1.018	339	13,63	2.068	689	11,2
	Outras	486	162	6,51	784	261	6,3
VII — CORAÇÕES	Cisticercose	70	23	0,37	320	107	1,7
	Outras	18	6	0,09	24	5	0,02
TOTAL		10.368			29.866		

(*) Compreende os órgãos

E.U.A. somente a sarna causou um prejuízo de quatro e meio milhões de dólares. Na Grã-Bretanha em 1950, de cada cem couros 32 foram desvalorizados; a cifra diminuiu em 1955 para 15,5% (416 mil couros, avaliados em 290.000 dólares). Na Colômbia, os parasitas externos causaram (couro e carne) a perda de 43.400.000 dólares (1958). Somente os carrapatos, nos Estados Unidos, deram uma quebra de 0,4% no valor total do gado (correspondente a quase catorze milhões de dólares por ano). Somem-se a isso os piolhos (20 milhões de dólares), mescas do tipo motuca (150 milhões incluindo a diminuição do leite) etc. e teremos (1942-51) que, por insetos, somente naquele país, a perda atingiu 383.300.000 dólares. Na Nova Caledônia, os carrapatos causaram 200 mil dólares de desvalorização aos couros; na Austrália, 27 milhões (somando couros, carnes, etc.); 9 milhões no Uruguai, (junto com outros parasitas); e mais de trinta milhões de dólares na França (somando-se aos couros a quebra de leite e carne).

Os órgãos internos aproveitáveis na alimentação humana, porções de carcaça, rejeitados pelo Serviço de Inspeção dos frigoríficos e matadouros, em razão das larvas de parasitas, distúrbios orgânicos, fraturas, abscessos, hematomas etc. não devem ser esquecidos, uma vez que representam quantias apreciáveis (especialmente o fígado e outras peças). Assim é que, na Argentina (1957), cerca de 65% dos animais inspecionados nos matadouros tiveram fígado rejeitado (700 mil dólares); outras partes somente nesse ano e por outras lesões, foram desprezados três milhões de dólares em produtos carneos nos matadouros. Mais longe, como na Irlanda, em 1954, na mesma situação condenaram-se quase seiscentos mil dólares; e em 1959, nos Países Baixos, 934 mil.

Damos nos quadros da página ao lado o resumo das peças retiradas do consumo humano "in natura", pelo Serviço de Inspeção Municipal de Matadouros da Prefeitura da Capital, sob nossa orientação,



nos anos de 1960 e 1961, a fim de que se possa ter idéia do volume da mercadoria rejeitada em virtude de doenças, acidentes etc.

CONTABILIDADE...

(Conclusão da pág. 36)

adubo, poderia melhorar muito a rentabilidade dessa organização.

Com a baixa porcentagem de vacas em lactação, outro índice correlato da nossa pecuária de leite também fica grandemente prejudicado. É a produção-vaca-ano, que se obtém dividindo a produção anual da fazenda pelo número total de vacas, secas e em lactação. A fazenda citada, com uma produção-vacas-ano de 600 litros, pode, à primeira vista parecer uma exceção. No entanto, se analisarmos o assunto em termos de médias de uma região, a situação do nosso Estado, comparada com outros países, mostra que há muitas fazendas nessa situação:

São Paulo	760
Argentina	1.500
Uruguai	2.000

O segundo desses índices é o gasto de ração por litro de leite (Cr\$ de ração/litro). Com a enorme variação da capacidade de alimentação dos nossos pastos, não há possibilidade de fornecerem os técnicos aos criadores o que eles tanto desejam: uma norma perfeita de alimentação para o ano todo, porque ela varia de mês para mês, dependendo dos preços dos elementos de que se compõe a ração. Vejamos os dados do mês de agosto, quando o gado é alimentado quase exclusivamente no cocho e o problema se torna mais agudo.

Em agosto do ano passado, com os elementos que os produtores julgavam responsáveis pela nossa baixa produtividade, como a falta de chuva, o governo e os preços baixos de leite, iguais para todas as fazendas da região em estudo, os

gastos de ração por litro de leite variaram de Cr\$ 16,00 a Cr\$ 38,00. Os gastos das outras fazendas variaram entre esses extremos. Essa variação se mostra muito ampla, indicando, outra vez, que muitos erros de orientação estão sendo cometidos. Comparando o modo de misturar os ingredientes que compõem a ração salta aos olhos que as fazendas com índice de gasto de ração acima da média têm sua ração desequilibrada. A quantidade de torta de algodão (proteínas), em geral, está em excesso ou em falta em relação ao milho (carboidratos), sempre longe da proporção ideal.

Com a criação de outros núcleos dessa contabilidade e com o aumento do número de proprietários que venham a adotar esse sistema, poder-se-ão indicar normas bem precisas da maneira de balancear os concentrados, para conseguir maior produção de leite com menor gasto de ração.

COLABORAMOS TAMBÉM COM A LAVOURA E A PECUÁRIA

Financiando a lavoura e a pecuária, utilizando o sistema de Promissórias Rurais, colocamos nossas 85 agências a serviço do desenvolvimento agrícola brasileiro.



BANCO NOVO MUNDO S.A.

uma empresa das
ORGANIZAÇÕES NOVO MUNDO-VEGAG
genuinamente brasileiras



Em São Paulo o IX Congresso Internacional de Pastagens

Técnicos de 85 países reunir-se-ão em dezembro deste ano na capital paulista

No encontro havido em Hurley, Inglaterra, em 1960, ficou decidido que o Brasil seria a sede do IV Congresso Internacional de Pastagens, em 1964. Depois, deliberou-se realizá-lo em São Paulo, a 30 de dezembro, com o seguinte programa:

1) — Excursão de estudos pelo Estado de São Paulo, de 30 de dezembro de 1964 a 6 de janeiro de 1965; 2) — Sessão inaugural: 7 de janeiro, à tarde; Sessões de 8 a 20 de janeiro; 3) — Excursões de Estudos pelo País, a partir de 21 de janeiro. Para reserva de hotéis, programas sociais e turísticos: International Travel Promotion — Rua 24 de Maio, 35 — S/loja 104 — Caixa Postal 4976 — São Paulo.

DA NECESSIDADE DE BOAS PASTAGENS

Não precisamos encarecer a importância desse certame nem das conclusões que dele poderão advir em benefício do nosso País e do Mundo. A pecuária leiteira e a pecuária de corte são as maiores riquezas nacionais, dependendo, porém, da existência de bons pastos. Ora, pastos nativos nem sempre existem, pois a natureza não os distribui como desejaríamos tê-los. Mas, podemos criá-los, plantando as variedades de gramíneas ou leguminosas mais aconselhadas pela técnica, a qual, aliás, já deverá ter-se manifestado quanto à escolha do terreno mais adequado, assim como se manifestará quanto à adubação e ao indispensável manejo do pastoreio. Sem isso não haverá produção de leite e de carne.

Não admira, pois, que, nos mais adiantados centros de criadores do mundo, de há anos já se venha cuidando de difundir novas práticas de pastoreio e de estudar as possibilidades existentes em outros lugares da Terra. Já se realizaram oito congressos internacionais de pastagens, com intervalos de cerca de quatro anos, o que dá mais de trinta anos para o período que nos separa do primeiro. Agora chegou a vez do Brasil e São Paulo foi escolhida para sede da reunião, porque se situa na região de mais adiantada pecuária do País.

A capital paulista vai, assim, receber a visita de centenas de técnicos de mais de oitenta países, o que, se constitui um motivo de satisfação para todos nós, não deixa de nos trazer também preocupações. Estaremos preparados devidamente para receber como o merecem tantos representantes estrangeiros? A comissão organizadora do certame, por certo que se esmerará no cercá-lo de todos os cuidados, de maneira que o IX Congresso In-

ternacional de Pastagens constitua uma propaganda adequada do Brasil ou, como hoje se diz, uma verdadeira promoção.

DELEGADOS DE OITENTA E CINCO PAÍSES JÁ INSCRITOS

A secretaria geral do IX Congresso Internacional de Pastagens, instalada na Avenida Francisco Matarazzo, 455, em São Paulo, já recebeu comunicação de que nada menos de oitenta e cinco países se representarão no certame. O Brasil deverá comparecer com 637 técnicos, os Estados Unidos com 874 e a Grã-Bretanha, Escócia e País de Gales com 380.

A lista completa é a seguinte:

Açores; Afr. Oc. Franc.; Alemanha, (47); (34); Arabia Saudita; Argentina, (47); Austrália, (41); Austria, (2); Bélgica, (10); Bolívia; Brasil (657); Canadá, (18); Chile, (24); Colômbia, (13); Costa Rica, (4); Cuba, (3); Dahomey; Dinamarca, (7); Elre, (3); Espanha (11); Faó, (15); Fiji; Filipinas, (3); Finlândia, (15); Formosa; França, (32); Ghana, (3); G. Francesa; G. Hol. (Suliman); G. Inglesa, (2); Haiti; Hawaii; Holanda, (28); Honduras; Islandia; Índia, (4); Irã; Irlanda, (16); Israel, (3); Itália, (8); Japão, (7); Kenia, (10); Kuwait; Líbano, (2); Maláia; México, (7); Nicarágua, (2); Nigéria, (4); Noruega, (12); Nova Zelândia, (29); OEA, (3); OEEC; Panamá; Paquistão, (3); Paraguai, (4); Peru, (8); Polónia, (6); Portugal, (2); Puerto Rico, (4); Rep. Congo, (3); Rep. Dominicana, (2); Rodésia, (12); Senegal; Síria; South Africa, (2); Sudão, (2); Suécia, (12); Suíça, (9); Tailândia, (2); Tanganika; Tasmânia, (2); Tchecoslováquia, (3); Tunísia, (3); Turquia, (3); Uganda, (6); URSS, (6); Escócia, Inglat., Gales, U.K. (380); U.S.A., (874); Upper Volta; Uruguai, (21); Venezuela, (6); West Indies, (12); Yugoslavia, (4); e Costa de Marfim.



BAGÉ: O CICLO REVOLUCIONÁRIO DA PECUÁRIA GAÚCHA

IV

O proprietário precisa estar presente. O olho do dono é que engorda a rês. Isso é verdade em qualquer atividade, mas, preferentemente, na do gado, na pecuária de qualidade, para a qual o Rio Grande do Sul marcha aceleradamente

GARIBALDI DANTAS

O Rio Grande do Sul se divide, grosseiramente, em duas partes: a primeira, do paralelo 30.o para cima; a segunda, daí para baixo.

É como se o Estado fosse cortado em duas imensas fatias territoriais.

Essa divisão, aliás, não é arbitrária, nem aleatória.

Obedece, rigorosamente à própria fisiografia.

Porque, quase justamente pelo paralelo 30, correm duas arterias fluviais — Jacui-Ibicui — a primeira que desagua no Uruguai, a segunda, que desemboca na vasta mesopotâmia gaúcha, que é a Lagoa dos Patos. Elas são a grande aguarria gaúcha.

Essas duas bacias vão ser ligadas por um canal, cujas obras acabam de ser autorizadas.

Será a primeira grande ligação que assegurará a comunicabilidade fluvial, o transporte por água, desde os limites extremos setentrionais onde nasce o Paraná, até a sua embocadura, nesse mundo aquático, que é a Baía do Prata.

O Simposio de Bagé teve, entre outras coisas, o escopo de acentuar a importância desse fato, amplamente analisado através da pena genial de Assis Chateaubriand.

A primeira parte territorial dessa grande e natural divisão do Rio Grande do Sul corresponde também de forma geral ou grosseria, à área tipicamente agrícola.

Aí, predominou a imigração alemã, italiana e eslava.

É o Rio Grande do Sul estrangeiro. Estrangeiro, apenas, pela origem, é claro.

É o Rio Grande do Sul da vinha, do milho, do porco, dos cereais. Noventa e cinco por cento da população suína se acham nessa área.

A segunda metade, a que vai do paralelo 30 até, praticamente, o 34, é de caracterização tipicamente criadeira ou pecuária.

Aí dominam o boi e a ovelha.

É o paraíso dos imensos campos gaúchos que sucedem os pampas não menos vastos do Sul.

É a terra onde o vento corre livre.

E, como o vento, o espírito indomito de liberdade, de brio, de individualismo.

É a sociedade pastoril tradicional, mas, nem por isso, imóvel ou estática.

É o Rio Grande brasileiro pela origem dos que ali assentaram tendas, gente de sangue português e espanhol.

A carne e a lã ditam leis. Mais de metade do rebanho bovino rio-grandense pasta nessas terras.

Do paralelo 30 para baixo, estende-se, na sucessão de cochilas e cochilas, dos arroios que as cortam, a imensa planura gaúcha, despida de árvores, pobre de florestas, mas rica desse viridente tapete, que forma os pastos mais bonitos do Brasil, onde gerações inteiras trabalharam, lutaram e morreram.

NÃO ESQUEÇA

O SISTEMA SIMPLES E RÁPIDO DE ATENDIMENTO À LAVOURA, À PECUÁRIA, AO COMÉRCIO E À INDÚSTRIA É UMA CRIAÇÃO DO BANCO.

SERVIÇOS PIONEIROS ESTÃO À SUAS ORDENS EM NOSSA REDE URBANA — A MAIOR DA CAPITAL: 61 DAS 220 AGÊNCIAS QUE TEMOS NO PAÍS.



Banco Brasileiro de Descontos, S.A.
uma garantia de bons serviços

A densidade demográfica da região é a mais baixa do Estado: menos de dez habitantes por quilometro quadrado.

O rebanho do boi e da ovelha não exige muita gente.

Cidades, como Bagé, são aglomerados urbanos que surgem, sem maior expressão econômica, senão a se servirem de centro de comercialização da atividade pecuária.

Não há chaminés enfeitando, segundo alguns, a paisagem calma da campina ondulante.

Aqui e ali porém, levantam-se torres de silos de trigo, que, também ou talvez, marcham para o olvido, porque o trigo por ali não vai para diante.

Mas que gente boa a que vem e sai da tradição pastoril!

A pecuária gaucha, especialmente a da área, de que Bagé se tornou, necessariamente, o centro, não tem o imobilismo das coisas estratificadas e atrasadas.

Fiquei admirado do progresso técnico ali existente.

Conversei com o dono da cabana A Tala, que se situa pertinho de Bagé, e fiquei sabendo que o técnico dos rebanhos, agrônomo e veterinário, é o seu próprio filho, rapaz fino, altamente educado, cuja palestra é verdadeiro encanto.

Isso vem mostrar que a pecuária gaucha não é atividade cujos proprietários vivem longe, nas cidades ou nas capitais.

O absentismo não se ajusta à atividade pastoril da zona.

O proprietário precisa estar presente. O olho do dono é que encorda a rês. Isso é verdade em qualquer atividade, mas, preferentemente, na do gado, na pecuária de qualidade, para a qual o Rio Grande do Sul marcha aceleradamente.

Diria melhor: revolucionariamente.

**Veja
o grande sortimento de**

**CAMISAS
GRAVATAS
MEIAS e
LENÇOS**

**CASA
KOSMOS**

**RUA 7 DE ABRIL, 400 — RUA DIREITA, 150
SÃO PAULO**



PONTAL

AGRÍCOLA

HIDRÁULICA



DE 20, 24, 28 E 32 DISCOS

ARRASTE



OFF-SET DE 16 E 20 DISCOS

TANDEM-X



DE 24, 28 E 32 DISCOS

GRADES

DOTADAS DE MANCAIS BLINDADOS
CONTENDO ROLAMENTOS

DISTRIBUIDORES:

PONTAL MERCANTIL S.A.

AVENIDA DO ESTADO, 5.783 — FONE: 37-4195 — SÃO PAULO

REVENDEDORES AUTORIZADOS EM TODO O PAÍS

Não tive o prazer, pela exiguidade do tempo, de conhecer sedes de cabanas bageenses.

Foi pena. Porque me disseram que ao desconforto da vida campesina ali sucede o oásis. O campo é monótono, é duro, é, talvez, para alguns, triste.

A cabana é o refúgio. É o conforto. É a recompensa dos duros trabalhos da vida pastoril. Nela, o gaúcho imprime sua personalidade, sua idéia e necessidade de conforto.

O Brasil é assim.

Até havia pouco tempo, não conhecia bem a Bahia. Fui até lá e de lá voltei maravilhado. Ai então é que compreendi o refrão: se não foi ainda à Bahia, então vá!

A mesma coisa poderia dizer do Rio Grande do Sul. Era preciso ter ido lá, para trazer, definitivamente gravado na retina, a cena do campo gaúcho, na manhã fresca e úmida do dia em que ali chegamos. Não há nada que lhe leve vantagem. É uma paisagem que não tem símile com outras cenas e recantos admiráveis do Brasil bonito.

Ainda agora, ao juntar notas esparsas, apanhadas ao correr de conversas, guardo na memória a lembrança, a visão da campina rio-grandense, das manadas de bois finos que cruzaram estradas por onde passamos, e das pacíficas ovelhas que pastavam aguardando a tosquia aquela paisagem verde, onde não há, senão ao longe, o recorte de algum maciço montanhoso, onde a continuidade impressionante do tapete verde só é interrompida pelo suave balancear dos galhos dos chorões, ali plantados, como se fossem enfeites paisagísticos.

Tenho em mãos jornal da terra, o «Correio do Sul», de 8 de outubro.

Que é o que encima a sua última página?

Esta manchete: «Mais de 60 milhões as vendas do VI Remate da Cabana A Tala».

Eu não saberia explicar o que aquilo representava, não tivesse tido ocasião de ser apresentado, horas antes, ao proprietário e filho dessa magnífica fazenda de criação, da cabana famosa, como outras do Rio Grande do Sul, pela seleção de novilhos e ovelhas, a que a região deve sua maior prosperidade.

No comentário de dias atrás, tive oportunidade de acentuar que, só de ovinos, as vendas nesse curioso leilão particular haviam ascendido a 26.000.000 de cruzeiros. Isso para mim parecia uma fabula.

Mas que dizer do arremate dos bovinos, no total de 163 cabeças, quase todas Herefords, cujo montante ascendeu a ... 34.340.000 cruzeiros?

Mais de 60 milhões de cruzeiros, em um leilão particular, não é fato que não tenha implicação especial.

Esta, a meu ver, explica a pecuária gaúcha de hoje. Um ciclo revolucionário passa por ali, abatendo, para melhor, os alicerces e as formas da sociedade pastoril ali arraigada há mais de dois séculos.



camionetóptero

Ainda não existe, mas serve para dar melhor idéia da excepcional agilidade do Pick-up "Jeep" com tração "topa-tudo" (em 2 ou nas 4 rodas e reduzida). O Pick-up "Jeep" é uma camioneta de fácil manejo. Estaciona com rapidez, para carga e descarga urgente. E eis que novamente volta ao tráfego intenso, ganhando tempo, para oferecer-lhe sempre mais lucros no transporte de cargas médias. Agüenta mais do que as outras camionetas. Seu potente motor de 90 H. P. — na medida exata do serviço a que se destina — é extremamente econômico. Some a tudo isso a alta qualidade e o esmerado acabamento que caracteriza todos os produtos Willys e surpreenda-se com o preço do modelo 64 — com suspensão mais macia, novas cores e bateria de 12 volts. É o mesmo preço que você teria que pagar no ano passado para comprar qualquer outra camioneta.

PICK-UP "JEEP" — Um produto **WILLYS OVERLAND** fabricante de veículos de alta qualidade — S. Bernardo do Campo, Est. de S. Paulo
Ganhe milhares de cruzeiros na compra e siga lucrando a cada km rodado



PICK UP
Jeep 

NOTAS ZOOTÉCNICAS

Nos dois trabalhos resumidos a seguir, realizados nos EUA, o criador de gado leiteiro verificará o seguinte: a) torna-se necessário realizar maior número de pesquisas zootécnicas no sentido de saber se os zebus podem contribuir com a sua notável tolerância ao calor para a solução do magno problema da produção econômica do leite nas áreas tropicais e sub-tropicais; e b) a sudorese é de grande importância na adaptação dos bovinos aos climas quentes.

L. P. JORDÃO

GADO LEITEIRO E TOLERANCIA AO CALOR

Um dos maiores problemas zootécnicos da atualidade consiste em que é baixa a produção média anual das vacas leiteiras existentes nas regiões sub-tropicais e tropicais.

Segundo estimativas feitas pelos órgãos oficiais dos Estados Unidos, a produção média das vacas leiteiras em 1958-59, em dez estados centro-setentrionais foi de 4.828,2 kg de leite e 184,3 kg de gordura ao mesmo tempo que a média referente a cinco estados sulinos, da região da Costa do Golfo do México, alcançou somente 3.445,4 kg de leite e 142,1 kg de gordura.

Quais os motivos dessas diferenças? Elas são atribuídas aos efeitos combinados da herança, má alimentação, manejo inadequado, verões quentes e longos nos Estados meridionais.

As pesquisas pioneiras do zootecnista A. O. Rhoad, realizadas na «Iberia Livestock Experiment Station», na Louisiana e de J. C. Bonoma na África do Sul, demonstram que, em condições ambientais quentes e úmidas, tais como as proporcionadas por 34°C e 80% de umidade relativa, encontram-se, entre indivíduos de uma mesma raça e entre raças, no que concerne à capacidade de manter a temperatura do corpo em torno do normal, diferenças de 38,3°C.

Várias raças zebuínas têm demonstrado maior tolerância ao calor do que as raças de origem europeia, notadamente as três reputadas e tradicionais raças produtoras de carne, Shorthorn, Angus e Hereford.

No decorrer de seu trabalho, Rhoad criou um índice de tolerância ao calor baseado na resposta da temperatura do corpo do bovino às condições de clima quente. Ele também sugeriu que a tolerância ao calor é uma habilidade transmissível ou de natureza hereditária.

Em 1944 e 1945, outro pesquisador norte-americano, Seath, na Estação Experimental de Louisiana calculou a herdabilidade da tolerância ao calor. Herdabilidade como sabemos, é a parte das diferenças que se observam na resposta dos animais, que são de natureza genética e que se transmitem de pai a filho. Tendo por base as diferenças entre pai e prole em bovinos Jersey e Holandeses, Seath encontrou os valores 15,1 e 30,9, por cento respectivamente sendo as estimativas obtidas quando a temperatura do meio ambiente variou de 30° a 34° C.

Os resultados dos estudos feitos com bovinos produtores de carne e de leite levam-nos à conclusão de que se podem formar agrupamentos de animais tolerantes ao calor. Todavia ainda permanecem vários pontos obscuros, que precisam ser esclarecidos:

1. Que é tolerância ao calor?
2. Qual a relação entre tolerância ao calor e produção leiteira?
3. Poderemos reproduzir animais com o propósito de aumentar a tolerância ao calor?
4. Que melhoramento na produção de leite pode ser alcançada com o emprego de melhor alimentação e manejo nas áreas quentes?

A fim de elucidar essas questões, o Departamento de Agricultura dos EUA adquiriu na Índia, em 1946, duas novilhas e dois touros da raça Sindi vermelha.

A chegada desses animais marcou o início de uma experiência a longo termo. O objetivo era estudar a genética e a fisiologia da tolerância ao calor e a criação de uma raça ou linhagem de gado leiteiro que fosse mais resistente às altas temperaturas e umidades.

Os resultados dos estudos estão resumidos nas Tabelas 1, 2 e 3.

Os dados de leite e gordura exibidos nas três tabelas pelos grupos de animais mestiços são as médias das primeiras lactações de 305 dias, ou menos em duas ordenhas.

É preciso dizer que a alimentação e o manejo foram semelhantes tanto nos grupos de animais mestiços como no de puro sangue. Todas as vacas foram alimentadas em estabulo com uma ração-padrão baseada nas recomendações para manutenção e produção. A ração concentrada foi ministrada de acordo com a produção. O feno e a silagem foram dados à vontade e o pasto nos momentos propícios.

REVISTA DOS CRIADORES

CALÇAS ESPORTIVAS

Para passear no campo, pescar, cavalgar, escolha sua calça no imenso sortimento de calças da Casa José Silva. Todos os tipos, desde rancheiros até confecções de luxo. Tudo moderno, funcional em tecidos de boa qualidade. Os preços são ótimos e o pagamento facilitado.

São Bento — Brigadeiro — Brás — Tatuapé

Tabela 1. — Sindi-Jersey vs Jersey. Produção média de leite e gordura das mestiças Sindi-Jersey, na primeira lactação, em três estações (Beltsville, Maryland; Trifton, Georgia; Jeanerette, Louisiana); e médias das puro-sangues Jersey, companheiras de estábulo, na mesma idade.

Mestiças			p. s. Jersey		% das mestiças em relação às puras			
Brança	n.º de animais	idade à primeira parição (meses)	média, kg		média, kg *		leite	gordura
			leite	gordura	leite	gordura		
Beltsville								
3/4 J	10	26	3278	194,8	3596	207,5	81	94
F ₁	37	28	2692	153,4	3668	196,1	73	78
1/4 J	15	27	1435	82,6	3682	202,9	39	41
Jeanerette								
3/4 J	10	30	2479	111,7	2583	121,7	96	93
F ₁	47	29	2093	105,8	2597	122,6	81	86
P ₁	10	30	1707	76,3	2579	121,7	66	63
1/4 J	13	29	1158	58,6	2438	113,5	47	52
Trifton								
5/8 J	6	26	2579	116,7	2901	156,2	89	75
3/4 J	19	26	2520	128,0	2824	151,2	89	85

* Média ponderada — a média das Jerseys foi ajustada à idade de parição das mestiças.

Em cada estação, à medida que a proporção de sangue Sindi aumentava, a produção de leite e de gordura dos grupos mestiços diminuía. Por exemplo, como é visto na Tabela 1, as fêmeas 3/4 Jersey, F₁, e 1/4 Jersey, produziram somente 86, 81 e 47 por cento, respectivamente do leite propiciado pelas vacas Jerseys puras que se achavam sob as mesmas condições, como testemunhas, em Jeanerette.

Contrastando com esses resultados de produção de leite, a tolerância ao calor aumentou na mesma proporção com que se elevou a quantidade de sangue Sindi. A tolerância ao calor foi avaliada pela temperatura do corpo, frequência respiratória, produção de calor e várias outras medidas fisiológicas tomadas dos animais, tanto no campo como em câmaras climáticas. Em outras palavras, em condições de «tensão do calor», a tolerância foi diretamente proporcional à quantidade de sangue Sindi que o animal apresentava.

Tabela 2. — Sindi-Holstein vs Holstein. Produção média de leite e gordura das mestiças Sindi-Holstein na primeira lactação, em duas estações (Beltsville Maryland e Baton Rouge, Louisiana); as médias das puro sangue Holstein companheiras de estábulo na mesma idade.

Mestiças			p. s. Holstein		% das mestiças em relação às puras			
Braque	n.º de animais	idade à primeira parição	média, kg leite	média, kg gordura	média, kg * leite	média, kg * gordura	leite	gordura
Beltsville								
3/4 H	8	25	4640	206,0	5646	221,1	82	98
F ₁	13	26	2624	140,0	5675	228,0	46	61
Baton Rouge								
3/4 H	13	32	2106	75,8	3713	131,2	57	58
F ₁	20	29	1835	79,4	3622	120,8	53	66

* Média ponderada — a média das Holstein foi ajustada à idade de parição das mestiças.

VIII EXPOSIÇÃO-FEIRA DE GADO LEITEIRO E CAVALO MANGALARGA

A maior exposição de gado leiteiro das Américas

PARQUE DA ÁGUA BRANCA
São Paulo — 1 a 10 de junho

Simultaneamente, foram feitos estudos de correlações genéticas entre a tolerância ao calor e a produção de leite. Essas correlações mostram quanto as características são semelhantes em decorrência de genes que as afetam no mesmo sentido. No entanto foi encontrada uma correlação negativa, altamente significativa, entre a tolerância ao calor e a produção de leite. Isto significa que um bom índice zootécnico em relação à tolerância ao calor tende a associar-se a um mau índice de produção de leite.

Tais resultados indicam que se selecionarmos os animais tendo em vista maior tolerância ao calor, estaremos escolhendo, simultaneamente, os espécimes de produção de leite mais baixa. Assim, os resultados da correlação genética entre tolerância ao calor e a produção leiteira foram confirmados pelos resultados da tolerância ao calor e a produção de leite e gordura que se acham nas três tabelas.

Retornemos, agora, às novas perguntas. Primeiro, que é tolerância do calor?

A expressão tolerância ao calor, tal como é aplicada ao gado leiteiro, pode ser definida como a habilidade ou capacidade de um animal no resistir a altas temperaturas e umidades, sem apresentar sinais de enfraquecimento. Os fisiologistas que se dedicam ao gado leiteiro geralmente têm atentado para a habilidade de regular o calor e, assim, pode-se definir a «tolerância ao calor» como a aptidão de um animal produtor de leite para se manter com a temperatura do corpo aproximadamente constante ou normal (38,3° C), sob as «tensões do calor».

Com o aumento do teor de sangue Sindi, os animais se tornavam cada vez mais tolerantes ao calor, mas a produção de leite diminuía. Qual a interrelação entre tolerância ao calor e produção de leite no gado leiteiro?

Mediante a definição anterior de tolerância ao calor, estabelecemos que existe relação inversa entre as duas características: a produção de leite foi mais alta, na medida em que a tolerância ao calor foi mais baixa. Tal também aconteceu dentro de cada grupo de mestiças Sindi.

Vamos passar agora para nossa questão principal: Podemos aumentar nos animais a tolerância ao calor?

Os resultados das pesquisas mostram que a tolerância tem base hereditária e que podemos realizar a seleção nesse sentido. Todavia, a pergunta se transforma: Devemos selecionar os animais pela tolerância ao calor?

Tendo por base a definição de tolerância ao calor e os resultados das pesquisas até o momento divulgadas, podemos responder negativamente.

Enquanto estivermos voltados para a maior tolerância ao calor, podemos também estar criando vacas de menor produção de leite.

Além disso, parece que são necessárias várias gerações de animais com «performance» produtiva dentro dos grupos de mestiças F₁ Sindi, para se obter um gado leiteiro tão produtivo como a média das raças europeias. À medida que a produção aumenta, por via da seleção das gerações filiais, não há dúvida que a tolerância ao calor diminui.

Consequentemente, parece que os criadores de gado leiteiro do Sul dos EUA devem limitar-se à seleção dos animais dentro das raças europeias, mediante o consumo de forragens de alta qualidade durante o ano e sem a introdução de sangue Sindi ou outro Zebu, em seu programa de criação.

Os resultados finais da pesquisa assim como de futuros trabalhos sobre a adaptabilidade de produção do gado leiteiro nos trópicos e sub-trópicos podem alterar a presente conclusão. Mas, até que tal aconteça, a conclusão é válida.

Não queremos dizer que o Zebu não tenha lugar na criação de gado leiteiro nos trópicos. Ele pode ter papel definido nessas regiões. Di-lo-ão as pesquisas.

Tabela 3. — Sindi-Schwyz vs Schwyz. Produção média de leite e gordura das mestiças Sindi-Schwyz, na primeira lactação na estação de Homer e médias das puro sangue Schwyz, companheiras de estabulo, na mesma idade.

Sangue	n.º de animais	Idade à primeira parição (meses)	P. s. Schwyz		% das mestiças em relação às puras	
			média, kg leite	média, kg gordura	leite	gordura
3/4 S	25	31	2291	102,6		
F	30	30	1492	73,0		
				2536	102,6	90
				2551	104,9	59
						100
						70

* Média ponderada — a média das Schwyz foi ajustada à idade de parição das mestiças.

EVAPORAÇÃO E TOLERANCIA AO CALOR

Experiências recentes do Departamento de Agricultura dos EUA demonstraram que a evaporação da água pela pele dos bovinos, ou melhor, pela sudação, é o meio mais importante de que esses animais dispõem para eliminar o calor produzido em seu corpo.

J. R. Weldy, zootecnista especializado em gado leiteiro do referido Departamento, em trabalho apresentado na Sociedade Americana de Zootecnia, em Chicago, Illinois refere que as vacas diferem acentuadamente quanto à sua capacidade de suar. Os bovinos que se libertam mais eficientemente do calor corporal conseguem adaptar-se com menos dificuldade à temperatura elevada, constantemente.

Verificado experimentalmente que a transpiração é muito importante nos dias quentes, essa característica pode ser de grande utilidade na seleção de animais adaptáveis aos climas quentes. Por isso, os pesquisadores procuram determinar se o grau ou índice da sudação é herdável e se a seleção com vistas ao aumento dessa habilidade é praticável.

A importância da sudação foi mostrada em estudo de câmara de calor por Weldy e por McDowel no Centro de Pesquisas Agrícolas de Beltsville, Maryland. Vacas Holstein foram mantidas em câmaras climáticas durante 12 semanas, a temperaturas de 21° e 32° C alternadas de duas em duas semanas. Quando os animais se achavam sob 21° C, a sudação concorreu com cerca de 55 por cento da dissipação do calor pela evaporação da água. Quando a temperatura ambiente foi elevada para 32° C, a transpiração concorreu com 70 por cento. A respiração foi responsável pelo resto da perda de calor que se verifica pela evaporação da água (a excreção é responsável por uma pequena parcela da eliminação do calor).

Fato importante foi verificado: os animais apresentaram diferenças consideráveis, entre si no que se refere à aptidão para se livrarem do calor pela transpiração.

As taxas de sudação e de respiração aumentam quando a temperatura sobe de 21° para 32° C, sendo a transpiração que se eleva muito mais. Para Weldy, isto indica que a frequência respiratória da vaca é bem menos importante do que se acreditava. Julga o mesmo pesquisador que os animais que mais se adaptam à temperatura de 32° C eliminam cerca de 40 «therms» (um therm — megacaloria — um milhão de pequenas calorias) de energia calorica por dia, por via da evaporação da água. Contrariamente, as vacas menos adaptadas eliminam somente 10 a 12 «therms» dessa energia diariamente.

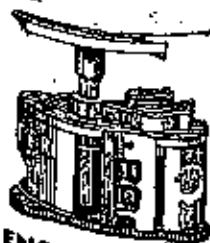
(Adaptado de trabalhos de Cecil Branton (Louisiana State University, Baton Rouge, Louisiana), de J. R. Weldy e R. E. McDowel (United States Department of Agriculture Agricultural Research Service Beltsville, Maryland) publicados em «American Agric. News Digest» 4, 1962 — por L.P.J.).



CORTADORES DE FORRAGENS

- Debulhadores de milho
- Descascadores de arroz
- Moínhos para café
- Moínhos para quirera
- Trituradores

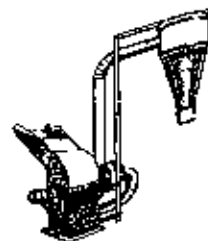
FOSTER



ENGENHOS DE CANA

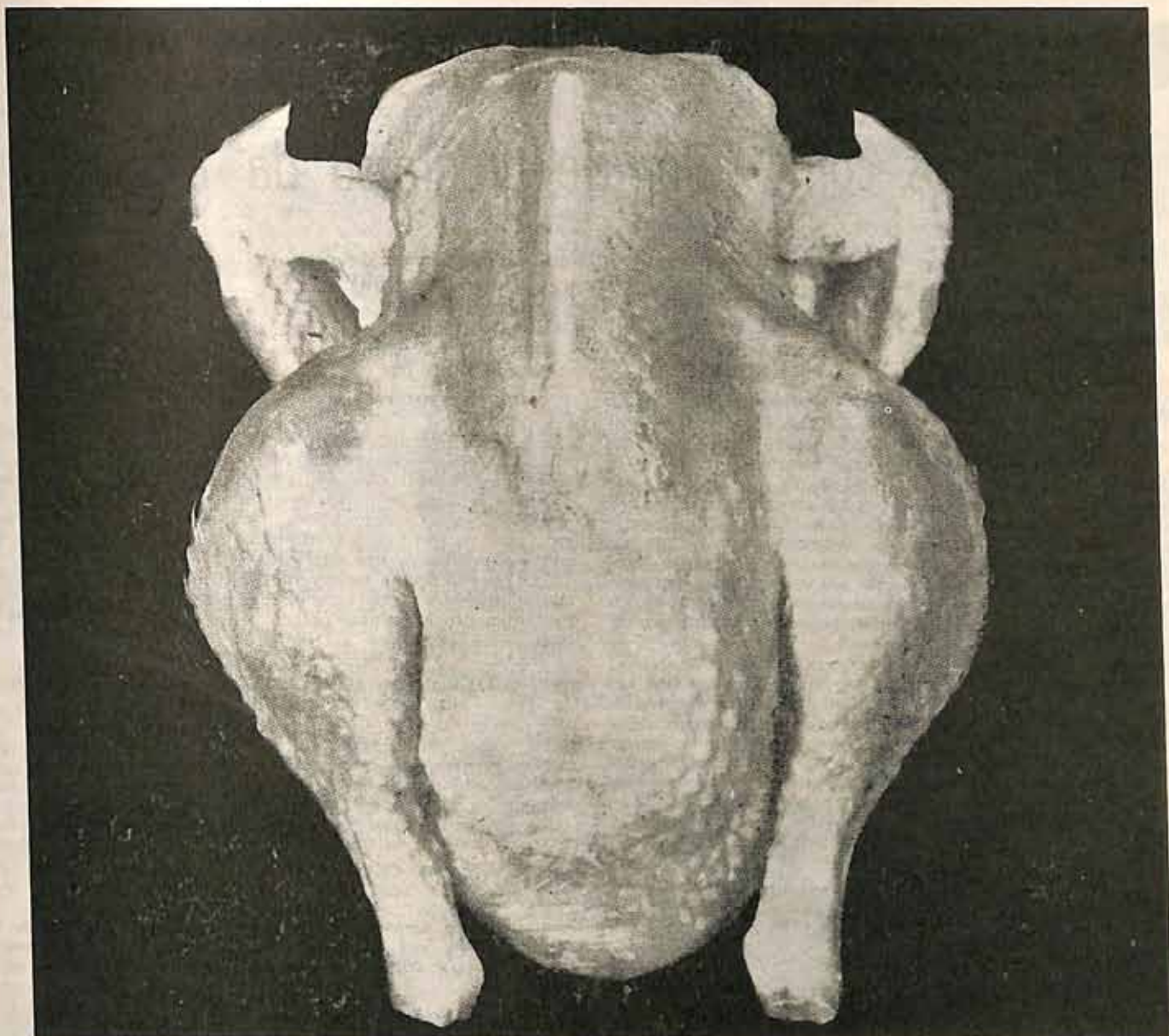
CASA FOSTER

Rua Florêncio de Abreu, 441 — Caixa Postal, 56 — SÃO PAULO
GOIÂNIA RECIFE — Rua da Palma, 458 — Caixa Postal, 907
FABRICA ASSOCIADA — Avenida Anhangüera, 808 (antiga Marechal Floriano)
Via Anhangüera, Km 207 — Indústria Metalúrgica Pirassununga S. A.
Revendedores FOSTER em todo Brasil



MOINHOS A MARTELOS

- Cultivadores
- Grades de discos
- Grades de dentes
- Semeadoras
- Pulverizadores
- Polvilhadeiras



MAIS CARNE! com menos ração... em menos tempo...

Isto se consegue, quando a alimentação das aves é feita com rações balanceadas, que só a ciência e a técnica moderna podem produzir...

RAÇÕES
SANTISTA-AVEVITA
 valem pelo que rendem!

Credenciadas pela A. P. A.



Solicitem
 nossa
 assistência
 técnica



Largo do Café, 11 — Caixa Postal 507 — Telefone: 33-8111
 Depósitos: Santos, Campinas, Mogi das Cruzes, Baurú, São Roque

Antibióticos como fator de progresso da avicultura

Refutam-se, no presente artigo, as alegações de que os antibióticos destroem a flora intestinal

HENRIQUE F. RAIMO
Méd. Vet.

Os antibióticos começaram a ser empregados como suplemento nas rações em 1951, nos Estados Unidos, sendo a clorotetraciclina (aureomicina) o primeiro adotado na alimentação dos animais domésticos. A partir daí, praticamente todos os antibióticos de preparo industrial passaram a ser dados como suplemento na ração dos animais. Ao mesmo tempo, muitas outras formas de emprego dos antibióticos foram sendo continuamente lançadas no mercado de produtos para uso no combate às doenças e diversas anormalidades da criação. Hoje há antibióticos injetáveis, em pó solúvel na água, em suspensão oleosa, para injeções debaixo da pele, em capsulas ou em comprimidos para via oral e diversas outras formas de aplicação.

No entanto, levantam-se dúvidas nos meios criatórios, quanto à eficiência dos antibióticos, persistindo ainda muitas alegações de ordem teórica, principalmente no que respeita à destruição da flora intestinal e outras questões, perfeitamente elucidadas em provas realizadas em estações experimentais de todo o mundo. Por esse motivo e a fim de pôr termo a essas balelas, divulgaremos aqui resultados de experimentações, que demonstram a eficiência dos antibióticos e suas principais características biológicas, em sua maneira de atuar no organismo das aves.

OS ANTIBIOTICOS NO COMBATE DAS DOENÇAS

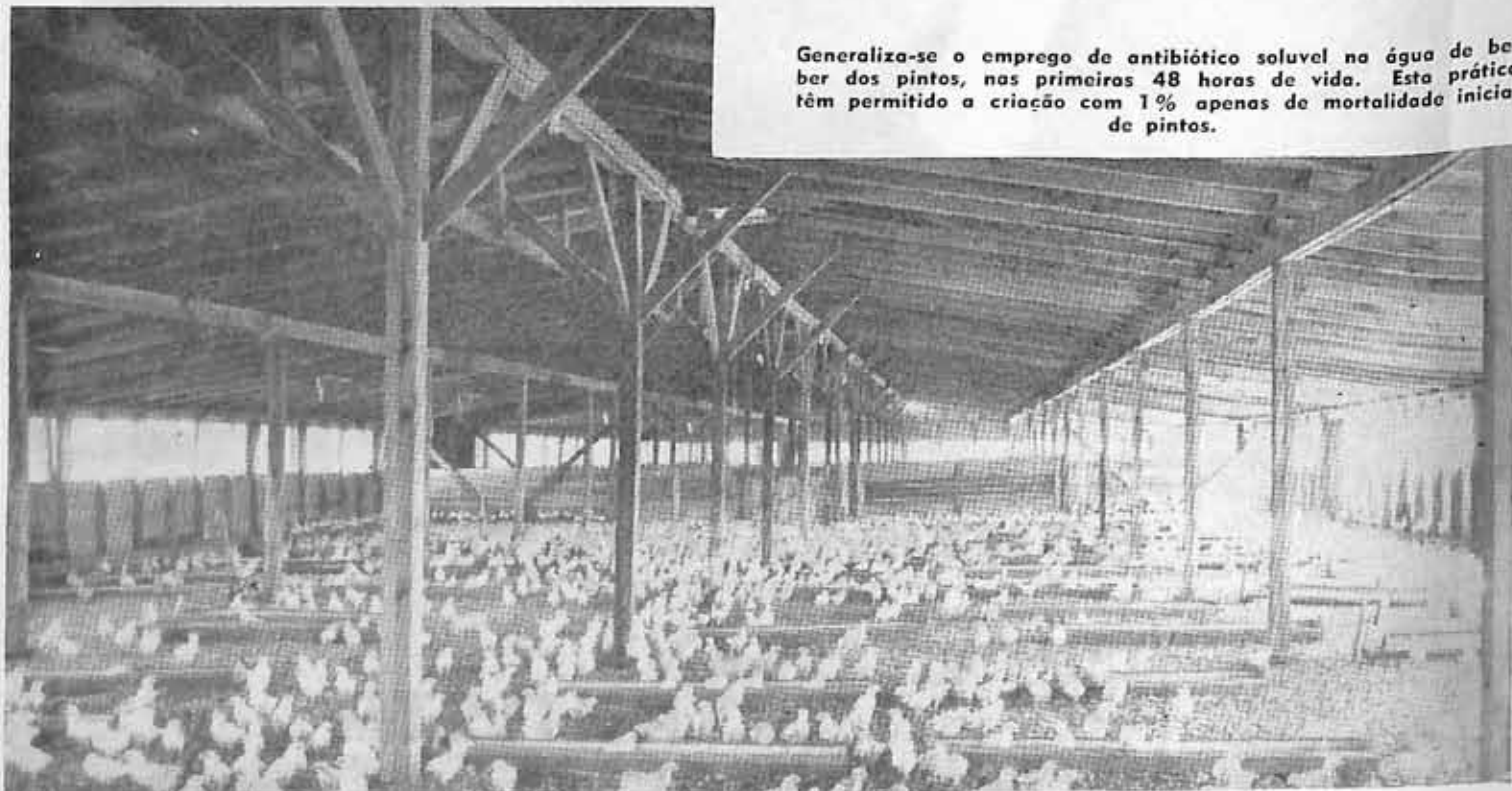
As controversias giram em torno da perda da ação estimuladora do crescimento das rações contendo antibióticos. Alega-se que, recebendo rações suplementadas com antibióticos, na primeira semana os pintos reagem bem, mas depois deixam de apresentar ação estimuladora, fato que tem explicação biológica, pois os antibióticos «limpam» o meio e evitam a contaminação progressiva dos abrigos.

O que há é que os antibióticos nunca devem ser abandonados, pela sua ação nitidamente de domínio das doenças e melhoramento geral das rações. Além dessa constituir em seguro permanente para a criação.

ESTIMULO E INIBIÇÃO DAS BACTERIAS DOS INTESTINOS DOS PINTOS, PELOS ANTIBIOTICOS

É crença de grande número de avicultores que os antibióticos provocam a destruição da flora microbiana dos intestinos dos pintos. No entanto, provas experimentais têm revelado que os antibióticos podem acelerar o desenvolvimento de certos grupos de bactérias e diminuir a proliferação de outros grupos. Também existem antibióticos que atuam mais decisivamente

Generaliza-se o emprego de antibiótico solúvel na água de beber dos pintos, nas primeiras 48 horas de vida. Esta prática tem permitido a criação com 1% apenas de mortalidade inicial de pintos.



vamente sobre este ou aquele grupo de bactérias e, mesmo em diversas partes do intestino, esta atuação é diferente para os antibióticos estudados.

R. A. Rhodes e seus colaboradores da Universidade de Wisconsin — E.U.A. estudaram a ação da aureomicina, bacitracina e penicilina sobre a flora intestinal dos pintos.

Os pintos recebiam antibióticos em ração sintética que continha quantidades limitadas de ácido fólico. O total de bactérias no conteúdo de diferentes partes dos intestinos destes pintos era determinado a intervalos regulares. A inclusão de antibióticos na ração determinou o aumento do crescimento dos pintos, acompanhado de alteração no número de coliformes e lactobacilos do tracto intestinal.

De um modo geral, os antibióticos condicionaram o aumento do número de coliformes em todos os segmentos do tracto intestinal. A aureomicina foi mais eficiente nas partes superiores do tracto intestinal; a combinação entre bacitracina e penicilina se revelou mais efetiva nas partes inferiores dos intestinos.

Ao contrário do seu efeito sobre os coliformes, os antibióticos reduziram o número de lactobacilos. A combinação de bacitracina e penicilina em suplemento na ração, praticamente eliminou os lactobacilos do conteúdo intestinal de todo o tracto. De todos os antibióticos estudados, a aureomicina foi o que menor efeito depressivo apresentou sobre a proliferação dos lactobacilos no intestino dos pintos.

De seu lado, dois bacteriologistas da Universidade de Wisconsin (E.U.A.), W. B. Sarles e R. F. Wiseman realizaram prova experimental em pintos, com resultados importantes para mais uma explicação quanto à maneira de agir dos antibióticos.

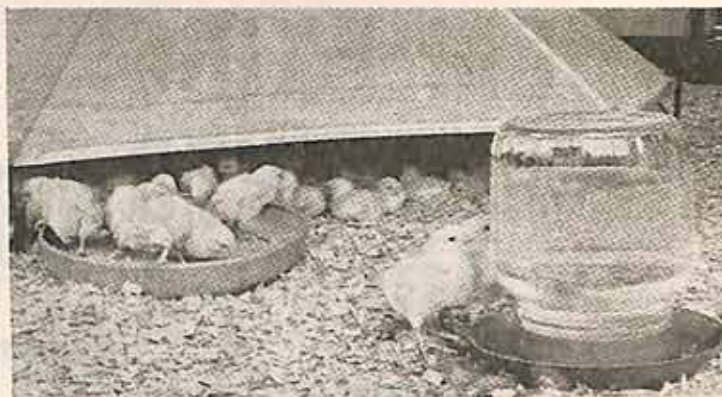
Os pintos recebiam ração com suplemento de bacitracina e penicilina em pequenas quantidades. Examinavam depois o conteúdo intestinal dos pintos, em meios de cultura para testar o crescimento de bactérias.

Sarles e Wiseman descobriram que um tipo de bactéria — *Aerobacter*, apresentava uma proliferação muito maior nos pintos que recebiam antibióticos. Prosseguindo nas provas de laboratório, puderam constatar que as bactérias do grupo *Aerobacter*, em sua proliferação, usavam ácido úrico, presente no intestino dos pintos, removendo-o portanto do tracto intestinal.

Sabe-se que a concentração do ácido úrico, além de certos limites, provoca depósitos de uratos nos rins e no coração (pericardio), causando a morte dos pintos, frangos e aves adultas: é a gôta das aves.

Desse modo, a suplementação das rações para pintos, frangos e poedeiras, com antibióticos, poderá evitar a gôta, pela eliminação das concentrações de ácido úrico do tracto intestinal das aves, em todas as idades.

Ademais, Sarles e Wiseman constataram que os antibióticos destroem as bactérias que usam certas vitaminas do aparelho digestivo dos pintos e que os próprios antibióticos estimulam a proliferação de outras bactérias que fabricam determinadas vitaminas.

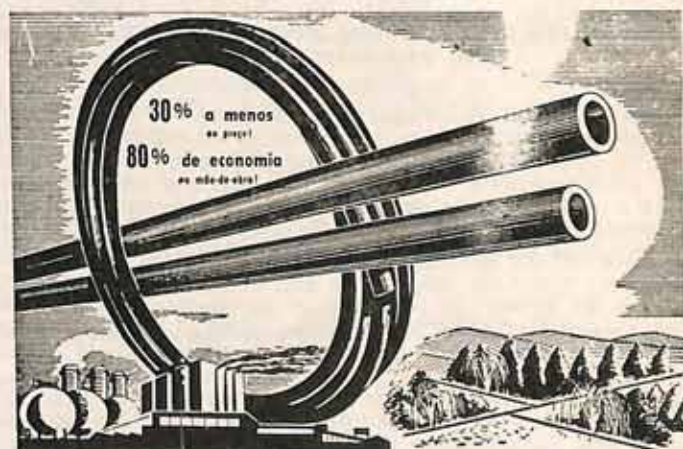


Na criação industrial de frangos de corte, o emprego de antibióticos em diversos níveis e mesmo a potenciação têm sido fator decisivo para o melhor e mais eficiente rendimento econômico deste setor da avicultura.

É o caso do ácido fólico, presente na ração, que é absorvido por um grupo de bactérias. Este mesmo grupo, sendo destruído pelos antibióticos, permite a ação integral do ácido fólico no organismo dos pintos. Também foi constatado que os antibióticos ativam fortemente a proliferação dos coliformes no tracto intestinal dos pintos e que este grupo de coliformes fabrica ácido fólico.

Resumindo, as espécies de coliformes do grupo *Aerobacter* removem o ácido úrico do intestino dos pintos (causador da gôta) e fabricam o ácido fólico, que é uma vitamina necessária ao crescimento dos pintos.

Esta é uma das mais fortes razões para o emprego de antibióticos nas rações das aves em todas as idades.



Para encanamentos e irrigação

TUBOS PLÁSTICOS "AMEROPA" *

"RECONHECIDOS POR SUA ALTA QUALIDADE"
— a nova e revolucionária solução para tubulações!

* agora fabricados no Brasil

AMEROPA
Indústrias Plásticas Ltda.

Escritório:

Rua Turiassu, 1673 (V. Pompéia)
Tel. 62-9421 — São Paulo



**Antibióticos
na ração
estimulam
a postura
das aves**

QUEM EXIGE RENDIMENTO SUPERIOR A BAIXO CUSTO

prefere sempre

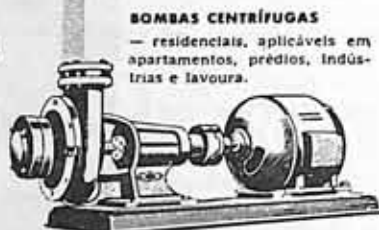


Consulte-nos sem compromisso

COMPANHIA MECÂNICA ITAÚNA S/A

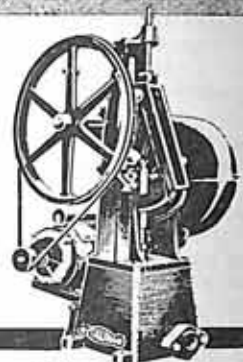
A maior fábrica de bombas da América Latina

RUA SÃO BENTO, 500 — 10.º ANDAR
FONE 32-3178 — S. PAULO



BOMBAS CENTRÍFUGAS

— residenciais, aplicáveis em apartamentos, prédios, indústrias e lavoura.



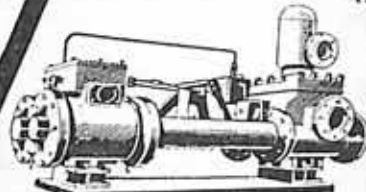
BOMBAS A PISTÃO

— para os mais variados fins, versáteis em suas aplicações.



ARIETES HIDRÁULICOS

— para cinco tamanhos diferentes — para elevação de água impulsionada pela própria água.



BURZINHOS — Duplex a Vapor

— de alta e baixa pressão, para alimentar caldeiras, autoclaves, tachos de concentração, FILTROS etc.



BOMBAS PARA TESTES

— manuais ou motorizadas, para qualquer aparelho que trabalhe sob alta pressão.

ANTIBIÓTICOS EM ALTOS NÍVEIS NA ALIMENTAÇÃO DOS FRANGOS DE CORTE

Embora seja reconhecido que o ganho de peso vivo dos frangos de corte aumenta pelo emprego de antibióticos em níveis de nutrição, em regra, são necessários níveis mais elevados, principalmente no caso de contaminação progressiva dos abrigos e no caso de doenças e anormalidades verificadas no decurso da criação dos frangos de corte.

Sabe-se que pintos alimentados com rações contendo em altos níveis (50 ou 100 gramas por tonelada de ração), antibióticos do grupo das tetraciclina, demonstraram maior peso vivo, melhor índice de conversão de ração e reduzida mortalidade, em comparação com os pintos que recebiam 10 gramas de antibiótico ou em relação com os pintos que recebiam ração sem antibióticos. Essas foram as verificações feitas por G. F. Heuser (Universidade de Cornell — E.U.A.) que trabalhou com pintos até de 12 semanas de vida e que venceram a moléstia crônica respiratória, iniciada com bronquite pelas alturas da sexta semana.

Os pintos que recebiam ração com antibiótico em alto nível, aumentaram de peso na proporção de 5% de ração por 450 gramas de peso vivo, ao passo que outros lotes recebiam antibióticos em nível de nutrição. E havia testemunhas, lotes a que não era ministrado antibiótico. Na décima segunda semana de vida, todos os frangos que pesassem 1.250 gramas foram vendidos para o corte. Tratava-se de lotes de pintos fêmeas da raça Plymouth Rock Branca. Tal peso de 1.250 gramas fora alcançado por 90% dos pintos com antibióticos em alto nível; por 65% dos pintos com antibióticos em nível de nutrição e por 53% dos pintos dos lotes de controle, sem antibióticos.

Rações com antibióticos do grupo das tetraciclina, em alto nível são, pois um recurso ao alcance dos avicultores para melhorar o ganho de peso vivo e reduzir a mortalidade, na presença da moléstia crônica respiratória e outras anormalidades da criação.

ANTIBIÓTICOS E O DESENVOLVIMENTO DOS PINTOS NOS MESES QUENTES DO ANO

A criação de pintos nos meses quentes e chuvosos exige certos cuidados, a fim de que o crescimento não seja prejudicado pelo calor. As experiências já demonstraram que os pintos criados nos meses mais frios se desenvolvem melhor do que os pintos criados no verão.

Dentre os recursos de que os avicultores podem lançar mão para melhorar o rendimento da criação de pintos, nos meses mais quentes, destaca-se o emprego de antibióticos em níveis de nutrição ou em altos níveis.

B. W. Heywang, da Estação Experimental de Avicultura de Glendale (Arizona — E.U.A.) alimentou pintos New Hampshire e mestiços, com rações contendo diversos antibióticos, em diferentes níveis. Os pintos mantinham temperatura ambiente acima de 30° durante toda a prova experimental.

Os antibióticos adotados foram terramicina, aureomicina e penicilina, isoladamente ou em combinações desses mesmos antibióticos. Os pintos foram criados em bateria e no chão, em pintos com «cama». Verificou-se que a mortalidade dos pintos foi inferior a 2% em todos os lotes e que os antibióticos melhoram de 10% o crescimento dos pintos.

Portanto, eis uma indicação para os avicultores, principalmente para os criadores de frangos para o corte: antibióticos na ração nos meses quentes do ano, diminuem a mortalidade e melhoram o crescimento dos pintos.

AÇÃO DOS ANTIBIÓTICOS SOBRE A PRODUTIVIDADE DAS AVES EM POSTURA

Trabalhos realizados em estações experimentais de países, onde a avicultura é importante setor da produção agropecuária, têm demonstrado que os antibióticos estimulam a postura das aves e melhoram outras condições biológicas, como o peso do ovo, a postura durante a «muda» e os resultados da incubação.

Em média, o aumento da produção das poedeiras têm sido

de 12%, em condições normais de criação. Porém, durante o chamado ano avícola, períodos críticos há, nos quais, como os meses quentes e chuvosos e a «muda» ou troca anual das penas, a postura diminui sensivelmente, chegando praticamente a 10% durante a «muda».

EFEITO DE UM ANTIBIOTICO SOBRE A POSTURA NOS MESES QUENTES

O calor é fator depressivo da postura das aves, principalmente quando em dias seguidos, como acontece nos meses quentes do ano. E é nesse período do ano que os preços são mais altos. Por isso todos os recursos devem ser empregados para sustentar a postura das galinhas, na porcentagem mais elevada.

A propósito, podemos citar as provas que B. W. Heywang, na Estação Experimental de Avicultura de Glendale, no Arizona — E.U.A., com a aureomicina nos níveis de 50 a 100 gramas por tonelada de ração, com poedeiras da raça Leghorn Branca.

O período de controle foi de 112 dias seguidos, anotando temperaturas ambientes de 32° e na sombra de 38,8°. Os resultados foram os seguintes:

Níveis de Aureomicina	Total de ovos p/poedeira	Consumo total de ração p/poedeira (gramas)	Total de gramas de ração por dúzia de ovos
0	45	9.579	2.542
50	60	10.215	2.000
100	61	10.442	2.088

O exame do quadro nos mostra as seguintes conclusões:

1.º — A aureomicina não apresenta diferença de produção nos níveis estudados. Portanto, economicamente será aconselhado o emprego de 50 gramas de aureomicina por tonelada de ração de postura.

2.º — A aureomicina, na base de 50 gramas por tonelada de ração aumentou de 33,3% a postura em relação aos lotes de poedeiras que não recebiam antibiótico, ou seja, 15 ovos a mais por galinha, nos 112 dias de prova.

3.º — A aureomicina, na base de 50 gramas por tonelada de ração de postura, tornou possível a produção de uma dúzia

de ovos, à custa de 2 quilos apenas de ração ou seja com 20% de economia, em relação aos lotes sem antibiótico ou seja exatamente 542 gramas menos de ração por dúzia de ovos produzidos.

Para as nossas condições de clima, em que ao calor soma-se a época das chuvas, estas indicações são de valor para os ovicultores, que devem explorar o máximo da produtividade das poedeiras, na época dos maiores preços dos ovos.

OS ANTIBIOTICOS AUMENTAM A PRODUÇÃO DE OVOS NA «MUDA» DAS GALINHAS

A «muda» das aves, ou renovação anual de sua cobertura de penas, é um processo fisiológico que dura em média doze semanas, quase sempre a partir do mês de janeiro. Nesse período, a produção de ovos baixa sensivelmente, com intensidade variável, de acordo com o valor biológico das poedeiras, podendo, no entanto, atingir até 10% do total de aves em postura.

As provas experimentais têm demonstrado que os antibióticos estimulam a postura das aves, principalmente nos meses quentes do ano. Como a «muda» das aves se processa exatamente nesses meses, é de esperar que, embora esse processo fisiológico tenha por base a diminuição da atividade do ovário das poedeiras, possam os antibióticos minorar a baixa produção de ovos, pela manutenção de um mínimo de atividade ovariana, capaz de tornar econômica a postura, neste período crítico dos aviários comerciais.

A Seção de Avicultura do Departamento da Produção Animal de São Paulo, pôde estudar a ação do antibiótico de fabricação nacional, a espiramicina, sob o nome comercial de rovamicina, sobre os resultados da incubação e na «muda» das aves. De março a junho de 1959, poedeiras Leghorn e New Hampshire receberam espiramicina, na base de 10 gramas por tonelada de ração. Com esse nível de antibiótico, em quatro meses de controle, os lotes que recebiam espiramicina botaram 14,7% de ovos mais em relação aos lotes sem antibiótico.

Durante o mês de julho, ou seja apenas em 30 dias seguidos, os lotes de Leghorn e New Hampshire receberam 100 gramas de espiramicina por tonelada de ração (alto nível) e, neste mês, a postura da Leghorn Branca foi 45,4% superior à dos lotes sem antibiótico e, na New Hampshire, a postura foi 17,7% superior.

As conclusões práticas são evidentes: os antibióticos estimulam a postura das aves no período crítico que é a «muda» das poedeiras.



Associação Paulista de Criadores de Bovinos

Reconhecida como de utilidade pública pelo Decreto Estadual n.º 33.811, de 20 de Outubro de 1958
34 ANOS DE BONS SERVIÇOS PRESTADOS AOS CRIADORES

DIRETORIA

Presidente

Dr. Severo Fagundes Gomes

Vice-presidente

Dr. Marcus Raphael Alves de Lima

Secretários

1.º — Dr. Gilberto Pires de Oliveira
Dias

2.º — Antonio Luiz Ferraz

Tesoureiros

1.º — C. A. Willy Auerbach

2.º — Dr. Carlos Amadeu de Arruda
Botelho Filho

CONSELHO CONSULTIVO

Bernardo Gavião Monteiro, dr.

Paulo Murgel

José Octávio da Silva Leme

Geraldo Diniz Junqueira, dr.

João Laraya, dr.

João de Moraes Barros, dr.

José Bonifácio de Coutinho Nogueira, dr.

Dario Freire Meirelles

Lafayette Alvaro de Souza Camargo, dr.

Urbano Junqueira

SUPLENTE

Antonio Coelho Guimarães

Aloysio Ramalho Foz, dr.

Guido Malzoni, dr.

Hélio Moreira Salles

José Luiz Leme Maciel Filho, dr.

José Procópio Meirelles

Antonio Luiz do Rego Neto, dr.

CONSELHO FISCAL

Arthur Monteiro Neves

Gilberto Azambuja

José Cassiano Gomes dos Reis, dr.

SUPLENTE

Joaquim Alves de Moraes, dr.

José Procópio do Amaral, dr.

Francisco Pereira Lima, dr.

GERÊNCIA

Gerente Técnico:

Dr. Otto de Mello

Gerente Comercial:

Virgílio de Almeida Penna

TECNICOS

Serviço de Controle Leiteiro:

Dr. Otto de Mello

Registro Genealógico:

Dr. Celso de Souza Meirelles

Avicultura:

Dr. Henrique F. Raimo

Assistência Veterinária:

Dr. Walter C. Battiston

ÚLTIMAS DA CIÊNCIA

PPLO DOS ORGANISMOS SEMELHANTES AOS DA PLEUROPNEUMONIA

A moléstia crônica respiratória ou CRD, como é mais conhecida, é temida pelos avicultores, especialmente pelos criadores de frangos de corte, pelos graves prejuízos que acarreta aos lotes em criação. É uma moléstia ainda em estudos intensivos, para o conhecimento exato de suas formas de disseminação e para a obtenção de defesas contra a mesma.

Os técnicos usam o termo PPLO para identificar o agente infeccioso desta doença ou "organismos semelhantes aos da pleuropneumonia". Nestas condições, o interesse dos avicultores é de saber que espécie de organismo será este.

Os organismos designados pelo nome de PPLO são semelhantes aos vírus, têm grande tamanho, como grandes moléculas químicas e se duplicam em divisão própria. PPLO e os vírus também se enquadram em extensa variação de tamanho.

Todavia, PPLO difere um pouco, pois se compõe de muitas moléculas químicas, organizadas dentro das células, e são as unidades da vida dos organismos. PPLO têm todas as funções atribuídas aos seres vivos, ao passo que apenas a reprodução é o critério adotado para dizer que um vírus está vivo e ativo. Por outro lado, PPLO difere das bactérias porque não dispõe da membrana celular ou outra parte espessa de proteção, ao redor dos organismos. PPLO também se alimentam de esteróis, ao passo que as bactérias fabricam estes compostos químicos.

Alguns pesquisadores acreditam que PPLO é um "elo perdido" da escala entre as bactérias e os vírus. Sob alguns aspectos, PPLO é único na sua forma de vida.

Quase todos os animais, como o homem, têm suas formas típicas de PPLO ou amostras próprias e específicas. Por outro lado, em muitos animais PPLO é responsável direto ou indireto por doenças, na escala de aguda à crônica. E ainda existem amostras de PPLO que pa-

recem não produzir doença de espécie alguma.

Tendo em vista estas variações na maneira de agir e a multiplicidade amostras, os estudos sobre PPLO são difíceis e complexos. Ainda é um campo aberto à pesquisa, em todos os países.

MALATOL 4% NO COMBATE AOS PIOLHOS DO CORPO E DA CABEÇA DAS AVES

O malatol a 4% (malation) destina-se à pulverização das aves e dos ninhos, para combater especificamente os piolhos da cabeça e do corpo das aves.

De preferência, emprega-se uma lata de fundo perfurado ou polvilhadeira manual, de acordo com o número de aves a ser polvilhada.

É muito prático polvilhar as frangas na passagem para os galinheiros de postura ou quando são vacinadas contra a Doença de Newcastle.

AVES CONGELADAS PARA O ABATE-TECIMENTO DOS CENTROS DE CONSUMO

A proporção de aves congeladas entregues ao consumo vêm crescendo constantemente, em contraste com as aves "frescas" de abate recente, a qual atinge, há um ano, a 25% do total.

Desde que as aves sejam de qualidade comprovada pela inspeção veterinária e o consumidor possa escolher, não há resistência alguma, mesmo custando mais que a ave recentemente abatida.

O congelamento à temperatura de 30 a 40° abaixo de zero, permite que se regule a oferta e o consumo, mantendo os preços mais uniformes durante o ano pois a conservação dura meses. Ainda há o recurso da "acronização", que é o tratamento das carcaças com autoclização própria para este uso.

No entanto, a mesma reação não se observou no mercado de aves para o corte. Houve ligeira reação no preço das aves de corte, a qual ainda é insuficiente para equilibrar o custo de produção.

De acordo com as cotações fornecidas pela Associação Paulista de Avicultura, o preço pago no mercado atacadista, para as aves de corte, no dia 6 de março de 1964, foi o seguinte por kg de peso vivo:

	Cr\$
Frangos cruzados e vermelhos	337,00
Galinhas cruzadas e vermelhas	323,00

Aqueles que conhecem o custo de produção de um frango de corte podem avaliar a situação da avicultura especializada, com geral desânimo nos meios criatórios. Reflexo imediato sentiram-nos os produtores de pintos de corte, com cancelamentos generalizados dos pedidos e retração acentuada na produção de ovos para incubação das aves pesadas para o corte.

REVISTA DOS CRIADORES

Situação da Avicultura

Finalmente, depois de mais de quatro meses de preços estacionários o mercado de ovos reagiu na escala aguardada ansiosamente pela classe dos avicultores, com certo desafogo nas previsões de compra de pintos para 1964-65.

Esta reação, ao que parece, está intimamente ligada com o término das férias escolares, que este ano levou para fora da Capital e das maiores cidades, grande massa da população, pelo tempo seco reinante, melhorando de maneira extraordinária as condições climáticas das estações balneárias.

Assim, sobre o preço pago pelos ovos no dia 4 de fevereiro, houve um aumento de Cr\$ 1.300,00 por caixa de 30 dúzias, cotado no dia 6 de março de 1964. Nestas condições, de acordo com as cotações fornecidas pela Associação Paulista de Avicultura, no dia 6 de março de 1964, o preço pago pelos ovos no mercado atacadista, foi o seguinte por caixa de 30 dúzias.

	Cr\$
Tipo Especial	9.310,00
Tipo A	9.080,00
Tipo	8.510,00

SERVIÇO DE CONTROLE LEITEIRO

da

Associação Paulista de Criadores de BovinosEm cooperação com o Departamento Nacional da Produção Animal do
Ministério da Agricultura e do Departamento da Produção Animal do

São Paulo

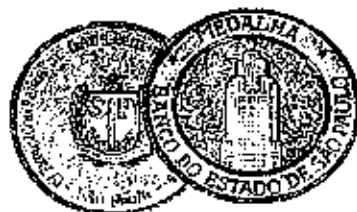
JANEIRO DE 1964

LACTAÇÕES TERMINADAS

Nome do animal	Gráu de maturação	Idade anos mês	N.º SCL	Dias de lactação	Produção Leite kg.	Gorduras kg.	%	Proprietário
RAÇA HOLANDESA — variedade preta e branca.								
Lactações até 365 dias (II DIVISÃO)								
Três ordenhas (3x)								
CLASSE BS — De 3 1/2 a 4 anos.								
Ursa R. Pedras - 35262	PC	3-11	9103	127	3.786,0	92,2	2,42	Guido Malzoni
CLASSE CS — De 4 1/2 a 5 anos.								
Jardim Ondilka-D3/872	PO	4-6	9769	137	2.616,0	88,1	3,36	Cia. Baptista Scarpa I. Com.
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.								
Estrela-25060-LM	7/8	8-0	7737	307	8.849,0	297,6	3,36	Guido Malzoni
Renda-33864	PC	8-6	8848	354	4.983,0	175,6	3,62	Jotamar Adm. e Com. S. A.
Duas ordenhas (2x)								

FAZENDA SANTANA DO RIO ABAIXO S. A.CRIAÇÃO E SELEÇÃO DE GADO JERSEY, HOLANDES
PRETO E BRANCO E VERMELHO E BRANCO

1962



1961, 62 e 63

MEDALHA DE OURO AO
MELHOR EXPOSITOR DA
RAÇA JERSEY

Em 1962, na VI Exposição Especializada de Gado Leiteiro do Estado de S. Paulo, a maior e mais importante exposição de gado leiteiro do País, conquistamos os prêmios máximos da pecuária paulista: a **MEDALHA DE OURO BANCO DO ESTADO DE S. PAULO**, consignada ao expositor mais premiado da exposição e nos anos de 1961, 62 e 63 conquistamos a **MEDALHA DE OURO GOVERNO DO ESTADO DE S. PAULO**, como o melhor expositor da raça Jersey. Ainda em 1961 conquistamos a **MEDALHA DE OURO GOVERNO DO ESTADO DE S. PAULO COMO MELHOR EXPOSITOR** da raça **HOLANDESA VERMELHA E BRANCA**.

Produção leiteira oficialmente controlada
pela Associação de Criadores

Sua visita, o qualquer momento, será sempre uma satisfação

Fazenda Santana do Rio Abaixo S. A.C. Postal 20 — S. José dos Campos, SP — Em São Paulo:
Rua Boa Vista, 208 — 8.º and. — Tel 32-3804

Nome do animal	Gráu de sangue	Idade anos meses	N.º SCL	Dias de lactação	Leite kgs.	Produção Gorduras kgs.	%	Proprietário
CLASSE AJ — Até 2 1/2 anos.								
Hol. Baukje XCV-BI-2932-LM	PO	2-0	11577	365	5.614,0	201,1	3,58	João Arthur R. Viana
Hol. K. Geke 6-LM	NR	1-11	11751	306	3.530,0	135,1	3,82	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. B. Jantje 1-B12550	PO	2-4	11170	292	3.409,0	124,8	3,66	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Hol. Vera X-B16/6365	PO	2-5	10918	256	3.363,0	129,2	3,84	Coop. Agro-Pec. Holambra
Cast. C. Sina 11-B12650	PO	2-5	11749	310	3.227,0	112,6	3,48	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Hol. A. Inge	NR	2-0	11167	289	3.136,0	110,3	3,51	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. J. Trijntje 26-B13005	PO	1-11	11518	365	2.943,0	117,1	3,97	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Hol. L. Annemarie 4-1847	15/16	2-0	11267	295	2.825,0	98,6	3,48	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Hol. Antje XXXVII-B12279	PO	2-1	10957	212	2.255,0	86,7	3,84	Coop. Agro-Pec. Holambra
Canaã de Paraíba-35037	PC	2-4	11678	315	1.873,0	76,2	4,06	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
Cast. A. Juliana-B13030	PO	2-2	12227	88	1.005,0	34,1	3,39	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
CLASSE AS — De 2 1/2 a 3 anos.								
Cast. J. Rika 4-B12565-LM	PO	2-8	11666	361	4.772,0	183,4	3,84	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
S. Gainesville R. Pab. 4P-F4/1892	PO	2-8	11609	365	4.202,0	124,8	2,97	S.A. Faz. Paraíso Ind. Agr.
S. Grota O. Garnation-B12077-LM	PO	2-10	11621	365	4.079,0	151,8	3,72	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
S. Creamelle C. Adonis-B11/4164-LM	PO	2-7	11607	365	4.040,0	159,5	3,94	S.A. Faz. Paraíso Ind. Agr.
S. Gloria R. A. Pabst-2P-F7/3428	PO	2-6	11697	327	3.862,0	136,6	3,53	S.A. Faz. Paraíso Ind. Agr.
Cast. L. Jantje 53-B12559	PO	2-9	11667	340	3.814,0	140,4	3,68	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
S. Gabela P. Glenaf. 3P-F7/3221	PO	2-7	11700	316	3.808,0	124,5	3,27	S.A. Faz. Paraíso Ind. Agr.
Pitanga de Paraíba-35043	PC	2-8	11211	273	3.540,0	123,4	3,48	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
Bebê de Guarapiranga-35857	PC	2-7	11003	289	3.251,0	115,7	3,55	Jotamar Adm. e Com. S.A.
S. Fada R. A. Pabst-B12061	PO	2-9	11202	282	3.236,0	112,5	3,47	S.A. Faz. Paraíso Ind. Agr.
S. Guaira C. Carnation-B12080	PO	2-9	11620	361	2.567,0	100,9	3,89	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
Cast. J. Boukje 86-B19/7986	PO	2-10	11168	242	2.293,0	84,2	3,67	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Hol. A. Anke	NR	2-7	12105	119	1.856,0	65,8	3,54	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
CLASSE BJ — De 3 a 3 1/2 anos.								
Hol. Atje XI-B12253-LM	PO	3-1	9808	300	4.736,0	178,2	3,76	Coop. Agro-Pec. Holambra
Cast. M. Martha 9-B19/7911-LM	PO	3-4	11259	271	4.559,0	186,0	4,07	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
S. Creamelle C. Adonis-B11/4164-LM	PO	3-2	10033	301	3.878,0	162,4	4,18	S.A. Faz. Paraíso Ind. Agr.
Cast. R. Saakje 6-B19/8005	PO	3-2	10374	326	3.737,0	148,2	3,96	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Hol. Roxana II-B12257	PO	3-1	9900	290	3.429,0	135,0	3,93	Coop. Agro-Pec. Holambra
Cast. C. Setske-B19/7880	PC	3-5	9846	223	2.967,0	102,4	3,45	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Betsie II-33616	PC	3-2	11103	152	2.171,0	80,0	3,68	Coop. Agro-Pec. Holambra
Julipa de Paraíba-36334	PC	3-1	11682	131	2.058,0	90,9	4,41	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
CLASSE BS — De 3 1/2 a 4 anos.								
Cast. J. Bonte 4-B19/7910-LM	PO	3-9	10367	365	5.005,0	190,8	3,81	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. R. Riempke 60-B19/7881 LM	PO	3-10	10250	327	4.843,0	176,8	3,65	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Sambista-35187	PC	3-11	11724	349	4.252,0	139,1	3,27	Guido Malzoni
Castanha-35279	3/4	3-11	11722	349	4.190,0	153,5	3,66	Guido Malzoni
Florista Medalist CAB-B18/7654	PO	3-7	10040	365	4.081,0	150,0	3,67	Colégio Adv. Brasileiro
S. Q. Garcinha-32615	PC	3-9	11217	282	3.737,0	123,0	3,29	Cia. Agrícola São Quirino
Cast. E. Kroontje 12-B17/6776	PO	3-9	10010	203	3.495,0	109,4	3,12	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Mimica Medalist CAB-33585	PC	3-9	10041	365	3.449,0	126,8	3,67	Colégio Adv. Brasileiro
T. Santabri Platora-B18/7309	PO	3-10	9400	284	3.229,0	122,6	3,79	Jotamar Adm. e Com. S.A.
Hol. C. Promessa 15	NR	3-11	11254	226	2.764,0	105,3	3,81	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Bagunça-35207	PC	3-6	12561	159	2.550,0	87,0	3,41	Guido Malzoni
CLASSE CJ — De 4 a 4 1/2 anos.								
Sertão Estatuá-B-18/7405-LM	PO	4-5	16029	308	4.473,0	176,5	3,94	S.A. Faz. Paraíso Ind. Agr.
Hol. Betsy XI-B17/6991	PO	4-1	9212	365	4.424,0	155,4	3,51	Coop. Agro-Pec. Holambra
Cast. L. Slep 32-B19/7845	PO	4-0	10001	340	3.789,0	160,7	4,24	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. B. M. Zwartkop 4-B16/6713	PO	4-3	11194	276	3.480,0	124,9	3,58	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Loteria de Paraíba-33723	PC	4-0	9838	301	3.190,0	106,2	3,41	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
Cast. A. Anna-B17/6767	PO	4-4	9993	184	2.898,0	106,3	3,66	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. A. Arragon Alie	NR	4-0	10359	250	2.775,0	106,9	3,85	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Hol. L. Rolientje 5-1793	15/16	4-4	9281	237	2.592,0	93,9	3,62	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Clarita de Paraíba-33726	PC	4-3	10428	240	2.536,0	87,4	3,44	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
Cast. E. Emma 52-B16/6649	PO	4-5	9313	152	1.781,0	63,5	3,56	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Hol. Antje XXXVII-B18/7313	PO	4-2	8977	141	1.496,0	56,0	3,74	Coop. Agro-Pec. Holambra
CLASSE CS — De 4 1/2 a 5 anos.								
Cast. L. Aukje-B16/6657-LM	PO	4-9	9245	339	4.820,0	194,7	4,03	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. V. Louise-B15/6204	PO	4-11	8318	281	4.587,0	147,3	3,21	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Hol. Vera VIII-B16/6350	PO	4-9	8762	269	4.443,0	164,7	3,76	Coop. Agro-Pec. Holambra
S. Q. Falcona-32641	PC	4-6	9562	362	4.152,0	139,2	3,35	Cia. Agrícola São Quirino
B. V. Caicara-36401	7/8	4-10	10296	362	3.780,0	147,0	3,89	Fazenda São Bernardo
Hol. A. Margriet	NR	4-10	9994	273	3.535,0	133,8	3,78	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Primavera Estrangeira-B16/6525	PO	4-9	11763	311	3.311,0	143,3	4,32	Lelio de T. Piza e Almeida
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.								
G. M. Bacana-28963-LM	PC	6-0	9680	361	6.875,0	240,9	3,50	Guido Malzoni
Fantasia-28973-LM	PC'	9-1	7027	365	5.532,0	187,5	3,38	Guido Malzoni
E. Iise L. Iris-F7/3339-LM	PO	7-10	6638	365	5.457,0	210,5	3,85	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Gringa 9 Barad. 1541-F7/3371	PO	6-10	7485	315	5.417,0	174,9	3,22	Cia. Agrícola São Quirino
Cocaina-29040-LM	PC	8-6	7931	321	5.357,0	184,3	3,43	Guido Malzoni
W. Sally T. Lucy-F7/3428	PO	7-0	8081	328	5.247,0	170,1	3,24	S.A. Faz. Paraíso Ind. Agr.
Colina-22695-LM	PC	9-6	8420	339	5.160,0	180,4	3,49	Guido Malzoni

Nome do animal	Gráu de sangue	Idade anos meses	N.º SCL	Dias de lactação	Leite kgs.	Produção Gorduras kgs.	%	Proprietário
Piava-29049-LM	PC	8-0	7807	302	5.104,0	170,3	3,33	Guido Malzoni
Favorita	NR	-	9825	365	4.880,0	167,2	3,42	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
M. Lane R. Lochinvar-F7/3073	PO	12-0	3328	365	4.859,0	157,1	3,23	S.A. Faz. Paraíso Ind. Agr.
Cast. R. Fokje 3-B15/5896-LM	PO	5-4	7983	303	4.853,0	185,0	3,81	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Alaska-34619	PC	6-0	9330	338	4.630,0	171,5	3,70	Guido Malzoni
Cast. J. Wietske 4-B15/5772-LM	PO	6-7	7351	333	4.550,0	178,2	3,91	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Marilia-35240	PC	6-3	12053	275	4.534,0	155,7	3,43	Guido Malzoni
Azeltona-22698	PC	10-10	6632	365	4.373,0	145,2	3,31	Guido Malzoni
Urna-29001	PC	8-6	9681	293	4.360,0	146,4	3,35	Guido Malzoni
Pequena-28980	PC	8-5	10410	294	4.357,0	151,5	3,47	Guido Malzoni
Revolta-29008	PC	8-5	8930	272	4.306,0	145,1	3,36	Guido Malzoni
Caricia de Paraiba-28679	PC	5-11	8812	365	4.288,0	151,9	3,54	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
Tanga-36217	PC	9-6	9371	356	4.274,0	146,8	3,43	Antonio Luiz do R. Netto
Bolivia-28992	PC	8-4	8659	363	4.267,0	136,0	3,18	Guido Malzoni
Cast. C. Tine 8-B19/7833	PO	5-11	11748	131	4.232,0	150,6	3,55	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Lola-28943	PC	9-0	9883	363	4.163,0	150,5	3,61	Guido Malzoni
Revista-22966	PC	9-0	6584	347	4.077,0	149,1	3,65	Empresa Bandeirantes de Adm. S. A.
Palmira	NR	-	10218	362	4.016,0	132,9	3,30	Lincoln Castro da Rocha
Cast. T. Roelofje-B15/5814	PO	6-2	100021	365	4.010,0	160,7	4,00	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. R. Gelske 4-B15/6188	PO	5-6	8361	306	3.950,0	146,5	3,70	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Hol. B. Reintje 2-999	7/8	7-9	8475	357	3.865,0	135,6	3,50	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Labruna-28687	PC	6-9	8487	326	3.859,0	136,1	3,52	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
G. M. Antilha-28971	PC	6-1	9683	365	3.834,0	126,1	3,28	Guido Malzoni
Alteza das Ag. Negras-1429	PC	8-9	5897	331	3.755,0	132,6	3,53	Fazenda São Bernardo
Afke 2-F5/2426	PO	10-7	3780	334	3.746,0	137,5	3,67	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Mic Estrangeira-35113	PC	5-3	11685	339	3.694,0	126,8	3,43	Lincoln Castro da Rocha
Cast. R. Gelske 3-B15/5780	PO	6-7	7085	316	3.658,0	138,0	3,77	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Gazosa-22655	PC	10-7	7332	332	3.587,0	124,2	3,46	Guido Malzoni
Cast. C. Slep 10-B13/5090	PO	7-0	6215	272	3.544,0	132,8	3,74	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Java-35513	7/8	6-5	11728	365	3.528,0	155,6	4,40	Alabama S.A. Com. Agr. e Pec.
Hol. C. Bertha-935	7/8	7-1	9306	269	3.515,0	113,5	3,22	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
C. A. Lucena-34881	PC	5-0	10302	329	3.466,0	122,8	3,54	Lincoln Castro da Rocha
Guitarra-35266	PC	5-3	10655	291	3.446,0	131,7	3,82	Guido Malzoni
Aaltje 26-F4/1809	PO	11-6	9225	249	3.312,0	120,6	3,64	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Wanda-28974	PC	8-9	7927	204	3.287,0	108,1	3,28	Guido Malzoni
Dalla Madcap CAB-26811	PC	6-9	7093	365	3.262,0	112,1	3,43	Colégio Adv. Brasileiro
Hol. Sara II-B14/5721	PO	5-9	8279	234	3.248,0	123,2	3,79	Coop. Agro-Pec. Holambra
Valsa-29095	PC	7-2	10165	121	3.238,0	99,5	3,07	Guido Malzoni
Esperança-35265	PC	5-6	12560	158	3.224,0	108,9	3,37	Guido Malzoni
Coimbra-29044	PC	8-10	8417	198	3.125,0	114,3	3,65	Guido Malzoni
Castrolanda's Ina-B12/4455	PO	8-9	7886	274	3.118,0	108,8	3,49	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
N. Lochinvar Pansy-B14399	PO	7-2	11686	365	3.107,0	116,0	3,73	Lincoln Castro da Rocha
Javas de Paraiba-14094	PC	12-1	2230	293	3.018,0	112,4	3,72	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
Hol. L. Witte 3-1782	15/16	6-0	9989	239	2.972,0	103,0	3,46	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Floresta Valentina-34064	PC	5-3	11762	309	2.963,0	97,2	3,28	Arthur Monteiro Neves
Bigorna-22661	PC	10-11	7734	245	2.894,0	88,1	3,04	Guido Malzoni
Hol. A. Hinke	NR	5-2	10349	232	2.856,0	105,6	3,69	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Bombeira-34614	PC	7-0	9321	135	2.829,0	96,3	3,39	Guido Malzoni
Serrinha-28988	PC	8-11	10710	118	2.781,0	88,6	3,18	Guido Malzoni
Batalha-29048	PC	9-0	8201	132	2.630,0	75,4	2,86	Guido Malzoni
Sota-29033	PC	9-0	12481	142	2.578,0	76,1	2,95	Guido Malzoni
Itapira-22099	PC	10-7	7333	119	2.547,0	91,2	3,57	Guido Malzoni
S. Elske-B11/4242	PO	8-9	7456	249	2.504,0	87,0	3,47	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Ceará-29071	PC	6-9	9512	141	2.488,0	85,4	3,43	Guido Malzoni
Canela-29024	PC	9-7	6623	131	2.451,0	70,7	2,88	Guido Malzoni
Sietsche 39-F6/2599	PO	9-8	4506	161	2.367,0	74,3	3,13	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Keops S. Martinho-27073	PC	7-3	6431	160	2.328,0	77,9	3,34	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
S. A. Magnolia-B16/6494	PO	6-5	9009	330	2.324,0	85,6	3,68	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
Saratoga-28995	PC	9-0	8660	128	2.284,0	69,5	3,04	Guido Malzoni
Hol. L. Annamaria-1793	75/16	5-6	8959	270	2.245,0	78,3	3,48	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. Vos Janke 54-B12/4303 (1)	PO	9-7	5402	111	2.227,0	79,3	3,56	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. B. Dora 1-B12/4299	PO	7-7	7977	241	2.226,0	82,7	3,71	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Bela Vista-35264	PC	5-7	10591	119	2.063,0	60,4	2,92	Guido Malzoni
Copiliada-31349	3/4	5-6	10696	233	1.991,0	66,9	3,36	D. Pires Agro Pec. S. A.
Cast. L. Slep 28-B12/4246	PO	8-5	5284	220	1.988,0	67,3	3,38	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Casmac T. Snow-F7/3078	PO	11-7	3565	161	1.945,0	70,5	3,62	S.A. Faz. Paraíso Ind. Agr.
G. M. Kalma II-28963	PC	7-4	10853	99	1.846,0	64,1	3,56	Guido Malzoni
Kalma 61-F6/2772	PO	10-5	6635	115	1.734,0	58,0	3,34	Guido Malzoni
Fokje 111-F6/2555	PO	10-11	8061	118	1.510,0	43,7	2,89	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. A. Wilhelmina-B16/6259	PO	5-4	11511	99	1.365,0	50,3	3,68	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.

RAÇA HOLANDESA — variedade vermelha e branca.

Lactações até 365 dias (II DIVISÃO)

Duas ordenhas (2x)

CLASSE AJ — Até 2 1/2 anos.

Berta Nogal-BB2/1246-LM PO 2-5 11712 365 4.945,0 175,3 3,54 José Bastos Thompson

CLASSE AS — De 2 1/2 a 3 anos.

Leme's Margarida-37679 PC 2-7 11717 365 3.377,0 129,1 3,82 Jayme da Silveira Leme
Mar. Laica A. Gerente-37117 PC 2-9 11628 365 2.932,0 114,1 3,89 Luciano V. de Carvalho
Leme's Mimi-37675 PC 2-11 11716 343 2.611,0 91,9 3,51 Jayme da Silveira Leme

ABRIL DE 1964

Nome do animal	Grão de sangue	Idade anos e meses	N.º SCL	Dias de lactação	Leite lgs.	Produção Gorduras lgs.	%	Proprietário
----------------	----------------	--------------------	---------	------------------	------------	------------------------	---	--------------

CLASSE BS — De 3 1/2 a 4 anos.

Hol. Anna XXV-BB2/610 PO 3-10 9888 304 3.142,0 126,6 4,02 Coop. Agro-Pec. Holambra

CLASSE CJ — De 4 a 4 1/2 anos.

Ilustrada de S. Geraldo-3629 PO 4-4 10489 267 2.765,0 99,8 3,60 Alabama S. A. Com. Agr. e Pec.

CLASSE CS — De 4 1/2 a 5 anos.

Mar. Inubia 1 D. 2 Heiniana-BB2/616 PO 4-8 9564 351 3.369,0 138,3 4,04 Luciano V. de Carvalho
Herma de Pinheiro-BB2/656 PO 4-7 9919 364 1.862,0 70,9 3,80 Ministério da Agricultura

CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.

Mar. Batana Alexina-18430 PC 10-10 4879 309 4.580,0 164,0 3,50 Luciano V. de Carvalho
Hol. Corrie VII-BB1/493 PO 5-4 8765 299 4.517,0 174,6 3,86 Coop. Agro-Pec. Holambra
Muquem Fronteira-35157 PC 7-11 11689 329 4.394,0 169,3 3,85 José Pires Castanho Filho
Lobos Aliança-35164 PC 5-1 11760 309 4.248,0 170,6 4,01 José Pires Castanho Filho
Lena 2 de Carambei-BB1/427 PO 8-6 6640 316 4.179,0 153,4 3,67 Adrianus Sleutjes
Maaike-FF1/328 PO 7-3 10024 365 4.001,0 147,5 3,68 Jayme da Silveira Leme
Leme's Infalível-BB2/518 PO 5-7 10257 365 3.886,0 139,2 3,58 Jayme da Silveira Leme
Kodorna-29416 PC 6-10 11714 340 3.695,0 129,9 3,51 Fernando José Santos
Mar. Enelda A. Teiana-27785 PO 7-1 6816 321 3.507,0 146,0 4,16 Luciano V. de Carvalho
Hol. Elsa XVIII-BB2/566 PO 5-9 10072 256 3.345,0 126,3 3,77 Coop. Agro-Pec. Holambra
Rinke-FF1/321 PO 7-0 8992 365 3.309,0 122,5 3,70 Jayme da Silveira Leme
Margie 6 (1)-FF1/372 PO 6-2 8182 368 3.153,0 127,4 4,04 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
Leme's Ilusão-30642 PC 5-2 11095 248 2.616,0 87,7 3,35 Jayme da Silveira Leme
Flaneta de Pinheiro-BB2/588 PO 6-1 8245 365 2.564,0 90,3 3,52 Ministério da Agricultura
Galharda de Pinheiro-BB2/533 PO 5-11 8345 365 2.324,0 86,0 3,69 Ministério da Agricultura

RAÇA JERSEY

Lactações até 365 dias (II DIVISÃO)
Duas ordenhas (2x)

CLASSE AJ — De 2 a 2 1/2 anos.

Jazida B. Hilda-4180-C PO 2-3 11675 342 2.187,0 108,0 4,94 João Laraya
Bally E. Of Kathy-4301-C PO 2-2 10979 281 2.034,0 93,2 4,57 Thomas R. Warren

CLASSE AS — De 2 1/2 a 3 anos.

S. A. Nanci K. Count-4034-C PO 2-6 11207 211 2.082,0 100,9 4,84 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo

CLASSE CJ — De 4 a 4 1/2 anos.

Fortuna do Palheiro-A/2629-LM PO 4-1 11676 322 3.180,0 153,3 4,82 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo

CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.

S. A. Itapema Patric. 1720-C-LM PO 9-8 4298 365 3.695,0 181,6 4,91 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
S. A. Lapa Patrician-3075-C-LM PO 6-3 6846 319 3.263,0 152,4 4,66 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
S. A. Novela Patrician-1873-C PO 7-10 6816 365 2.632,0 130,5 4,95 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
Welcome W. Lady-1565-C PO 12-5 6782 365 2.558,0 135,3 5,28 João Laraya
S. A. Canoa Patrician-1488-C PO 8-10 4207 313 2.491,0 128,5 5,16 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
S. A. Irauna Midshipman- 3202-C PO 5-7 8343 322 2.418,0 118,5 4,90 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
Paineira Comary-1789-C PO 7-9 11614 321 2.356,0 116,2 4,93 José de M. Altenfelder Silva
S. A. Rima Records-1885-C PO 7-1 6299 262 1.974,0 106,4 5,59 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
Rita L. de Caneira-1920-C PO 6-0 11208 241 1.376,0 75,3 5,46 Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo

RAÇA SCHWYZ

Lactações até 365 dias (II DIVISÃO)
Duas ordenhas (2x)

CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.

Alegria-23903 PC 8-8 11707 365 3.788,0 143,2 3,77 Silvio Lara Campos
C. M. Natalie-2468 PO 6-10 8168 365 3.543,0 131,3 3,70 Ministério da Agricultura
V. Brook Chill-2223 PO 8-5 11636 365 2.659,0 107,7 4,05 Faz. Sta. Francisca Camandocala
Guarnição NR - 9836 365 2.172,0 82,7 3,81 Ministério da Agricultura
Descença de Pinheiro-2087 PO 8-4 6454 365 1.551,0 59,9 3,86 Ministério da Agricultura
Elite de Pinheiro-2163 PO 7-10 7311 314 1.520,0 56,3 3,70 Ministério da Agricultura
Amapola de Pinheiro-88 PO 11-2 5434 334 1.505,0 57,5 3,82 Ministério da Agricultura
Pelotas-33859 3/4 5-6 11091 182 1.289,0 50,1 3,88 Fernando José Santos

RAÇA GUZERA

Lactações até 365 dias (II DIVISÃO)
Duas ordenhas (2x)

CLASSE BS — De 3 1/2 a 4 anos.

Colombina-8446 RE 3-9 11871 364 1.878,0 125,1 6,55 João Carlos Burguês de Abreu

CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.

Hortalça-LM RE 5-5 11870 366 3.526,0 212,2 6,01 João Carlos Burguês de Abreu

Nome do animal	Grão de sangue	Idade em meses	N.º SCL	Dias de lactação	Leite kg.	Produção Gorduras kg.	%	Proprietário
RED-POLLED 5/8 X GUZERA 3/8								
Lactações até 385 dias (II DIVISÃO) Duas ordenhas (2x)								
CLASSE BJ — De 3 a 3 1/2 anos.								
Cachoeira (4720)		3-3	11119	250	2.428,0	98,8	4,06	S. A. Frigorífico Anglo
Guariba (4717)		3-4	11243	232	1.752,0	80,4	4,59	S. A. Frigorífico Anglo
CLASSE CJ — De 4 a 4 1/2 anos.								
Andorinha (4685)		4-1	10196	235	2.164,0	100,0	4,62	S. A. Frigorífico Anglo
CLASSE CS — De 4 1/2 a 5 anos.								
Camponesa (5134)		4-7	10196	174	1.716,0	78,0	4,54	S. A. Frigorífico Anglo
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.								
Capapava (2452)		8-5	9961	251	2.736,0	117,7	4,30	S. A. Frigorífico Anglo
Barranca (2410)		8-7	10084	274	2.675,0	118,7	4,43	S. A. Frigorífico Anglo
Radolândia (4461)		10-6	11246	232	2.648,0	113,9	4,30	S. A. Frigorífico Anglo
Costaneira (2513)		7-11	10093	168	2.339,0	112,5	4,80	S. A. Frigorífico Anglo
Violeta (A368)		7-6	11114	246	2.027,0	94,5	4,66	S. A. Frigorífico Anglo
Cafelandia (987)		6-3	9860	185	1.997,0	85,9	4,30	S. A. Frigorífico Anglo

I DIVISÃO — ATÉ 305 DIAS (COM NOVA PARIÇÃO DENTRO DOS 14 MESES)

NOME DO ANIMAL	Idade em meses	ordem de parição	N.º SCL	Dias de lactação	Leite kg.	Gordura kg.	%	Nova parição em dias de lactação	PROPRIETÁRIO
RAÇA HOLANDESA — variedade preta e branca. Duas ordenhas (2x)									
CLASSE AJ — Até 2 1/2 anos.									
Cast. B. Lutske 5-B12680-LM	PO	1-11	11482	305	3.888,0	135,1	3,47	402	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Hol. E. Vera - LM	NR	2-5	11469	284	3.212,0	133,4	4,16	379	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. R. Romkje 7-B12688	PO	2-2	11658	263	2.288,0	79,3	3,47	345	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Hol. Holander XV-B12276	PO	2-3	11102	176	2.121,0	62,7	2,96	394	Coop. Agro-Pec. Holambra
Cast. B. Jr. Wilhelmína 49-B12672	PO	2-3	11652	259	3.023,0	78,1	3,85	331	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. R. Hendrika 5-B12665	PO	2-0	11374	185	1.904,0	71,6	3,76	402	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
CLASSE AS — De 2 1/2 a 3 anos.									
S. Grecia H. Carnation-B12074-LM	PO	2-8	11309	305	4.708,0	143,5	3,04	424	S. A. Faz. Paraíso Ind. Agr.
Hol. K. Sara 2	NR	2-10	10388	278	3.748,0	127,9	3,41	386	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
S. Guepita P. 285 Fabst-B12085	PO	2-9	11610	300	3.598,0	125,5	3,48	362	S. A. Faz. Paraíso Ind. Agr.
CLASSE BJ — De 3 a 3 1/2 anos.									
Cast. G. Clara 10-B19/7975	PO	3-2	11488	305	3.916,0	134,3	3,42	404	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Hol. K. Sipple 1	NR	3-2	11659	274	3.638,0	125,1	3,43	337	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Bis Medalist C. A. B.-35860	PC	3-3	11497	305	3.402,0	128,4	3,77	374	Colégio Adv. Brasileiro
S. Fancy B. Carnation-B12047	PO	3-4	10031	305	3.083,0	109,6	3,56	406	S. A. Faz. Paraíso Ind. Agr.
Cast. B. Martha 86-B19/7946	PO	3-3	11490	305	2.985,0	101,4	3,39	403	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Cast. B. Uinkje 69-B12511	PO	3-0	10382	184	2.168,0	79,5	3,66	305	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
CLASSE BS — De 3 1/2 a 4 anos.									
Cast. C. Janet-B19/7857-LM	PO	3-10	9458	303	5.948,0	217,3	3,66	391	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Gavea Medalist C. A. B.-33582	PC	3-6	10042	305	3.712,0	127,4	3,43	370	Colégio Adv. Brasileiro
Cast. B. Melno 4-B19/7966	PO	3-6	10378	188	1.455,0	55,3	3,79	405	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
CLASSE CS — De 4 1/2 a 5 anos.									
Cop. Jacitara-31216	PC	4-9	11726	305	3.429,0	133,0	3,87	374	D. Pires Agro-Pecuária S. A.
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.									
Onak's 74 L. S. Ceres 2-F7/3394	PO	7-5	8993	305	5.219,0	166,8	3,19	390	Lello de T. Piza e Almeida
Grana de S. Pedro-28466	7/8	8-1	9779	305	4.851,0	166,2	3,42	390	Soc. Agrícola Pio de Ouro
Mic Duqueza-35120	PC	7-3	10419	278	3.921,0	130,1	3,06	376	Lincoln Castro da Rocha
Brasília Fabst Paraíba-33746	PC	5-5	9007	305	3.784,0	137,8	3,83	410	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
Cast. V. Martha-B13/5105	PO	6-11	6154	234	3.888,0	125,8	3,41	427	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
D. A. Lucena-34881	PC	6-0	10392	305	3.443,0	120,1	3,48	381	Lincoln Castro da Rocha
Cast. E. Annetta-B13/5123	PO	7-0	11521	294	3.363,0	119,7	3,28	358	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
Vistosa-30551	PC	8-1	9370	298	3.321,0	114,1	3,43	375	Antônio Luiz do R. Netto
Hol. K. Aaltje 3	NR	5-0	8322	208	3.239,0	107,9	3,33	403	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
C. A. Melhele-40247	PC	5-8	10300	284	3.178,0	130,8	4,11	374	Lincoln Castro da Rocha
Cast. E. Marie 14-B16/6613	PO	6-0	7608	286	3.083,0	118,6	3,86	355	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.

NOME DO ANIMAL	Gráu de sangue	Idade anos, meses	N.º SCL	Produção		Gordura kg	%	Nova parição aos (dias)	Dias de lactação prenhe	PROPRIETARIO
				Dias de lactação	Leite kg					
Cast. J. Folkertje 56-B15/5797	PO	6-5	7235	271	3.003,0	124,7	4,15	341	205	Soc. Coop. Castrolanda Ltda.
S. Q. Escora-30420	PC	5-3	8975	282	2.795,0	91,0	3,25	362	195	Cia. Agrícola São Quirino
RAÇA HOLANDESA — variedade vermelha e branca. Duas ordenhas (2x)										
CLASSE CJ — De 4 a 4 1/2 anos.										
R. V. Catia Mienas-BB2/709	PO	4-4	9363	305	4.029,0	163,3	4,05	400	180	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
S. F. Formoseira-34366	PC	4-2	11453	305	3.652,0	117,4	3,21	349	231	Fernando José Santos
CLASSE CS — De 4 1/2 a 5 anos.										
Lobos Malaguenha-35163	PC	4-7	11574	305	3.290,0	122,0	3,70	353	227	José Pires Castanho Filho
Mar. Inglesa Diamantina-BB2/587	PO	4-9	9426	261	3.135,0	122,0	3,89	397	139	Luciano V. de Carvalho
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.										
Mar. Festa Brava Telana-27788	PC	6-4	7438	290	3.908,0	143,7	3,67	389	176	Luciano V. de Carvalho
Hol. Roosje XI (II)-BB2/558	PO	5-6	11565	278	3.342,0	119,2	3,56	328	225	Adrianus Sleutjes
Margje 6 (1)-FF1/372	PO	6-2	8182	305	3.142,0	127,0	4,04	320	260	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
Nelly 4 (1)-FF1/370	PC	6-11	8095	233	2.806,0	105,6	3,76	320	188	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
Mar. Balangandan Alexina-18438	PC	10-6	6296	294	2.738,0	104,4	3,81	367	202	Luciano V. de Carvalho
Mar. Chilena Alexina-21583	PC	9-5	6618	295	2.518,0	104,3	4,15	394	176	Luciano V. de Carvalho
RAÇA JERSEY Duas ordenhas (2x)										
CLASSE AS — De 2 1/2 a 3 anos.										
S. A. Nebraska Zanalua-4007-C-LM	PO	2-6	11348	305	3.129,0	151,6	4,84	425	155	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
CLASSE BJ — De 3 a 3 1/2 anos.										
Imagem J. Sta. Hilda-4063-C	PO	3-3	11339	305	2.000,0	93,5	4,67	414	166	João Laraya
CLASSE BS — De 3 1/2 a 4 anos.										
S. A. Camelia Records-3255-C-LM	PO	3-11	9405	292	3.031,0	155,8	5,13	364	203	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
CLASSE CJ — De 4 a 4 1/2 anos.										
Fortuna do Palheiro-A/2629-LM	PO	4-1	11676	305	2.982,0	144,8	4,85	310	270	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
Santa Comary-3285-C	PO	4-2	9137	282	2.651,0	140,0	5,27	406	151	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.										
Lorena Comary-1358-C	PO	11-8	9904	293	3.023,0	149,1	4,93	411	157	Faz. Sant'Ana do Rio Abaixo
Grace do E. (Preciosa)-3213-C	PO	6-8	9464	296	2.246,0	108,6	4,83	330	241	Alain Boud'hors
Quiçamã Comary-1961-C	PO	6-9	11498	294	1.909,0	101,3	5,30	374	195	José de M. Altenfelder Silva
RAÇA SCHWYZ Duas ordenhas (2x)										
CLASSE BJ — De 3 a 3 1/2 anos.										
Columbina Sta. Marina-2890	PO	3-0	11702	292	2.713,0	97,1	3,57	313	254	Silvio Lara Campos
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.										
Prima da Mantiqueira-37759	PC	10-5	11233	305	2.277,0	84,8	3,72	427	153	Faz. Sta. Franc. do Camandocaia
Faina de Pinheiro-2252	PO	6-8	7847	305	2.010,0	73,6	3,66	358	222	Ministério da Agricultura
Valley B. Laura-2215	PO	8-8	7509	217	1.854,0	74,0	3,99	370	122	Faz. Sta. Franc. do Camandocaia
Caiana da Mantiqueira-37761	PC	8-6	11635	192	1.519,0	64,6	4,25	333	134	Faz. Sta. Franc. do Camandocaia
RAÇA GIR Duas ordenhas (2x)										
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.										
Gazeta		6-0	11238	153	1.094,0	51,3	4,68	316	112	São Francisco Sociedade Ltda.
RED-POLLED 5/8 X GUEZERA 3/8 Duas ordenhas (2x)										
CLASSE D — Adultas, de mais de 5 anos.										
Solidão (497)	-		11502	167	1.921,0	84,8	4,41	309	43	S.A. Frigorífico Anglo

LM — LIVRO DE MÉRITO
 (1) — MORREU
 O último número em seguida ao nome de cada vaca corresponde ao seu número em registro genealógico.

O que vai pelo Controle Leiteiro

Não obstante as crises, as ameaças de invasão e o temor que começa a grassar nas zonas rurais, com seca e tantas coisas mais, nem tudo está perdido. Luta-se ainda e cada vez mais pelo progresso, pelos bons resultados técnicos. E a prova está nos bons resultados registrados nos últimos relatórios do SCL. O de Dezembro apresenta fatos dignos de menção, como podemos ver a seguir.

RAÇA HOLANDESA

Na raça Holandesa, variedade preta e branca, duas Arletes aparecem com destaque: A. Janete e A. França. Ambas em regime de trez ordenhas. A. Janete, PO, aos 6 anos e 7 meses, completou aos 365 dias com 7.103 kg de leite, 248,6 kg de gordura ou 3,49%. É uma filha de A. Jan e de A. Colina Paul. Também PO, aos 4 anos e 5 meses, em 305 dias, com nova cria aos 389 dias. A. França registrou 6.713 kg de leite com 229,7 kg de gordura, 3,42%, o que lhe garantiu uma inscrição em LM e LE.

Parabéns ao Dr. Manoel Alves de Castro (Passa Quatro, Minas), por mais estes bons resultados.

Na Fazenda Paraíso (S. A. Paraíso Ind. e Agrícola, S. João da Boa Vista), foi obtido também recentemente um excelente resultado com Sertão Genebra V. Pabst, filha de Pabst Burke e de Allembly Bonny Heile Vrouka, uma PO que, aos 2 anos e 11 meses, vem de completar em 365 dias 6.163 kg de leite com 207,0 kg de gordura, 3,35% em regime de duas ordenhas. É um resultado bastante significativo, que demonstra a boa orientação adotada nessa conhecida fazenda.

Guará Manolita, outra boa produtora do conhecido rebanho PC do sr. Antonio Coelho Guimarães, de Guaratinguetá, filha de Vinagre EEPA e Guará Perfeita (8-11|2x|339|4718|166,3|3,52%) acaba de registrar também, aos 6 anos e 5 meses, uma boa lactação, em regime de duas ordenhas, 355 dias, 7.233 kg de leite com 266,2 kg de gordura, ou 3,68%. Como é sabido, esse rebanho é antigo, de ótima conformação, haja vista os prêmios que obtém com frequên-

cia em exposições e altamente produtivo.

Mas não foi só entre vacas da raça Holandesa, variedade preta e branca, que bons resultados foram registrados; eles também ocorrem nas demais raças e variedades. Vejamos na variedade vermelha e branca.

Velida Nogal outra PO, importada do Chile pelo dr. José Bastos Thompson, filha de Nelson e Velda Nogal, em regime de duas ordenhas diárias, aos dois anos e seis meses, em 365 dias, acaba de registrar 5.226 kg de leite com 171,0 kg de gordura, ou 3,27%. Para a raça e idade, em 2 ordenhas, é ótimo resultado, principalmente sabendo que se trata de animal que passou pela premunicação contra babesioses.

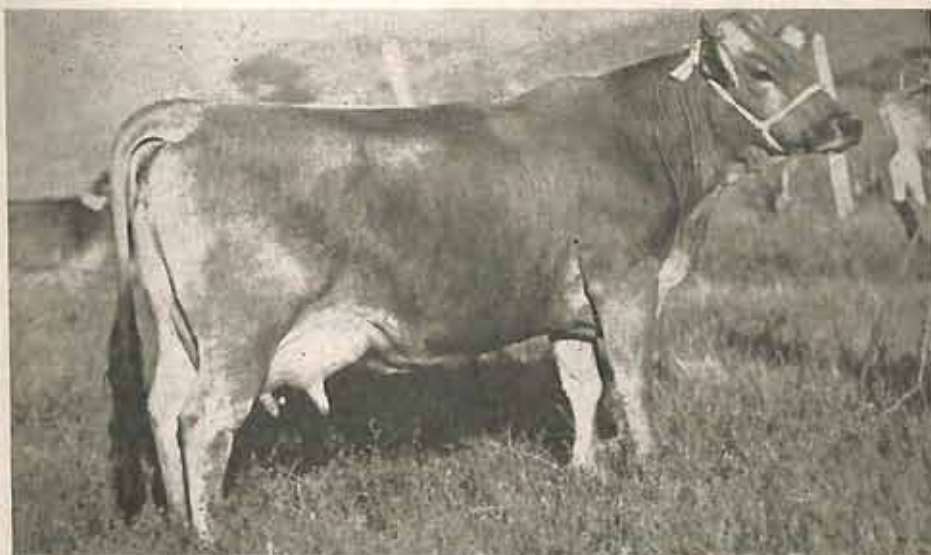
SANT'ANA HARPA PATRICIAN

Na raça Jersey, aparece novamente em destaque, na Divisão de 305 dias, com nova parição em 421 dias, a conhecida Sant'Ana Harpa Patrician do já famoso rebanho da Fazenda Sant'Ana do Rio Abaixo: aos 9 anos e 4 meses, em regime de 2 ordenhas, em 305 dias, registrou 3.851 kg de leite, com 173,6 kg de gordura, ou 4,50%, resultado bastante acima da média da raça. Importante trabalho está sendo preparado, tendo por base os dados existentes no S. C. Leiteiro, visando medir os registros obtidos na raça Jersey, e nos principais rebanhos.

BOM CAFÉ ALFA AMERICANA

Bom Café Alfa Americana, Schwyz PO, propriedade do sr. B. Portugal Renó, veio dizer presente nesta relação de destaques para a raça: aparece na divisão de 305 dias, portanto com nova cria dentro dos 437 dias

(Conclui na pág. 76)



BOM CAFÉ AMERICANA — ao produzir mais de cinco toneladas de leite, numa lactação, conseguiu inscrever-se no LM e no LE. Pertence ao sr. Benedito P. Rennó.

Sociedade Cooperativa CASTROLANDA Ltda.



GADO HOLANDÊS

PRETO E BRANCO
puro de origem

PRODUÇÃO LEITEIRA OFICIALMENTE
CONTROLADA PELA A.P.C.B.



AFKE 40 — importada da Holanda. Reg. F-6-2602. Nasceu em 29-12-52. Pai: ROOSJE'S OLIVIER. Mãe: AFKE 34. Prod. de leite: 4a 10m — 5.162.080 quilos — 308d — 3,27%. Média: 16,760.

Estamos realizando importações de gado da Holanda para nossos cooperados e já temos também várias outras encomendas para criadores de diversos Estados. Esse é mais um serviço que a CASTROLANDA presta aos criadores nacionais. — Importação DIRETA DA HOLANDA. Procure-nos caso queira importar alguma coisa.

Sua visita será um prazer

Sociedade Cooperativa CASTROLANDA LTDA.

C. Postal, 131 — CASTRO — Est. Paraná

CONDUÇÃO

TREM — direto de São Paulo a Castro pela E. F. Sorocabana
AVIÃO — até Ponta Grossa prosseguindo de ônibus até Castro (45 minutos)
CAMPO DE POUSO PARTICULAR DENTRO DA COLÔNIA

RESULTADOS PARCIAIS DE CONTROLE

RACA HOLANDESA — variedade preta e branca.

Sociedade Cooperativa de «CASTROLANDA» Ltda.

Castro, Est. do Paraná.

Controle em DEZEMBRO 1963.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu do sangue	Idade anos mês	Con- trole	Dias de lact.	Produção Leite Gorduras	%
10.771	Hol. B. Marie 2	NR	5-0	1.º	1	21.600	0,820 3,79
11.261	Cast. M. Jitske 12	PO	4-6	3.º	89	19.600	0,727 3,71
12.678	A. B. Ilse 2	PO	3-4	3.º	59	21.350	0,811 3,80
12.786	Hol. A. Rika 7	NR	-	1.º	-	18.100	0,612 3,38
9.236	Cast. F. Nijlander 200	PO	5-9	1.º	19	23.600	0,755 3,20
6.154	Cast. Vos Martha	PO	8-2	1.º	3	21.400	0,683 3,19
10.385	Cast. Vos J. Nelly	PO	4-10	2.º	55	18.900	0,727 3,85
7.608	Cast. E. Marie 14	PO	7-0	1.º	1	20.500	0,828 4,03
9.282	Cast. S. Lolkje 188	PO	6-1	2.º	36	18.000	0,646 3,59
9.605	Cast. B. Mine 2	PO	5-2	8.º	213	18.800	0,666 3,54
9.845	Cast. B. Dora 4	PO	5-5	3.º	76	20.700	0,639 3,08
11.490	Cast. B. Martha 86	PO	4-4	1.º	20	20.400	0,795 3,89
7.981	Cast. J. Rika 54	PO	8-3	2.º	37	21.400	0,928 4,34
9.181	Cast. B. Beatrix	PO	5-9	2.º	37	18.600	0,659 3,54
11.482	Cast. B. Lutske 5	PO	3-1	1.º	1	19.400	0,776 4,00
12.790	Cast. B. Trina	PO	2-3	1.º	19	21.200	0,740 3,49
5.117	Hol. L. Annamarie	NR	8-10	1.º	6	26.000	0,882 3,39
9.279	Cast. L. Sietske 40	PO	5-6	4.º	95	19.400	0,669 3,45
10.013	Hol. L. Marietje 3	15/16	4-5	4.º	111	18.400	0,649 3,52
11.173	Hol. L. Rollentje 3	NR	6-6	1.º	25	20.600	0,781 3,79
12.778	Hol. L. Jr. Elza	NR	-	1.º	1	25.200	0,856 3,39
12.788	Cast. F. Aaltje 3	PO	2-2	1.º	9	18.200	0,647 3,55
8.891	Cast. L. Dina 4	PO	6-8	3.º	77	21.800	0,900 4,13
9.247	Cast. L. Boukje 29	PO	5-0	2.º	39	23.050	0,806 3,49
11.135	Cast. L. Slep 33	PO	4-7	1.º	20	21.500	0,923 4,29
11.390	Cast. L. Melkbron 25	PO	3-2	2.º	70	19.100	0,626 3,28
10.371	Cast. M. Jitske 10	PO	7-1	4.º	94	21.750	0,903 4,15
12.681	Hol. M. Johanna 45	NR	5-2	3.º	56	23.200	1,040 4,48
12.794	Hol. M. Juweeltje 44	NR	-	1.º	20	18.450	0,644 3,49
12.795	Hol. M. Katrientje	NR	-	1.º	12	26.500	0,870 3,28
9.723	Cast. B. Aaltje 95	PO	4-4	1.º	21	22.400	0,892 3,98
10.362	Cast. B. Uilkje 69	PO	3-11	1.º	11	18.300	0,658 3,60
12.701	Cast. B. Aaltje 96	PO	3-5	2.º	32	18.200	0,699 3,84
11.486	Cast. C. Clara 10	PO	4-3	1.º	1	28.250	0,873 3,09
12.706	Hol. C. Hertha 24	NR	2-5	2.º	31	18.900	0,758 4,01
9.716	Cast. S. Bontje 9	PO	4-3	2.º	77	20.700	0,741 3,58
10.006	Cast. H. Riemkje 21	PO	4-4	2.º	59	22.700	0,779 3,43
11.474	Cast. B. Jouke 4	PO	2-11	2.º	43	18.500	0,793 4,26
11.475	Cast. H. A. Wiersma 473	PO	3-11	2.º	53	19.500	0,720 3,69
6.498	Cast. J. Lemstra 23	PO	8-2	2.º	43	20.500	0,758 3,70
7.235	Cast. J. Folkertje 56	PO	7-4	1.º	1	20.850	0,696 3,34
12.798	Hol. J. Evelien	NR	-	1.º	1	23.200	0,806 3,47
8.322	Hol. K. Aaltje 3	NR	6-2	1.º	1	25.300	0,885 3,50
10.368	Hol. K. Sara 2	NR	3-11	1.º	13	25.400	0,785 3,09
11.253	Hol. C. Dora 7	15/16	5-2	1.º	30	29.300	1,132 3,86
12.782	Hol. C. Reitsma 46	NR	5-2	1.º	30	21.100	0,865 4,10
12.783	Hol. C. Terezinha	15/16	5-3	1.º	29	23.300	0,964 4,14
12.784	Hol. C. Herta 22	NR	3-4	1.º	31	20.700	0,848 4,10
12.785	Hol. C. Terta 11	NR	3-5	1.º	28	23.800	0,829 3,48
8.572	Hol. F. Ria 5	NR	7-3	7.º	221	24.100	0,777 3,22
7.082	Hol. C. Baarda 2	31/32	7-7	3.º	69	23.400	0,818 3,49
8.568	Hol. C. Baarda 1	15/16	7-4	3.º	58	24.100	0,927 3,84
8.889	Cast. C. Sipkje	PO	5-9	2.º	36	21.800	0,816 3,73
9.458	Cast. C. Janet	PO	4-11	1.º	9	28.600	1,028 3,59
10.007	Cast. C. Tine 10	PO	4-4	2.º	29	28.100	0,990 3,52
10.366	Hol. C. Baarda 3	NR	-	1.º	4	28.700	1,059 3,69
9.842	Cast. E. Hiltje 75	PO	4-3	6.º	160	19.000	0,721 3,79
10.810	Cast. E. Hiltje 76	PO	3-6	2.º	76	19.800	0,714 3,60

LABORTERÁPICA — BRISTOL S/A.

DEP. AGROPECUÁRIO



DIBIOTYL
TETREX
MASTIGEX
Unguento intrama-
mário

Contrôle perfeito das infecções
Antibiótico a base de fosfato com-
plexo de Tetraciclina Penicilina G.
Procaina e G. Potásica — Neomicina
Estreptomina

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu do sangue	Idade anos mês	Con- trole	Dias de lact.	Produção Leite Gorduras	%
11.469	Hol. E. Vera	NR	3-6	1.º	9	21.200	0,750 3,54
12.789	Cast. V. Gerlantje	NR	-	1.º	47	18.800	0,757 4,02
11.281	Hol. F. Jentje	NR	4-2	4.º	108	22.500	0,694 3,08
10.806	Hol. Lies	NR	3-5	5.º	152	20.500	0,739 3,60
11.183	Hol. L. Ineke	NR	-	4.º	-	18.800	0,672 3,57
11.408	Hol. L. Fokje	NR	6-4	2.º	42	19.200	0,690 3,59
12.781	Cast. R. Maaike 4	PO	-	1.º	10	18.900	0,642 3,40
9.307	Hol. C. Bertha 1	15/16	5-5	4.º	92	18.800	0,664 3,53
11.153	Hol. C. Jantje	NR	4-3	3.º	48	19.400	0,659 3,39
11.388	Cast. J. Rooske 5	PO	3-1	3.º	67	23.100	0,808 3,50
10.764	Hol. Greida Wratje 5	15/16	4-10	3.º	59	31.000	1,114 3,59
11.659	Hol. K. Sipple 1	NR	4-2	1.º	4	23.500	0,797 3,39
11.374	Cast. R. Hendrika 5	PO	3-2	1.º	23	20.800	0,862 4,14
11.477	Cast. C. Agatha 63	PO	3-2	2.º	32	18.600	0,733 3,94
10.345	Hol. D. Jacoba 4	NR	5-2	2.º	45	26.000	0,972 3,73

Ministério da Agricultura. Fazenda Experimental de Criação de Juparanã, Mar-
quês de Valença.

Est. do Rio de Janeiro. Controle em 30/12/1963.

Regime de semi-estabulação, 2 ordenhas.

3.730	F. S. M. Bataua	PO	2-2	4.º	109	14.400	0,510 3,54
5.438	F. S. M. Camias	PO	10-0	2.º	67	17.300	0,567 3,27
5.889	F. S. M. Eulina	PO	8-9	4.º	172	14.600	0,501 3,43
7.131	F. S. M. Fada	PO	8-9	2.º	69	16.800	0,510 3,03
8.325	F. S. M. Gabela	PO	7-0	4.º	141	14.500	0,490 3,37
8.645	F. S. M. Galileia	PO	7-2	4.º	104	16.000	0,462 2,88
12.630	F. S. M. Laura	PO	3-4	2.º	66	13.000	0,440 3,38

S. A. Fazenda Paraíso Industrial e Agrícola. São João da Boa Vista. Est. S.
Paulo. Controle em 10/1/64.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

CONTROLE DE INSPEÇÃO.

3.657	Bob Mar Inka Dewdrop	PO	12-4	7.º	182	13.420	0,456 3,40
5.882	Madcap M. 3 Of Martona	PO	12-5	9.º	252	13.030	0,416 3,19
5.985	Anca	PCOD	9-2	3.º	63	30.740	0,876 2,85
6.602	São José Dançarina	PO	7-9	9.º	243	15.650	0,562 3,59
7.364	Balinha	PCOD	8-0	3.º	72	22.340	0,601 2,69
7.822	Saint R. E. 138 Wayne 306	PO	7-1	8.º	221	18.540	0,527 2,84
7.831	S. M. Senator P. Butter Girl	PO	7-1	4.º	106	21.790	0,719 3,30
8.512	Sta. C. Lita Hoarne	PO	6-10	7.º	183	13.910	0,517 3,72
8.513	Sertão Candidata	PO	6-11	7.º	197	16.280	0,586 3,60
8.783	Sta. C. Rutica Pabst	PO	6-2	9.º	250	13.330	0,486 3,65
8.898	Sertão Duna	PO	6-0	9.º	246	14.640	0,538 3,67
8.916	W. Luz C. Sovereign Alegre	PO	7-2	10.º	302	14.010	0,546 3,89
9.218	Santabri Rag Apple Ajax	PO	6-9	5.º	120	23.600	0,662 2,80
9.503	Diaul	PCOC	6-3	7.º	196	16.750	0,533 3,18
9.580	Else	PCOC	4-10	4.º	110	21.720	0,777 3,57
9.714	Sertão Elna	PO	5-5	5.º	132	19.890	0,739 3,71
9.794	Sertão Eritrea	PO	5-2	3.º	122	18.150	0,526 2,90
10.248	S. Foresce F. Pabst Burke	PO	4-5	6.º	154	20.340	0,621 3,05
10.626	S. Fitness M. Carnation	PO	3-8	9.º	268	13.280	0,513 3,87
11.203	S. Guará P. Cienafon	PO	3-7	4.º	102	19.430	0,620 3,19
12.061	S. Gatinha E. Glenafon	PO	2-11	9.º	267	14.920	0,635 4,26
12.402	S. Grizelda H. Martindale	PO	2-9	6.º	172	13.200	0,441 3,34
12.403	S. Guitarra Ormsby Pabst	PO	3-4	6.º	152	19.550	0,669 3,42

Cooperativa Agro-Pecuária Holambra. Mogi Mirim. Est. S. Paulo. Controle em
3/1/64.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

7.032	Holambra Rosa II	PO	7-6	6.º	170	14.640	0,533 3,64
10.956	Limburgia Tietje XVI	PO	3-10	1.º	56	19.170	0,632 3,30
11.102	Holambra Holander XV	PO	3-4	1.º	101	13.620	0,543 3,99

LABORTERÁPICA — BRISTOL S/A.

DEP. AGROPECUÁRIO



LABORVIT
complemento polivitamínico

A — para Aves
B — para Bovinos
S — para Suínos

LABORSAL
complementos poliminerais

A — Aves
B — Bovinos - Equinos - Ovinos - Suínos
E — de engorda



Fazenda PRIMAVERA

Criação e seleção de gado
Holandês, preto e branco, puro
de origem e puro por cruz
de alta produção

PRODUÇÃO LEITEIRA OFICIALMENTE
CONTROLADA PELA A.P.C.B.



PRIMAVERA CESAR — Campeão absoluto
na Exposição de Bragança Paulista - 1957.



SAN MIGUEL 739 ELBITA 15 — Campeã
P.O.I. e 1.º prêmio na Exposição de Bra-
gança Paulista - 1959

AGRO-PECUÁRIA

PRIMAVERA LTDA.

JARINU - Est. de S. Paulo
Em S. Paulo:

RUA JOÃO BRICOLA, 39 - 2.º AND.

COLEGIO ADVENTISTA BRASILEIRO

30 ANOS

DE SELEÇÃO DE GADO HOLANDEZ

NOSSAS CRIOULAS



FAROLEZA SENTINEL, campeã pura por cruz da raça na I Exposição-Feira de Gado Leiteiro do Estado de São Paulo. No Serviço de Controle Leiteiro da A.P.C.B., é recordista de classe na categoria de 1 a 5 anos, com a produção de 9,020 kg de leite.

- Longevidade e produção média comprovada.
- Temos várias crioulas inscritas na Categoria de Longevidade e Livro de Mérito do Serviço de Controle Leiteiro da A.P.C.B.
- **FORTALEZA**, crioula e pertencente ao nosso plantel, foi a primeira produtora a atingir a produção de 50 toneladas de leite.
- Vejam a paginas..... desta edição, as médias das nossas produtoras.



Durante sua estada em S. Paulo conheça nosso rebanho. Sua visita será um prazer. Quilometro 23 da estrada asfaltada de Itapeverica - via Sto. Amaro

COLEGIO ADVENTISTA BRASILEIRO

Cxo. Postal 7258 - Telefone 61-2606
SÃO PAULO

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu do sangue	Idade anos mês	Con- trole	Dias de lact.	Produção		%
						Leite	Gorduras	
12.132	Holambra Marie XX	PO	2-1	6.º	197	13,090	0,511	3,90
12.651	Bea	7/8	3-8	2.º	102	14,160	0,518	3,65
12.853	Holambra Coba	PO	2-7	1.º	73	13,420	0,437	3,25
12.854	Holambra Martha IX	PO	4-9	1.º	81	22,150	0,853	3,85
12.855	Holambra Atje XII	PO	2-2	1.º	114	17,640	0,730	4,13

S. A. Fazenda Paraíso Industrial e Agrícola. São João da Boa Vista. Est. S. Paulo. Controle em 13/1/964.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

3.657	Bob Mar Inka Dewdrop	PO	3-7	5.º	105	20,000	0,717	3,58
5.882	Madcap M. 3 Of Martona	PO	3-10	1.º	17	25,260	0,659	2,60
5.985	Anca	PO	3-9	1.º	7	20,030	0,688	3,43
6.602	São José Dançarina	PO	2-11	12.º	350	13,800	0,496	3,58
7.364	Balinha	PO	3-2	10.º	286	13,600	0,455	3,34
7.821	Saint R. Emp. 177 Chief 301	PO	2-5	8.º	221	14,210	0,556	3,91
7.822	Saint R. Emp. 138 Wayne 306	PO	2-11	10.º	270	14,570	0,593	4,07
7.831	S. M. Senator P. Butter Girl	PO	2-8	9.º	260	14,600	0,461	3,15
7.914	Willy's Tony C. S. Kenia	PCOC	3-4	8.º	224	16,000	0,521	3,26
8.512	Sta. C. Lida Hoarne	PO	2-9	7.º	175	13,500	0,467	3,45
8.513	Sertão Candidata	PO	3-4	7.º	155	19,700	0,641	2,25
8.898	Sertão Duna	PCOC	2-11	4.º	117	13,090	0,505	3,85
8.916	Willy's Luz C. S. Alegre	PO	2-5	4.º	112	15,230	0,512	3,36
9.218	Santabri Rag Apple Ajax	PO	2-7	4.º	103	14,090	0,502	3,56
9.385	Sertão Dalas	PO	2-9	3.º	83	17,450	0,679	3,89
9.503	Diacui	PCOC	4-0	2.º	53	14,600	0,482	3,30
9.580	Else	PO	3-2	1.º	10	14,600	0,523	3,58
9.581	Sertão Elijah	PO	12-4	8.º	185	15,180	0,524	3,45
9.582	Sta. C. Graça Pabst	PO	12-5	10.º	255	13,490	0,439	3,26
9.714	Sertão Elna	PCOD	9-2	4.º	66	30,020	0,750	2,50
9.794	Sertão Eritrea	PO	7-9	10.º	246	15,000	0,602	3,88
10.031	Sertão Fancy B. Carnation	PCOD	8-0	4.º	75	22,750	0,680	2,99
10.248	S. Foresce F. Pabst Burke	PO	7-2	8.º	236	13,370	0,551	4,12
10.458	S. Flotilha Ajax M. Exotico	PO	7-1	9.º	224	19,000	0,552	2,90
10.460	S. First Pabst Senor	PO	7-1	5.º	109	21,320	0,775	3,63
10.626	S. Fitness M. Carnation	PO	7-0	3.º	64	20,600	0,645	3,13
10.642	Willy's C. Tensen Houckholme	PO	6-10	8.º	186	13,740	0,511	3,72
10.997	Sertão Grecia S. Glenafton	PO	6-11	8.º	260	16,300	0,650	3,99
11.203	S. Guará Pabst Glenafton	PO	6-0	10.º	249	16,440	0,635	3,86
11.309	Sertão Grega H. Carnation	PO	7-2	11.º	305	14,590	0,606	4,15
11.610	S. Guapita P. 295 Pabst	PO	6-9	6.º	123	23,600	0,710	3,01
11.774	S. Guapira P. 295 Pabst	PO	6-4	6.º	152	16,500	0,579	3,51
11.989	S. Guariba L. Pabst	PCOC	6-3	8.º	199	17,660	0,616	3,48
12.024	S. Holanda M. Hoarne	PCOC	4-10	5.º	113	22,610	0,796	3,52
12.061	S. Gatinha E. Glenafton	PO	4-11	8.º	210	13,760	0,430	3,12
12.062	S. Grey Pride 5 Pabst	PO	7-6	4.º	107	16,340	0,686	4,19
12.106	S. Galena Milk. Carnation	PO	5-5	6.º	135	19,930	0,706	3,54
12.402	S. Grizelda H. Martindale	PO	5-2	4.º	125	18,690	0,616	3,30
12.403	S. Guitarra Ormsby Pabst	PO	4-6	1.º	11	18,300	0,536	2,92
12.564	S. Ghita Glenafton	PO	4-0	7.º	157	19,050	0,633	3,32
12.565	S. Harden Rud Milk. Pabst	PO	4-1	8.º	245	13,360	0,459	3,43
12.566	S. Helvetia B. Carnation	PO	3-9	8.º	210	14,700	0,565	3,84
12.636	S. Hungara S. Pabst	PO	3-8	10.º	271	13,800	0,535	3,87
12.757	Sertão Fany Marksman	PO	9-8	3.º	75	16,100	0,439	2,73
12.841	S. Glamour W. Tensen Pabst	PO	3-7	5.º	125	14,440	0,589	4,08

Clovis Joly de Lima. Pinhal. Est. de São Paulo. Controle em 28/1/964.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

10.391	Tulipa	PCOD	9-3	9.º	255	13,100	0,546	4,17
10.980	Minorca	PCOD	4-9	6.º	160	18,950	0,542	2,86
12.065	Brisa de Sta. Tereza	PCOD	8-0	9.º	263	13,790	0,477	3,46
12.067	Diva de Sta Tereza	PCOD	5-10	9.º	246	14,250	0,571	4,00

LABORTERÁPICA — BRISTOL S/A.

DEP. AGROPECUÁRIO



VITAMINAS
injetáveis e oral

Vitamina B1
Vitamina D2
e outras

usadas no
tratamento das
Iprovitaminoses

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu do sangue	Idade anos mêses	Con- trole	Dias de lact.	Produção Leite	Gorduras	%
Alabama S. A. Comercial Agrícola e Pecuária. São Carlos. Est. de S. Paulo. Controle em 24/1/964.								
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								
5.873	Dengosa	PCOD	10-4	4.º	95	19,200	0,590	3,67
10.276	S. Faina Judy Carnation	PO	4-6	1.º	29	16 200	0,510	3,14
11.008	Argentina	NR	-	4.º	100	14,500	0,451	3,11

Fazenda Sant'Ana do Rio Abaixo. São José dos Campos. Est. de S. Paulo.
Controle em 23/1/964.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								
3.222	Carnauba de Paraiba	PCOC	12-1	3.º	108	17,800	0,672	3,77
6.784	Jutlandia de Paraiba	PCOC	8-8	2.º	63	16 300	0,466	2,86
6.786	Supimpa de Paraiba	PCOC	7-6	3.º	93	18,150	0,570	3,14
6.845	Doutrina de Paraiba	PCOC	8-5	5.º	136	16,210	0,621	3,83
6.924	Flamula	PCOD	7-5	4.º	107	16 390	0,465	2,83
7.388	Bandeira de Paraiba	PCOC	11-3	3.º	82	16,360	0,465	2,84
7.589	Camponesa	PCOD	7-6	3.º	74	26,650	0,981	3,68
7.923	Jamaica de Paraiba	PCOC	8-11	10.º	284	15 300	0,703	4,60
7.925	Coreiana	PCOD	6-10	8.º	227	15,000	0,588	3,92
8.037	Narceja de Paraiba	PCOC	7-1	4.º	109	22,170	0,674	3,04
8.405	Pirata II de Paraiba	PCOC	6-3	5.º	130	18,700	0,627	3,35
8.490	Regencia de Paraiba	PCOC	6-10	3.º	81	13,900	0,495	3,56
8.559	Coroada II de Paraiba	PCOC	6-3	5.º	135	13,380	0,506	3,73
8.652	Sensitiva de Paraiba	PCOD	6-2	6.º	162	17 070	0,573	3,36
8.733	Aroeira de Paraiba	PCOC	6-1	5.º	130	13,400	0,490	3,65
8.816	Corveta de Paraiba	PCOC	7-9	3.º	94	18,500	0,456	2,46
8.941	Doca	PCOD	7-11	2.º	57	18,500	0,605	3,27
9.007	Brasília P. de Paraiba	PCOC	6-7	1.º	15	22 340	0,660	2,95
9.008	Babilônia de Paraiba	PCOC	6-7	8.º	217	13,960	0,569	4,07
10.224	Mangueira de Paraiba	PCOC	5-2	5.º	134	16,040	0,551	3,43
10.304	Aliada de Paraiba	PCOC	4-8	6.º	159	16,230	0,580	3,57
10.428	Clarita de Paraiba	PCOD	5-1	1.º	31	17,570	0,609	3,46
10.803	Caprichosa de Paraiba	PCOC	4-5	7.º	215	13,400	0,502	3,74
12.275	Galeria de Paraiba	PCOD	3-2	7.º	209	14,140	0,470	3,32
12.505	Nogales S. Sovereign	PO	2-11	5.º	130	13 950	0,424	3,04
12.620	Nogales S. L. Gasolina	PO	3-0	3.º	70	15,410	0,580	3,76
12.733	Anca de Paraiba	PCOD	2-5	2.º	56	17,160	0,645	3,76
12.814	Bulgária de Paraiba	PCOD	4-1	1.º	9	15,000	0,531	3,54

D. Pires Agro-Pecuária S. A. São Carlos. Est. de São Paulo. Controle em 23/1/964.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								
8.252	Copacabana Franca	PCOD	8-5	8.º	226	17,400	0,696	4,00
8.984	Sta. Carolina Cica Hoarne	PO	6-2	9.º	258	14,900	0,622	4,17
11.726	Copacabana Jacitara	PCOC	5-9	1.º	3	21 900	0,999	4,56
12.245	Copacabana Jaqueta	7/8	4-7	7.º	192	13,100	0,503	3,83
12.364	Copacabana Linda Luz	PCOC	4-4	6.º	157	13 100	0,526	4,02
12.497	Copacabana Não Me Toques	PCOC	2-6	5.º	139	13,300	0,488	3,67
12.568	Copacabana Magia Hoarne	PCOC	3-4	4.º	109	16,700	0,691	4,14
12.570	Copacabana Helodiosa	PCOC	3-6	4.º	88	16 650	0,629	3,77
12.718	Copacabana Marota	PCOC	3-1	2.º	49	14,250	0,463	3,25
12.719	Copacabana Maguete Hoarne	PO	3-5	2.º	58	15,000	0,477	3,18
12.720	Copacabana Maxima Hoarne	PO	3-5	2.º	61	17,700	0,658	3,71
12.721	Copacabana Jovial	PCOC	4-11	2.º	68	16,100	0,594	3,68
12.722	Copacabana Indulgente	7/8	6-0	2.º	73	21,800	0,813	3,73
12.723	Copacabana Malvacea	PCOC	3-8	2.º	36	17,300	0,608	3,51
12.724	Copacabana Janita	PCOC	5-6	2.º	58	19,950	0,710	3,56

LABORTERÁPICA — BRISTOL S/A.

DEP. AGROPECUÁRIO



ESPECIALIDADES

Betatotal para disfunções do sistema nervoso

Protectum para os estados de intoxicação em geral



Fazenda Campo Lindo

Recordista Brasileira
de produção de
leite e gordura
com

JARDINEIRA II J.B.

Produções:

365 d 14.305 kg de leite 460,1 kg
- 3,21% 3x



GOSTOSA J.B. — nasceu em 5-2-56.
Filha de Holambra Marinus e Trigueirinha J.B. Premiada na VII Exposição-Feira de Gado Leiteiro realizada em S. Paulo em 1963. Aos cinco anos, em duas ordenhas e em 291 dias, produziu 4.218,0 quilos de leite e 141,0 quilos de gordura com 3,34%.



Conquistamos

o "Bode" e
o "Botadeira
de Ouro" com
Jardineira II
J.B.

150 anos de seleção

URBANO JUNQUEIRA

Criação de gado Holandês, preto branco e vermelho e branco.

FAZENDA CAMPO LINDO

CRUZILIA

MINAS GERAIS

Fazenda São Bernardo

RESENDE — E.F.C.B.

Longevidade e produção



Criação e seleção de gado
Holandês preto e branco e
Guernsey P.O. e P.C.

PRODUÇÃO LEITEIRA OFICIALMENTE
CONTROLADA PELA A.P.C.B.



BELA VISTA DUCHESS SENATOR BELA —
Holandesa preta e branca P.O. Reg. HBB/B9
3224. Nasceu em 23-2-1949 Pol Rev. n.º 101
Senator Constante. Mãe: Duchess Ormsby Co-
lantha Bessie. Sua maior produção: 8a 10m
3x 365d 9.529,0 kg de leite e 322,4 kg de
gordura com 3,38% L.M. Detentora do Tro-
féu "Vaca de Ouro" com a seguinte produ-
ção somada: 2.506 dias 57.082,0 kg de lei-
te e 1.922,8 kg de gordura com 3,36%.
Quatro vezes inscrita no Livro de Escol. Re-
produtora Emérita.

**FAZENDA
SÃO BERNARDO**

Proprietários:

**LUIZ AMÉRICO M. BAR-
ROS E ALBERTO FERRAZ**

RESENDE — E.F.C.B.

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu do sangue	Idade anos mês	Con- trole	Dias de lact.	Produção Leite Gorduras	%
Domingos Pereira Junqueira Carmo de Minas, Est. de Minas Gerais. Controle em 23/1/64.							
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
12.458	Sertão Heleodora R. A. Adonis	PO	2-3	5.º	159	13 730	0,487 3,55
12.459	Depejota Sevilha	31/32	3-6	5.º	153	15 040	0,524 3,48
12.462	S. Howell S. Carnation	PO	2-2	5.º	150	16,100	0,522 3,24
12.660	Depejota Sevilha II	31/32	2-10	3.º	89	14,710	0,537 3,65
12.816	Depejota Guanabara	63/64	2-1	1.º	35	13 620	0,489 3,59

Fazenda São Bernardo. Resende. Est. do Rio de Janeiro. Controle em 30/1/64.
Regime de semi-estabulação, 2 ordenhas.

5.524	Svea	PO	9-5	1.º	19	16 830	0,581 3,45
5.690	Botina das Ag. Negras	15/16	8-11	3.º	116	13,150	0,503 3,83

Colégio Adventista Brasileiro. Santo Amaro. Controle em 7/1/64.
Regime de semi-estabulação 2 ordenhas.

6.196	C. A. B. Floristica II Medalist	PO	2-4	1.º	2	15,950	0,533 3,34
7.766	C. A. B. Fada Madcap	PO	7-0	5.º	144	16 220	0,428 2,64
7.810	C. A. B. Elicabeth Madcap	PO	8-6	5.º	131	17,030	0,493 2,89
8.911	Mais Bela Madcap C. A. B.	PCOC	5-8	9.º	260	14 220	0,540 3,79
8.999	Firmaforte Medalist C. A. B.	PCOC	5-3	4.º	116	15,060	0,572 3,80
9.047	C. A. B. Esta Sim Medalist	PO	5-8	3.º	62	19,770	0,660 3,33
9.516	Predileta Madcap C. A. B.	PCOC	5-7	1.º	9	18,600	0,651 3,50
9.678	Ritinha Madcap C. A. B.	PCOC	5-2	5.º	147	14,530	0,493 3,33
9.679	C. A. B. Salpicada Medalist	PO	5-0	4.º	94	15,000	0,494 3,29
9.761	C. A. B. Calada Medalist	PO	4-10	5.º	134	14 150	0,452 3,19
10.042	Gavea Medalist C. A. B.	PCOC	4-7	1.º	29	19,600	0,548 2,79
10.274	Mirabela Medalist C. A. B.	PCOC	4-7	4.º	116	17,390	0,574 3,30
10.677	Regea Medalist C. A. B.	PCOC	4-2	6.º	167	15,600	0,558 3,57
10.866	Fortuna Medalist C. A. B.	PCOC	3-7	3.º	74	16,000	0,472 2,95
10.999	Catita Medalist C. A. B.	PCOC	3-4	5.º	123	13,240	0,527 3,98
11.000	Brota Medalist C. A. B.	PCOC	3-4	4.º	115	16 630	0,615 3,84
11.290	C. A. B. Classica Medalist	PO	3-5	3.º	61	15,370	0,575 3,74
11.497	Bis Medalist C. A. B.	PCOC	4-4	1.º	25	13,000	0,398 3,03
12.483	Finura Medalist C. A. B.	PCOC	2-4	5.º	134	13,500	0,444 3,29
12.648	C. A. B. Fadinha Medalist	PO	2-3	3.º	84	14,200	0,411 2,90
12.649	Dama Medalist C. A. B.	PCOC	2-4	3.º	82	13,110	0,455 3,47

Dr. Guido Malzoni. Jundiá. Est. de São Paulo. Controle em 9/1/64.
Regime de pasto com ração suplementar, 3 a 2 ordenhas.

3 ordenhas							
7.737	Estrela	7/8	6-0	10.º	292	17,280	0,799 4,05
9.103	Urca do Rio das Pedras	PCOC	3-11	4.º	112	29,870	0,961 3,21
2 ordenhas							
6.623	Canela	PCOD	9-7	4.º	116	17,500	0,490 2,80
6.635	Kalma 61	PO	10-5	4.º	100	16,600	0,576 3,47
7.333	Itapira	PCOD	10-7	3.º	104	20,570	0,734 3,57
8.261	Batalha	PCOD	9-0	4.º	117	17,040	0,520 3,05
8.417	Coimbra	PCOD	8-10	6.º	183	13,080	0,490 3,75
8.420	Colina	PCOD	9-6	11.º	324	13,570	0,474 3,50
8.588	Gemada	PCOD	9-0	2.º	45	26,950	0,925 3,43
8.660	Saratoga	PCOD	9-0	4.º	113	20,000	0,580 2,90
8.858	Odalisea	PCOD	9-2	2.º	64	13,640	0,561 3,01
9.321	Bombeira	PCOD	7-0	4.º	120	19,170	0,678 3,53
9.512	Ceará	PCOC	6-9	4.º	126	18,530	0,600 3,24
9.680	G. M. Bacana	PO	6-0	12.º	347	16 300	0,561 3,44
9.682	G. M. Champira	PCOD	7-11	2.º	40	21,960	0,690 3,14

LABORTERÁPICA — BRISTOL S/A.
DEP. AGROPECUÁRIO



FORCING

FENOTOTAL

Completo palivitamínico para
ração equina

No tratamento das parasitoses
intestinais por nematodes (verme
redondo)

N. ^o SCL	Nome da vaca	Gráu do sangue	Idade anos mêses	Con- trole	Dias de lact.	Produção		%
						Leite	Gorduras	
10.165	Valsa	PCOC	7-2	4. ^o	106	23,960	0,732	3,05
10.410	Pequena	PCOD	8-5	10. ^o	279	14,640	0,603	4,12
10.591	Bela Vista	PCOD	5-7	4. ^o	105	14,880	0,423	2,84
10.710	Serrinha	PCOD	8-10	3. ^o	103	21,800	0,697	3,20
10.853	G. M. Kalma II	FCOD	7-4	3. ^o	84	17,620	0,650	3,69
12.063	Marília	PCOD	6-3	9. ^o	260	13,650	0,519	3,80
12.481	Sota	PCOD	9-0	5. ^o	129	16,120	0,461	2,86
12.560	Esperança	PCOD	5-8	4. ^o	103	19,770	0,679	3,43
12.561	Bagunça	PCOD	3-6	4. ^o	144	13,610	0,486	3,57
12.838	Alerta	PCOD	5-5	1. ^o	11	22,430	0,779	3,47

Cia. Baptista Scarpa Indústria e Comércio. Itanhandú. Est. de Minas Gerais. Controle em 9/1/1964.

Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas

5.950	Jardim Leda	PO	8-6	7. ^o	186	19,070	0,691	3,62
6.029	Jardim Magaly	15/16	9-8	4. ^o	117	21,450	0,745	3,47
10.888	Jardim Angela	NR	3-11	6. ^o	180	16,950	0,749	4,41
12.397	Jardim Robusta	PC	4-0	6. ^o	159	20,100	0,709	3,52
12.398	Jardim Savana	NR	5-0	6. ^o	159	15,130	0,578	3,82
12.463	Jandira	PC	11-8	5. ^o	132	18,460	0,692	3,75
12.661	Jardim Reisa	PO	3-7	3. ^o	60	16,850	0,577	3,42

2 ordenhas

12.156	Jardim Romula	NR	2-9	8. ^o	202	16,220	0,649	4,00
12.400	Jardim Robelia	31/32	3-3	6. ^o	171	14,210	0,532	3,75

Dr. Lelio de Toledo Piza e Almeida. Jarinú. Est. de São Paulo. Controle em 10/1/1964.

Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas

8.098	Onak's 74 L. S. Ceres 2	PO	8-6	1. ^o	18	28,600	0,721	2,52
8.220	Ciranda	PCOC	7-5	1. ^o	24	26,480	0,757	2,86
9.024	Dinamarca	PCOC	6-4	2. ^o	43	22,230	0,721	3,24
9.209	Dracena	PCOC	6-1	2. ^o	28	21,790	0,660	3,03
10.715	Dramatica	PCOC	6-0	2. ^o	31	22,180	0,774	3,35
12.555	Eletra	PCOC	5-6	4. ^o	111	19,920	0,689	3,46

2 ordenhas

5.084	Pérola	PCOD	12-11	3. ^o	83	14,040	0,471	3,36
5.248	Diacui	PCOD	12-6	5. ^o	147	14,000	0,479	3,42
6.966	Santabri Rag Apple Ajax	PO	7-5	7. ^o	204	14,260	0,570	4,00
8.505	Espigas Monogram	PO	6-8	6. ^o	181	13,900	0,525	3,78
8.612	Camelia	PCOC	6-8	6. ^o	166	14,360	0,540	3,76
9.430	Dora	PCOC	6-0	6. ^o	188	15,030	0,589	3,92
10.954	Fama	PCOC	3-8	5. ^o	134	14,000	0,539	3,85
11.763	Primavera Estrangeira	PO	5-8	1. ^o	5	14,440	0,432	2,99
12.349	Donzela	FCOC	6-4	6. ^o	184	13,920	0,589	4,23
12.650	Framboeza	PCOC	4-3	3. ^o	91	14,170	0,565	3,99
12.712	Primavera Gigi	PO	3-7	2. ^o	37	13,630	0,534	3,92

Irmãos Vieira Barreto. Mococa. Est. de São Paulo. Controle em 20/1/1964.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

6.996	Holambra Griet X	PO	7-5	4. ^o	92	16,450	0,398	2,42
11.017	Guará Alsacia	PCOC	5-5	3. ^o	64	14,000	0,414	2,96
11.019	Alvorada	PCOC	3-1	7. ^o	172	15,100	0,451	2,99
12.263	Amaz. Mr. Ballarina	PCOD	2-7	7. ^o	180	14,300	0,545	3,81
12.383	Amaz. M. Actriz	PCOD	2-8	6. ^o	170	13,200	0,478	3,62
12.468	Amaz. M. Artemis	PCOD	2-8	5. ^o	146	15,700	0,551	3,51
12.551	Guará Misteriosa	PCOC	9-0	4. ^o	105	17,950	0,405	2,25
12.663	Amaz. M. Animada	PCOD	2-11	3. ^o	81	16,650	0,392	2,35
12.847	Amaz. M. Amorosa	FCOD	3-0	1. ^o	21	16,800	0,413	2,45

Dr. Manoel Alves de Castro. Passa Quatro. Est. de Minas Gerais. Controle em 7/1/1964.

Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.

3.077	Clara Sylvia III	PO	12-8	10. ^o	253	23,020	0,866	3,76
8.114	Arlete Liberdade II	PO	6-10	5. ^o	145	27,440	0,956	3,48
9.768	Arlete França	PO	5-6	2. ^o	26	30,710	1,044	3,39
9.935	Arlete Colombia	PO	5-4	3. ^o	67	27,780	0,723	2,60
10.648	Arlete Vitoria 59	PO	4-4	5. ^o	140	27,370	0,918	3,35

O bêrço da marca F

103 anos

de criação e seleção das raças Campolina, Mangalarga marchador e jumento Pêga



Sábio de Passa Tempo, chefe do plantel da raça Pêga na fazenda Campo Grande. Este jumento foi o Grande Campeão da raça em Belo Horizonte.



Turista de Passa Tempo, por Passa Tempo e Jóia de Passa Tempo. Reprodutor de alto gabarito, que mantém as tradições do plantel da raça na Fazenda Campo Grande, é um dos genearcas mais completos da atualidade.

Seleção e venda de reprodutores equinos, asininos, búfalos Jafarabadi, porcos Piauí e bovinos das raças Holandesa e Guzerá.

FAZENDA CAMPO GRANDE

Bolivar de Andrade e filhos
PASSA TEMPO — MINAS

GUZERÁ LEITEIRO JA

A mais antiga seleção do Brasil,
iniciada em 1895, com o objetivo
de produzir leite e gordura.

— • —
Produção oficialmente
controlada pela A. P. C. B.



MANAAR JA — vaca puro sangue Zebu
Juzeró. Chegou a produzir 18 kg de leite
com 9,5%!

A marca

JA

significa:

**PUREZA RACIAL — BOA
PRODUÇÃO DE LEITE
ALTO TEOR DE GORDURA:
ATÉ 13,2%**

— • —
JOÃO CARLOS B. DE ABREU

FAZENDA ITAÓCA

TEL. 10 — EST. BOA SORTE
MUN. DE CANTAGALO — EST. DO RIO

N.º SCL	Nome da vaca	Grão do sangue	Idade anos mês	Con- trole	Dias de lact.	Produção Leite	Gorduras	%
Roberto Fóz. Itú. Est. de São Paulo. Controle em 3/1/1964. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								
12.246	Amazonas Artista	PCOD	2-5	7.º	227	14,250	0,598	4,20
12.487	Amaz. M. Alegre	PCOD	2-9	5.º	123	17,190	0,473	2,75
12.625	Babilônia de Sta Marta	PCOD	2-9	3.º	73	15,300	0,664	4,34
12.626	Paulista	7/8	8-5	3.º	75	27,700	0,878	3,17
12.627	America	PCOD	11-11	3.º	80	16,190	0,453	2,80
12.836	Orquidea P. Z. L. Q. 1037	PO	11-6	1.º	23	15,360	0,521	3,39
12.837	Amaz. Mr. Bagatela	PCOC	3-5	1.º	2	17,320	0,518	2,99

Antônio Carlos Rachou Vaz de Almeida. São Manoel. Est. de S. Paulo. Controle em 23/1/1964.
Regime de pasto com ração suplementar, 3 ordenhas.

12.827	S. Manoel P. Ingleza	PCOD	8-0	1.º	4	13,510	0,414	3,06
--------	----------------------	------	-----	-----	---	--------	-------	------

Sociedade Agrícola Fio de Ouro. Garça. Est. de S. Paulo. Controle em 21/1/1964.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

9.505	Olera Ormsby	PCOC	8-1	6.º	181	18,250	0,461	2,52
9.508	Marabá	PCOD	7-5	6.º	176	22,400	0,572	2,55
9.627	Ostaga Carnation Mercedes	PCOC	7-8	5.º	151	15,300	0,464	3,03
9.628	U. M. A. Roleta	PCOC	6-9	4.º	105	16,100	0,544	3,37
9.741	Elvira	PCOD	-	2.º	-	15,750	0,474	3,01
9.770	Grauna de São Pedro	7/8	9-2	1.º	13	23,700	0,644	2,71
10.214	Anglo Fortuna	PO	6-5	4.º	105	14,300	0,420	2,93
10.434	Fio de Ouro Abadia	PCOD	4-3	4.º	103	13,250	0,511	3,85
12.117	Irani	NR	-	8.º	216	15,200	0,516	3,40
12.238	U. M. A. Rabeka	PCOC	6-3	7.º	204	13,950	0,403	2,89
12.356	Princesa de São Pedro	7/8	6-10	6.º	158	14,250	0,510	3,58
12.556	Campinas	PCOD	9-3	4.º	115	16,900	0,485	2,87
12.670	Fio de Ouro Sofia	PCOD	3-7	3.º	61	14,300	0,499	3,49
12.671	Fio de Ouro Alva	PCOD	-	3.º	-	16,450	0,505	3,07
12.715	Fio de Ouro Amazonas	PCOD	4-3	2.º	38	15,800	0,485	3,07
12.717	Fio de Ouro Bolinha	PCOD	7-7	2.º	33	18,550	0,597	3,22
12.821	Princesa II	NR	-	1.º	1	16,000	0,477	2,98
12.822	Fazenda II	NR	-	1.º	13	15,600	0,421	2,70
12.823	Mafalda	NR	-	1.º	28	18,450	0,458	2,48
13.824	Fio de Ouro Correnteza	PCOC	2-6	1.º	29	16,300	0,417	2,56

Lincoln Castro da Rocha. Barra Mansa. Est. do Rio de Janeiro. Controle em 31/1/1964.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

9.525	Campo Alegre Franceza	PCOD	4-9	7.º	234	16,240	0,578	3,56
9.925	Campo Alegre Bolvia	PCOD	8-8	3.º	93	19,250	0,652	3,39
10.300	Campo Alegre Meibele	PCOD	6-8	1.º	14	19,260	0,741	3,85
10.302	Campo Alegre Lucena	PCOD	6-0	1.º	10	19,400	0,591	3,05
10.419	Mic Duqueza	PCOC	8-3	1.º	6	23,540	0,746	3,17
10.654	Violeta	NR	-	1.º	230	17,410	0,580	3,33
19.966	Providência Forja	PCOC	9-0	5.º	166	13,800	0,510	3,70
12.643	Nogales Leader Maepet	FO	7-4	3.º	98	18,500	0,669	3,61
12.711	C. A. Colina Janican XI	PO	2-9	2.º	46	15,180	0,523	3,44
12.842	Campo Alegre Certeza	PCOD	5-6	1.º	3	18,770	0,472	2,51

Jotamar Administração e Comércio S. A. Campinas. Est. de São Paulo. Controle em 2/1/1964.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

8.030	Onix Maringá	PO	8-6	3.º	79	14,500	0,439	3,03
9.143	Rubiacea	PCOD	8-5	3.º	87	19,730	0,632	3,20
9.399	Trebolar Gloriosa Lochinvar	PO	4-1	2.º	35	16,810	0,513	3,05
9.571	B. V. Jantje 2295 8ª Solid	PO	5-5	3.º	72	13,860	0,487	3,52
11.213	G. Argentina Santabri	PO	4-1	2.º	56	18,650	0,596	3,20
12.545	Risadinha Medalist C. A. B.	PCOC	2-3	4.º	114	15,760	0,558	3,54

Empresa Bandeirantes de Administração S. A. São Bernardo do Campo. Est. S. Paulo. Controle em 14/1/1964.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

10.150	Coroa	PCOC	7-3	6.º	190	15,520	0,589	3,80
10.151	Basofia	PCOC	8-2	7.º	220	14,320	0,721	5,03
10.152	Baluca	PCOC	8-7	4.º	139	18,800	0,616	3,28
10.608	Borborema	PCOD	8-3	5.º	168	16,500	0,584	3,53
10.869	Caicara	PCOD	4-6	5.º	180	15,100	0,520	3,44
11.302	Boa Vista	PCOC	5-2	3.º	108	13,970	0,453	3,24

N.º SL	Nome da vaca	Grão do sangue	Idade anos mês	Con- trole	Dias de lact.	Produção Leite	Gorduras	%
João Arthur Ribas Viana. Cotia. Est. de São Paulo. Controle em 13/1/1964. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								
12.134	Corruira	PCOD	5-5	8.º	217	13,040	0,546	4,19
12.558	V. B. Dida Senado	PCOC	5-0	4.º	106	15,310	0,502	3,28
12.832	B. Vista 431 Amersfort	PO	6-10	1.º	14	14,300	0,555	3,88

Fazenda São Pedro. Paraibuna. Est. de São Paulo. Controle em 4/1/1964. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								
12.736	Golaba	PCOD	3-5	2.º	46	15,750	0,575	3,65
12.737	Gondola	PCOD	3-6	2.º	32	15,130	0,594	3,92

Dr. José Pires Castanho Filho. Ibiuna. Est. de S. Paulo. Controle em 15/1/1964. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								
12.562	Lamparina	PCOD	2-1	4.º	103	14,640	0,429	2,93

Dr. Antônio Luiz do Rego Netto. Pirassununga. Est. de S. Paulo. Controle em 22/1/1964. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								
9.372	Rancheira	PCOD	6-6	1.º	30	24,540	0,632	2,57
9.420	Sertão Etica	PO	-	7.º	-	14,740	0,563	3,82

Dr. Luiz Horácio de Mello e Tótila Jordán. Sorocaba. Est. de S. Paulo. Controle em 21/1/1964. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								
12.858	Nogales Cochran Susan	PO	5-0	1.º	22	13,540	0,482	3,66
12.861	Supreme Emperor Pabst	PO	4-5	1.º	8	15,140	0,420	2,77

BAÇA HOLANDESA — variedade vermelha e branca.

Adrianus Sleutjes. Castro. Est. do Paraná. Controle em 12/12/1963. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								
5.672	Castro Aafje 3	PO	9-10	7.º	195	15,600	0,602	3,85
5.943	Castro Aafje 4	PO	8-4	3.º	78	19,800	0,750	3,79
6.807	Castro Paula XI	PO	7-8	3.º	88	21,000	0,668	3,18
7.440	Castro Roosje	PO	8-5	9.º	294	16,000	0,480	3,00
9.540	Castro Paula XIII	PO	4-1	7.º	194	19,100	0,661	3,46
11.295	Holambra Elsa IX	PO	3-6	1.º	27	24,100	0,806	3,34
11.565	Holambra Roosje XI	PO	6-5	1.º	22	18,500	0,592	3,20

Dr. Luciano Vasconcellos de Carvalho. Vinhedo. Est. S. Paulo. Controle em 4/1/1964. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								
---	--	--	--	--	--	--	--	--

5.791	Marambaia Boemia	7/8	10-10	6.º	261	13,630	0,540	3,86
6.469	Mar. Boneca Alexina	7/8	11-4	5.º	128	14,090	0,497	3,59
6.819	Mar. Delicia Teiana	7/8	8-11	7.º	191	15,970	0,587	3,67
6.705	Zwaantje 4	PO	10-0	1.º	7	13,140	0,291	2,21
7.147	Juliana 4	PO	10-0	1.º	32	13,500	0,473	3,50
7.414	Mar. Fantasia Alex Teiana	PCOC	7-6	4.º	112	16,510	0,482	2,79
7.434	Marambaia Eva Teiana	PO	8-8	2.º	60	15,340	0,625	3,42
7.438	Mar. Festa Brava Teiana	PCOC	7-6	1.º	6	16,770	0,458	2,73
7.892	Mar. Filadelfia Teiana	PO	7-3	4.º	93	17,010	—	—
8.109	Mar. Camélia Alexina	PCOC	9-11	4.º	108	14,130	0,545	3,85
8.204	Mar. Fortuna Alex Teiana	PCOC	6-10	9.º	264	13,700	0,494	3,60
8.289	Mar. Garota Teiana	PCOC	6-3	6.º	178	18,350	0,847	3,52
8.369	Mar. Divina II Alexina	PCOC	9-4	3.º	66	18,490	0,519	2,81
8.426	Mar. Glória Teiana	PCOC	6-6	2.º	39	21,870	0,647	2,94
8.539	Mar. Granfina Teiana	PO	8-7	5.º	134	14,440	0,611	4,23
8.828	Mar. Geada Teiana	PO	6-7	2.º	60	16,970	0,617	3,86
9.426	Mar. Ingleza Diamantina	PO	5-10	1.º	20	18,960	0,623	3,29
9.483	Mar. Indala T. Diamantina	PCOC	5-9	3.º	73	14,630	0,811	4,18
9.588	Mar. Itapocan A. Diamantina	PCOC	6-7	5.º	153	19,680	0,595	3,84
9.587	Mar. Joana Heiniana	PCOC	4-5	3.º	77	16,170	0,570	3,63
9.781	Mar. Gilda Teio Colorado	PCOC	6-9	3.º	62	15,970	0,343	2,15
9.784	Mar. Jacutinga Teio Heiniana	PCOC	4-9	2.º	46	16,960	0,577	3,40
10.786	Mar. Josefina Diamantina	PO	3-10	7.º	217	15,300	0,644	4,21
10.901	Mar. Isidora A. Diamantina	PCOC	5-6	1.º	30	20,800	0,723	3,47
10.904	Mar. Julieta T. Heiniana	PO	4-0	5.º	136	14,020	—	—
10.988	Mar. Jamanta Alex Heiniana	PCOC	4-1	2.º	55	17,040	0,599	3,61
10.991	Mar. Iracema Heiniana	PO	5-1	3.º	87	15,140	0,601	3,97
11.220	Mar. Jardineira T. Diaman.	PO	4-7	2.º	52	20,440	0,694	3,40
12.815	Mar. Judith T. Heiniana	PCOC	4-3	3.º	83	16,800	0,670	3,89

QUE SERÁ...

(Conclusão de pág. 26)

A ciência e a técnica de interesse da produção animal evoluíram em nosso meio; mas ainda não se comunicaram devidamente ao grosso dos empresários, seus capatazes e trabalhadores.

Se não enfretarmos esses pontos de estrangulamento, se não cortarmos rapidamente esses nós, que embarçam o progresso pastoral, a perspectiva, delineada num dos tijolos, de virmos a importar carne, porque não soubermos aproveitar corretamente as nossas possibilidades naturais, não será mera sacada do cronista...

É claro, para vencer, temos de reformular a nossa política, de crédito pecuario, de preços, de comercialização. Temos de reexaminar as possibilidades de uma expansão indefinida com base na grande propriedade extensiva. Não devemos ter nenhum preconceito particularista. Devemos pensar no boi e na pátria. Isto é: em nós mesmos, como parcelas deste povo a quem foi dado morar neste país e formar aqui uma nação. Não vamos dar todas as receitas, que não somos doutores; algumas delas foram esboçadas na face destes tijolos esparramados, brotando da nossa prática de curandeirismo. Que, quando bem emparelhada com os compadres doutores, nunca é de se pinchar fora...

Dizem que temos mais de 70 milhões de bovinos. Mas eles não rendem carne de 30 milhões como em outras plagas. Não podemos aumentar indefinidamente esse rebanho, ocupar todo espaço ainda vago no país, sem exigir que ele dê os frutos proporcionais ao seu número e às necessidades do povo, que cresce e aprende a comer. Não somos milionários, milísticos e abstemios, para sustentar boas-vidas.

TAMANHO É...

(Conclusão da pág. 25)

na maioria das regiões do país, os produtos clássicos (aveia, centeio, etc.) não apresentam boas condições de cultivo, há outros, porém, perfeitamente à mão: o imemorial milho, o sorgo, a soja, o guandu, a cana... Depois, uma pecuária intensamente organizada poderia dar-se ao luxo de recorrer mais aos concentrados de proveniência industrial, as tortas, o melaço, as misturas em geral.

Naturalmente, essa indicação não é genérica. Poderá valer apenas para as áreas de boas terras de cultivo e próximas aos centros de consumo. Assim se aproveitaria melhor o alto preço do solo e se desforraria com a proximidade do mercado a vantagem do menor custo do boi rústico vindo de longe. Naturalmente, há muitos outros problemas a resolver: treinamento do pequeno empresário, assistência técnica e do crédito, cooperativa de comercialização, etc. Mas, a pecuária bovina no Brasil não poderá ser realizada indefinidamente à larga, como até aqui. Os mercados dilatam-se, a terra encarece, a pressão demográfica urge: temos de bolar novas formas que redundem, em última análise, em intensificar os métodos e tirar do menor espaço físico e do mesmo boi, em menos tempo, o máximo de carne. Temos de provar, com o progresso, que tamanho nem sempre é documento.

ASSOCIAÇÃO RURAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA

Recentemente foi empossada a nova diretoria da Associação Rural de Vitória da Conquista para o biênio 1984-85, a qual ficou assim constituída: presidente, Ivo V. Freire d'Aguiar (reeleito); vice, Luiz Carvalho e Silva (reeleito); 1.º secretário, dr. Antônio das V. Leal; 2.º, Osmário C. dos Santos (reeleito); 1.º tesoureiro, Eneas Miguéis de Oliveira (reeleito); 2.º, Gelásio Alves dos Santos (reeleito). Conselho Fiscal — Dr. Orlando da Silva Leite, Juvenal de Oliveira e Ivanhoé da Silveira Cardoso. Suplentes — Hemetério Pereira da Silva, João Batista Fernandes e Arlindo Nolasco do Prado.

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu do sangue	Idade anos meses	Con-trole	Dias de lact.	Produção Leite	Gorduras	%
Fazenda Sant'Ana do Rio Abaixo. São José dos Campos. Est. de S. Paulo. Controle em 23/1/864.								
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								
6.953	Klaske 5	PO	8-5	5.º	151	16.300	0,529	3,25
7.516	Geertje 7	PO	7-10	3.º	73	20.180	0,740	3,68
7.570	Alteza do Rio Verdinho	PO	7-7	3.º	69	17.170	0,545	3,17
8.095	Nelly 4 (1)	PO	7-10	1.º	17	14.300	0,486	3,26
8.182	Margie 6 (1)	PO	7-1	1.º	9	13.580	0,448	3,30
8.478	Anna 2	PO	7-3	6.º	178	15.030	0,549	3,65
10.051	R. V. Camelia Aukeana	PO	5-7	3.º	71	18.300	0,681	3,77

Dr. Eduardo Simonsen. Bragança. Est. de São Paulo. Controle em 18/1/864.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

8.389	Mudança	PCOD	11-0	5.º	145	15.970	0,578	3,63
12.037	Holambra Marie V	PO	9-0	9.º	253	13.670	0,484	3,54
12.479	Muquem Brasília	PCOC	6-8	5.º	132	15.810	0,434	3,74
12.731	Leme's Matilde	PO	3-0	2.º	59	13.900	0,497	3,58
12.817	Leme's Naiade	PCOC	2-7	1.º	4	15.060	0,539	3,58
12.819	Caicara	PCOC	2-8	1.º	6	14.840	0,597	4,03
12.820	E. S. Vermelha	PCOD	2-3	1.º	19	15.270	0,517	3,39

Fernando José Santos. Santa Cruz do Rio Pardo. Est. São Paulo. Controle em 27/1/864.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

9.541	Leme's Esfera	PCOC	9-11	5.º	130	18.700	0,819	3,31
10.138	Leme's Judia	PCOC	5-3	3.º	80	14.900	0,514	3,45
10.738	Antartica	PCOD	6-9	5.º	130	13.300	0,430	3,23
10.740	Balalaika	PCOD	6-9	4.º	111	16.300	0,524	3,21
10.848	Leme's Gabby	PO	8-0	3.º	90	14.260	0,439	3,09
12.664	Sabará	PCOD	4-7	4.º	114	16.800	0,511	3,04
12.665	Sta Cruz Amora	PCOD	6-9	3.º	86	18.300	0,613	3,88
12.668	Chibata	NR	-	3.º	88	20.700	0,733	3,54
12.667	Harmonia	NR	-	3.º	89	13.400	0,432	3,23
12.749	Leme's Irlandesa	PCOD	6-2	2.º	58	14.300	0,428	2,99

Dr. José Procopio do Amaral. São João da Boa Vista. Est. São Paulo. Controle em 20/1/864.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

7.872	Donzela	PCOC	9-10	2.º	56	14.560	0,378	2,59
12.641	Gondola de São Geraldo	PCOC	6-10	3.º	64	14.530	0,455	3,13
12.825	Gavea de São Geraldo	PCOC	6-1	1.º	19	14.450	0,547	3,79

Antônio Carlos Rachou Vaz de Almeida. São Manoel. Est. de S. Paulo. Controle em 23/1/864.

Regime de pasto com ração suplementar, 3 e 2 ordenhas.

3 ordenhas								
12.828	S. Manoel Paraíso Didinha II	PCOD	4-9	1.º	5	20.560	0,586	2,90
2 ordenhas								
12.118	Europa	PCOD	8-1	8.º	220	15.070	0,604	3,34
12.829	Governante de S. Geraldo	PCOC	6-5	1.º	33	17.320	0,488	2,80
12.830	Isabel de S. Geraldo	PCOD	5-3	1.º	36	17.790	0,499	2,81

Jayme da Silveira Leme. Pinhal. Est. de São Paulo. Controle em 30/1/864.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

4.911	Leme's Dada	PO	11-5	7.º	206	14.200	0,607	3,57
8.773	Leme's Izabel	PCOD	8-7	2.º	77	13.300	0,489	3,57
9.204	Leme's Jane	PO	5-7	1.º	17	18.650	0,732	3,82
9.809	Karina Famosa de Palmeiras	PCOD	7-7	2.º	39	15.400	0,467	3,03
10.115	Leme's Libertad	PCOC	4-11	2.º	31	18.600	0,600	3,23
10.446	Azke 5	PO	7-5	8.º	243	18.070	0,740	4,10
11.252	Leme's Mimosa	PCOC	3-9	2.º	36	14.860	0,564	3,79

Cooperativa Agro-Pecuária Holambra. Mogi Mirim. Est. de S. Paulo. Controle em 3/1/864.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

12.032	Holambra heodora XV	PO	3-1	7.º	262	13.210	0,608	3,85
--------	---------------------	----	-----	-----	-----	--------	-------	------

N.º SCL	Nome da vaca	Gráu do sangue	Idade anos mês	Con- trole	Dias de lact.	Produção Leite	Gorduras	%
Dr. José Pires Castanho Filho. Ibiuna. Est. de São Paulo. Controle em 15/1/964. Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.								
11.574	Lobos Malaguenha	PCOD	5-7	1.º	9	20.400	0,672	3,29
12.359	Muquem Malba	PCOC	6-2	6.º	166	18.220	0,566	3,10
12.370	Malandra	PCOC	2-3	6.º	163	13.420	0,458	3,41
12.492	Muquem Lapidada	PCOC	5-8	5.º	130	17.160	0,597	3,48
12.493	Muquem Gazela	PCOC	6-2	5.º	135	19.040	0,730	3,83
12.733	Muquem Jardineira II	PCOC	6-11	2.º	33	19.870	0,630	3,17

Dr. José Bastos Thompson. Campinas. Est. de São Paulo. Controle em 14/1/964.
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

12.557	Uberaba	PCOD	5-2	4.º	108	14.470	0,468	3,23
--------	---------	------	-----	-----	-----	--------	-------	------

RAÇA JERSEY

Faz. da Sant'Ana do Rio Abaixo. São José dos Campos. Est. de S. Paulo.
Controle em 8/1/964.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

2.624	Maria Basil de Canela	PO	11-10	4.º	107	12.720	0,487	3,83
2.625	Sant'Ana Ita Patton	PO	12-1	4.º	95	11.440	0,539	4,71
3.614	Alegria do Esteio	PO	11-3	1.º	20	12.500	0,654	5,23
4.206	S. A. Harpa Patrician	PO	10-6	2.º	32	15.950	0,595	3,73
4.692	S. A. Bartira Patrician	PO	-	9.º	245	10.630	0,468	4,40
5.896	S. A. Cecilia Bolhayes	PO	8-6	4.º	106	15.040	0,917	6,09
6.060	S. A. Regia Records	PO	7-9	8.º	226	10.320	0,411	3,99
6.189	S. A. Caneta Records	PO	8-2	4.º	136	10.780	0,585	5,43
6.419	S. A. Realeza Patrician	PO	7-7	8.º	239	10.300	0,501	4,87
6.658	S. A. Honrada Records	PO	7-9	1.º	29	15.160	0,569	3,75
7.350	S. A. Raquel 2.ª Zanalua	PO	7-0	3.º	68	19.190	0,902	4,70
7.548	S. A. Grinalda 2.ª Zanalua	PO	7-0	1.º	22	14.800	0,673	4,54
7.597	S. A. Nilza Zanalua	PO	7-0	3.º	76	16.240	0,789	4,80
8.283	S. A. Ivete Midshipman	PO	6-0	5.º	133	14.940	0,628	4,20
8.406	S. A. Noemia Midshipman	PO	5-11	5.º	130	13.580	0,626	4,61
8.656	S. A. Cantina Paxford	PO	6-0	2.º	35	15.810	0,826	5,22
8.821	S. A. Marusca Patrician	PO	5-8	3.º	86	13.470	0,528	3,92
8.822	S. A. Hera 3.ª Patrician	PO	5-10	1.º	20	16.040	0,740	4,61
8.823	S. A. Catita 2.ª Zanalua	PO	5-8	3.º	71	12.120	0,502	4,14
8.837	Rainha Comary	PO	6-4	1.º	24	14.160	0,679	4,80
9.014	S. A. Xmas 2.ª Zanalua	PO	5-5	2.º	55	13.690	0,667	4,87
9.137	Santa Comary	PO	5-4	1.º	7	17.700	0,780	4,40
9.361	S. A. Grinalda 4.ª Records	PO	4-6	8.º	219	10.040	0,540	5,38
9.362	S. A. Minerva 2.ª K. Count	PO	4-8	2.º	43	16.950	0,697	4,11
9.405	S. A. Camelia Records	PO	4-11	1.º	28	17.630	0,874	4,96
9.406	S. A. Nilza 2.ª Paxford	PO	4-8	4.º	94	11.750	0,572	4,87
9.529	S. A. Geraldina 3.ª Zanalua	PO	5-5	4.º	116	11.060	0,419	3,79
9.618	S. A. Esperança 4.ª Records	PO	4-7	4.º	217	11.910	0,594	4,98
9.709	S. A. Narrativa Zanalua	PO	4-8	1.º	21	13.400	0,557	4,16
9.904	Lorena Comary	PO	12-9	1.º	13	12.580	0,448	3,56
10.919	Quermesse Brasil de Canela	PO	7-9	4.º	110	13.500	0,566	4,19
11.013	Pomposa Basil de Canela	PO	9-3	4.º	96	10.120	0,577	5,71
11.348	S. A. Nebrasca Zanalua	PO	3-8	1.º	25	13.750	0,615	4,47
11.422	Reliquia Lilac Canela	PO	7-5	2.º	43	12.000	0,617	5,14
11.676	Fortuna do Palheiro	PO	4-11	1.º	25	13.110	0,491	3,74
12.472	S. A. Havaiana Paxford	PO	4-2	5.º	133	11.410	0,475	4,16
12.732	S. A. Grinaldina Colombo	PO	2-6	2.º	50	12.770	0,480	3,76
12.807	S. A. Esplendida Manifesto	PO	2-8	1.º	4	11.140	0,557	5,00
12.808	São José Ira Cute Prince	PO	2-7	1.º	14	10.350	0,425	4,11
12.810	S. A. Conferencia K. Count	PO	3-9	1.º	13	11.750	0,412	3,50

Dr. João Laraya. Jacareí. Est. de São Paulo. Controle em 3/1/964.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

5.765	Duqueza B. Sta. Hilda	PO	8-10	5.º	106	11.050	0,398	3,61
6.496	Elite de Sta. Hilda	PCOD	8-3	3.º	70	14.200	0,503	3,54
6.664	Fada Magnet de Sta. Hilda	PO	7-9	2.º	35	11.120	0,348	3,13
6.932	Fagulha B. de Sta. Hilda	PO	7-2	5.º	142	11.310	0,492	4,35
7.193	Sissi	PO	7-11	4.º	110	10.550	0,567	5,38
7.853	Faisca B. de Sta. Hilda	PO	-	4.º	-	12.250	0,412	3,36
7.998	Imaculada B. de Canela	PO	4-4	3.º	73	12.620	0,393	3,11
10.146	Imissão B. de Sta. Hilda	PCOC	4-6	2.º	33	11.490	0,457	3,98
10.921	Iara B. de Sta. Hilda	PO	4-7	2.º	52	11.720	...	...
11.339	Imagem J. de Sta. Hilda	PO	4-5	1.º	17	13.560	0,535	4,32
11.341	Jaboticaba B. de Sta. Hilda	PO	3-9	3.º	64	14.830	0,636	4,29
12.629	Star's Jewell Estrelinha	PO	-	3.º	56	12.310	0,566	4,59
12.734	Lua	PO	-	2.º	35	12.250	0,516	4,21

ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES DE CAVALOS CRIoulos

Foi eleita e empossada a nova diretoria da Associação dos Criadores de Cavalos Crioulos, com sede em Pelotas, R.G.S., e que é a seguinte: presidente, Carlos Alberto Avila de Azeredo; vice, Paulino Avila Costa; 2.º, Fernando X. Sá; 3.º, Lauro Azevedo da Silva Tavares; 1.º secretário, Homero Rosa Souza; 2.º, Gil Dias Corrêa; tesoureiro, Darcy Trilho Otero; adj. tes., Agenor Avila Costa. Diretores: Alcy Vargas Cheuiche (Alegrete e Quaraí), Arthur Oscar Loureiro de Souza (Lavras, Caçapava do Sul e São Sepé), Cândido de Godoy Dias (Dom Pedrito e São Gabriel), Carlos Sá Azambuja (Bagé), Cesar Jacques Cesar (Vacaria, Nova Prata e Lagoa Vermelha), Cyro Pereira Aquino (São Borja, Santiago, São Luiz Gonzaga e Santa Rosa), Dirceu Pires Torres (Cangusso e Piratini), Fernando Afonso (Jaguarão), Francisco Cyriaco Z. Py Crespo (Herval do Sul), Genuino Farias Ferreira (Pelotas, São Lourenço, Rio Grande e Santa Vitória do Palmar), Jerônimo Cunha Soares (Arroio Grande e Pedro Osório), João Antônio Borges da Cunha (Livramento e Rosário do Sul), Juvenal Dias da Costa (Santa Maria, J. de Castilho, Cacequi e Gal. Vargas), Luiz Fernando Cirne Lima (P. Alegre, Viamao, Gualba e São Jerônimo), Luiz Geraldo Corrêa Tavares (Herval do Sul e Pinheiro Machado), Luiz Martins Bastos (Uruguaiana e Itaquí), Manoel Rossel Sarmiento (Bagé), Mário Machado Vieira (Tupanciretã, Cruz Alta e Soledade), Renato Crespo Camaquã, Encruzilhada do Sul, Rio Pardo e Cachoeira do Sul) e Roberto Sampaio Almeida Prado (São Paulo e outros Estados). Conselho fiscal: Antônio Souza Soares, Lourival Mendonça de Souza e Flávio Corrêa Gastal. Conselho técnico: João Alfredo da Silva Tavares, José Manoel Avila de Azevedo, Mario Burck Santos, Mario Magalhães Sune e Amocay Mendonça Detroyat Jor, técnico do Ministério da Agricultura.

III FEIRA NACIONAL DE ANIMAIS

15 a 20 de outubro

no Parque da Água Branca
São Paulo

Informações na A.P.C.B.

Rua Jaguaribe, 634 - Tel. 51-6380

São Paulo

O QUE VAI...

(Conclusão da pág. 65)

regulamentares (398), em regime de duas ordenhas, aos 5 anos e 7 meses, em 292 dias de lactação, com 5.137 kg de leite e 191,8 kg de gordura ou 3.73%. Alcançou com este resultado não só o LM mas também o LE. O relatório de janeiro de 1964 traz também importantes resultados e que merecem considerações especiais. Deverá sair publicado em outro número da "Revista dos Criadores".

AS PURAS DE ORIGEM

Um fato que vinha chamando nossa atenção é a crescente presença de vacas puras de origem no Controle Leiteiro, na raça Holandesa variedade preta e branca. Quando se organizava o SCL, elas eram raríssimas, sempre superadas pelas PC e pouco produziam. Agora, no relatório de Janeiro de 1964 num total de 141 lactações encerradas por vacas dessa raça, 66, ou seja 46% são provenientes de vacas puras de origem; 55 ou 39% de puras por cruz, 4 de vacas 15/16 e as restantes 16 são mestiças e não registradas. Nessa marcha, é de esperar para breve a quase totalidade de puras de origem em CL, sem diminuição do número de lactações encerradas, já que os criadores brasileiros há muito iniciaram a nacionalização dos rebanhos, produzindo considerável número de bons reprodutores e semente recorrendo a importação em casos raros. Hoje, praticamente o suprimento do mercado médio e parte do mercado fino e de maior valor, já é feito à custa de reprodutores nacionais. Quantas divisas estamos economizando com isso? Sem dúvida, este é motivo de satisfação para cada um daqueles que deram e vêm dando contribuição a esse trabalho.

AS PRETO E BRANCO

Mas vejamos mesmo o que fizeram as pretas e brancas no relatório de Janeiro de 64.

Estrela, uma 7/8 do Sr. Guido Malzoni, registrou aos 8 anos, em regime de 3 ordenhas, em 307 dias, 8849 kg de leite com 297,6 kg de gordura, ou 3,36%. Trata-se de uma produção elevada, principalmente considerando seu grau de sangue. Isto revela um excelente trato e boa condução da lactação, o que já é comum na Fazenda Rio das Pedras. Holambra Baukje XCV, PO de criação da Cooperativa Holambra

N.º SCL	Nome da vaca	Grão do sangue	Idade anos meses	Con-trole	Dias de lact.	Produção Leite	Gorduras	%
---------	--------------	----------------	------------------	-----------	---------------	----------------	----------	---

Thomas R. Warren. Santo Amaro. Controle em 17/1/1964.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

5.840	Ordenada	PO	10-6	2.º	54	10,420	0,397	3,81
-------	----------	----	------	-----	----	--------	-------	------

Dr. José de Moraes Altenfelder Silva. São José dos Campos. Est. S. Paulo. Controle em 27/1/1964.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

11.498	Quicamã Comary	PO	7-10	1.º	25	16,550	0,766	4,63
12.831	Ventania Comary	PO	2-3	1.º	7	10,950	0,478	4,37

Alain Boud'hors. Jundiá. Est. de São Paulo. Controle em 13/1/1964.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

9.464	Grace do Emyreio (Preciosa)	PO	7-7	1.º	8	15,030	0,610	4,06
-------	-----------------------------	----	-----	-----	---	--------	-------	------

RAÇA SCHWYZ

Ministério da Agricultura. Fazenda de Criação de Pinheiro. Pinheiral. Est. do Rio de Janeiro. Controle em 24/12/1963.

Regime de semi-estabulação, 2 ordenhas.

8.642	Geração de Pinheiro	PO	6-4	2.º	52	14,500	0,493	3,40
8.843	Favorita de Pinheiro	PO	7-4	2.º	49	14,100	0,490	3,47
9.672	Grelha de Pinheiro	PO	5-10	4.º	93	13,800	0,489	3,54

D. Pires Agro-Pecuária S. A. São Carlos Est. de São Paulo. Controle em 23/1/1964.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

5.243	Active Acres Lillian	PO	8-10	2.º	349	13,500	0,702	5,20
5.376	Richland Celia G. B.	PO	9-11	6.º	165	14,600	0,579	3,96
6.589	Formosa	PO	8-5	9.º	251	14,760	0,626	4,25
8.067	Batalha	PCOC	9-2	10.º	283	14,500	0,546	3,76
8.184	Modista do Rio Claro	PO	4-5	1.º	21	22,400	0,713	3,18
8.893	Cascata	PCOC	7-11	6.º	167	17,060	0,903	5,31
9.292	Jurema	PO	6-11	7.º	201	17,250	0,626	3,63
9.293	Sabarã	PCOC	8-6	9.º	249	13,300	0,449	3,37
9.463	Romantica	PO	6-1	1.º	23	17,300	0,649	3,75
9.636	Maracanã	PCOC	7-7	8.º	214	17,400	0,846	4,86
9.946	Condenada	PCOC	6-3	5.º	154	15,150	0,536	3,53
10.920	Minerva	PO	8-3	1.º	8	20,700	0,712	3,44
11.424	Loira do Rio Claro	PO	4-5	2.º	34	22,400	0,753	3,36
12.495	Camara da Cachoeira	PCOC	3-7	5.º	141	14,600	0,664	4,55
12.725	Conga de Copacabana	PCOC	3-6	2.º	44	14,760	0,611	4,15

Fazenda Sta. Francisca do Camandocaia. Jaguariuna. Est. S. Paulo. Controle em 8/1/1964.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

7.379	Wingood Lake Barila	PO	9-1	4.º	152	14,190	0,468	3,30
8.308	Dolly do Camandocaia	PCOD	6-6	2.º	61	14,580	0,441	3,02
10.900	Esplendida de S. Joaquim	PO	5-6	2.º	37	14,340	0,594	4,13
10.987	Atrevida de Ressaca	PO	6-8	5.º	148	14,180	0,473	3,34
11.233	Prima da Mantiqueira	PCOD	11-7	1.º	23	14,790	0,453	3,06

Silvio Lara Campos. Srocaba. Est. de São Paulo. Controle em 19/1/1964.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

8.401	Aurora do Haras	PO	7-7	1.º	1	16,920	0,537	3,17
12.746	Pera	7/8	10-2	2.º	60	13,330	0,454	3,41

Dr. Antônio Luiz Ferraz Campinas. Est. de São Paulo. Controle em 17/1/1964.

Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.

8.526	Montanha	PCOC	9-0	6.º	216	13,530	0,554	4,10
-------	----------	------	-----	-----	-----	--------	-------	------

N.º SCL	Nome da vaca	Grau do sangue	Idade anos mês	Con- trole	Dias de lact.	Produção Leite Gorduras	%
Adalpra S. A. Agrícola e Comercial. Campinas. Est. de São Paulo. Controle em 23/1/1964.							
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
12.713	Fuzil Minerva	PO	5-5	2.º	39	13,260 0,495	3,73
São Francisco Sociedade Ltda. Mococa. Est. de São Paulo. Controle em 22/1/1964.							
Regime de pasto com ração suplementar, 2 ordenhas.							
11.020	Fazenda	NR	-	8.º	-	5,000 0,266	5,32
11.021	Dinamarca	NR	8-0	6.º	158	9,100 0,437	5,36
11.022	Empreza	NR	7-0	6.º	163	6,800 0,311	4,57
11.024	Pelintra	NR	11-0	7.º	216	10,600 0,512	4,83
11.025	Penteada	NR	8-0	6.º	171	8,400 0,329	3,92
11.026	Venezuela	NR	8-0	6.º	164	9,600 0,552	5,75
11.028	Violeta	NR	6-0	4.º	101	8,000 0,413	5,16
11.029	Caleta	NR	13-0	7.º	187	10,000 0,446	4,46
11.030	Ingrata	NR	8-0	7.º	163	6,200 0,293	4,73
11.032	Argentina	NR	-	8.º	-	9,900 0,503	5,08
11.033	Ladeira	NR	8-0	3.º	78	10,950 0,325	2,97
11.034	Rainha	NR	11-0	7.º	199	6,350 0,273	4,30
11.035	Pintasilva	NR	8-0	7.º	187	6,700 0,317	4,73
11.036	Champanha	NR	7-7	1.º	31	9,050 0,424	4,69
11.037	Pindaíba	NR	6-0	7.º	183	6,400 0,247	3,87
11.038	Carreta	NR	-	7.º	204	5,200 0,272	5,23
11.040	Granfina	NR	6-0	7.º	206	8,100 0,394	4,87
11.042	Jarrinha 2.ª	NR	-	8.º	-	6,350 0,310	4,89
11.044	Apurada	NR	4-0	3.º	69	10,100 0,426	4,22
11.045	Carvoeira	NR	6-0	7.º	75	7,300 0,340	4,65
11.046	Troxada	NR	8-0	7.º	199	5,700 0,244	4,28
11.048	Adisabebe	NR	8-0	6.º	156	9,650 0,348	3,61
11.049	Favela	NR	8-0	3.º	82	8,500 0,301	3,54
11.053	Campinas	NR	7-0	7.º	200	6,200 0,202	3,26
11.054	Apolice	NR	5-0	7.º	193	6,850 0,339	4,95
11.056	Avenca	NR	6-0	6.º	177	8,300 0,415	5,00
11.059	Laçada	NR	6-0	7.º	189	5,800 0,241	4,15
11.060	Atris	NR	6-0	5.º	150	4,400 0,171	3,90
11.062	Renda	NR	7-0	7.º	194	7,000 0,301	4,30
11.063	Aposta	NR	4-0	1.º	33	7,200 0,245	3,41
11.066	Ariranha	NR	5-0	4.º	126	8,000 0,396	4,95
11.238	Gazeta	NR	6-0	1.º	34	10,950 0,460	4,20
11.239	Arabia	NR	8-0	4.º	116	6,900 0,352	5,11
11.240	Jandaia	NR	9-0	1.º	15	8,500 0,393	4,62
11.241	Sombra	NR	6-9	7.º	202	7,350 0,335	4,56
11.323	Sereia	NR	11-0	2.º	50	9,950 0,413	4,20
11.325	Grandesa	NR	6-0	3.º	69	10,850 0,423	3,92
11.326	Gaucha	NR	12-0	3.º	88	10,800 0,360	3,34
11.331	Olá II	NR	4-0	4.º	120	7,800 0,348	4,47
11.332	Vila Nova	NR	8-0	5.º	133	7,000 0,231	3,30
11.334	Agua	NR	4-0	5.º	84	7,000 0,230	3,29
11.961	Retinta	NR	-	10.º	294	5,850 0,355	6,03
11.962	Ella	NR	-	10.º	297	8,250 0,392	4,75
11.963	Saudade	NR	-	10.º	281	5,300 0,224	4,22
12.144	Parasita	NR	-	8.º	-	4,900 0,283	5,78
12.257	Garrucha	NR	-	7.º	202	6,300 0,302	4,80
12.259	Teteia	NR	-	7.º	203	6,400 0,282	4,41
12.260	Guanabara	NR	7-0	7.º	201	7,100 0,349	4,91
12.390	Estilosa	NR	-	6.º	-	5,550 0,266	4,80
12.381	Sorocaba	NR	7-8	6.º	153	10,450 0,441	4,22
12.465	Araruta	NR	7-0	5.º	133	10,250 0,493	4,81
12.466	Mulatinha	NR	6-0	5.º	139	9,200 0,464	5,04
12.467	Raposa	NR	-	5.º	129	8,500 0,396	4,63
12.575	Marabá	NR	8-0	4.º	126	9,100 0,369	4,06
12.576	Campanha	NR	5-0	4.º	113	4,500 0,225	5,00
12.577	Argucia	NR	6-0	4.º	114	5,400 0,217	4,03
12.662	Europa	NR	10-9	3.º	73	11,100 0,434	3,91
12.848	Palmeira	NR	5-3	1.º	37	8,350 0,368	4,40
12.849	Quimera	NR	-	1.º	18	5,950 0,313	5,27
12.850	Pombinha	NR	5-9	1.º	11	7,500 0,337	4,49
12.851	Talhada	NR	4-5	1.º	13	10,250 0,432	4,21
12.852	Boneca	NR	4-2	1.º	16	9,350 0,355	3,80

OBSERVAÇÕES: Hol. — Holandesa; pb — preta e branca; vb — vermelha e branca; NR — não registrada; PCOC — pura por cruz de origem conhecida; PCOD — pura por cruz de origem desconhecida; PO — pura de origem; RP — registro provisório; RE — registrada.

São Paulo, Janeiro de 1964.
Dr. Otto de Mello
Gerente Técnico

na propriedade do sr. João A. R. Viana, (Cotia), registrou uma boa produção, alcançada aos 2 anos, em 2x, em 365 dias: 5.614 kg de leite com 201,1 kg de gordura ou 3,58%, resultado bastante significativo, porém não admira se verificarmos a origem deste animal: filha de Adema 231 V. D. Woudhoeve e Holambra Baukje XC (LE) 2-2, 365 dias, 2x, 7.100- 272,3- 3,83%.

Novamente uma Nogal deve ser citada no relatório de Janeiro, desta vez Berta Nogal, outra das vermelhas e brancas importadas pelo Dr. José B. Thompson. Filha de Neno Nogal e Baerbel Nogal, registrou Berta Nogal aos 2 anos e 5 meses, em regime de 2 ordenhas, em 365 dias, 4.945 kg de leite com 175,3 kg de gordura ou 3,54%. Este resultado lhe garante o LM e merece este destaque principalmente porque se trata de animal que passou pela prevenção contra babesioses (piroplasmose e anaplasmoses, transmitidas pelo carrapato), o que como é sabido, prejudica seriamente os animais tratados.

SUCESSOS DA GUZERÁ

Finalmente para a raça Guzerá temos duas notícias bem interessantes: ambas vêm da Fazenda de propriedade do Sr. João de Abreu, Estado do Rio. A primeira, refere-se ao resultado final da lactação de Hortaliça, em 2 ordenhas, 5 anos e 5 meses, 365 dias, 3.526 kg de leite, com 212,2 kg de gordura ou 6,01%. Não é nada pouco para um zebuino, resultado que pode ser apontado como dos mais altos. Outro fato surpreendente e até certo ponto pitoresco, é a alta porcentagem encontrada num controle individual, feito em janeiro de 1964 e que deu motivo até a um atestado passado por quatro pessoas que, juntamente com o controlador do SCL confirmaram o encontro: uma vaca, de nome Tartaruga produziu, em duas ordenhas, num só dia, 967 gramas de gordura em 7,750 kg de leite, com porcentagem de 12,48%. Na ordenha das 6 e 30 registrou 4,500 com 13,2% e na da tarde (16,30) 3,250 kg de leite com 11,5%. Trata-se de registros muito altos, talvez os maiores até agora verificados em serviço de Controle Leiteiro. Aliás, no relatório de Janeiro desta fazenda, aparecem, ao lado de um ou dois registros de 3% e mais, vários acima de 4, 5, 7, 8, e até 10,5 e 12 e esse recorde de 13,2. Sendo resultado parcial tem valor relativo não deixando de ser digno de menção.

ANUNCIOS CLASSIFICADOS



ADUBOS

"CADAL"

CIA INDUSTRIAL DE SABÃO E ADUBOS
Agentes exclusivos do salitre do Chile para o
Distrito Federal, Estados do Rio e Espírito Santo
R. MEXICO, 111-12.º AND. - SEDE PRÓPRIA
42-0881
TELS.: 42-0115 REDE INTERNA
42-0980
• Solicitem informações e folhetos, gratuitamente

CARBOLINEUM

Protege e imuniza toda a classe de
madeira contra a podridão e cupim,
principalmente as madeiras brancas de
pequena resistência.

OTTO BAUMGART - Ind. e

Com. S.A.

Av. da Luz, 356
Caixa Postal, 3492 — São Paulo

COALHO FRISIA

EM LIQUIDO E EM PO — 1.ª fábrica de
coalho no Brasil

Único premiado com 10 medalhas de ouro.
Fabricado por KINGMA & CIA. LTDA.
- Mantiqueira E.F.C.B. - Minas

A VENDA EM TODA PARTE - Peçam
amostras grátis aos representantes ou
HOLANDESA - Vendemos ótimos animais
CRIADORES DE BOVINOS DA RAÇA
diretamente aos fabricantes.

juros de pedigree, puros por cruza, etc

CAIXA POSTAL, 342 - Rio de Janeiro
CAIXA POSTAL, 26 - Santos Dumont
E.F.C.B. - Minas

CAIXA POSTAL, 3191 - São Paulo
Representantes:
CAIXA POSTAL, 397 - Porto Alegre -
Rio Grande do Sul

ANUNCIOS CLASSIFICADOS

COLUNAS DE 4 cm

Cada centímetro por coluna comporta no máximo 10 palavras, inclusive nome e endereço.

Cr\$ 540,00 por centímetro e por publicidade

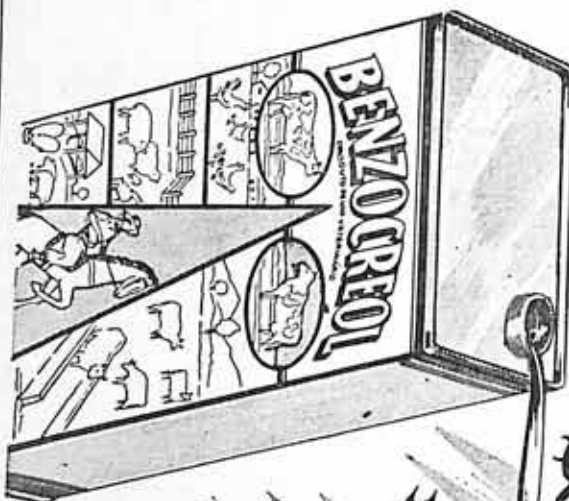
Otima oportunidade para os srs. fazendeiros, criadores, comerciantes, etc., fazerem suas ofertas.
Todo pedido de publicação deverá vir acompanhado da respectiva
importância líquida e em nome da

REVISTA DOS CRIADORES

Rua Canuto do Val, 216

São Paulo

PROTEÇÃO TOTAL CONTRA DOENÇAS



para as quais é indicada,
eis o que Benzocreol ofere-
ce aos animais. Por isso,
siga os Criadores experi-
mentados e use Benzoc-
reol, esse maravilhoso re-
médio veterinário consa-
grado por uma preferência
absoluta de mais de
50 ANOS. Peça grátis:
"o GUIA DO CRIADOR",
remitendo este anúncio à
Cx. Pt. 1002 - São Paulo.



BENZOCREOL

CICATRIZANTE - GERMICIDA - FORTIFICANTE

um produto de Industrias J. B. Duarte S/A.

SUPER-SUIGOLD - K1

CONCENTRADO DE PROTEÍNA NOBRE ANIMAL E VEGETAL
SUPERVITAMINIZADO E MINERALIZADO.



Fabrique a ração mais econômica
e mais eficiente, sempre com
SUPERSUIGOLD K1, que permite
utilizar ao máximo os produtos
da fazenda.



TORTUGA

Cia. Zootécnica Agrária

Av. João Dias, 1356 - Tels. 61-1712 e 61-1856
Caixa Postal 12.635 - São Paulo
Av. Farrapos, 2953 - Porto Alegre - R. G. S.

ANUNCIOS CLASSIFICADOS

13 a 19 de julho

em

SÃO JOÃO DA BOA VISTA II Exposição Estadual de Animais

MÁQUINAS CORDEIRO

MOINHO A MARTELO

Resistente. — Ótimo rendimento. — Idealizado para granjas, sítios e pequenas fazendas. Produz fubá de milho fino e grosso — Quirera de milho e arroz — Desintrega o milho com palha e sabugo. — O Moinho de Martelos **Cordeiro** é inteiramente metálico e equipado com 14 martelos de ferro cimentado. Capacidade de produção: 40 a 400 kg por hora, de acordo com o material a ser moído. Força: 2 a 3 H.P. elétrico — 4 a 5 H.P. gasolina. Rotação 3000 a 3600 P.M.



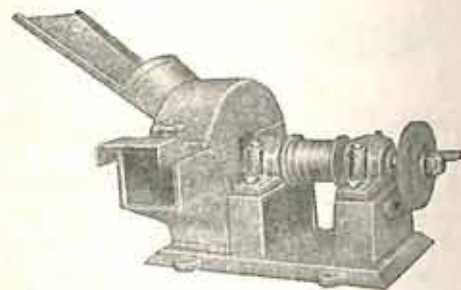
DEBULHADOR DE MILHO

Descasca, debulha e ventila. O debulhador de milho **Cordeiro** é **EFICIENTE** porque produz serviço perfeito de separação do milho e do pó, do sabugo e do cabelo. **ECONÔMICO** porque de ótimo rendimento e requer pouca força. **CARACTERÍSTICAS:** Produção em 10 horas: 60 a 70 sacas de 60 kg. — Força necessária: 2 H.P. — Rotação por minuto: 450 — Peso aproximado: 190 kg. — Durável e sólido, pois é todo montado em mancais de rolamentos.



PICADEIRA

Para cana, mandioca, batata, abóbora, cana de milho, capins, etc. Eficiente, econômica, durável e simples. Funcionamento garantido e grande durabilidade, montada em mancais de rolamentos oscilantes. **CARACTERÍSTICAS:** Tipo 1 — produção horária 1.200 kg — rotação 2.800 — força 1,5 hp — facas no volante 3 — peso aproximado 60 kg. — Tipo 2 — produção horária 3.000 kg — rotação 2.800 — força 3 a 4 hp — facas no volante 3 — peso aproximado 110 kg.



FABRICAMOS TAMBÉM TRITURADOR E PICADEIRAS CONJUGADAS

MÁQUINAS CORDEIRO

Rua Carlos Gomes, 457 — Tel. 28 — **CORDEIRÓPOLIS** — Est. de S. Paulo

REVENDEDORES EM SÃO PAULO

Agro Pan Comercial e Imp. S. A.
Rua São Caetano, 204

Casa Foster
Rua Florêncio de Abreu, 441

Assoc. Paul. de Criadores de Bovinos
Rua Jaguaribe, 634

ANUNCIOS CLASSIFICADOS

MODERNAS...

(Conclusão da pág. 12)

na alimentação e suplementação racional, uma vez que as doenças clínicas e subclínicas (inaparentes) destroem sua normalidade orgânica e muitas vezes ocasionam elevada porcentagem de mortes. As modernas armas de combate às doenças permitem relativa margem de segurança, desde que empregadas adequadamente e no momento oportuno. Assim, a vacinação sistemática contra as doenças mais frequentes e perigosas; a medicação preventiva com antibiótico de amplo espectro (TM 3+3 e TM-25), e o tratamento precoce após o aparecimento dos primeiros sintomas, são medidas que devem ser adotadas urgentemente, para evitar que a morte ou inutilização de um grupo de animais arraste consigo a produção do rebanho. Há ocorrências de frieiras, cujo tratamento com TERRAMICINA SOLUÇÃO INJETÁVEL permite a recuperação em 4 ou 5 dias; de febre vitular, cuja medicação específica é o CÁLCIO INJETÁVEL PFIZER; de mastites, de fácil controle com TERRAMICINA SOLUÇÃO CONTRA MASTITE, e de numerosas outras doenças, cuja prevenção ou tratamento pode ser realizado rápida e eficazmente, mas que ainda constituem pesado empecilho para a criação brasileira.

É preciso aproveitar os recursos de que a ciência moderna dispõe, se desejamos acompanhar a evolução, colocando nossa pecuária no lugar que lhe corresponde. Pode-se mesmo triplicar a produção de nossos rebanhos, mas o caminho não está nos sistemas tradicionais e empíricos em que ainda se desenvolve a pecuária brasileira.



Bichol
O SALVADOR DOS ANIMAIS
MARCA REGISTRADA

GRACIAS A BICHOL OS ANIMAIS
ESTÃO FORTES E SÁBIOS

REMÉDIO INFALÍVEL
PARA A CURA DE
BICHEIRAS, FERIDAS
BERNES, PISADURAS, ETC

CUIDADO COM
AS IMITAÇÕES



FABRICAÇÃO DA
INDÚSTRIA QUÍMICA VENTURACCI
FÁBRICA E ESCRITÓRIO
RUA FAUSTOLO, 898 - SÃO PAULO - TEL. 5-0791

À VENDA TAMBÉM NA
ASSOCIAÇÃO DOS CRIADORES
RUA SENADOR FEIJÓ, 30 - SOBRE LOJA

Desintegrador e Picador de Forragens CREMASCO



As máquinas CREMASCO construídas inteiramente em chapas de aço laminado de 1/4" "carço e tampa" no sistema de dobrar a frio não tendo quinas, apresentando uma estrutura resistente. O rotor da máquina é de chapa de aço 3/4", composto com 3 facas e 3 martelos fixos, (sistema patenteado) parafusados nas paletas que oferecem grandes vantagens: menos desgaste, maior produção, fácil substituição. As facas são reguláveis, e os martelos podem ser aproveitados em vários lados. As caixas dos rolamentos também são de aço soldados na própria carço. Acompanha uma base de cantoneira com suporte inclinável, com regulagem, servindo para qualquer tipo e tamanho de motor.

TABELA DE PRODUÇÃO POR HORA

Máquina DP 1: Usar motor elétrico de 2 H.P. — A gasolina: 6 H.P.	
— A óleo diesel 3,0: 3,5 B.H.P. — R.P.M. 3.600 a 4.000 (rotação).	
Forragens verdes. Ex. cana	1.000 a 1.200
Rolão grosso (milho integral)	300 a 400
Rolão médio (milho integral)	250 a 300
Fubá grosso (milho em grão)	100 a 120
Fubá fino mimoso (milho em grão)	80 a 100
DP 2: Usar motor elétrico de 5 H.P. — A gasolina de 9 H.P. a 0	
óleo diesel de 4,5 a 6,5 B.H.P. — R.P.M. 3.200 a 3.600 (rotação).	
Forragens verdes. Ex. cana	1.500 a 2.000
Rolão grosso (milho integral)	750 a 850
Rolão médio (milho integral)	500 a 600
Fubá grosso ou quirela (milho em grão)	400 a 450
Fubá mimoso (fino) milho em grão	150 a 200
DF 4: Usar motor elétrico de 7,5 H.P. — A gasolina de 10,3 e a	
óleo diesel de 6,5 a 8,5 B.H.P. — R.P.M. 3.000 a 3.200 (rotação).	
Forragens verdes. Ex. cana	3.000 a 4.000
Rolão grosso (milho integral)	1.000 a 1.200
Rolão médio (milho integral)	800 a 900
Fubá grosso ou quirela (grão)	400 a 500
Fubá mimoso (milho em grão)	250 a 300



INDÚSTRIA E COMÉRCIO
Rua dr Francisco de Paula M
Barbosa, 909
Tel. 334 e 482
ITAPIRA — Est. de São Paulo

ANUNCIOS CLASSIFICADOS



FERNANDO VON GAL E CIA. LTDA.

COUROS — ARREIOS — FERRAGENS — ARTIGOS PARA MONTARIA
SELARIA — CAPAS E PONCHES

MATRIZ: RUA DO GASÔMETRO, 197 — CAIXA POSTAL 2049 — P. FEDERAL N.º 65029
TELS 34-8432 — 32-6883 — END. TEL.: "MONTERROSA" — INSCRIÇÃO N.º 37262
FILIAIS: AV. CASPER LÍBERO, 598 — INSCRIÇÃO 446.978 — SÃO PAULO —
AV. GOÁS, 418 — JATAÍ — GOIÁS

ARTIGOS PARA SAPATEIROS — SELEIROS E TAPECEIROS — LONAS — FELTROS — LINHAS — LIXAS — COLAS
— TINTAS — POMADAS — CRAVOS — REBITES — ILHOSES — ADORNOS — CAPAS — PONCHES — BOTAS —
PELEGOS — MALAS — PASTAS — CABRESTOS P/ GADO — COLEIRAS E GUIAS PARA CÃES — ARREIOS P/ CAR-
ROCA, CHARRETE E MONTARIA.

CALENDÁRIO DE EXPOSIÇÃO DE ANIMAIS

ESTADO DE SÃO PAULO

ABRIL

11 a 12 — Concurso de Novilhos de Corte e Leilão dos Lotes, em São José do Rio Preto.

15 a 26 — VII Exposição-Feira de Zebu — Outras Raças de Corte, Suínos, Ovinos e Aves e VII Exposição-Feira de Cavalos de Esporte, Trabalho e Fins Militares.

25 a 26 — Concurso de Novilhos de Corte e Leilões dos Lotes, em Araçatuba.

MAIO

9 a 10 — Concurso de Novilhos de Corte e Leilão dos Lotes, em Presidente Prudente.

23 a 24 — Concurso de Novilhos de Corte e Leilão dos Lotes, em Barretos.

JUNHO

1 a 10 — VIII Exposição-Feira de Gado Leiteiro, Caprinos, Coelhos e Apicultura, e VIII Exposição-Feira de Cavalos Mangalarga, Campolina e Junceiros, Capital.

2 — Início das Provas de Gatozinho de Pêso de Barretos e Ser-

9 — Início das Provas de Ganho de Pêso de Bauru.

16 — Início da Prova de Ganho de Pêso de Araçatuba.

30 — Início da Prova de Ganho de Pêso de Franca.

JULHO

13 a 19 — II Exposição Estadual de Animais e Produtos Derivados de São João da Boa Vista.

18 a 19 — III Leilão de Gado Nelore, promovido pela Associação dos Criadores de Nelore do Brasil, em Araçatuba.

AGOSTO

1 a 6 — VII Exposição de Animais e Produtos Derivados de Bauru.

OUTUBRO

4 a 11 — IV Exposição de Animais e Produtos Derivados em São José do Rio Preto.

NOVEMBRO

8 a 15 — VII Exposição de Animais e Produtos Derivados, em Araçatuba.

DEZEMBRO

1 a 6 — VII Exposição de Animais e Produtos Derivados de Jataípetinga.

ANUÁRIO DOS CRIADORES

Excelente publicação de 256 páginas impressas em finas qualidades de papel. Publica: 32 páginas com 50 clichês de campeonatos do S.C.L. da A.P.C.B.; a organização dos plantéis suínos; principais raças ovinas e mais um sem número de artigos e informações úteis para os que labutam no campo.

Um verdadeiro guia para o criador,

apenas por Cr\$ 1.500,00

Pedidos:

Rua Canuto do Val, 216 — São Paulo

III FEIRA NACIONAL DE ANIMAIS

15 a 20 de outubro

no Parque da Água Branca
São Paulo

Informações na A.P.C.B.

R. Jaguaribe, 634

Tel. 51-6380 S.P.

SEMENTES DE EUCALIPTOS alba, saligna e grandis

Produção do Serviço Florestal da Belgo-Mineira

Cr\$ 200,00 cada envelope com 10.000 sementes férteis

Pedidos e vendas: Avenida Afonso

Pena, 981 — 2.º andar

Departamento de Vendas

Belo Horizonte — M.G.

VIII EXPOSIÇÃO-FEIRA DE GADO LEITEIRO E CAVALO MANGALARGA

A maior exposição de gado leiteiro das Américas

PARQUE DA ÁGUA BRANCA

São Paulo — de 1 a 10 de junho

ANUNCIOS CLASSIFICADOS

URÉIA TÉCNICA

Recebemos **Uréia Técnica**, especial
para alimentação do gado

L. C. AGUIAR BARROS

Rua São Bento, 470 - 9.º - s/902
Fone 34-9372

SÃO PAULO

RAÇA CHAROLESA

Rainha da produção de carne de
qualidade

Raça ideal para o cruzamento
industrial

JEAN-PIERRE VIAL

Agente Geral da SEPA
para o Brasil

Rua São Bento, 379 — 1.º andar
Tel.: 35-3161
SÃO PAULO

III FEIRA NACIONAL DE ANIMAIS

15 a 20 de outubro
no Parque da Água
Branca

**Os melhores reprodu-
tores de tôdas as raças**

NEGÓCIOS DIRETOS

CRÉDITOS DA HORA

Informações na

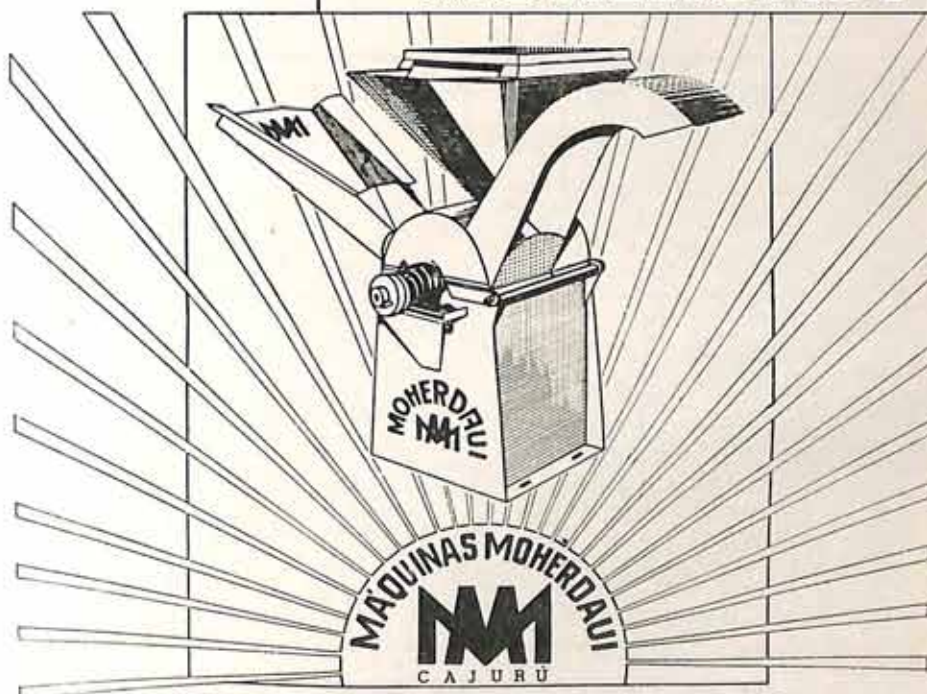
**Associação Paulista de
Criadores de Bovinos**

Rua Jaguaribe, 634

Tel.: 51-6380

São Paulo

UM NOVO LANÇAMENTO... DE **MÁQUINAS MOHERDAUI**



CONJUGADA-MM 4
UMA MÁQUINA QUE VALE POR **DUAS**
7 1/2 H.P. • 3.000 R.P.M.

**A MÁQUINA QUE NÃO CUSTA: VALE
PELA SUA FABULOSA PRODUÇÃO!!**

IRMÃOS MOHERDAUI

Rua José Bonifácio, 1238 - Cajuru - Est. S. Paulo - C.M.

Revista dos Criadores

ORGÃO OFICIOSO DA ASSOCIAÇÃO
PAULISTA DE CRIADORES DE BOVINOS

Red. Rua Canuto do Val, 216 - S. Paulo - Brasil

Tels.: 51-9234 e 52-3429

Endereço telegráfico: Criadores

CORRESPONDENTES

SÃO PAULO

Piracicaba
Octavio de Almeida Penna
Rua Prudente de Moraes, 679

GUANABARA

Rio de Janeiro
Hélio de Albuquerque
Rua Irineu Marinho, 35

MINAS GERAIS

Beio Horizonte
Josué do Amaral
Praça Nova York, 108 — apto. 103
Uberaba
Hugo Prata
Uberlândia
Lauro Coelho de Oliveira
Caixa Postal, 116

RIO GRANDE DO SUL

Livramento
Achyilles Alves
Pôrto Alegre
Geraldo Veloso Nunes Vieira
Parque Menino Deus

PARANÁ

Curitiba
Mario Marcondes Loureiro
Al. Cabral, 510
Caixa Postal 1506

PERNAMBUCO

Recife
Dr. Leandro Estima

GOIÁS

Goiânia
Romildo de Carvalho Coutinho
Rua 83, n.º 472 - Setor Sul
Fone 21-16

BAHIA

Salvador
Othello Tormim
Av. Estados Unidos, 24 — s/501
Fone 2-3129

ARGENTINA

Buenos Aires
Eng.º Agr.º Pedro Luis Bibé
Cangallo 4318

ÁFRICA

Mozambique
José António Cardoso Villena

REPRESENTANTES

BRASILIA — D.F.

José Luiz Cerqueira Lima Rocha

GUANABARA

Rio de Janeiro
Sogeco - Soc. Geral de Comércio
de Livros e Revistas Ltda.
Av. Rio Branco, 9 - a/278

MINAS GERAIS

Beio Horizonte
Josué do Amaral
Praça Nova York, 108 — apto. 103

RIO GRANDE DO SUL

Pôrto Alegre
Dr. Geraldo Veloso Nunes Vieira
Parque Menino Deus

GOIÁS

Goiânia
Sotave Ltda.
Rua 6, n.º 17
fone 27_10

BAHIA

Salvador
Representações Othello Tormim
Av. Estados Unidos, 24 — s/501
Fone 2-3129
Representações
End. Teleg.: "XARMAN"
End. teleg.: "XARMAN"

ESTADOS UNIDOS

New York
Halpern Associates
108 West 43rd Street
New York 36, N. Y. - USA

REPÚBLICA ARGENTINA

Buenos Aires
Asociacion Argentina de Criadores
de Cebu
Bartolomé Mitre, 754 - 2.º p.

VENDA AVULSA E ASSINATURA

GUANABARA

Rio de Janeiro
Sogeco - Soc. Geral de Comércio
de Livros e Revistas Ltda.
Av. Rio Branco, 9 a/278

SÃO PAULO

Capital
Pedro Lazarini
Livraria da Estação da Luz
Livraria do Aeroporto
Aeroporto de Congonhas
Interior
São José do Rio Preto
Agência Comercial
Baurú
Selomão Gantus
Piracicaba
Lielcio Antonio Hufienbaecker
Taubaté
Judith Mazella Moura

MINAS GERAIS

Juliz de Fora
Agência Campos
Uberlândia
Agência Lopes
Montes Claros
Agência Thais
Eloi Mendes
Astolfo Carlos Teixeira Filho
Cambuquira
Benedito Ferreira
Itajubá
Casa Lucy
Três Pontas
Conceição A. R. Marques
Barbacena
José Francisco de Assis
São Gonçalo do Sapucaí
José Siqueira Noronha
Lavras
Papeleria Pádua
Beio Horizonte
Soc. Distr. de Jornais e Revistas
Araxá
Wantrín Batista Costa

BAHIA

Salvador
Afonso C. Queirós
Distribuidora de Revistas Souza

ESPIRITO SANTO

Vitória
Alfredo Copolillo
Alegre
Emílio dos Santos Abreu
Mimoso do Sul
Zildo Corrêa

GOIÁS

Goiânia
Distribuidora Jardim
Rua 6, esq. com Rua 17
Caixa Postal, 45

RIO GRANDE DO SUL

Rio Grande
Ernani R. Lages
Pôrto Alegre
Ernesto Soveral
Octavio Sagebim 9/A
Santa Vitória do Palmar
Flor Amaral
Lagôa Vermelha
Gráfica Lagoense
Santa Maria
Livraria do Globo
Santana do Livramento
Lojas Brisolia
Julio de Castilhos
Malvina Walhrich

CEARÁ

Fortaleza
J. Filinto & Cia.

RIO GRANDE DO NORTE

Natal
Luiz Romão

PERNAMBUCO

Recife
Agência de Revistas Maurício
Recife
Recife Distribuidora de Revistas
Rua do Hospício, 340
Caixa Postal, 1.300

SANTA CATARINA

Agência Distribuidora de Revistas
Florianópolis
Pôrto União
Livraria Iguassu

MARANHÃO

São Luiz
Livraria H. C.
Rua Tarquínio Lopes, 292

PARANÁ

Curitiba
Haroldo Maciel Camargo
Ponta Grossa
Livraria Montes

PIAUI

Terezina
José Alves Martins

SERGIPE

Aracaju
Winston Corrêa Dantas
Rua Siriri, 989

URUGUAI

Montevideo
Livraria Monteiro Lobato

ÁFRICA O. PORTUGUESA
Lourenço Marques
J. A. Carvalho & Cia. Ltda.

Máquina Dupla com e sem ciclone, Triturador com martelos para produtos secos e Picadeira com disco de AÇO para produtos verdes, em uma só máquina utilizando um só motor. É a única que pica cana e faz o farelo ao mesmo tempo, CARCAÇA DE 1 CENT. DE GROSSURA.

Pagamentos com facilidades
Peça catálogo e informações sem compromisso a

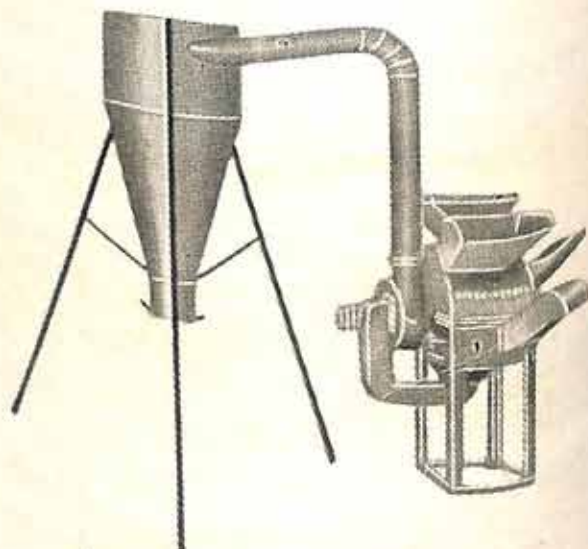
METALÚRGICA SANTA LUZIA

FUNDIÇÃO E MECÂNICA

Fabricantes de Máquinas Agro-Pecuárias

JAYME ESTEVAM BENEDETTI

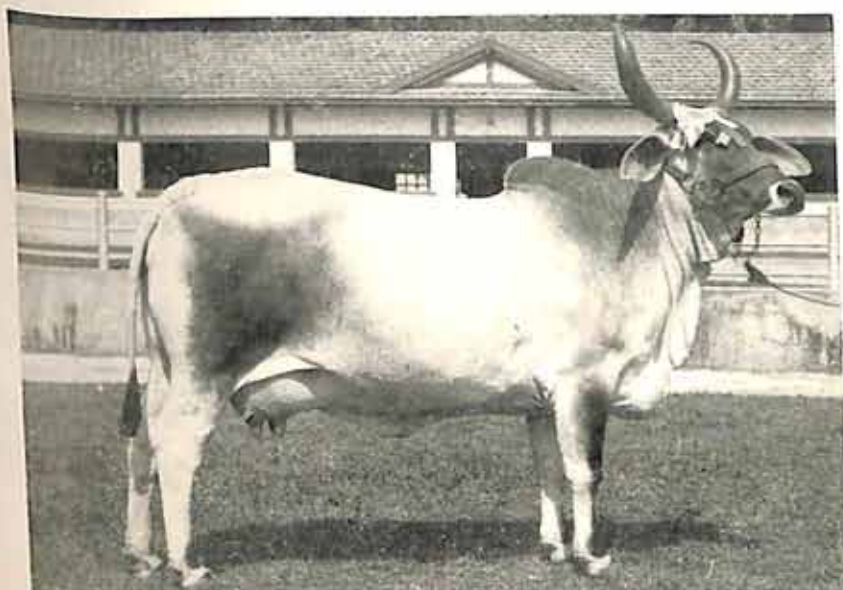
Pr. Vicente de F. Guimarães, 36-59-64. Fones: 2462, 2464 Res. 2653
Cx Postal, 35 — End. Teleg. "BENEDETTI"
PINHAL — Est. SÃO PAULO



MÁQUINA DUPLA COM CICLONE

GUZERÁ MANSO, LEITEIRO E PESADO

20 ANOS DE CUIDADOSA SELEÇÃO



DISCÓRDIA, nascida em 1957, Campeã da Raça na VI Exposição-Feira de Zebu e Outras Raças de Corte, de São Paulo, em Abril de 1963.

- A raça GUZERÁ é a melhor para aumentar a produção de leite.
- Os animais de sangue GUZERÁ são de grande porte («de encher o curral») e por isso valem mais na balança.
- A rusticidade e a tendência leiteira do GUZERÁ o recomendam para proveitosos cruzamentos com Holandês, Schwyz, Jersey e outras raças européias.

VENDA DE REPRODUTORES MACHOS E
FÊMEAS 7/8, CONTROLADOS E
REGISTRADOS

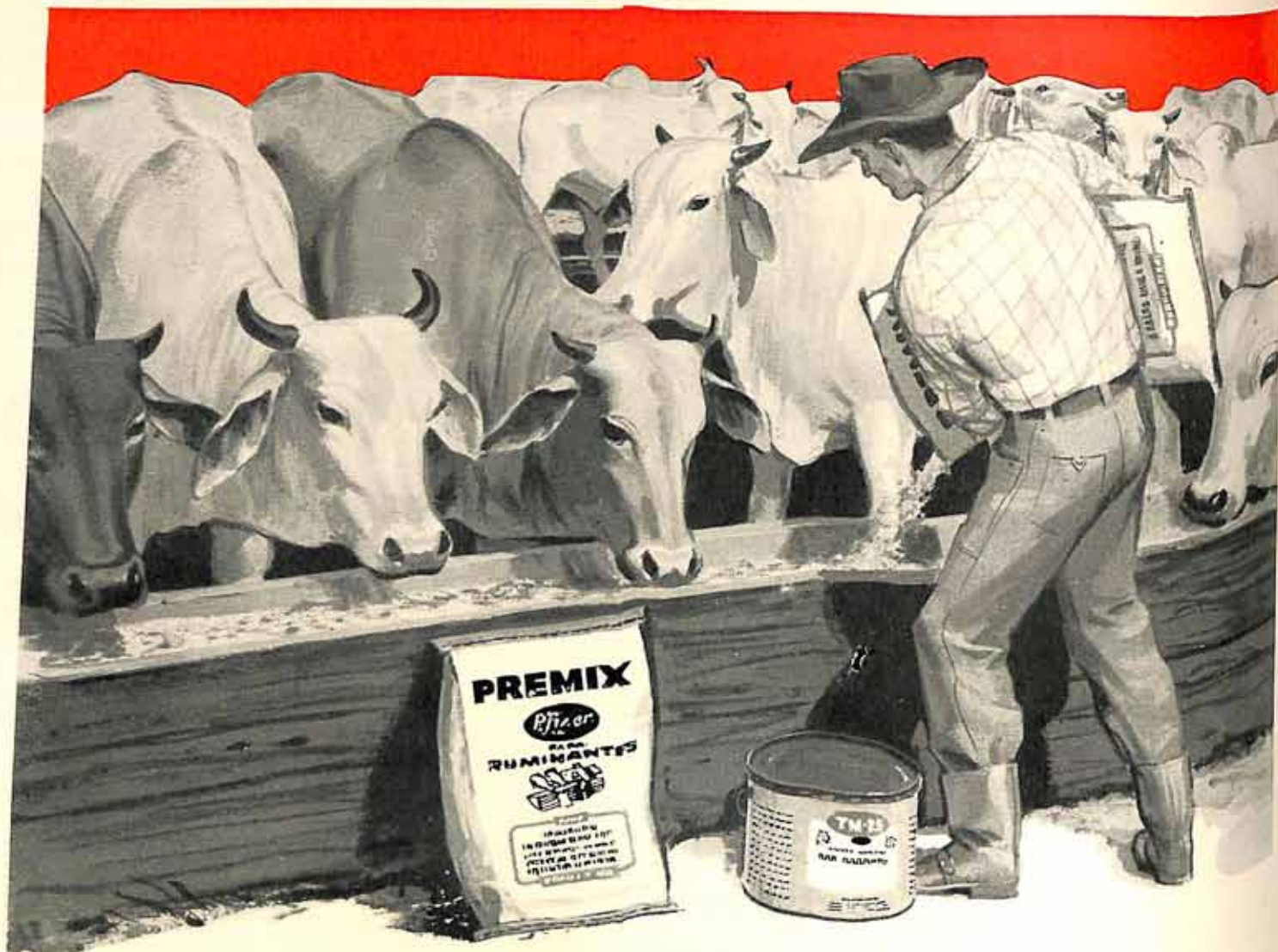


SOBERANO, também premiado no certame especializado de São Paulo, em 1963.

FAZENDA BONSUCESSO

Caixa Postal 212 - GUARARAPES - Tel. 6, Rubiácea - Est. de São Paulo

Em São Paulo: Walter Henrique Zancaner - Tel. 8-2856
Arnaldo Zancaner - Tel. 52-7991



Grant - SP.

2+2=5

TM-25+PREMIX PFIZER PARA RUMINANTES: MÁXIMO RENDIMENTO NA CRIAÇÃO

O que em matemática é um erro, em Biologia denomina-se Sinergismo - propriedade de se obter vantagens extras com o uso associado de dois produtos. Assim, TM-25 e PREMIX PFIZER, utilizados conjuntamente, proporcionam máximo rendimento na criação, por serem sinérgicos:

TRAZ SOLUÇÃO IMEDIATA

A TSI (TERRAMICINA SOLUÇÃO INJETÁVEL) da PFIZER, é um produto que traz solução imediata para a maioria das doenças que atacam as criações (bovinos, suínos, aves, ovinos e caninos), pelas seguintes razões:



cx. com 100 frascos de
2 cc - vidros com 50 cc

- A TERRAMICINA combate maior número de doenças que qualquer outro antibiótico.
- Uma só aplicação é suficiente na maioria dos casos.
- Apresenta-se em forma de solução estável, pronta para o uso, dispensando o emprego de solventes.
- Permite a aplicação de qualquer dosagem, sem que se verifiquem desperdícios do produto.

1-TM-25 - Propicia melhor absorção dos minerais contidos no PREMIX, aumentando dessa forma seu efeito sobre o desenvolvimento dos animais.

2 - PREMIX PFIZER P/ RUMINANTES - Elimina as carências de macro e micro-elementos, acelerando o aumento de peso promovido pelo TM-25. Na época das secas, o TM-25 poderá ser substituído, com vantagens, pelo TM-25 COM VITAMINA A.

Pfizer

PFIZER CORPORATION DO BRASIL

DEPARTAMENTO AGRO-PECUÁRIO:

RUA TUPI, 330 - SÃO PAULO